

CRISTIANE JUSSARA ROMANATTO

**DA ORTOGRAFIA PARA A FONÉTICA E A FONOLOGIA NOS
SERMÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA**



ARARAQUARA – SP
2011

CRISTIANE JUSSARA ROMANATTO

DA ORTOGRAFIA PARA A FONÉTICA E A FONOLOGIA NOS SERMÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: História da ortografia da língua portuguesa (análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática)

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – SP
2011

Romanatto, Cristiane Jussara
Da ortografia para a fonética e a fonologia nos Sermões do Padre
Antônio Vieira / Cristiane Jussara Romanatto. – 2011
233 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

1. Linguística. 2. Língua Portuguesa – Histórica. 3. Vieira, Antônio,
1608-1697. I. Título.

CRISTIANE JUSSARA ROMANATTO

DA ORTOGRAFIA PARA A FONÉTICA E A FONOLOGIA NOS SERMÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: História da ortografia da língua portuguesa (análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática)

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CNPq

Data da defesa: 22/03/2011

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho

Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Marília

Membro Titular: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Neusa e Nelson, pelo constante incentivo aos estudos e pela incondicional dedicação e zelo. Sem o apoio deles, não sei se chegaria até aqui...

À minha irmã, Jessica, por sempre ouvir minhas dúvidas, meus anseios, meus medos e sempre ter uma palavra amiga, incentivadora e reconfortante... Obrigada, também, por me auxiliar na diagramação dos textos.

Ao meu orientador, Cagliari, pela confiança e, acima de tudo, amizade. Agradeço muito sua disponibilidade ao me aceitar como orientanda, ainda na graduação e me incentivar a prosseguir os estudos no mestrado. Agradeço o fato de ele ser esta pessoa maravilhosa, que respeita nossas ideias, valoriza nossas iniciativas, está sempre aberto ao diálogo, enfim, nos prepara, de fato, para a autonomia acadêmica. Muito obrigada por tudo, mesmo!

Ao professor Chacon e à professora Cristina, pela leitura atenta deste trabalho e pelos comentários e sugestões enriquecedores.

Ao CNPq, por financiar este projeto.

A todos os envolvidos com o sucesso da UNESP/FCL-Ar, enquanto instituição de ensino superior preocupada com uma formação sólida de todos os seus alunos, tanto da graduação quanto da pós-graduação. Obrigada pelas oportunidades oferecidas.

RESUMO

Este trabalho procurou estudar e descrever a ortografia utilizada pelo Padre Antônio Vieira, nos sermões "Sermão da Sexagésima" (1679) e "Sermão da Rainha Santa Isabel" (1682). Partindo da ideia de que ortografia está intimamente associada aos sistemas de escrita e que, em decorrência disso, ela possui uma função **neutralizadora** (ou seja, barra, na escrita, a transposição das variações linguísticas), não sendo, então, sinônimo apenas de um conjunto de formas gráficas empregado em um determinado período (caso das periodizações), ou apenas um conjunto de preceitos para a escrita correta das palavras, procuramos mostrar que a ortografia dos sermões representa um sistema ortográfico próprio e coerente. As flutuações ortográficas registradas não são, necessariamente, erros, mas tentativas de adequações da fala pela escrita e acabam revelando marcas fonéticas e fonológicas da língua. Então, a partir das palavras com flutuações ortográficas, estabelecemos os contextos de ocorrência das letras nas palavras e fizemos hipóteses fonético-fonológicas sobre elas. Para legitimar as hipóteses, consultamos, sempre, os comentários dos ortógrafos Duarte Nunes de Leão (1576), Bento Pereira (1666), Franco Barreto (1671) e Madureira Feijó (1734), importantes autores preocupados com a sistematização da Língua Portuguesa e que, em suas ortografias, fazem observações sobre a pronúncia do Português de épocas próximas à de Vieira. Através da comparação entre dados coletados e preceitos dos ortógrafos, evidenciamos que as flutuações eram comuns, já que não havia consenso entre as pessoas, inclusive entre os doutos da época, sobre a melhor forma de se representar a escrita portuguesa. Desta forma, as flutuações, nos sermões, são justificáveis. Além do estabelecimento das preferências ortográficas nestes dois sermões do século XVII, esperamos contribuir, também, com o estudo e construção da História da Língua Portuguesa, na medida em que os dados apurados nesta pesquisa revelam-se opções ortográficas viáveis e produtivas na época de produção dos textos. O estudo de obras e textos específicos favorece a caracterização mais precisa de tendências gráficas e ortográficas e, por extensão, fonéticas e fonológicas de uma determinada época.

Palavras-chave: Escrita. Ortografia. Variação linguística. História da Língua Portuguesa. Sermões do Padre Antônio Vieira.

RÉSUMÉ

Ce travail a cherché étudier et décrire l'orthographe employée par le Père Antônio Vieira, dans les sermons "Sermão da Sexagésima" (1679) et "Sermão da Rainha Santa Isabel" (1682). En partant de l'idée que l'orthographe est étroitement associée aux systèmes d'écriture et que, à cause de ça, elle a une fonction de **neutralisation** (c'est à dire, elle barre la transposition des variations linguistiques dans l'écrit), de manière que l'orthographe, alors, n'est pas synonyme d'un ensemble de formes graphiques employé dans une période déterminée (cas des périodisations) ou tout simplement un ensemble de préceptes pour l'écrit correct des mots, nous avons essayé montrer que l'orthographe des sermons constitue un système orthographique propre et cohérent. Les fluctuations orthographiques enregistrées ne sont pas, nécessairement, des erreurs, mais elles sont tentatives d'adéquation de la parole par l'écriture et elles finissent par révéler des marques phonétiques et phonologiques de la langue. Alors, à partir des mots qui ont des fluctuations orthographiques, nous avons établi les contextes d'apparition des lettres dans les mots et nous avons fait des hypothèses phonétique-phonologiques à propos d'elles. Pour légitimer les hypothèses, nous avons consulté, toujours, les commentaires des orthographes Duarte Nunes de Leão (1576), Bento Pereira (1666), Franco Barreto (1671) et Madureira Feijó (1734), auteurs importants préoccupés avec la systématisation de la Langue Portugaise et qu'ils font, dans leurs orthographes, des observations sur la prononciation du Portugais de l'époque prochaine à de Vieira. En comparant les données recueillis et les préceptes des orthographes, nous avons constaté que les fluctuations étaient communes, car il n'y avait pas de consensus parmi les gens, même parmi les savants de l'époque, sur la meilleure forme de représenter le Portugais écrit. Ainsi, les fluctuations, dans les sermons, sont justifiables. Au-delà de l'établissement des préférences orthographiques dans ces deux sermons du siècle XVII, nous espérons contribuer à l'étude et la construction de l'Histoire de la Langue Portugaise, car les données analysées dans cette recherche se révèlent options orthographiques viables et productives dans l'époque de production des textes. L'étude d'oeuvres et de textes spécifiques favorise la caractérisation plus précise de tendances graphiques et orthographiques et, par extension, phonétiques et phonologiques d'une déterminée époque.

Mots-clés: Écriture. Orthographe. Variation linguistique. Histoire de la Langue Portugaise. Sermons du Père Antônio Vieira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Padre Antônio Vieira</i> , por Arnold Van Westerhout, séc. XVII.....	23
Figura 2 – <i>Padre Antônio Vieira pregando aos índios</i> , por C. Legrand, 1841	28
Figura 3 – Página de abertura do SS	53
Figura 4 – Página final do SS	55
Figura 5 – Página de abertura do SRSI	57
Figura 6 – Página final do SRSI.....	59
Figura 7 – Página das Erratas, do volume onde está contido o SS.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características fonético-fonológicas das vogais com acentuação gráfica.....	79
Quadro 2 – Estruturas silábicas que ocorrem na Língua Portuguesa.....	86
Quadro 3 – Estruturas silábicas encontradas nos sermões	87
Quadro 4 – Ocorrências de palavras com flutuação no emprego de <y> e <i>	90
Quadro 5 – Ocorrências de palavras com <y> como núcleo silábico	93
Quadro 6 – Ocorrências de palavras onde o <u> é substituído por <v>	98
Quadro 7 – Ocorrências de palavras com flutuação gráfica na escrita do som nasal	103
Quadro 8 – Ocorrências de palavras que apresentam flutuação no emprego do til	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	14
1.1 A Europa no século XVII	14
1.2 Portugal no século XVII	17
1.3 Brasil no século XVII	20
1.4 Vida e obras de Antônio Vieira	23
2 O LIVRO IMPRESSO	35
2.1 O livro impresso em Portugal	37
2.2 A tipografia e as línguas nacionais	38
3 ESCRITA E SEU ESTUDO	40
3.1 Ortografia e sistemas de escrita	41
3.2 Escrita alfabética e questões ortográficas	42
3.3 O Português como sistema de escrita alfabética: intervenções ortográficas	44
3.4 Considerações sobre periodização	48
4 OS SERMÕES	52
4.1 Aspectos tipográficos gerais	52
4.2 A escrita	59
4.3 As Erratas	61
5 ANÁLISE DA ORTOGRAFIA DOS SERMÕES	63
5.1 Acentos e sinais de pontuação	63
5.1.1 Acento agudo (´)	64
5.1.2 Acento Grave (`)	72
5.1.3 Trema (¨)	80
5.1.4 Til (~)	80
5.1.5 Sinais de pontuação	82
5.2 Abreviaturas	83
5.3 Estruturas silábicas: vogais e consoantes	85
5.3.1 Vogais	87

5.3.1.1	Uso de <I>, <i> e <y>	88
5.3.1.2	Uso de <U>/<V> e <u>/<v>	94
5.3.1.3	Uso de vogais dobradas	98
5.3.1.4	Uso de <am>, <ão> e <aõ>	103
5.3.1.5	Flutuação no emprego do til (~) no segmento	109
5.3.1.6	Flutuação no emprego de <eo>/<eos> e <eu>/<eus> e <ua> e <oa>	112
5.3.1.7	Uso de <e> e <i>/<y>	115
5.3.1.8	Flutuação no emprego de <i>/<y> e nulo em certos contextos.....	117
5.3.1.9	Flutuação na escrita da palavra <i>assim</i>	118
5.3.2	Consoantes.....	118
5.3.2.1	Uso de <J>, <I> e <j>.....	120
5.3.2.2	Uso de <V>, <v> e <u>.....	122
5.3.2.3	Uso de <ç>.....	126
5.3.2.4	Uso de consoantes duplicadas	128
5.3.2.5	Uso de grupos consonantais gregos (ch, ph, th, rh) e latinos (ct, gm, mn, pt)	138
5.3.2.6	Uso de <h>: visão geral.....	145
5.3.2.7	<x> com valor fonético de [is]	148
5.3.2.8	Flutuação entre <l> e <r>	150
5.3.2.9	Flutuação entre <c> e <qu>.....	150
5.3.2.10	Flutuação entre <c> e <sc>	151
5.3.2.11	Flutuação entre <s> e <z>	151
5.3.2.12	Flutuação entre <ç> e <cç>	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		154
REFERÊNCIAS		157
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA		161
ANEXO A – Sermão da Sexagésima (1679)		154
ANEXO B – Sermão da Rainha Santa Isabel (1682).....		197

INTRODUÇÃO

O estudo da ortografia portuguesa, ao longo de sua história, traz contribuições valiosas para o estabelecimento dos variados processos fonético-fonológicos e, por consequência, morfológicos, sintáticos e semânticos que interferiram (e ainda interferem) no sistema da língua, de modo a torná-la produtiva e singular, enquanto expressão linguística de um povo.

São significativamente importantes os estudos que, voltados para um período específico da história da Língua Portuguesa (por exemplo, o período medieval), ressaltam as características recorrentes e comuns atestadas em um conjunto de documentos e textos históricos e que acabam servindo para a demarcação dos processos fonético-fonológicos, com reflexo na ortografia, próprios deste período.

Contudo, quando falamos de **Ortografia**, não devemos apenas pensar em um conjunto de formas gráficas empregado em um determinado período (caso das periodizações), ou, ainda, apenas um conjunto de preceitos para a escrita correta das palavras. Ela é muito mais do que isto.

Associada aos sistemas de escrita, que, por sua vez, se relacionam com a fala (são a representação dela), a história da ortografia "[...] é um conjunto de ocorrências que podem ser encontradas, analisadas e classificadas em função do tempo e do lugar onde ocorreram." (CAGLIARI, 2009a, p. 18) As flutuações ortográficas não são meros erros, mas tentativas de adequação representativa de tudo aquilo que é pronunciado. As especificações do uso de cada letra só ocorrem porque, primeiramente, refletem a função neutralizadora da ortografia (para barrar transposição das variações linguísticas na escrita) e também devido à tradição, já que a escrita, como uma marca cultural, deve ser transmitida, padronizadamente, a todos os seus usuários (caso das ortografias oficiais).

Desta forma, podemos falar não em uma única ortografia, mas em várias, conforme textos, documentos, escritores, momento histórico etc.

Este trabalho, sob esta perspectiva de ortografia, nasceu de uma proposta de estudo sugerida por Luiz Carlos Cagliari, no artigo "A ortografia nos Sermões do Padre Antônio Vieira"¹. Interessado no estabelecimento de ortografias usadas em diferentes documentos, Cagliari também orientou o estudo detalhado da *Carta de Pero Vaz de Caminha* e do clássico *Os Lusíadas*, ambos os estudos (frutos, respectivamente, de mestrado e de doutorado) feitos por Nazarete de Souza.

¹ Ver indicação completa em **Referências**, no final da dissertação.

A partir do estudo detalhado de dois textos do Padre Antônio Vieira, procuramos descrever a ortografia empregada pelo jesuíta, destacando, principalmente, as flutuações ortográficas encontradas. Para isso, detivemos nosso olhar:

- a) nas flutuações relacionadas às vogais,
- b) nas flutuações relacionadas às consoantes.

Por meio destas observações, foi possível detectarmos que ambas as flutuações, na maioria de suas ocorrências, acarretam mudanças fonético-fonológicas e estas, por sua vez, podem ter relação com questões morfológicas/sintáticas.

Primeiramente, decidimos trabalhar dois sermões de Padre Vieira porque ele foi uma pessoa muito importante no campo cultural, social, político e literário português do século XVII. Além disso, devido à sua forte influência, seus escritos foram, sem dúvida, objetos de prestígio e, sua escrita, modelo a ser seguido. E, embora os textos sejam impressos (logo, havendo interferência de um impressor), para a publicação dos volumes de seus sermões, Vieira teve o cuidado de selecioná-los e prepará-los.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram tomados, aleatoriamente, os sermões "Sermam da Sexagesima" e "Sermam da Rainha Santa Isabel". O primeiro, publicado em 1679, no primeiro volume, impresso pela Officina de Ioam da Costa, é o texto que inicia a coletânea e, sem dúvida, é uma das mais famosas e importantes criações literárias do jesuíta. O segundo sermão, impresso pela Officina de Miguel Deslandes em 1682, é o texto que encabeça o segundo volume.

Preocupados com a descrição da ortografia de Vieira nestes sermões específicos, principalmente para o levantamento dos principais casos de flutuações ortográficas encontrados, nos pautamos nas versões facsimiladas dos dois primeiros volumes, disponibilizadas pela Biblioteca Nacional de Lisboa, no seu acervo digitalizado², bem como as edições também facsimiladas dos sermões feitas pela Ed. Anchieta³. A partir destas reproduções, fizemos uma nova edição dos textos selecionados (foram passados para o programa Word), que serviu de base para a coleta dos dados relevantes.

A princípio, foi feito um levantamento das letras, dos sinais de pontuação e demais marcas gráficas empregados nos textos. Depois, a fim de serem identificadas as palavras com flutuações ortográficas (pois são exatamente as flutuações gráficas que permitem levantar

² Ver indicações em **Referências**.

³ Ver indicações em **Referências**.

hipóteses que ligam a ortografia à fonética e à fonologia), cada palavra foi pesquisada em todo o documento editado.

Também procuramos observar, nos textos, características ortográficas apontadas como recorrentes na época do século XVII por estudiosos como Williams (1975), Castro (1991), Coutinho (1974), Teyssier (1994).

A partir das flutuações, foram estabelecidos os contextos de ocorrência das letras nas palavras e feitas hipóteses fonético-fonológicas sobre as ocorrências. Para legitimar as hipóteses, consultamos, sempre, os comentários dos ortógrafos Duarte Nunes de Leão, Bento Pereira, Franco Barreto e Madureira Feijó, importantes autores preocupados com a sistematização da Língua Portuguesa e que, em suas ortografias, fazem observações sobre a pronúncia do Português de épocas próximas à de Vieira.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, pudemos constatar que, embora haja uma (pequena) distância temporal entre a impressão dos sermões (3 anos) e embora as tipografias responsáveis pelas impressões sejam distintas (mas não menos importantes, para a época)⁴, a ortografia, em ambos os textos, é constante e grande parte dos casos de flutuações encontrados ocorrem nos dois sermões (em alguns casos, a palavra ocorre apenas em um dos sermões). Em função disso, em alguns casos, não nos preocupamos em listar exaustivamente todas as ocorrências com flutuações, mas apenas registrá-las e exemplificá-las com palavras de ambos os sermões. Mas, nos casos de ocorrências limitadas, indicamos todas elas.

Os exemplos foram retirados diretamente dos textos facsimilados, apresentados no final da dissertação. Para auxiliar na procura dos exemplos, inserimos, nos facsímiles, numeração de linha e numeração das colunas.

No corpo da dissertação, os exemplos foram indicados da seguinte forma:

palavra (SS C2, 112)

palavra (SRSI, C2, 112)

em que **SS** corresponde a **Sermão da Sexagésima**, **SRSI** corresponde a **Sermão da Rainha Santa Isabel**, **C** corresponde à **coluna** e **I** corresponde à **linha**.

⁴ Embora Vieira tenha cuidado minuciosamente da preparação dos sermões para a impressão, não podemos descartar intervenções dos tipógrafos, já que deviam manter certo padrão nas suas publicações.

Uma vez estabelecidas as flutuações⁵ ortográficas e feitos os comentários e observações pertinentes, a dissertação foi organizada em cinco seções.

Na primeira seção, fizemos uma contextualização histórica do período em que Vieira se insere (destacando aspectos políticos e socioculturais da Europa e, mais especificamente, de Portugal e do Brasil), bem como uma explanação da vida particular de Vieira, de suas ideias e de suas ações.

Na segunda seção, abordamos aspectos relativos ao livro impresso. Uma vez que esta pesquisa teve por material de análise textos impressos do século XVII, achamos pertinente comentar e destacar a relevância dos tipógrafos portugueses, principalmente os responsáveis pela impressão dos dois sermões, como também destacar a importância da tipografia, enquanto arte e meio difusor de conhecimento e cultura, e sua influência na formação e consolidação das línguas nacionais.

Na terceira seção, apresentamos as bases teóricas que norteiam esta pesquisa. Definimos o que é a ortografia, sua relação com os sistemas de escrita e, principalmente, seu uso na Língua Portuguesa.

Na quarta seção, apresentamos descrições de aspectos tipográficos gerais dos dois sermões analisados.

Na quinta seção, temos os usos ortográficos gerais, bem como as flutuações ortográficas encontradas, seguidas por hipóteses e pelos comentários dos ortógrafos supracitados.

Finalmente, em Anexos, encontram-se os dois sermões facsimilados, adequados com a indicação de colunas e linhas e, em Referências e Bibliografia Consultada, os textos, artigos e livros que nortearam e enriqueceram esta pesquisa.

⁵ Poderíamos, também, empregar o termo **variação**. Assim, **flutuação** e **variação** indicam elementos que podem mudar, que podem se apresentar de outra forma. Contudo, por tratarmos de aspectos linguísticos, optamos por utilizar, exclusivamente, **flutuação**, já que ao termo variação (e aos seus derivados) estão associadas questões de natureza sociolinguística. Evidentemente, as flutuações encontradas podem remeter a variações linguísticas.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA⁶

1.1 A Europa no século XVII

Os séculos XV e XVI representam o período de desenvolvimento, expansão e consolidação de poderes por toda a Europa. É o momento de pioneirismos marítimos, efetivação do comércio, crescimento das cidades e florescimento e fortalecimento do espírito nacional. Como consequência, também é um momento marcado por conflitos religiosos, estando estes associados às mudanças de pensamento sobre Deus, o mundo e, principalmente, sobre o homem (e, desta forma, sobre suas competências e responsabilidades). Com efeito, passados os tempos em que tudo se resumia e se bastava nas vontades e disposições divinas, cujas representações terrenas cabiam à figura do papa, o foco volta-se para o homem, enquanto indivíduo dotado de potencialidades; assim, passa a ser valorizado tudo aquilo que com ele se relaciona. É, pois, a época do Renascimento.

No feudalismo, o sistema bastava-se em relações servis, em que não havia mobilidade entre os estamentos e, principalmente, no poder exercido de forma descentralizada, uma vez que cada feudo era protegido e dirigido por seu senhor. Nessa época, tudo o que era produzido destinava-se somente ao consumo próprio. Contudo, com o passar do tempo, o sistema acabou entrando em crise, pois, com o aumento da população, a demanda por alimentos, habitação e trabalho exigiu uma reorganização do sistema. As saídas encontradas para tal crise foram, de um lado, as Cruzadas, como meio de ampliação de território (embora o caráter religioso não deva ser negado – já que o homem medieval era, antes de tudo, um servidor de Deus) – e, de outro, o início e desenvolvimento das relações comerciais, baseadas na troca e na moeda. Nasceu, assim, o pré-capitalismo, incutindo nos espíritos o racionalismo econômico, pautado, sobretudo, nas vantagens do lucro.

Com esse processo, o isolamento dos feudos cedeu lugar à formação dos povoados e cidades. Surgiu a classe burguesa, formada pelos artesãos e pequenos comerciantes, que se agrupavam nas corporações ou grêmios. O comércio, por sua vez, tomou proporções internacionais. Passaram, pois, a ser estabelecidas rotas marítimas e terrestres ligando as diversas regiões europeias, orientais e também da América. Para auxiliar essa

⁶ Esta seção, escrita com base nos trabalhos de Fausto (2006), Saraiva (1978) e Arruda; Piletti (1995), é um resumo dos principais acontecimentos que marcaram/prepararam a vida social, política e cultural da Europa e, especificamente, de Portugal e do Brasil do século XVII.

expansão comercial, foram aperfeiçoados e criados aparelhos e melhores transportes. Surgiram as companhias mercantis⁷, como também uma política protecionista e a exploração colonial.

Por sua vez, a Igreja perdeu o poder e a influência que exercia sobre seus fiéis. O novo sistema econômico e social que se desenvolvia demandava valores outros do que os propagados pela Igreja, principalmente quando referentes ao lucro – associado à prática da usura. Além disso, certas práticas e atitudes do clero, calcadas, sobretudo, em valores mundanos (como o luxo exagerado, a venda de objetos sagrados, a quebra do celibato etc.) levantavam questionamentos de seus fiéis. Não foi, pois, por acaso, que, no século XVI, ocorreram as grandes Reformas Religiosas, preocupadas, sobretudo, com a liberdade do indivíduo de ler e interpretar as Escrituras por si só, de modo racional. Obviamente, fatores políticos também foram cruciais para a propagação das ideias da Reforma.

Ora, durante o período medieval, o poder papal estava acima de qualquer outro poder. Com o novo sistema, passou a assumir importância a figura do rei e a ele coube o controle e subserviência de tudo e de todos os que estavam em seus domínios. Dessa forma, para que a centralização do poder fosse efetivada, o rei deveria submeter a si inclusive a Igreja. Como consequência, na figura do rei, o poder se tornava absoluto.

O crescente contato entre regiões distintas, por causa do comércio, favoreceu a criação dos Estados Nacionais, dirigidos pelos monarcas. De fato, em termos econômicos, a unificação nacional representava a uniformização de leis, pedágios alfandegários, moedas etc., para a conquista de novos mercados, além de somente o monarca ter o poder e competência para reunir recursos de toda a nação para financiar empreendimentos de expansão marítima e comercial⁸.

Sob o espírito do lucro, os homens do Renascimento orientavam-se pela ótica do racionalismo (em oposição ao misticismo e teocentrismo do período anterior): somente através da racionalização é que as diferenças poderiam ser notadas e as coisas poderiam ser provadas. Voltando suas preocupações para si próprios, os renascentistas passaram a valorizar tudo o que lhes era inerente: a língua vernácula (que passou a ser o símbolo da identidade nacional); a cultura greco-latina, tendo-se a preocupação de traduzir os textos antigos, o

⁷ União de comerciantes que monopolizavam determinados produtos para se evitar concorrência.

⁸ Por exemplo, em 1492, Cristóvão Colombo, com o apoio da Espanha, atingiu as ilhas Lucaias, Cuba e São Domingos; os portugueses atingiram Ceuta em 1415, Madeira, Açores, cabo Bojador, cabo Branco, Cabo Verde, golfo da Guiné em 1471; em 1487, Bartolomeu Dias atravessou o Cabo das Tormentas; em 1498, Vasco da Gama chegou a Moçambique e Melinde antes de atingir Calicut, na Índia, estabelecendo a primeira ligação direta por mar entre a Europa ocidental e o Oriente, e, em 1500, Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil.

espírito crítico. Logo, houve a criação de grandes invenções (como a imprensa⁹, por Gutenberg), o desenvolvimento de variadas ciências (como a Medicina, a Astronomia), da Filosofia e das artes.

Como resposta ao avanço do protestantismo, a Igreja Católica lançou-se na Contra Reforma, em meados do século XVI. Sua principal arma foi a atuação dos tribunais da Inquisição, que se fazia de forma violenta e autoritária. Também foi importante o surgimento da Companhia de Jesus, sob o comando do padre Inácio de Loyola, cuja função era propagar a fé cristã, através da educação (catequese).

Todo esse quadro de acontecimentos inter-relacionados culminou, entre os séculos XV e XVIII, na total consolidação e burocratização do Estado (com suas próprias instituições e regimentos)¹⁰. Já nesse momento, as bases sociais encontravam-se modificadas. A sociedade dividia-se em três principais camadas (e estas se subdividiam conforme a função desempenhada por cada indivíduo): clero (alto e baixo clero; com seus próprios representantes, tribunais e assembleias), nobreza (dispondo de privilégios e favores reais, subdividindo-se em nobreza cortesã – favorecida pelo rei –, togada – de origem burguesa e assumindo cargos da magistratura – e a provincial – sobrevivendo à custa de casamentos arranjados e aparências) e plebe, sem privilégios (essa classe abarcava os demais burgueses – industriais, comerciantes, advogados, médicos etc. – e artesãos e camponeses – sobre quem, de fato, recaíam todos os impostos e obrigações da nação). Ao apoiar todos os níveis dessa divisão social, amenizando conflitos e possibilitando a mudança de estamentos, o rei administrava a nação e fortalecia-se cada vez mais, apoiado, sobretudo, pelas duas classes mais poderosas: a nobreza e a burguesia. Creditava-se, assim, à figura do rei a teoria de que ele era o representante de Deus na terra, preocupado sempre com os interesses da nação e que era o defensor da Igreja, das artes e da pátria.

Precisamente no século XVII, a hegemonia europeia era exercida pela França: o poder real, aí, foi progredindo aos poucos durante todo o século XVI. O auge do poder absoluto se deu na segunda metade do século XVII, com Luís XIV, que assumiu o poder, efetivamente, em 1661¹¹. Chamado de Rei-Sol (por prezar adulações e requintes), conseguiu exercer um poder centralizado, acumulando para si as funções de rei e ministro: promoveu a ascensão da burguesia, controlou a nobreza e promoveu uma política externa expansionista, envolvendo a

⁹ E, a partir dela, houve intensa difusão de obras literárias.

¹⁰ Contudo, o estabelecimento de Estados Absolutistas não foi uniforme. A França representa o modelo mais acabado de absolutização do poder - principalmente sob o reinado de Luís XIV (1661-1715). Na Itália, por sua vez, dada a autonomia de suas cidades, a unificação só aconteceu no século XIX.

¹¹ Em 1643, com a morte de Luís XIII, sobe ao trono Luís XIV, mas sob regência da rainha-mãe, Ana da Áustria e do cardeal Mazzarino, que governou até 1661.

nação em numerosas guerras. Com a morte do Rei-Sol (1715), a hegemonia europeia passou para a Inglaterra (que durante fins do século XVI e início do XVII foi regida soberanamente por Elizabeth, que proporcionou o crescimento de suas indústrias e o comércio internacional).

Por volta da metade do século XVII, as monarquias (ou, segundo historiadores, o Antigo Regime) entram em crise. Uma série de revoltas (destacando-se, principalmente, a Guerra dos Trinta Anos¹²) marca esse momento. Contudo, como observa o historiador Trevor-Roper (2007, p. 141-143), essa crise generalizada por toda a Europa ocidental, acima de qualquer outro motivo (constitucional ou econômico), foi fruto do problema entre Estados e sociedade. De fato, a excessiva burocratização dos Estados e a manutenção dos conselhos e corpo de funcionários da monarquia demandavam altas somas da nação. Logo, impostos e taxas sobrecarregaram a maior parte da população, sem privilégios, gerando insatisfações. Com as guerras, essa situação se agravava ainda mais, pois, para financiá-las, os monarcas necessitavam de maiores expedientes financeiros. Ao mesmo tempo, a nobreza tornou-se parasitária, uma vez que também mantinha-se à custa do povo.

Então, para superar esses problemas, as diversas nações passaram a buscar o apoio da burguesia mercantil, então em ascensão. Entraram, pois, em cena, seus novos valores e interesses, pautados exclusivamente no capitalismo.

1.2 Portugal no século XVII

Se no século XV e início do XVI Portugal viveu um período de glórias marítimas e comerciais (com o monopólio do Oriente), ampliando seus domínios com novos descobrimentos, em fins do século XVI passou por conflitos e dificuldades, que o levou à perda de sua independência, em 1580.

O fato mais marcante de toda a história portuguesa foi a morte precoce do rei D. Sebastião, o "Encoberto", que, no governo de Portugal, levaria a cristandade e a salvação ao mundo.

¹² Denominação genérica para uma série de batalhas travadas de 1618 a 1648 entre várias nações europeias, iniciadas por questões religiosas, mas, em pouco tempo, transformando-se em conflitos políticos, principalmente movidos pelo desejo de acabar com a soberania dos reis da Áustria.

Assumindo o trono em 1568, aos 14 anos de idade¹³, foi criado e educado para reinar, acreditando no heroísmo militar e no caráter quase divino do poder real. Passou, então, a organizar armadas para combater hereges. Fatalmente, na armada de 1578, para combater o rei do Marrocos, terminou sua existência numa batalha desastrosa, nas proximidades de Alcácer Quibir. Sem descendência, o trono foi passado para D. Henrique, já idoso e adoentado. Na disputa pelo trono português, entraram, então, Felipe II da Espanha, D. Antônio, prior do Crato (filho bastardo do Infante D. Luís) e D. Catarina, duquesa de Bragança. O primeiro representava a união ibérica, já os dois últimos, a independência portuguesa. Após períodos de conflitos políticos (já que a nobreza portuguesa era a favor da união das Coroas, mas o povo, incitados por D. Antônio, era contra), Felipe foi declarado legítimo rei de Portugal em 1580.

A princípio, a união trouxe paz e estabilidade para os portugueses, já que grande parte dos gastos da Coroa portuguesa fora assumida pela Espanha. Por outro lado, com a incorporação de Portugal e de seus domínios, o poder marítimo espanhol atingiu seu auge. Contudo, essa fase de estabilidade e expansão começou a se decompor quando a situação econômica espanhola entrou em declínio, no reinado de Felipe III (1598 a 1621): as guerras contra Inglaterra, França e Holanda consumiram todos os recursos do Estado e, para agravar mais a situação, as colônias americanas já davam sinais de esgotamento de seus recursos. Como consequência, o rei espanhol aumentou impostos, causando, entre os portugueses, violentas reações e desgosto. Em 1637, ocorreu, então, em Évora, a primeira revolta dos portugueses contra os espanhóis¹⁴.

Já nesse período, falava-se na completa unidade política peninsular, que acabaria com a parcial independência de Portugal. Em função disso, membros da nobreza começaram a se unir e a conspirar contra o jugo espanhol. Assim, a revolta de 1640, iniciando a Restauração¹⁵, levou ao trono português D. João IV (1640-1656).

Com a morte de D. João IV, o trono foi passado a D. Afonso VI, jovem inválido de apenas 13 anos. Então, a rainha-mãe, D. Luísa de Gusmão, subiu ao trono, conservando o

¹³ Herdeiro único de D. João III, que faleceu em 1557, deixou o reino sob a regência da rainha viúva, Catarina da Áustria, irmã de Carlos V. Abdicou em 1562, deixando o reino nas mãos do cardeal D. Henrique, único irmão vivo do falecido rei.

¹⁴ Devido lançamento de novas sisas (impostos) para o pagamento de tenças de fidalgos e vencimentos em atraso. Indignado, o povo tomou o palácio onde se encontrava o corregedor, saqueando e ateando fogo em tudo. O movimento, então, propagou-se pelo Alentejo e Algarve. Finalmente, forças militares espanholas intervieram, amenizando a situação.

¹⁵ Os conspiradores desejaram restaurar a legítima linha de sucessores do trono português. Para eles, efetivamente, em 1580, o direito à Coroa pertencia à D. Catarina. Dessa forma, o herdeiro do reino deveria ser o neto da duquesa, D. João, duque de Bragança.

poder até 1667, ano em que o Conde de Castelo Melhor, manipulando o jovem rei, assumiu o poder. Defensor da independência da nação, Castelo Melhor conduzia energicamente a guerra, como também buscava, diplomaticamente, apoios. Propôs, assim, à França, o casamento do rei português com uma princesa francesa (Maria Francisca Isabel de Sabóia). A união ocorreu em 1666 e, no ano seguinte, foi firmada uma aliança militar entre os dois reinos. Ainda no ano de 1667, os nobres e a própria rainha executaram um golpe: já fartos da atuação de Castelo Melhor e pela possibilidade da perda da independência (pois o rei não podia ter herdeiros), o irmão do rei, D. Pedro, e a rainha obrigaram D. Afonso VI a demitir Melhor. Depois, a rainha fugiu para um convento, exigindo a anulação do casamento. D. Afonso, então, foi obrigado a assinar um documento, deixando o trono para seu irmão que, por sua vez, casou-se com a rainha D. Maria. Finalmente, negociações foram feitas e, em 1668, Espanha reconheceu a independência de Portugal, estabelecendo-se a paz entre as duas Coroas.

Durante esses anos da Restauração, Portugal, para manter sua soberania, teve de buscar alianças e isso ocasionou muitas perdas coloniais e crises. Para opor-se à Espanha, foram firmadas alianças com Holanda, Inglaterra e França, mas mediante verdadeiras batalhas diplomáticas (já que, para esses países, era melhor ter Portugal por inimigo – por causa de suas possessões – do que por aliado), nas quais Portugal acabou perdendo colônias, o monopólio comercial e vantagens alfandegárias.

Enquanto, na Europa, fortalecia-se o poder absolutista, em Portugal, a monarquia absolutista só foi exercida, de fato, em meados do século XVIII, no governo do Marquês de Pombal que, com sua energia e autoridade, acabou com os limites impostos ao poder real, em decorrência do processo político-histórico pelo qual passara a Coroa portuguesa¹⁶. Além disso, a Inquisição também foi uma instituição que atuou de modo autoritário e independente na vida portuguesa, impenetrável ao poder real¹⁷.

Em termos culturais, enquanto nas outras nações desenvolviam-se o pensamento, a ciência moderna e as artes¹⁸, em Portugal, sob o julgo da Inquisição e dos problemas políticos, as manifestações culturais foram apagadas, uma vez que não podiam despertar o olhar

¹⁶ No reinado de D. Sebastião, o rei já era visto como representante do poder divino e detentor absoluto do poder sobre a nação. Contudo, sob o domínio espanhol, foram firmados acordos em que Felipe II garantia a autonomia administrativa e financeira de Portugal. Assim, o poder real limitava-se às forças políticas portuguesas. Depois, quando a monarquia foi reestabelecida por D. João IV, sua forma não poderia ser a absolutista, principalmente pelo fato de o monarca não ser de descendência real, mas ter sido escolhido pelos restauradores. Não se verificavam, pois, os princípios que regiam o sistema absolutista.

¹⁷ Foi também só durante o período pombalino que ela se submeteu ao Estado, perdendo a autonomia.

¹⁸ Foi o século de Galileu, Descartes, Pascal, Bacon, Newton, Rembrandt, Van Dyck, Vélazquez, Shakespeare, Corneille, Molière, Racine, entre outros.

condenador dos inquisidores portugueses ou do governo espanhol. Contudo, foi de considerável importância a ação da Companhia de Jesus. Com o intuito de combater as ideias da Reforma, os jesuítas incumbiram-se do ensino do dogma cristão, bem como de filosofia, Latim, gramática e retórica. É preciso salientar também que, dada toda a situação pela qual passava Portugal, a mentalidade da época apegava-se a milagristas, messianismos e ocultismos (principalmente a cabala) e ao patriotismo, instaurado sempre na literatura (cujos romances baseavam-se no passado glorioso) e no estudo da língua nacional (principalmente com a publicação de ortografias).

1.3 Brasil no século XVII

A conquista do Brasil pelos portugueses ocorreu em 1500, pela frota comandada por Pedro Álvares Cabral, com destino às Índias. Ocasionalmente (ou não)¹⁹, a frota desviou-se de seu rumo, chegando, em 21 de abril, na costa brasileira.

Apesar de sua riqueza, então desconhecida pelo governo português, as novas terras foram efetivamente valorizadas e, então, ocupadas e exploradas, em 1530, com a expedição de Martim Afonso de Sousa. Tal expedição só foi organizada porque, nesse momento, a posse do Brasil pelos portugueses estava ameaçada por franceses, que comerciavam o pau-brasil.

Com o intuito de centralizar a administração da colônia, garantindo as rendas da Coroa (já que os negócios das Índias estavam entrando em crise e as derrotas militares no Marrocos se sucediam), D. João III mandou, em 1549, Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral do Brasil, acompanhado de alguns jesuítas, dentre eles Manuel da Nóbrega, para catequizar os índios e disciplinar aqueles que na terra se encontravam.

De fato, o Estado e a Igreja Católica foram as duas instituições que cuidaram de organizar a vida na colônia, baseadas numa relação de subordinação e cumplicidade. Conforme salienta Fausto (2006, p. 29),

¹⁹ Conforme Fausto (2006, p. 14): "Desde o século XIX, vem-se discutindo se a chegada dos portugueses ao Brasil foi obra do acaso, sendo produzida pelas correntes marítimas [pois, passando Cabo Verde, a frota seguiu para oeste, distanciando-se da costa africana], ou se já havia conhecimento anterior do Novo Mundo e uma espécie de missão secreta para que Cabral tomasse o rumo do ocidente. Tudo indica que a expedição de Cabral se destinava efetivamente às Índias. Isso não elimina a probabilidade de navegantes europeus, sobretudo portugueses, terem freqüentado a costa do Brasil antes de 1500."

No caso português, ocorreu uma subordinação da Igreja ao Estado através do mecanismo conhecido como padroado real. O padroado consistiu em uma ampla concessão da Igreja de Roma ao Estado português, em troca da garantia de que a Coroa promoveria e asseguraria os direitos e a organização da Igreja em todas as terras descobertas. O rei de Portugal ficava com o direito de recolher o tributo devido pelos fiéis, conhecido como dízimo, correspondente a um décimo dos ganhos obtidos em qualquer atividade. Cabia também à Coroa criar dioceses e nomear os bispos.

Contudo, essa relação foi alterando-se consideravelmente com o tempo. Ainda segundo Fausto (2006, p. 30),

O controle da Coroa sobre a Igreja foi em parte limitado pelo fato de que a Companhia de Jesus até a época do marquês de Pombal (1750-1777) teve forte influência na corte. Na colônia, o controle sofreu outras restrições. De um lado, era muito difícil enquadrar as atividades do clero secular, disperso pelo território; de outro, as ordens religiosas conseguiram alcançar maior grau de autonomia. A maior autonomia das ordens dos franciscanos, mercedários, beneditinos, carmelitas e principalmente jesuítas resultou de várias circunstâncias. Elas obedeciam a regras próprias de cada instituição e tinham uma política definida com relação a questões vitais da colonização, como a indígena. Além disso, na medida em que se tornaram proprietárias de grandes extensões de terra e empreendimentos agrícolas, não dependiam da Coroa para sua sobrevivência.

Realmente, com a autonomia das ordens religiosas e com a interferência delas nas questões de colonização, diversos conflitos foram se sucedendo entre os religiosos, no Brasil, e os portugueses, principalmente relacionados à exploração de mão-de-obra nativa.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, verificaram que a terra já era habitada pelos índios²⁰. Com a exploração da nova terra, os portugueses passaram, então, a escravizá-los. Contudo, a intervenção das ordens religiosas, preocupadas com a educação religiosa dos nativos (pois queriam transformá-los em bons cristãos), passou a incomodar os colonizadores. O principal período de conflitos foi o século XVII, marcado, sobretudo, pelas bandeiras. Com o intuito de achar metais preciosos e de aprisionar índios, grandes expedições foram organizadas, seguindo por várias regiões²¹. O período de maior aprisionamento indígena foi entre 1625 e 1650, em que houve forte intervenção holandesa.

Além de mão de obra nativa, os portugueses aderiram ao uso de escravos africanos. Os índios, dados seus hábitos e cultura, não ofereciam muitas vantagens para a exploração: muitos morriam (por doenças, principalmente, das quais não possuíam defesa imunológica),

²⁰ Embora de vários grupos, costumava-se agrupá-los em dois grandes blocos: os tupi-guarani – grupos com semelhanças culturais e linguísticas – e os tapuias – palavra genérica, significando índios que falavam línguas distintas das dos tupi-guarani.

²¹ Inclusive alcançando as missões espanholas, que foram invadidas, saqueadas e destruídas pelos bandeirantes.

fugiam (já que conheciam bem sua terra) ou guerreavam. Então, a Coroa portuguesa começou a incentivar o uso de escravos africanos, mesmo porque, nessa época, o tráfico de negros era uma prática muito rendosa. De habilidades para o trabalho superiores às dos indígenas, os escravos africanos foram obrigados a se adaptar à nova terra e a novos hábitos²². Contribuiu, também, para o estabelecimento dessa situação, o fato de, quer para a Igreja, quer para o Estado, os negros escravos serem considerados racialmente inferiores e, judicialmente, coisas²³.

Durante o período da união ibérica, Portugal assumiu as rivalidades comerciais e políticas existentes entre Espanha e os Países Baixos. Como consequência, o Brasil tornou-se alvo de disputas e invasões, principalmente por parte da Holanda. As primeiras invasões começaram em 1604, na cidade de Salvador. Passada a Trégua dos Treze Anos entre a Espanha e os Países Baixos (1609-1621) e com a criação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, as invasões recomeçaram. Em 1624, novamente Salvador foi tomada pelos holandeses, que aí permanecem até 1625. Em Pernambuco, os ataques começaram em 1630, com a ocupação de Olinda. Até 1637, foram travadas batalhas, que resultaram na afirmação do poder holandês na região. Sob o governo de Maurício de Nassau, Pernambuco viveu tempos de paz e prosperidade. Contudo, em 1644, o príncipe retornou à Holanda. A partir daí, os colonos empreenderam a luta de reconquista, cujo término ocorreu em 1654, com a expulsão dos holandeses.

Inaugurando um novo período da história da colônia portuguesa, em fins do século XVII, o bandeirante Borba Gato descobriu as primeiras minas de ouro no Rio das Velhas, em Minas Gerais.

²² Mas não foram passivos. Conforme Fausto (2006, p. 25), "Seria errôneo pensar que, enquanto os índios se opuseram à escravidão, os negros a aceitaram passivamente. Fugas individuais ou em massa, agressões contra senhores, resistência cotidiana fizeram parte das relações entre senhores e escravos desde os primeiros tempos. Os quilombos, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial. Palmares - uma rede de povoados situada em uma região que hoje corresponde ao Estado de Alagoas - foi um destes quilombos, e certamente o mais importante. Formado no início do século XVII, resistiu aos ataques de portugueses e holandeses por quase cem anos, vindo a sucumbir em 1695."

²³ "Ordens religiosas como a dos beneditinos estiveram mesmo entre os grandes proprietários de cativos. Vários argumentos foram utilizados para justificar a escravidão africana. Dizia-se que se tratava de uma instituição já existente na África, e assim apenas se transportavam os cativos para o mundo cristão onde seriam civilizados e salvos pelo conhecimento da verdadeira religião. Além disso, o negro era considerado um ser racialmente inferior. No decorrer do século XIX, 'teorias científicas' reforçaram o preconceito: o tamanho e a forma do crânio dos negros, o peso de seu cérebro etc. 'demonstravam' que se estava diante de uma raça de baixa inteligência e emocionalmente instável, destinada biologicamente à sujeição." (FAUSTO, 2006, p. 26)

1.4 Vida e obras de Antônio Vieira

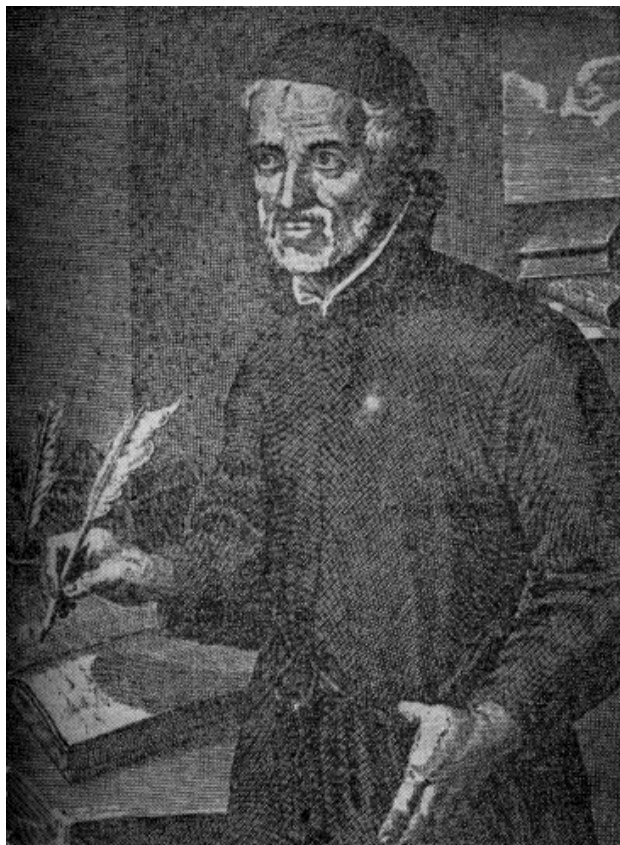


Figura 1 – *Padre Antônio Vieira*, por Arnold Van Westerhout, séc. XVII.

Fonte: Barros apud Neves [199-].

Filho de Cristóvão Ravasco e Maria de Azevedo, Antônio Vieira nasceu em Lisboa, aos 6 de fevereiro de 1608.

Em 1614, aos seis anos de idade, Vieira e sua família vieram para o Brasil, residir na Bahia, local onde o pai fora nomeado para exercer a função de secretário de estado. Ingressou, então, no colégio dos jesuítas.

Numa noite de 1623, Vieira fugiu de sua casa e, sendo recebido pelo então reitor do colégio, Padre Fernão Cardim, entrou no noviciado. Por destacar-se nos estudos²⁴, logo alcançou o apreço dos jesuítas.

²⁴ Sobre a brilhante inteligência de Vieira, o biógrafo J. Lúcio de Azevedo (1931, p. 15) retoma um testemunho ouvido do próprio Vieira, citado pelo Padre André de Barros: "Não foi Vieira, como podem supor muitos, um precoce gênio: nos primeiros tempos de estudante, compreendia mal, decorava a custo, fazia com dificuldade as composições; em tudo aluno medíocre, com o que, já então pundonoroso, muitas vezes se afligia. É de imaginar que orando à Virgem das Maravilhas [imagem que se encontrava na sé da cidade, ainda em construção, e que era venerada por Vieira] lhe suplicasse de o tornar mais hábil para os estudos. Em um de tais lances, a meio da súplica, sentiu como estalar qualquer coisa no cérebro, com uma dor vivíssima, e pensou que morria; logo o que parecia obscuro e inacessível à memória, na lição que ia dar, se lhe voltou

Foi transferido para a aldeia do Espírito Santo, onde os jesuítas catequizavam os indígenas, para afastar-se da família, inconformada com sua decisão. Lá, Vieira envolveu-se consideravelmente com o espírito missionário e empenhou-se no estudo das línguas indígenas²⁵.

Com a invasão da Bahia pelos holandeses, em 1624, Vieira teve seus estudos interrompidos. Foi escolhido para redigir a *Charta Annua*²⁶ de 1626, onde falou sobre os ataques sofridos pelo Brasil nos dois anos anteriores. Aos 18 anos foi nomeado professor de retórica no Colégio de Olinda. Em 1627, ingressou nos estudos teológicos, ordenando-se presbítero em 1634²⁷. Contudo, já havia pronunciado seu primeiro sermão na Quaresma de 1633, novamente subindo a púlpito no dia de São João.

Em 1640, Portugal conquistou sua independência. No Brasil, Vieira destacou-se ao pregar, no dia de Reis, ao então vice-rei do Brasil, Marquês de Montalvão. Por isso, foi incumbido de acompanhar D. Fernando de Mascarenhas, filho do marquês, à metrópole, para saudar o novo rei português, D. João IV, e notificá-lo da total obediência da colônia ao seu poder.

Durante a viagem, foram vítimas de uma terrível tempestade. Então, tiveram que desembarcar em Peniche, onde, por equívoco, foram tomados por inimigos de Portugal, sendo, então, perseguidos e presos. Somente no dia seguinte a confusão foi desfeita e puderam seguir viagem.

Na Corte, logo Vieira tornou-se famoso, adquirindo o apreço de todo o povo português. Por isso, em 1642, pregou, pela primeira vez, no púlpito da Capela Real, no dia de Ano Bom.

Sendo porta-voz da Restauração, confiando no novo monarca e estimulando também a confiança e esperança do povo em D. João IV, através de seu discurso, calcado nas verdades das Sagradas Escrituras, Vieira conquistou a estima e amizade do monarca.

lúcido e fixo na retentiva. Dera-se-lhe na mente uma transformação de que tinha consciência. Chegado às classes pediu que o deixassem argumentar, e com pasmo dos mestres venceu a todos os condiscípulos. Daí por diante foi ele o primeiro e mais distinto em tôdas as disciplinas."

²⁵ Desse período da vida do jovem noviço, Azevedo (1931, p. 17) traz mais um testemunho de fato prodigioso: "Mandado à aldeia sem guia, perdeu-se no caminho [Vieira] e, muito entrada a noite, achava pela frente um rio, o Joanes, ou algum dos confluente que ao Sul ou Oeste defendem o passo para a povoação. Não vendo meio de transpor o obstáculo pensou em retroceder; mas atemorizava-o a treva, e o dificultoso de buscar nela o trilho incerto da mata. Como só recurso encomendou-se ao anjo da guarda, e com poucas passadas, eis lhe salta da escuridão um menino envolto em luz: era ele que baixava a acudir-lhe, e então caminhando adiante o conduziu à aldeia onde chegados desapareceu."

²⁶ Espécie de relatório, escrito em latim que, anualmente, a província mandava ao Geral da Companhia.

²⁷ Contudo, Vieira só professou seu último voto, o de obediência ao Papa, em 1644.

Perspicaz e de inteligência aguçada, o grande orador, dentro de pouco tempo, assumiu importantes funções na Corte Real. Inicialmente, o monarca tornou-o seu confessor e orador.

Como monarca, D. João IV nunca fora seguro de suas ações. Por ser apenas um nobre escolhido pelos conspiradores portugueses para ocupar o trono real, ele nunca teve pulso forte para conduzir o reino²⁸. Por isso, as ideias e intervenções de Vieira sempre foram bem acolhidas por ele.

Obviamente, a pessoa do jesuíta passou a destacar-se mais do que os conselhos e a nobreza portugueses. Crescente destaque, então, começou a despertar invejas e inimizades, principalmente de outras ordens religiosas.

Com visão clara sobre questões políticas e econômicas do Estado, Vieira assumiu para si as qualidades de conselheiro político e diplomata. De um modo geral,

Nestes diversos encargos e situações, apenas se encontrará assunto de administração e governo, e regime civil, político e religioso que o P. Vieira não discutisse, tratasse e praticasse, ou nos seus opúsculos e pareceres, ou nas conferências verbais, ou nos púlpitos, ou executando e obrando pessoalmente. Questões de economia, política, impostos, empréstimos, instituição de comércio (marinha, guerra, cessões de territórios, tratados, alianças, casamentos reais, reforma das ordens regulares, e ainda a da própria Companhia, e da Inquisição, tolerância religiosa, tudo lhe passa pelas mãos, nada escapa à sua indefessa actividade, e à admirável fecundidade do seu espírito neste período brilhante da sua carreira. (LISBOA, 1960, p. 25)

Para tanto, valia-se de suas prédicas para colocar-se a serviço do rei, ora exaltando o patriotismo, ora analisando os negócios do governo. Quando necessário, não poupava admoestações e censuras a figuras públicas, acusadas de extravagâncias e abusos de poder.

Engajado em missões diplomáticas na Holanda, França e Itália, Vieira saboreou sucessivos fracassos. Dentre eles, o mais significativo foi o de Holanda.

Os conflitos com Holanda já vinham ocorrendo há tempos. Embora os dois países estabelecessem acordos, estes não eram respeitados. Contudo, um efetivo rompimento com Holanda significaria a perdição para Portugal. Então, Vieira propôs à Holanda a compra de Pernambuco²⁹, bem como ofereceu vantagens comerciais para seus produtos em Portugal e no Brasil. Como Holanda recusou-se a aceitar tal proposta, Portugal restituiu todas as posses holandesas que possuía, além de pagar uma indenização pecuniária exorbitante. De fato, o acordo de paz só foi feito em 1648.

²⁸ De fato, para assumir o trono, teve de ser ameaçado pela nobreza.

²⁹ Na realidade, a ideia de venda já havia sido proposta por Gaspar Dias Ferreira, em 1645.

Contrário à paz com Holanda, o então ministro Pedro Fernandes Monteiro (apoiado por mais alguns ministros reais), propunha a guerra e, em virtude da posição de Vieira, redigiu uma carta (em 1648) defendendo seu ponto de vista. Por sua vez, Vieira também escreveu uma carta, defendendo suas ideias, justificando-as, sobretudo, através dos perigos de uma eminente guerra. Tal carta foi cunhada pelo rei português de *Papel Forte*.

Sempre preocupado com a situação de Portugal, Vieira, inspirado nas soluções financeiras e comerciais das grandes potências europeias (como Holanda e Inglaterra), incentivou, em 1641, a criação de uma Companhia do Comércio, a fim de arrecadar fundos para reerguer e manter o reino. Para isso, propôs uma posição do Estado menos agressiva para com os cristãos-novos, únicos detentores de renda para financiar o grande projeto comercial. Pediu, também, maior tolerância do Santo Ofício.

Por sua vez, a Companhia de Jesus julgou demasiado imprudente e comprometedora a atuação de seu principal servo nestas questões. Na realidade, ela não queria envolver-se em atritos com o Santo Ofício. Para amenizar a situação de Vieira, o rei escreveu, em 1644, uma carta ao Provincial da Companhia, pedindo que ele não julgasse severamente o jesuíta, uma vez que suas ideias eram acertadas.

A 6 de fevereiro de 1649, D. João redigiu um alvará, instituindo a Companhia Ocidental. Dentre as recomendações do documento, fixou-se que não mais seriam confiscados os bens dos judeus em Portugal (na verdade, D. João se comprometia a devolver aos cristãos-novos aquilo que lhes fosse tomado, pois embora a condenação fosse feita pela Igreja, os bens destinavam-se ao Estado, deduzido pela Inquisição o necessário para seu sustento). A Inquisição de Lisboa protestou contra tal abolição perante o rei e recorreu ao Papa, que, por sua vez, elaborou um breve pontifício, que cancelou a validade do alvará. Quando o documento foi apresentado a D. João IV, ele simplesmente argumentou que, como quem ficava com os bens confiscados era o monarca, ele podia perfeitamente, como proprietário, devolvê-los a seus donos. Assim, conseguiu manter a resolução.³⁰

Por seus atos e ideias, Vieira envolveu-se em escândalos, principalmente disseminados por seus inimigos, que não eram poucos. Conquistou a inimizade de vários ministros e nobres, de padres de outras ordens religiosas, inclusive de companheiros jesuítas. A partir de então, tornou-se alvo de intrigas e calúnias, sendo apontado ora como traidor, por querer entregar Pernambuco aos holandeses, ora como herético, por promover a volta de judeus e de seus costumes ao reino.

³⁰ Apesar de todos os esforços, a Companhia teve cada vez mais suas regras limitadas e revogadas, extinguindo-se, assim, em 1720.

Ainda em 1649, devido a investidas da Inquisição e também devido a hostilidades dos próprios padres, que acusavam Vieira de esquecer-se dos votos religiosos, já que encontrava-se deslumbrado com seu novo estilo de vida, o Geral da Companhia determinou a sua expulsão da Ordem. Contudo, ele voltou atrás na sua decisão quando foi notificado de que o rei afastaria o jesuíta da Corte (logo, da política).

De fato, no período de 1641 a 1650, o ilustre pregador ocupou-se somente de política³¹. Contudo, o retorno de Vieira ao Brasil não foi feito rapidamente. Planejado seu embarque em 1651, só conseguiu efetuar-lo em fins de 1652, após várias tentativas frustradas, desembarcando em São Luís do Maranhão em janeiro de 1653, como superior dos missionários jesuítas. Antes, porém, de chegar ao Brasil, passou um mês em Cabo Verde, doutrinando os gentios que lá habitavam.

No Brasil, a situação, nesse período, foi marcada por uma série de conflitos (iniciados desde 1549, com a vinda do primeiro jesuíta ao Brasil) entre colonos e jesuítas, uma vez que a captura e exploração dos índios eram praticadas pelos primeiros e condenadas pelos inicianos. De fato, por haver falta de escravos negros na colônia (devido à disputa e à pressão entre as nações que traficavam os africanos), os colonos escravizavam os índios para trabalharem nos engenhos de açúcar, nas plantações de cana e tabaco. Contudo, a publicação de uma lei que garantia a liberdade dos índios indignou extremamente os colonos, que se viram destituídos dos únicos meios para garantir a manutenção da economia da província. Por isso, revoltaram-se ainda mais contra os jesuítas.

Habilmente, Vieira conseguiu acalmar os ânimos: propôs que fossem estabelecidas diferentes formas de cativeiro, variando segundo a forma de captura dos índios (os legalmente escravos, assim permaneceriam; os ilegalmente mantidos, deveriam ser libertos e ter o trabalho pago). Os colonos aceitaram a solução, contudo, não a praticaram.

Ao organizar missões, com o intuito de percorrer grandes territórios, Vieira contou com o auxílio dos capitães de entrada. Porém, estes interferiam nas atividades religiosas, já que aprisionavam índios para a lavoura do tabaco. Indignado, Vieira escreveu a D. João pedindo uma reforma quanto ao tratamento dos índios, sobretudo delegando às missões total independência em relação à jurisdição temporal dos governadores e de outros poderes. Como não obteve resposta e, em fins de maio de 1654, o procurador do estado apresentou um

³¹ Nos dizeres de Azevedo (1931, p. 115): "Em todo êste período só o vemos ocupado na política, e só a política o domina. Que tempo lhe restaria para os estudos, para o ensino, para o mister de confessar, objectos primaciaes de actividade do jesuíta? Nos dois anos de 46 e 47 pouco freqüenta o púlpito; pelo menos não foram senão poucos Sermões dêsse tempo escolhidos para a estampa."

documento que modificava as disposições favoráveis à liberdade dos índios, resolveu ir a Portugal, tratar as questões com o rei.

A viagem foi muito conturbada. O navio que levava Vieira naufragou, perto de Açores, devido à forte tempestade. Por milagre, salvou-se toda a tripulação. Todos foram acudidos por um pirata holandês que, embora confiscando a carga de açúcar, levou-os até o porto de Graciosa. Aí permaneceram por mais de dois meses, seguindo, finalmente, para Lisboa, em um navio inglês.

Em Lisboa, o jesuíta conseguiu do rei o poder exclusivo da Companhia sobre as missões e ele próprio foi declarado superior, com poder quase ilimitado. Voltou, então, ao Maranhão, em abril de 1655, apesar de o monarca insistir para que permanecesse na Corte.



Figura 2 – *Padre Antônio Vieira pregando aos índios*, por C. Legrand, 1841.

Fonte: Neves [199-].

De volta ao Brasil, Vieira empreendeu variados trabalhos no meio indígena. Conforme Lisboa (1960, p. 322-323):

Percorreu seiscentas léguas, ora a pé, ora embarcado, desde a serra de Ibiapaba até o Tapajós, não havendo rio, baía, costa e sertão que não devassasse; levantou dezesseis igrejas em diversas paragens; compôs

formulários e catecismos em sete línguas diferentes com o português ao lado; e pacificou, converteu e civilizou inumerável gentilismo das nações tapuias tabajaras (de Ibiapaba), nheengaíbas, cambocas, mapuás, mamainases, aroãs, anaiás, gujarás, pixipixís, tupinambás, poquiguaras, catingas, boseas, jurunas, pazaís, nondanas, tapajós, arnaquizes, tricujus e outros, cujos nomes encontramos nas suas cartas, muitos dos quais desceram em copiosa multidão para as povoações portuguesas.

Essa fervorosa atuação rendeu-lhe a afeição e a confiança dos índios, que o chamavam de Paiaçu – o Padre Grande.

Quanto aos colonos e senhores de engenho, não se encontravam satisfeitos com a situação e, mesmo com as novas condições trazidas por Vieira, não deixaram de escravizar os indígenas. Como os jesuítas sabiam das necessidades e vantagens do trabalho escravo para a colônia, e visando à liberdade dos índios, eles começaram a incentivar o trabalho de escravos africanos nas tarefas então desempenhadas pelos índios.

O ano de 1661 marcou a expulsão dos jesuítas do Maranhão. Com efeito, o poder exercido pela ordem inaciana na província era dominante e desagradava muito aos colonos. Por isso, em 15 de janeiro, entregaram a Vieira uma representação que expunha as dificuldades econômicas da província e pedia, com urgência, a volta da escravização indígena. De praxe, o grande missionário retrucou que os problemas da província eram devidos não à falta de escravos, mas à incompetência e à extravagância de seus administradores. Irritados, os colonos começaram a acusar os padres de tirarem lucros sobre o trabalho dos índios. Para aumentar o descrédito nos jesuítas, somou-se a exploração de uma atitude, um tanto comprometedora, de Vieira: a fim de punir um chefe da aldeia de Maracanã, que vivia em concubinato com uma índia, o missionário atraiu-o à cidade, por meio de uma carta amigável; já no Colégio, fez com que o índio fosse punido, preso em ferros. Tomaram partido desta situação, além dos colonos, prelados de outras ordens, como a do Carmo, de Santo Antônio e Mercês.

Para agravar ainda mais a situação conflituosa, foi divulgado o conteúdo de uma carta de Vieira ao bispo do Japão, que comentava a entrega da jurisdição sobre os índios aos jesuítas, excluindo, portanto, as outras ordens.

Então, depois de muita confusão e atritos, os jesuítas foram presos e mandados para a Europa. Lá, responderam às acusações enviadas pelos colonos e ficou decidido que os jesuítas não mais teriam a jurisdição temporal dos índios, e, em relação à espiritual, todas as outras ordens seriam admitidas. Os jesuítas puderam retornar às missões, com exceção de Vieira.

Na Corte, Vieira reencontrou o ambiente de outrora, embora não mais sob a regência de D. João IV (que falecera em 1656), mas, sim, sob a regência da rainha D. Luísa de Gusmão. Ela, como o marido, valia-se consideravelmente dos auxílios e conselhos do jesuíta para tomar decisões sobre o reino.

Contudo, em 1662, subiu ao trono o príncipe herdeiro que, por sua vez, puniu os partidários da rainha regente, dentre eles, Vieira, que foi desterrado, então, para o Porto. Enclausurado, o jesuíta retomou seu trabalho intelectual, já iniciado na sua estadia no Brasil. Em pouco tempo a prisão foi transferida para o Colégio da Companhia, em Coimbra.

Em 1663, a Inquisição retomou suas investigações sobre o grande orador. Há tempos os inquisidores preparavam um processo contra ele. As principais acusações giravam em torno:

a) da defesa e crença de um reino universal, o Quinto Império, que seria regido por D. João IV, ressuscitado (exposto n'*As Esperanças de Portugal*, escrito em fins de 1659).

Na realidade, esse misticismo de Vieira estava associado às profecias de Bandarra, que se tornaram uma superstição coletiva sob a forma do sebastianismo.

Gonçalo Anes Bandarra era um sapateiro de Trancoso que gostava de ler a Bíblia, em Português, e que recorria a amigos cristãos-novos para lhe explicarem os simbolismos lá encontrados. Encantado e impressionado com as leituras, começou a compor versos, misturando fragmentos bíblicos com elementos da cultura popular. De modo geral, seus versos retratavam o desgosto pela decadência do mundo e a esperança em tempos de felicidade. Entre os cristãos-novos, que viram nas trovas sinas da vinda do Salvador, Bandarra conquistou muita popularidade. Justamente por isso, em 1450, foi preso pela Inquisição. Contudo, por ser inocente e estar alienado aos acontecimentos, foi posto em liberdade, mas com a condição de não mais compor trovas.

Com a morte de D. Sebastião em Alcácer Quibir, em condições misteriosas³², atribuiu-se às trovas de Bandarra a evidência de que o rei desaparecido era o Messias esperado. A

³² "O rei morreu durante a batalha, mas ninguém afirmava tê-lo visto morrer, embora muitos o tivessem visto já depois de morto. (Segundo a ética cavaleiresca, confessar que se tinha visto morrer o rei, sem dar a vida por ele, seria uma infâmia. Isto explica em grande parte o mistério. Uma fonte da época, a *Carta do Abade da Beira*, dá outra explicação: a morte do rei nunca foi bem explicada para impedir a indignação popular, deixando a evasiva de um regresso possível.) Entre o povo dizia-se que o rei conseguira escapar e ia regressar ao País. Há notícia de vários aventureiros que exploraram essa crença popular e procuraram fazer-se passar pelo Desejado; um jovem, filho de um oleiro de Alcobaça, que acabou por ser preso e condenado às galés; Mateus Álvares, açoriano, que conseguiu sublevar muitos camponeses na região da Ericeira e Torres Vedras e foi enforcado em Lisboa; o pasteleiro do Madrigal, que fez o papel de D. Sebastião num enredo urdido por um frade que pretendia servir-se dele para desencadear a revolta contra Felipe II; e, finalmente, um

partir disso, o mito manteve-se na consciência popular, reaparecendo sempre em épocas de sofrimento coletivo (como em tempos de guerra).

Em relação à Vieira, temos, nos dizeres de Saraiva (1978, p. 155):

Mas o mito não foi só popular e serviu de base a especulações irracionais que chegaram a empolgar espíritos cultos. O melhor expoente do sebastianismo erudito foi o padre António Vieira, que procurou nas trovas de Bandarra argumentos para o seu grandioso projecto de um império universal, no qual judeus e cristãos aparecem reunidos numa Igreja nova e purificada dos antigos pecados. O imperador seria D. João IV, porque isso resultava necessariamente, pensava Vieira, das trovas. Aconteceu porém que D. João IV morreu sem que a profecia se tivesse realizado. A certeza de Vieira era tão firme que, dessa morte só tirou uma conclusão: a de que D. João IV iria ressuscitar para que a profecia se cumprisse.

Contudo, o que mais incomodou e gerou suspeitas da Inquisição foi o fato de o misticismo de Vieira estar associado ao judaísmo.

b) das divergências doutrinárias entre as ordens inacianas e dominicanas (que sustentavam o Santo Ofício).

Apesar de não ser encontrada falta grave em seus atos, Vieira foi preso no cárcere do Santo Ofício, permanecendo recluso até fins de 1667. Pouco tempo depois, o Provincial da Companhia requereu que as penas do jesuíta fossem perdoadas; sendo atendido o pedido, apenas cuidou-se que ele não mais tratasse de tais assuntos comprometedores.

Desgostoso de sua sentença, Vieira partiu, em 1669, para Roma, para tentar conseguir do Papa a revisão de seu processo condenatório. Lá, foi recebido com pompas. Era do desejo do Geral João Paulo Oliva que Vieira pregasse perante os grandes cardeais e nobres italianos. Para isso, o jesuíta dispôs-se a aprender o italiano. Então, em outubro de 1672, pregou, pela primeira vez, em italiano. Nesse mesmo ano, recebeu do Geral a proposta de tornar-se pregador do papa e Assistente de Portugal em Roma.

Dada sua notoriedade, passou também a frequentar os salões de Cristina da Suécia, rainha que renunciara ao trono e que cultuava as artes e as ciências³³. Pregou especialmente para a rainha na Quaresma ainda de 1669. Em pouco tempo, tornou-se orador de sua corte.

aventureiro italiano, Marco Túlio, que chegou a convencer alguns exilados nobres portugueses e acabou também a aventura na forca." (SARAIVA, 1978, p. 154)

³³ Dentre seus amigos intelectuais, encontra-se René Descartes.

Em Portugal, nesse mesmo período, reiniciaram-se as perseguições aos judeus, e, finalmente, acabou sendo decretada a expulsão deles do reino.

Após inúmeras insistências do rei português para que o jesuíta retornasse à Corte, este resolveu voltar, contudo, somente depois de conseguir da Cúria Romana um Breve (de 17 de abril de 1675) que o isentava de qualquer poder do Santo Ofício português, exceto da Congregação Romana, e o absolvía de qualquer censura ou pena a que estivesse submetido até então.

De volta a Portugal, e durante os cinco anos que permaneceu no reino, Vieira não mais teve a vida agitada e o desempenho político de outrora. Já com idade avançada, decidiu voltar ao Brasil em 1681, acompanhando missionários que iam para a Bahia.

Ao chegar à província, recebeu a notícia de que uma esfinge sua havia sido queimada por estudantes, em Coimbra. Contrariamente, tempos depois (1683), é avisado de que, na Universidade do México, haviam dedicado uma tese à sua obra.

Recolheu-se, então, na Quinta do Tanque, propriedade dos jesuítas, onde pretendia permanecer em retiro, a fim de poder dar continuidade à organização e à revisão de seus sermões e concluir outros trabalhos literários desenvolvidos em épocas anteriores. Com a renda de seus Sermões, que eram enviados a Portugal para serem publicados, Vieira garantia a sua manutenção, bem como a de um seu secretário; o restante empregava nas missões, para socorrer as necessidades dos índios.

Por encontrar-se distante da Europa, o jesuíta, nesse período final, trocou continuamente cartas com seus amigos, que pediam novas dele e o informavam sobre os acontecimentos na Corte.

Um fato ocorrido com o irmão e com o sobrinho do jesuíta o obrigou a se retirar de sua reclusão, e, mais uma vez, ele viu-se envolvido em uma intriga. Aconteceu que o alcaide da província, Francisco Teles de Meneses, fora assassinado por alguns homens mascarados, nas redondezas do Colégio. Para se verem livres da culpa, lá se esconderam os homens. Contudo, já se encontrava no local, também escondido, Gonçalo Ravasco, sobrinho de Vieira, por ter brigado com um meirinho. Então, suspeitou-se que Gonçalo participara do assassinato que, por sua vez, teria sido tramado no interior do Colégio. Como Gonçalo conseguiu escapar e fugir para Lisboa, as autoridades puniram seu pai, Bernardo Ravasco, arbitrariamente encarcerado. Vieira, então, partiu na defesa de seus parentes, tanto para honrar sua família quanto para provar a inocência deles.

Em 1688, Vieira foi nomeado Visitador da Província pelo novo Geral da Companhia.

Com a idade avançada e, conseqüentemente, com debilidades físicas (agravadas com uma queda de escada), Vieira escreveu, em 1694, uma carta circular a todos os seus amigos, em que se despedia e os notificava de sua decisão de suspender a troca de correspondência com eles.

Ainda no ano de 1694, o jesuíta interferiu nas questões indígenas, ao votar contra a pretensão dos administradores paulistas de tomarem para si a jurisdição dos índios, até então sob a custódia dos missionários.

Finalmente, em 1697, o grande pregador falece, com 89 anos de idade.

Sendo homem de ação (política e apostólica), Vieira, hábil orador, valeu-se sempre da palavra, moldada segundo suas intenções, para influenciar e defender decisões, criticar hábitos e costumes dos nobres e educar (sobretudo por meio dos sermões, objetos retóricos que lhe conferiram prestígio não só em Portugal, mas em diversas Cortes europeias).

Em todos os trabalhos do pregador, podemos observar "belos espetáculos verbais"³⁴, exemplos de habilidades retóricas, repletos de alegorias e figuras pautadas, sobretudo, nas Sagradas Escrituras, para melhor persuadir e conquistar a afeição de seus interlocutores, ávidos de ensinamentos do sábio religioso. Ao servir-se das palavras para criar jogos de engenho, produziu as mais belas obras literárias que, hoje, são tomadas como exemplares de sua época.

Para além do púlpito, palco de suas peripécias discursivas, Vieira preocupou-se em organizar e editar suas prédicas, que eram muito apreciadas por todos.

Alguns de seus sermões foram publicados em folhetos, contudo, a grande maioria permaneceu guardada sob a forma de rascunhos e anotações, que, ao longo de vários anos, foram sendo organizados e reformulados por seu criador.

O primeiro tomo dos sermões organizado por Vieira saiu em 1679, juntamente com o anúncio de que pretendia formar uma coleção de doze volumes.

Os sermões foram sendo, então, organizados sem seguirem, necessariamente, uma ordem cronológica de apresentação ou conforme o assunto. Na verdade, Vieira os recolhia segundo a ocasião e comodidade.

No ano de 1682, então recluso na Bahia, Vieira publica o segundo volume. Os demais foram sendo impressos, ora em anos seguidos, ora com intervalos, até que, em 1697, sai o último volume, pouco tempo depois da morte do jesuíta.

³⁴ Nos dizeres de Saraiva (1978).

Além dos Sermões, Vieira deixou vários outros escritos. São abundantes as cartas endereçadas à realeza e a amigos, algumas das quais de grande importância, como as enviadas ao Marquês de Nisa, embaixador na França, tratando da causa dos judeus ou a carta datada de fins de 1659, nomeada de *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*, enviada (por intermédio do bispo André Fernandes) à rainha D. Luísa e que serviu de pretexto para a Inquisição levantar-se contra o jesuíta.

Grande parte de sua vida dedicou o jesuíta na elaboração do livro que seria sua grande obra, síntese de todo o seu pensamento: o *De regno Christi in terris consummato* ou *Clavis prophetarum*. Chegou a anunciar sua produção em 1679. Contudo, tal obra não chegou ao fim, permanecendo inédita. Escreveu, ainda, *História do Futuro* (escrito em 1664, mas publicado em 1718).

2 O LIVRO IMPRESSO

A "arte de imprimir", como pondera Martins (2002, p. 127), "[...] tem uma história imemorial e surgiu, por assim dizer espontaneamente onde quer que existissem homens."

Contudo, a tipografia e a imprensa moderna não se bastaram apenas em sinais ou marcas quaisquer sobre papiro, pergaminho ou papel, "[...] mas também e sobretudo na reprodução rápida e ilimitada da escrita ou da palavra." (CHRISTIAN apud MARTINS, 2000, p. 127). Dessa forma, costuma-se, convencionalmente, datar a invenção da imprensa no ano de 1455, quando Gutenberg imprimiu a *Bíblia de 42 linhas*³⁵. A partir desse momento, a reprodução de um livro tornou-se fácil e abundante, embora nem sempre barata.

Inicialmente, o livro impresso concorreu com os manuscritos, chegando mesmo a imitá-los. Contudo, devido a melhoras de sua qualidade, o livro impresso, em pouco tempo, adquiriu prestígio e tornou-se critério de diferenciação social. Tornou-se, assim, "[...] objeto de beleza, completado pela perfeição técnica." (MARTINS, 2002, p. 175) A concorrência das duas formas de produção escrita, a manuscrita e a impressa, durou muito pouco tempo. Como assinala Martins (2002, p. 176)

Entre os fins do século XV e os começos do século XVI, a tipografia marcou definitivamente a sua vitória: não somente aumenta o número de adeptos do livro impresso, mas, conseqüentemente, verifica-se um declínio na própria arte do copista, do miniaturista. Muitos dos antigos calígrafos se transformaram em impressores ou gravadores, convertendo, assim, a sua arte numa técnica, ou tentando metamorfosear uma técnica numa arte, o que, de resto, se conseguiu em grande número de casos. O valor do manuscrito medieval continuou a crescer, mas já agora por motivos diferentes; é hoje a sua raridade que o determina, não mais o seu conteúdo, nem qualquer idéia de sua superioridade intrínseca sobre o impresso. O manuscrito está agora definitivamente reduzido a mercadoria, a objeto.

Embora sendo uma arte predominantemente alemã, a tipografia expandiu-se rapidamente por toda a Europa ocidental, uma vez que houve o aumento do número de impressores ambulantes, que atendiam, principalmente, estabelecimentos eclesiásticos sem

³⁵ Como salienta Martins (2002, p. 135), "[...] temos de retificar os dois lugares comuns que atribuem a Gutenberg seja a invenção da imprensa, seja a invenção dos caracteres móveis: uma coisa como outra já existiam na Europa quando ele começou a trabalhar em tipografia. Foi outra [...] a invenção de Gutenberg: ela abriu, na verdade, o caminho para a grande imprensa." O grande impressor aperfeiçoou a fabricação dos caracteres, tornando-os não mais fixos em planchas de madeira, mas móveis, isolados, fundidos em relevo em metais. Na verdade, até o século XV, o incunábulo (todo documento impresso antes de 1500) imitava os manuscritos.

recursos para sustentar oficinas tipográficas e também a multiplicação de oficinas tipográficas, instaladas em diversas cidades, para fugir de concorrências.

O primeiro país que acolheu os tipógrafos alemães, por volta de 1464, foi a Itália (MARTINS, 2002). Lá, houve uma mudança importante para a imprensa: a substituição dos tipos góticos³⁶ por romanos³⁷. Depois (por volta de 1470), a tipografia instalou-se na França, onde foi aprimorada.

Já no século XVI, em meio ao furor das grandes descobertas e no esplendor da Renascença, a imprensa respondia perfeitamente à ânsia de liberdade e curiosidade dos novos espíritos, voltados para o próprio homem – visto como o centro de tudo – e amparados pela capacidade do livre exame. Conforme Martins (2002, p. 198)

Enfim, o 'espírito de livre exame' sendo condição essencial de toda vida intelectual, é também um fator de primeira importância no desenvolvimento do livro. Ele repousa na consulta pessoal, no manuseio direto das fontes; ele pressupõe a existência da circulação impressos, a sua fácil obtenção, e os multiplica, por assim dizer, por si mesmos. Ler e não mais ouvir torna-se o gesto essencial da inteligência; surge então, a cultura, porque ler será a atividade de um número cada vez maior de homens, e, em todo caso, atividade indistintamente acessível a todos eles. A Renascença teve, a princípio, um sentido tão nitidamente antimedieval, que essa liberdade de leitura e de crítica só foi empregada na luta religiosa: há um momento da história em que 'Reforma' e 'Humanismo' são sinônimos, em que o liberalismo da vida espiritual só se emprega para a emancipação dos dogmas e dos intermediários. Ou melhor: de então por diante, só um intermediário será admitido – o livro. A civilização moderna, no que ela tem de mais característico e de mais imprescindível (porque mesmo os seus aspectos mecânicos, tão censurados, repousam sobre o livro, sobre os conhecimentos que o livro transmite e multiplica) – a civilização moderna nasce. E com ela também o livro, em sua história propriamente dita.

A tipografia adquiriu, também, um lado artístico, já que a "beleza da forma" era muito prezada pelos renascentistas. Assim, a apresentação material dos livros – ilustrações, encadernação em couro, excesso de dourado etc. – torna-se muito importante e atrativa.

Pertencem, pois, aos séculos XV e XVI os grandes tipógrafos, cujas dinastias perpetuaram a tradição da perfeição tipográfica aliada a inovações, no decorrer dos séculos

³⁶ "O gótico derivou da minúscula carolíngia do século VIII, a partir da posição oblíqua da pena, o que permitia, pela compressão lateral das letras, maior rapidez e economia de espaço por via da redução da altura dos caracteres. Em sua maturidade, entre fins do século XIII e meados do XV, essa letra era conhecida como *Textur* (os franceses chamavam-na de *lettre de forme*), utilizada para imprimir as grandes bíblias e os livros litúrgicos; foi a escolhida por Gutenberg para sua Bíblia de 42 linhas." (ARAÚJO, 2008, p. 314)

³⁷ Também chamada de *littera antiqua* ou redonda. Base para a escrita humanística, a letra romana derivou da minúscula carolina. "E, a esta redonda, pode acrescentar-se uma escrita cursiva, a *chancelaresca*, que dará origem ao itálico, que a chancelaria vaticana adota em meados do século XV, e que passará, em seguida, para as chancelarias de Florença, Ferrara e Veneza." (MARTIN; FEBVRE, 2000, p. 104)

seguintes, como os Aldo (Itália), os Elzevir (Holanda), os Estienne (França), os Didot (França).

No século XIX, surge a indústria tipográfica, "[...] uma expressão que nos é justificada pela mecanização da imprensa." (MARTIN; FEBVRE, 2000, p. 32)

2.1 O livro impresso em Portugal³⁸

Portugal, no século XV, foi um importante centro da vida intelectual hebraica³⁹. Foram os judeus, inclusive, os responsáveis pela implantação dos processos tipográficos na nação.

O primeiro incunábulo impresso em território português, o *Pentateuco*, foi produzido por Samuel Gacon, em sua oficina, em Faro, no ano de 1487. Relevante importância para a arte tipográfica portuguesa, em seus primórdios, tiveram também Eliezer Toledano (com oficina em Lisboa) e Samuel d'Ortas (Lieira).

Praticamente mais da metade dos incunábulos impressos em Portugal, no período, foram executados em hebraico. Embora não haja provas efetivas, estudiosos consideram que *Sacramental*⁴⁰, obra religiosa do clérigo leonês Clemente Sánchez de Vercial, tenha sido o primeiro livro impresso em Português, em Chaves, no ano de 1488⁴¹.

Já no ano de 1495, o impressor alemão Valentim Fernandes obtém o privilégio de impressão em Portugal, servindo D. Leonor. Ele foi o primeiro a imprimir livros ilustrados no reino português⁴².

O trasmontano Rodrigo Álvares foi o primeiro tipógrafo português, publicando, no Porto, no ano de 1497, a obra *Constituições que fez o Senhor Dom Diogo de Sousa, Bispo do Porto*, além de *Evangelhos e Epístolas*.

Com a crescente expansão da arte tipográfica em Portugal, merecem destaque os seguintes impressores:

³⁸ Esta subseção foi escrita com base nas informações disponibilizadas por Heitlinger. Ver indicações em **Referências**.

³⁹ Entre os grandes sábios da época que viveram em Portugal, destaca-se Isaac Aboab, líder espiritual da comunidade judaica da Península Ibérica. Contudo, em fins do século XV, os judeus tiveram de abandonar o reino devido à pressão exercida sobre D. Manuel I pelos reis católicos da Espanha.

⁴⁰ Livro mais lido durante o século XV, sendo proibido pela Inquisição no século XVI. São conhecidas treze edições em castelhano, uma em catalão e quatro em português.

⁴¹ Há quem considere o *Tratado de Confissom* o primeiro livro impresso em Português (1489, Chaves).

⁴² *Vita Christi* (1495), *Estoria de muy noble Vespesiano emperador de Roma* (1496), *Grammatica Pastrane* (1497).

João Blávio – alemão natural de Colônia, que se estabeleceu em Lisboa, tornando-se Impressor Régio de D. Sebastião.

Miguel Deslandes – tipógrafo francês que se instalou em Portugal em 1669, conseguindo a naturalização em 1684. Casado com a filha de *João da Costa* (famoso impressor, livreiro e editor), acabou herdando o material tipográfico do sogro. Em 1687, com a morte do Impressor Real, é escolhido para o cargo. Em 1703, com sua morte, deixa na direção da régia oficina Valentim da Costa Deslandes, seu filho.

German Gaillard – estabelecido em Lisboa em 1519, o impressor francês foi, em 1530 e 1531, impressor do Mosteiro de Santa Cruz. Ainda em 1530, recebeu privilégios de D. João III. Em 1534 imprimiu a *Cartinha para ensinar a ler* de Diogo Ortiz de Vilhegas e, em 1536, a *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

2.2 A tipografia e as línguas nacionais

A tipografia foi fundamental na formação e fixação das línguas nacionais. Embora questões políticas e culturais, como a criação das nações (logo, do espírito de identidade nacional), e a Reforma também tenham desempenhado papel essencial nas transformações linguísticas pelas quais passaram as línguas ocidentais, foi, sem dúvida, com a criação e expansão da tipografia que as línguas vulgares tornaram-se línguas literárias, de cultura, e acessíveis a todos os seus falantes. Gradativamente, foram substituindo o latim. Como mostram Martin; Lefebvre (2000, p. 407),

Assim, o século XVI, época de renovação da cultura antiga, é também aquele em que o latim começa a perder terreno. A partir de 1530, sobretudo, esta tendência manifesta-se com nitidez, o que não deve surpreender-nos. O público das livrarias [...] torna-se cada vez mais um público de leigos – frequentemente de mulheres e de burgueses, muitos dos quais pouco familiarizados com a língua latina. É por isso que os Reformistas empregam sistematicamente as línguas vulgares modernas. Os próprios humanistas não hesitam, então, em recorrer a essas línguas para conquistarem um público mais vasto. Desde há séculos, aliás, não acontece o mesmo em Itália? O exemplo de Petrarca não está aí para fazer com que os hesitantes vençam os seus escrúpulos? [...] Mais ainda, o regresso às letras antigas contribui para

fazer do latim uma língua morta: como sublinha Brunot, o ciceronismo, o gosto pela bela língua latina, expulsando solecismos e, sobretudo, barbarismos tradicionais, obrigando a recorrer a perífrases complicadas para exprimir uma ideia ou para designar um objecto novo, começa a afastar os escritores do uso do latim.

Não surpreende, por isso, que a percentagem das obras publicadas em língua vulgar tenha aumentado. É impossível fornecer a este respeito números exactos. Contudo, é significativo, por exemplo, o facto de, em 2254 obras publicadas em Antuérpia, entre 1500 e 1540, terem sido escritas 787 em flamengo, 148 em francês, 88 em inglês e umas vinte em dinamarquês, em espanhol ou em italiano – quase a metade. É evidente que a clientela dos impressores de Antuérpia, cidade comercial, era constituída, em parte, por burgueses recentemente enriquecidos e ainda pouco cultos. Mas quase em toda a parte se fazem comprovações análogas e o progresso das línguas nacionais é geral. Em Aragão, 25 livros em latim contra 15 em castelhano, entre 1501 e 1510; durante os trinta anos seguintes, 115 em latim contra 65 em castelhano. Mais tarde, entre 1541 e 1550, somente 14 em latim e 72 em castelhano.

Inevitavelmente, a partir do momento em que as línguas vernaculares passam a ser escritas, surgem questões relativas ao uso ortográfico dessas novas línguas.

Se, nos períodos anteriores, os textos reproduzidos do Latim sofriam a ação dos copistas, ficando, assim, os textos entregues às suas vontades, apresentando inúmeras flutuações gráficas, com a tipografia, surge uma tendência de fixação das grafias, dando aos livros impressos um carácter estável⁴³.

Ao mesmo tempo, surgem as primeiras gramáticas e tratados ortográficos⁴⁴, tentativas de descrição e regulamentação das novas línguas. Certamente, muitos tipógrafos procuraram se pautar nas prescrições desses gramáticos e ortógrafos. Contudo, não deve ser descartada a hipótese de interferências ortográficas dos impressores, com o intuito de facilitar o seu trabalho no manuseio dos tipos para a composição dos livros e, também, de uniformizá-los graficamente. Da mesma forma, não pode ser aceita sem ressalvas a ideia de que as formas (orto)gráficas impressas de uma obra correspondam fidedignamente às formas da obra manuscrita confiada ao tipógrafo por seu autor⁴⁵.

⁴³ "Por outro lado, a tipografia garante às publicações um carácter estável. Estas «escapam doravante à acção dos copistas que, até então, em parte voluntariamente, em parte sem nisso pensarem, modernizavam os textos à medida que os reproduziam» (A. Meillet); e, doravante, os seus sucessores, os tipógrafos, têm tendência para eliminar as fantasias ortográficas e as expressões dialectais que corriam o risco de tornar o livro menos facilmente acessível a um público vasto." (MARTIN; LEFEBVRE, 2000, p. 406)

⁴⁴ António de Nebrija publica, em 1492, sua *Gramática da língua castelhana*. Em 1536, Fernão de Oliveira publica a *Gramática da linguagem portuguesa*.

⁴⁵ Sobre esta questão, Martin; Lefebvre (2000, p. 411) fazem algumas considerações sobre a língua inglesa: "E, enquanto as gramáticas da língua inglesa se multiplicam, a ortografia tende a normalizar-se, em virtude da acção dos tipógrafos, que, por vezes sistematicamente, eliminam as fantasias ortográficas mais embaraçosas dos manuscritos que os autores lhes confiam. Este esforço de uniformização torna-se evidente quando se

3 ESCRITA E SEU ESTUDO

Dada sua complexidade, a escrita tornou-se objeto de estudo de vários e renomados estudiosos da linguagem. Contudo, como lembra Cagliari (2009a), cada estudioso fará sua análise de acordo com as concepções de linguagem que considera corretas (não sendo excluídas, assim, possibilidades de equívocos).

Com o estruturalismo, que inaugurou a Linguística Moderna, questões fonológicas e, por extensão, ortográficas, ocuparam a atenção de alguns linguistas, preocupados em estabelecer propostas eficazes para a descrição e sistematização das línguas⁴⁶. Contudo, foi na Europa que linguistas empreenderam pesquisas voltadas para reformas ortográficas orientadas exclusivamente pela fonologia estruturalista. Merece destaque a linha de pesquisa francesa, liderada por Nina Catach.

Ela foi uma pesquisadora preocupada com os aspectos teóricos e históricos da ortografia da Língua Francesa. Para a linguista, o sistema ortográfico mais eficaz seria aquele mais próximo do sistema fonológico. Em função disso, desenvolveu um sistema cuja unidade básica da escrita é o grafema, equivalente ao fonema para a fonologia.

Com o desenvolvimento da pesquisa, Catach criou um complexo emaranhado de subsistemas, culminando, por fim, no sistema chamado **Língua L**, único capaz de explicar certas particularidades da escrita.

Embora Nina Catach seja uma figura importante para estudos sobre escrita e ortografia, não haverá, na presente dissertação, um aprofundamento de suas ideias⁴⁷. Como o intuito da presente pesquisa é analisar e descrever a ortografia de Vieira, servirão de apoio teórico ideias desenvolvidas por Luiz Carlos Cagliari, estudioso que tem orientado várias

compara os originais manuscritos que chegaram até nós com os textos impressos. Eis, por exemplo, o resultado de tal confrontação no caso de uma tradução de Ariosto por Harington:

<i>Manuscrito</i>	<i>Texto impresso</i>
bee	be
on	one
greef	grief
thease	these
swoord	sword
noorse	nurse
skolding	scolding
servaunt	servant"

⁴⁶ Por exemplo, Kenneth Lee Pike, linguista norte-americano, valeu-se de modelos fonológicos estruturalistas para desenvolver seu modelo, denominado fonêmica, para a descrição de línguas indígenas das Américas e de outros lugares. Sua intenção não se bastava apenas nisso: queria elaborar sistemas de escritas para as línguas ágrafas.

⁴⁷ As informações aqui expostas foram tomadas de Cagliari (2006). Para maior aprofundamento, consultar Catach (1978, 1996).

pesquisas sobre sistemas de escrita e, especificamente, sobre a ortografia da Língua Portuguesa, além de ter produzido vários trabalhos sobre esses temas⁴⁸.

3.1 Ortografia e sistemas de escrita

A escrita surgiu de necessidades comunicativas específicas do homem, conforme os contextos histórico, social e cultural em que se encontrava. Nesse sentido, deve ser considerada a criação de **sistemas de escrita**, já que cada povo buscou a expressão de sua linguagem através de elementos gráficos que melhor atendessem suas necessidades expressivas.

De forma geral, sem serem levados em conta dados cronológicos e espaciais, Cagliari (2007) distingue três fases principais da escrita:

- **pictórica:** escrita com desenhos ou pictogramas que "[...] não estão associados a um som, mas à imagem do que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade." (CAGLIARI, 2007, p. 108)
- **ideográfica:** escrita através de ideogramas, desenhos especiais que "[...] foram ao longo de sua evolução perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se uma simples convenção de escrita." (CAGLIARI, 2007, p. 108)
- **alfabética:** escrita por letras. "Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética." (CAGLIARI, 2007, p. 109)

A partir destas três fases específicas, evidenciam-se dois sistemas essenciais de escrita: o ideográfico – registro da linguagem através das ideias/significados – e o fonográfico – registro através dos sons⁴⁹.

⁴⁸ Consultar, ao final da dissertação, **Referências**. Dentre todos os trabalhos, merece destaque *Aspectos Teóricos Lingüísticos da Ortografia* (2006), ainda não publicado.

No caso específico da escrita fonográfica, ela pode ser⁵⁰:

- **silábica:** feita através de um silabário, ou seja, conjunto de símbolos representando todas as sílabas possíveis de uma língua;
- **consonantal:** representando as palavras apenas com seus sons consonantais (escrita criada para representar, principalmente, algumas línguas semíticas, como o árabe e o hebraico),
- **fonética ou alfabética:** com o objetivo de representar os sons da fala exatamente como foram pronunciados. Baseada no princípio da acrofonia, que estabelece para cada nome de letra o som que ela representa, passou, no decorrer do tempo, por algumas modificações, devidas às mutações fônicas permitidas por qualquer sistema linguístico, desde que respeitadas suas regras internas. De fato, se fossem representadas, na escrita, todas as possibilidades fônicas das palavras – devido à variação linguística –, haveria um enorme impasse, na medida em que uma mesma palavra poderia ser representada de muitas formas. Isso prejudicaria significativamente a comunicação entre os indivíduos dentro de um mesmo sistema linguístico. Então, o problema foi resolvido com a criação da ortografia, que estabelece, por meio de uma tradição, o uso das letras na escrita de palavras.

3.2 Escrita alfabética e questões ortográficas

Todo sistema de escrita visa a representar a linguagem oral, por meio da leitura. Para isso, adota, como unidade básica, a palavra que, graficamente, é bem definida por meio de espaços em branco. Como afirma Cagliari (2009a, p. 18),

Com relação aos sistemas de escrita, é preciso sempre partir da ideia de que eles foram criados para permitir a leitura. Todas as outras funções e usos são derivados daquela ideia inicial e fundamental. Ora, se o sistema de escrita permite a leitura, ele é a representação da linguagem oral e só faz sentido se associado à linguagem oral; não é uma linguagem independente, não vale

⁴⁹ Divisão ancorada no signo linguístico: "Desde Saussure, a ciência lingüística estabeleceu que a linguagem humana se realiza por meio de SIGNOS lingüísticos. Cada um desses signos é a união de 'sons' e 'idéias'. Os sons constituem o que chamamos de SIGNIFICANTE do signo lingüístico; as idéias constituem o SIGNIFICADO que o signo veicula." (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 21)

⁵⁰ Adaptado de Massini-Cagliari (1999).

por si. A escrita nunca é uma representação direta do pensamento, porque esta só existe na linguagem oral. Assim, como alguém pode ver uma pedra e chamar aquela coisa de *pedra*, do mesmo modo, alguém pode ver a palavra escrita *pedra* e chamar aquela coisa de *pedra*. Alguém só pode reconhecer que uma forma gráfica é uma palavra se puder associar àquela forma uma palavra da língua, e todas as palavras estão armazenadas na linguagem oral. Fora daí, nada faz sentido.

Contudo, é sabido que a expressão oral da linguagem admite variações, previstas pelo sistema linguístico. De fato, cada indivíduo imprime à sua fala características advindas de sua própria pessoa – marca pessoal ou idioleto⁵¹, do grupo social do qual faz parte, da sua faixa etária, da região onde mora etc⁵². Na escrita, tais variações, se registradas, gerariam enormes problemas, já que cada indivíduo escreveria conforme seu dialeto⁵³, tornando a decifração da escrita muito complexa e desgastante. Uma mesma palavra seria escrita de muitas formas: milho/mio/milio; melhor/meió/mió; dentro/drento...

Então, para que não ocorresse a saturação dos sistemas de escrita, foi criada a **ortografia**, que age neutralizando as variações linguísticas na escrita e atinge, assim, seu princípio básico: **permitir a leitura**.

Esse princípio só é possível porque a ortografia estabelece parâmetros gráficos e funcionais para as letras.

Graficamente, as letras admitem vários modos de apresentação (*design*). Por exemplo, a letra pode ocorrer nas formas: B b B b **B** b B b⁵⁴. Contudo, subjaz ao aspecto gráfico uma noção abstrata de letra dada, justamente, pela ortografia. Esta associa à grafia um valor funcional que determina o som que uma letra terá em um contexto específico de palavra. Como explica Cagliari (2009a, p. 20-21),

A ortografia age na parte gráfica e funcional da escrita. É a ortografia que define os sons das letras. Desse modo, uma letra como o A, em português,

⁵¹ "Nome dado pelos lingüistas norte-americanos à língua tal como é observada no uso de um indivíduo. Podem, pois, aparecer num idioleto traços lingüísticos que divergem da norma e são sistemáticos e centrípetos dentro do discurso individual. Do ponto de vista da correção e da disciplina gramatical esses traços idioletais constituem os erros individuais. Nem sempre eles são exclusivamente individuais, pois as tendências que os criam podem atuar de maior ou menor número de indivíduos." (CÂMARA JR., 1986, p. 141)

⁵² São as variações linguísticas.

⁵³ "Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, pode dividir-se em SUBDIALETOS, quando há divergência apreciável de traços lingüísticos secundários entre zonas desse território [...]

Entretanto, ao conceito lingüístico se acrescenta em regra um conceito extralingüístico de ordem psíquica, social ou política [...] Quando se verificam essas condições extralingüísticas, mas não a coincidência dos traços lingüísticos essenciais, já não se têm dialetos, mas línguas distintas." (CÂMARA JR., 1986, p. 95)

⁵⁴ Esses efeitos gráficos podem ser melhor observados nas fontes de letras dos computadores.

tem muitos sons diferentes, dependendo de como as pessoas pronunciam as palavras. Por exemplo, a letra A tem som de A em *ficamos*; tem o som de E em *fique*mo; tem o som do U em *acharu*; tem o som nasalizado de ã em *cano*; mas pode variar A com ã na primeira sílaba da palavra *banana*. As letras AI têm o som de AI ou de A em *caixa*, mas não na palavra *saída*. Do alfabeto, pegamos apenas o nome das letras e uma unidade abstrata de representação fonográfica na escrita, que será definida exatamente pela ortografia em função da pronúncia que os falantes da língua usam em seus dialetos. Do mesmo modo, diante de uma escrita cursiva, principalmente mal escrita, conseguimos decifrar o que está escrito não porque reconhecemos as letras, mas porque as informações que podemos obter naquele caso nos permitem fazer uma hipótese sobre qual palavra está escrita. Essas hipóteses vêm da identificação das formas gráficas com letras que esperamos encontrar na palavra em função de sua ortografia. Se não fosse a ortografia seria quase impossível ler muitas formas de escrita cursiva.

E é justamente pelo fato de a letra ser uma abstração, regida pela ortografia, que, para a leitura, cada indivíduo pode atualizar oralmente a escrita conforme seu dialeto⁵⁵.

3.3 O Português como sistema de escrita alfabética: intervenções ortográficas

As primeiras tentativas da Língua Portuguesa como língua escrita aparecem no início do século XIII (GONÇALVES, 1992), período em que ocorre, definitivamente, a delimitação do reino português⁵⁶.

Derivada da Língua Latina, o Português, com suas particularidades, buscou suas fontes gráficas justamente no alfabeto latino. Contudo, como salienta Gonçalves (1992, p. 37), nem sempre foi possível conciliar os sons da nova língua com os caracteres latinos:

[...] é ao latim, a única língua com pergaminhos de antiguidade, nobreza e excelência, que os escribas ou os copistas vão procurar soluções gráficas, que se nos apresentam por vezes manifestamente insuficientes ou inadequadas, perante realidades fônicas mais recentes e desconhecidas da língua latina.

⁵⁵ Sobre a questão da relação entre variação linguística e sistema alfabético, salienta Cagliari (2007, p. 116): "A variação linguística histórica levou os sistemas ideográficos ao alfabético, mas a variação sociolingüística puxa os sistemas alfabéticos para se tornarem mais ideográficos. Observando hoje a forma ortográfica do português, por exemplo, notamos que as relações entre letra e som (base de qualquer escrita alfabética) são muito complexas em diversos pontos. Porque quem lê, lê no seu dialeto, e os dialetos vão se diferenciando com o tempo, as formas ortográficas passam a ser lidas de maneiras diferentes e o sistema de escrita vai se tornando cada vez menos alfabético e mais ideográfico."

⁵⁶ Conforme Câmara Jr. (1975, p. 20), "Na segunda metade do séc. XIII, Portugal firmou o seu território definitivo com a conquista do Algarve, aos Mouros, no extremo sul do litoral Atlântico." Para mais informações sobre a formação do reino português, ver a **seção 1** da presente dissertação.

Depreendemos, então, que ocorre, para a escrita da Língua Portuguesa, uma fase de experimentação por parte dos escribas, ao lado, contudo, do amparo na tradição latina. Como afirma Gonçalves (1992, p. 39),

[...] é que o esforço de codificação gráfica da língua portuguesa só chegará com o século XVI e as primeiras descrições gramaticais da nossa língua. Durante o tempo que vai dos primeiros textos conhecidos (século XIII) às primeiras gramáticas, o português escrito estará (como no-lo demonstram os manuscritos), mais ou menos entregue ao livre alvedrio dos escribas e copistas incumbidos de escrever em *linguagem*. Não há que esquecer também que esses indivíduos eram os mesmos que, por ofício, escreviam ou copiavam, em latim, textos de carácter notarial ou outro.

Com a crescente produção de textos escritos em Português, inevitavelmente, foram se consolidando tendências gráficas que, com o tempo, tornaram-se parâmetros para o sistema ortográfico da língua. Cagliari (1994) aponta, dentre os vários empregos:

a) o uso de vogais duplas para indicar a qualidade vocálica de certos segmentos em certos contextos (como em avoo);

b) o uso do til (antigo símbolo de abreviação), usado para indicar a nasalidade de vogais sem a necessidade de indicar uma consoante nasal imediatamente após seu uso (como em quebrâtado);

c) a aversão ao uso de consoantes duplas, com exceção de <ss> e <rr>;

d) o uso do <j> para indicar a fricativa, como em monja, embora continue, por certo tempo, o uso do <j> seguindo <i> ou <u> para facilitar a leitura;

e) não era comum o uso de formas ortográficas que acrescentassem letras "sobrando", como thirar;

f) o uso do <lh> para indicar a lateral palatal: olhos. Formas com <ll> representam apenas a lateral alveolar (não assumindo, assim, o valor da forma espanhola <ll>, como lateral palatal);

g) são comuns as formas de escrita com <nh> para a nasal palatal (Senhor, Rainha);

h) é comum o uso do <ch> (Sancho, chegou) para indicar a fricativa alveolopalatal;

i) os pronomes oblíquos em posição proclítica não se juntavam aos verbos (quando os vyo), em posição enclítica, eram ligados aos verbos (qujsea auer);

j) o uso do <ç> para a fricativa [s], em certas palavras (como em naçiam, çidade);

k) a diminuição do uso de abreviaturas,

l) o uso mais simplificado da escrita, procurando uma correspondência de letras e sons a partir de um valor fonético atribuído às letras do alfabeto. Esta regra vai se mostrando importante, mas não encontra concordância entre os escritores, o que acabará obrigando os gramáticos, a partir do século XVI, a propor regras ortográficas para a língua.

Com o fortalecimento da nação portuguesa, suas conquistas, seu enriquecimento material e cultural, novos valores são atribuídos à língua. A partir do século XVI, com o Renascimento

[...] as línguas modernas (românicas) – e o português entre elas – passam a ser, pela primeira vez, objecto de descrições gramaticais, ou melhor, de moldes normativos, que se aplicam até ao domínio da (orto)grafia. A norma linguística até então conhecida era a do latim, enquanto as línguas vulgares, essencialmente orais, eram consideradas instrumentos relativamente grosseiros, não merecendo qualquer descrição ou atenção por parte da gente culta. (GONÇALVES, 1992, p. 41)

Surgem, então, as primeiras gramáticas e tratados ortográficos, com o intuito de descrever e normalizar linguisticamente e graficamente a Língua Portuguesa:

Gramática da Linguagem Portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira

Gramática da Língua Portuguesa, Seguida de Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem (1540), de João de Barros.

Regras que ensinam a maneira de escrever (1574), de Pero Magalhães de Gândavo

Ortografia da língua portuguesa (1576), de Duarte Nunes de Leão

De modo geral, podemos dizer que esses primeiros documentos regulamentadores preocupavam-se, essencialmente, com duas questões binômicas: latim/vulgar e português/castelhano,

O primeiro – latim/vulgar – estabelecia uma relação de proximidade do vulgar com o latim, ainda que esta proximidade não realçasse apenas as semelhanças. Isso porque, ao exaltarem as semelhanças da língua vernácula com o latim, os intelectuais portugueses queriam, com isso, também explicitar as diferenças entre as duas línguas.

Já o segundo binômio – português/castelhano – caracterizava-se como uma oposição também de cunho político, pois o castelhano era a língua de uma nação forte com a qual Portugal tinha rivalidade tanto na política interna como na política externa (expansionista). Fazia-se necessário, então, anular a oposição entre as duas línguas vulgares, até mesmo como afirmação da

autonomia de Portugal frente a sua rival. Para isso, enfatizar o binômio latim/vulgar tornava-se viável, na medida em que, ao se estreitarem os laços com a língua-mãe, enfraquecia-se, ou neutralizava-se, o confronto português/castelhano. (SOUZA, 2009, p. 33)

Assim, os intelectuais ou tentavam aproximar o Português da Língua Latina (portadora de perfeição e pureza), via recuperação da etimologia (como Duarte Nunes de Leão) ou salientar seus traços vernaculares, baseados na ideia de que seria possível relacionar fielmente grafia e pronúncia/fonética (como Fernão de Oliveira, João de Barros, Gândavo).

Embora, nesse período, o esforço de sistematização fosse muito forte, a prática gráfica, continuava a ser escolha individual. E, conforme Gonçalves (1992, p. 43),

[...] em muitos textos impressos a partir do século XVI, se torna difícil saber se as opções (orto)gráficas neles patenteadas foram fruto dos critérios do gramático ou ortografista ou se, pelo contrário, deverão atribuir-se à mão do impressor ou do revisor que, de acordo com os meios técnicos, a sua formação ou a moda, manipulava a grafia dos textos. Conclui-se, pois, que não é lícito falar-se de uma ortografia mas, sim, de várias ortografias.

Dentre essas ortografias, convém ser destacada a empregada por Camões, na obra fundamental da literatura portuguesa, *Os Lusíadas* (1572). Como assinala Souza (2009, p. 52),

[...] a obra de Camões não veio com uma ortografia chocante para as demais em uso, mas baseia-se, em geral, em usos vigentes. Sua característica principal com relação às demais é a tendência à simplificação da escrita. Trezentos anos depois, após muitas grafias cheias de dígrafos e de 'y', Gonçalves Viana lembra a ortografia de Camões como uma contribuição importante para a Língua Portuguesa ter um sistema ortográfico mais simplificado do que vinha sendo usado na segunda metade do século XIX.

Ao longo do tempo, muitas outras obras importantes, dedicadas ao estudo da Língua Portuguesa foram sendo produzidas, sem, contudo, ser alcançada uma uniformização e fixação de sua ortografia, como, por exemplo:

Methodo grammatical para todas as línguas (1619), de Amaro de Roboredo;

Regras geraes e breves da melhor orthografia (1666), de Bento Pereira;

Orthographia da língua portugueza (1671), de João Franco Barreto;

Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa (1734), de Madureira Feijó,

Gramática Filosófica, de Jerônimo Soares Barbosa (publicada somente em 1822).

De relevante importância são, também, as obras lexicográficas, que, de certa forma, contribuíram para a cristalização de algumas formas gráficas. O primeiro dicionário data de 1562: o *Dictionarium Latinolusitanicum & vice versa Lusitanicolatinum*, de Jerônimo Cardoso. No século XVII, Bento Pereira publica o *Thesouro da lingua portuguesa ou Prosódia* (1647) e, em princípios do século XVIII (1712-1727), D. Rafael Bluteau publica seu *Vocabulario Portuguez e Latino*.

Com essa grande profusão de obras metaortográficas e gramaticais, tem-se, em inícios do século XIX, uma grande imprecisão quanto às formas gráficas, já que cada sistema ortográfico adotado podia ser justificado pela autoridade de alguma obra ou autor. Mas, sob a influência de estudos pioneiros na área da Linguística, sobretudo no campo da dialetologia, novas ideias de reforma ortográfica vão surgindo entre os estudiosos europeus.

Em Portugal, uma comissão formada por renomados filólogos e gramáticos (Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Carolina Michaelis, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Borges Grainha, Gonçalves Guimarães, Júlio Moreira e Ribeiro Vasconcelos) lança as bases para a reforma ortográfica portuguesa, tendo como parâmetro as propostas simplificadoras já estabelecidas em 1904, por Gonçalves Viana, em sua *Ortografia Nacional* (SOUZA, 2009). Apesar de todos os esforços para a simplificação e unificação ortográfica, houve resistência de aceitação por parte de muitos intelectuais. Então, ao longo do tempo, a ortografia portuguesa tornou-se preocupação não só linguística, mas também política, envolvendo todos os países cuja língua oficial é o Português⁵⁷. De fato, a unificação ortográfica ocorrerá com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (de 1990, mas, entrando em vigor somente em 2009)⁵⁸.

3.4 Considerações sobre periodização

Um dos temas caros aos estudiosos da Língua Portuguesa é o da periodização da língua. Como salientam Ilari; Basso (2007, p. 20),

As periodizações ajudam-nos a organizar nossos conhecimentos de como a língua foi mudando ao longo do tempo e têm um caráter de síntese, pois

⁵⁷ Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Timor Leste e São Tomé e Príncipe

⁵⁸ Para um quadro mais detalhado do processo de unificação ortográfica do português, ver Souza (2009).

levam em conta não só as mudanças estruturais (isto é, as mudanças que aconteceram na fonética, na morfologia e na sintaxe), mas ainda as funções sociais que a língua foi assumindo (por exemplo, a capacidade de servir de veículo para novos gêneros, literários ou não) e os graus de standardização pelos quais passou (por exemplo, na ortografia e no modo de apresentação dos textos).

Assim, ao encararmos a história externa da língua (relações entre o Português – cultura – sociedade – política), temos por seus marcos delimitativos os períodos arcaico (de suas origens até o século XVI), clássico (do Renascimento até o século XIX) e moderno (século XX até a atualidade). Já do ponto de vista da escrita, logo, da ortografia, são considerados os períodos fonético, etimológico ou pseudo-etimológico e simplificado⁵⁹.

Para o primeiro período ortográfico, o fonético, compreendido desde o início da escrita em Língua Portuguesa até o século XVIII (conforme Cagliari, 2006), é comum a ideia de que a escrita tentava representar a pronúncia das palavras⁶⁰. Coutinho (1974) elenca como características desse período:

- **para as vogais** (embora representadas como hoje, com algumas particularidades):
 - a) <i> pode ser representado por <y> e <j> (y = hi, mjnas = minhas); se semivogal⁶¹, era substituído por <h> (cabha = cabia);
 - b) formavam hiato, inicialmente, devido à queda de consoante medial (maa < mala), depois, para indicar vogal tônica (ceeo = céo);
 - c) a nasalação das vogais era feita por meio do til (~), dois acentos (´ ´) que, por sua vez, também podia indicar vogal oral, como em Bragáá (Braga), <m> e <n> (que mantinham mesmo valor fonético: omrra, senpre).
- **para as consoantes:**
 - a) , trocado por <v> (influência latina ou espanhola): aber = haver;
 - b) <c>, com valor da fricativa surda [s] antes de <o> e <u> (particon = partiçom, cunucuda = cunuçuda); às vezes cedilhado antes de <e> e <i> (reçebi); usado antes de <z>

⁵⁹ Embora vários estudiosos tenham sugerido delimitações para os períodos da língua, não há coincidência entre as diversas propostas. Ilari; Basso (2007) apresentam, à página 21, um quadro comparativo de algumas das principais propostas de periodização do Português. Nele, fica evidente a falta de correspondência entre datas e denominações. Veja, também, Souza (2009).

⁶⁰ Nos dizeres de Coutinho (1974, p. 71), "Apesar de certa flutuação gráfica que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido."

⁶¹ Possivelmente, o linguísta refere-se à adaptação latina da letra grega <y>. No Grego, essa letra podia ser parte de ditongo (logo, **semivogal**). Assim, não devemos tomar a classificação dada pelo autor em termos fonético-fonológicos.

para indicar o som [ks] (faczo = faço); com ou sem cedilha, assumia valor de [z] (doncela, fecerom); usado antes de <t>, com valor de vogal (directo); usado juntamente com <h>, assumia valor da velar [k] (nuncha = nunca);

c) <f>, de uso dobrado no início ou interior dos vocábulos (ffreima);

d) <g>, antes de <e> e <i>, representa o som velar [g] (aprouge = aprougue); já antes de <a>, <o> e <u>, assumia valor da alveopalatal [ʒ], às vezes acompanhado de <i> (mangar = manjar, agia = aja); para ter o som da velar [g] antes de <a>, era seguido por <u> (Guabriel = Gabriel); como latinismo, com valor [i] no grupo <gn> (regno = reino);

e) <h>, usado em início de palavra devido à etimologia, mas, às vezes, esse princípio era omitido ou não era justificado (hordenar, por exemplo); podia indicar vogal aberta ou monossílabo tônico (he, hi); quando no meio de palavras, para indicar separação de hiato (sahir) ou a semivogal <i> ou a nasal <ĩ>;

f) <j>, podia substituir o <g> (jente = gente); entre vogal, podia ser representado por <i> e <y> (aia = aja, oye = oje);

g) <ll>, utilizado no meio da palavra (por influência latina) ou no fim, para distinguir valor de velar do valor de alveolar; entre vogais, para indicar o som da palatal [ʎ] (vallam = valham), que também podia ser representado por (filia = filha);

h) <m>, quando antecedia consoante, indicava nasalação da vogal precedente, era usado inclusive antes de alveolar ou dental (emsinar, aquemtar);

i) <n>, antecedendo uma consoante, mesmo que labial, indicava nasalação da vogal anterior (linpo, anbos); podia ter valor da palatal nasal [ɲ] (tenio = tenho, vena = venha); quando geminado, assumia também o valor de [ɲ] (por influência espanhola): aranna = aranha;

j) <p>, entre vogal nasal e <n>, não possuía valor fonético (selepne)

k) <q>, antes de <e> e <ẽ>, assumia som [k] (aqela, qẽn); o mesmo som podia ser representado pelo grupo <qu>, quando antecedia <a> e <o> (quada = cada, riquo = rico);

l) <r>, geralmente, ocorria geminado no início e meio de palavras para diferenciar o som fricativo velar [x] do tepe, contudo, na forma simples, também podia representar o som [x] (tera = terra, recorer = recorrer);

m) <s>, podia substituir <c> e <ç> (cima = sima, composisom = composição); podia iniciar palavras sozinho (star = estar, screver = escrever); simples, podia representar o som da

fricativa surda [s] (poso = posso), dobrado, podia representar o som da fricativa sonora [z] (cassado = casado), dobrado, podia ocorrer no início e no meio das palavras (sseo = seu);

n) <v>, substituído por <u>;

o) <x>, representava o som [s] (dixe = disse); em fim de palavra, por influência latina, podia ter valor de [is] (rex = reis),

p) <z>, com valor de [s], podia iniciar palavras ou vir no seu interior (zapateiro = sapateiro, lanzar = lançar).

No período etimológico ou pseudo-etimológico, há a influência e recuperação de grafias latinas e gregas, devido ao movimento renascentista, que redescobriu a cultura clássica. Contudo, nem todas as grafias de palavras empregadas nesse período justificam-se pela etimologia: ao lado dos empréstimos puramente latinos (lúcido, flutuar, trêmulo), o pedantismo fazia com que ocorressem "travestimentos etimológicos"⁶² de palavras vulgares, como também o uso equivocado de muitas grafias, devido a pouco ou nenhum conhecimento das línguas clássicas. Para este período, destaca Coutinho (1974) as seguintes características:

- uso de consoantes geminadas e insonoras;
- uso de grupos consonantais impropriamente chamados gregos (th, ph, rh),
- emprego de letras como <y>, <k> e <w> sempre que ocorressem nas palavras originárias.

Finalmente, o período simplificado, iniciado em inícios do século XX, com as primeiras ideias de reforma ortográfica (especialmente, com a *Ortografia Nacional* – 1904, de Gonçalves Viana), buscou conciliar princípios fonéticos e etimológicos, com o intuito de se chegar a um padrão uniforme da ortografia.

⁶² Nos dizeres de Coutinho (1974).

4 OS SERMÕES

Por serem impressos, os textos dos sermões obedecem a rigores formais e técnicos próprios de cada impressor. Estes rigores revelam, em última análise, o cuidado estético do livro, vinculado à sua perfeita legibilidade. Como bem lembra Araújo (2008, p. 384),

Da tradição manuscritora o livro recolheu, naturalmente com adaptações e ampliações, uma certa injunção estética que atende, em absoluto privilégio, à legibilidade do texto. Trata-se, com efeito, daquela busca de uma disposição harmônica dos elementos graficamente acomodados em qualquer suporte de escrita, cuja distribuição nesse espaço sempre levou em conta o formato da *materia scriptoria*, o equilíbrio entre tal formato e a simetria interna da página, a proporção entre massa de texto e ornamentos, títulos, notas etc., e por fim o inequívoco ordenamento das partes distintas que integram o corpo da obra. Assim, o exame da organização da página impressa não pode prescindir, em grande número de pormenores, do exame dos princípios que orientaram a constituição da página manuscrita, norteadores, em última instância, da própria diagramação do livro tal como se mostra até hoje.

Assim, nesta seção, abordaremos estas questões estéticas, presentes na elaboração gráfica dos dois sermões de Vieira.

4.1 Aspectos tipográficos gerais

O "Sermam da Sexagesima", na edição de 1679, ocupa 43 páginas⁶³. O texto está disposto em colunas. Cada página abriga duas colunas, todas numeradas, totalizando, assim, 86 colunas. A numeração encontra-se no alto das margens externas das colunas.

A página inicial possui disposição gráfica um pouco diferente⁶⁴: no alto, uma iluminura ocupa praticamente toda a largura da página. Abaixo dela, centralizado, em negrito e em maiúsculo, está o título do sermão, em 3 linhas (uma para cada palavra). Logo em seguida, depois de um pequeno espaço e, em itálico e minúsculo, mas também centralizado, encontram-se informações que contextualizam o sermão. Finalmente, após outro espaço, há uma pequena citação latina. Depois de todas estas informações, seguem as colunas.

⁶³ Ao todo, esse volume dispõe de 689 páginas, com 15 sermões.

⁶⁴ Conforme Araújo (2008), a **ornamentação** das páginas de rosto ou das páginas iniciais ou finais de capítulos era prática da tradição manuscrita que passou para a arte gráfica.



Figura 3 – Página de abertura do SS.
Fonte: Vieira (1679, paginação irregular).

Cada parte do discurso de Vieira é marcada por um sinal de parágrafo (§) seguido por um número romano. Ao todo, há 10 partes. A introdução (ou § 1) é marcada por uma letra maiúscula iluminada. Dentro de cada parte, há parágrafos, marcados por pequenos espaços entre a margem da coluna e o início da escrita.

Ao final de cada página, há o **reclamo**, isto é, a indicação da sílaba ou da próxima palavra que encadeia o discurso. Também ocorre, em algumas páginas, a **assinatura tipográfica** (letras maiúsculas, em ordem alfabética, seguidas por minúsculas, usadas para

assinalar a sequência dos cadernos, facilitando o trabalho do encadernador: A, Aij, Aiiij, B, Bij, Biiij, etc.). No texto, essas marcas chegam até Fij⁶⁵.

Na página final do sermão, após o término do texto (um pouco antes da metade da página), encontra-se uma iluminura de anjos e as iniciais IHS. É importante também ser ressaltado que o título do sermão é tomado por cabeçalho: a partir da página que contém as colunas 3 e 4, tem-se, em maiúsculo, a escrita **Sermam**, e, na seguinte, **da Sexagesima.**, e, assim, sucessivamente.

⁶⁵ Na realidade, essas marcas são também formas de numeração. Como explica Acioli (1994), a numeração romana assumiu certas particularidades ao ser usada em Portugal (daí, caracterizar o sistema de numeração de romano-lusitano). Uma das principais características foi atribuir valores também às letras minúsculas, por exemplo: i = I = 1, x = X = 10, c = C = 100. Cada letra podia ser repetida até quatro vezes, e, quando a letra <i> era repetida, a última tornava-se <j>.



Figura 4 – Página final do SS.
Fonte: Vieira (1679, paginação irregular).

No interior do texto, Vieira emprega citações latinas para legitimar suas palavras. Quando as passagens são empregadas, há uma diferenciação gráfica que as distingue das demais: ocorrem em itálico. Em algumas páginas, nas margens externas das colunas, são indicadas, em itálico, com letras um pouco menores e de forma abreviada, as passagens bíblicas que embasam as citações, no corpo do texto, ou também nomes citados de santos, pessoas importantes ou mesmo trechos latinos.

O segundo sermão, apesar de ser impresso em data diferente e também por outro impressor, apresenta poucas diferenças.

O texto abrange 26 páginas das 533 que compõem o volume⁶⁶. Na página inicial, como no sermão anterior, há uma iluminura no topo da página, centralizado. Abaixo, segue o título do sermão, em letras maiúsculas, disposto em 3 linhas. Outras informações do texto seguem também centralizadas, mas não em itálico. Logo a seguir, há uma linha contínua separando esse cabeçalho do sermão e uma longa citação (de 3 linhas) em Latim, escrita em itálico e em minúsculo. Então, o texto inicia-se também em duas colunas, tendo as partes que o compõem separadas por <§> e o número correspondente (no total, o sermão divide-se em 7 partes). A primeira letra do texto é ornamentada.

⁶⁶ Volume também formado por 15 sermões.



Figura 5 – Página de abertura do SRSI.

Fonte: Vieira (1682, p. 1)

Neste sermão, as colunas não recebem numeração, mas sim as páginas: os números encontram-se no canto superior de cada página. Recebem numeração, também, os parágrafos que compõem as partes do texto (em um total de 30 parágrafos).

Também na parte superior das páginas, o título do sermão é tomado por cabeçalho, a partir da página 2, sendo escrito **Sermão da** em uma página e **Rainha Santa Isabel.**, na outra, de modo sucessivo.

Ao final de cada página, há o reclamo. Também é inserida a assinatura, chegando até à letra D.

As citações latinas existentes também são escritas em itálico e, nas margens de algumas páginas, encontram-se as passagens bíblicas que embasam as citações, no corpo do texto, ou nomes citados de santos ou pessoas importantes.

Na página final⁶⁷, como o texto acaba um pouco abaixo de sua metade, há uma outra iluminura, de uma flor ramificada.

⁶⁷ Na parte inferior, como já dito, há a indicação da palavra que ocupa o início da página seguinte. Como esta é a página final, é indicada a primeira sílaba do título do sermão seguinte (no caso, SER-, de SERMAM). Contudo, as letras encontram-se invertidas: SRE- (possível erro tipográfico).

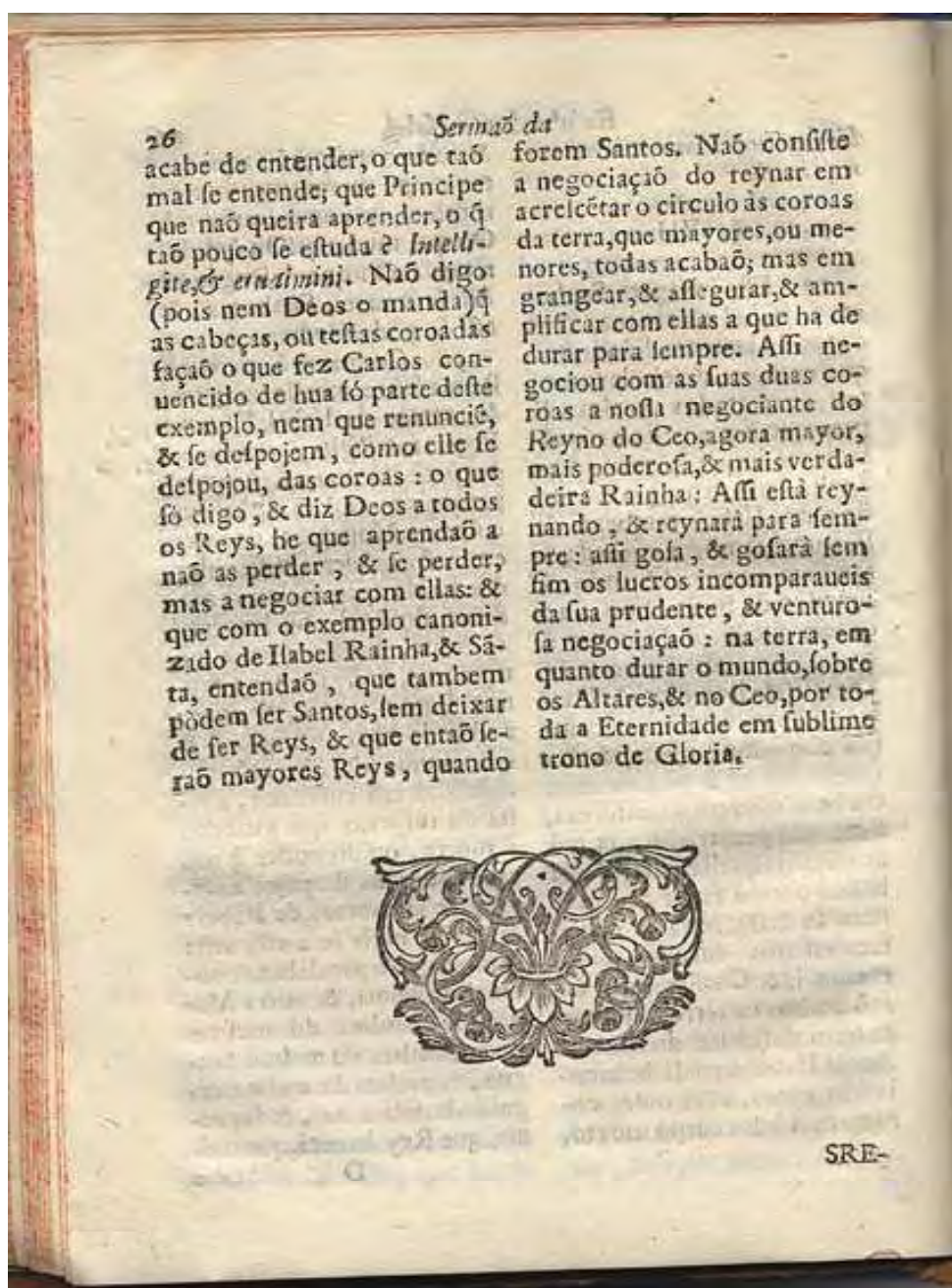


Figura 6 – Página final do SRSI.
Fonte: Vieira (1682, p. 26)

Em ambos os textos, são empregados números: os que separam as partes dos sermões são romanos; os demais, que indicam o número de colunas, páginas ou de parágrafos, bem como as passagens bíblicas (nas margens), são decimais.

4.2 A escrita

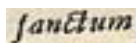
A escrita dos sermões é assentada⁶⁸ e do tipo romana. Nas citações latinas, nas indicações feitas nas margens e nos trechos que contêm informações sobre o sermão (nas páginas iniciais, abaixo do título), é também utilizado o itálico. No título dos sermões, nos nomes próprios e no início de frases, empregam-se letras maiúsculas. No restante, predomina o uso de letras minúsculas.

As letras maiúsculas utilizadas são: A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z.

As letras minúsculas utilizadas são: a b c ç d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z y.

Na escrita de algumas palavras em Latim, ocorre a ligação de duas letras por um sinal específico – a ligadura⁶⁹:

- <ct>, sempre no interior da palavra (exemplos: SRSI C44, l747; SRSI C46, l762; SRSI C7, l105; SRSI C26, l423; SS C15, l224; SS C81, l1328; SRSI C49, l825; SS C62, l999; SS C 84, l1360)



(SRSI C49, l825)

- <st>, em final de palavra ou no interior dela (exemplos: SS C8, l112; SS C64, l1025; SS C61, l992; SRSI C38, l637; SS C6, l56; SS C29, l461; SS C21, l319)

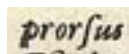


(SS C21, l319)



(SRSI C38, l637)

- **vogal + <s>**, no final de palavra (exemplos: SS C29, l461; SRSI C39, l662; SRSI C37, l633; SRSI C37, l619; SRSI C35, l590; SRSI C30, l494; SRSI C33, l579; SS C39, l643; SS C63, l1011)



(SRSI C35, l590)

⁶⁸ As letras são traçadas isoladamente, bem legíveis.

⁶⁹ Conforme Araújo (2008), as ligaduras eram obtidas pela fundição de duas letras reunidas por ligamento numa mesma matriz, com o intuito de se imitar a escrita manuscrita. Tal prática era muito comum no século XV e inícios do XVI, principalmente nas abreviaturas.

Ocorrem estilizações gráficas, também, nos seguintes casos:

- no início de algumas palavras, a letra <s> é impressa da seguinte forma:



(SS C59, 1952)

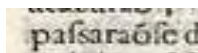
- o grupo vocálico <ae> é grafado unido (exemplos: SS C6, 157; SRSI C35, 1585)
- a conjunção **e** (*et*) é representada por



(SS C6, 156; SRSI C44, 1747)

Em relação à escrita portuguesa, cabem, somente, as seguintes observações quanto a estilizações gráficas:

- é frequente, para a representação do som fricativo [s], o uso das formas gráficas <s> e <ʃ>⁷⁰. Contudo, a forma <ʃ> não ocorre em fim de palavra. E, no caso da palavra abaixo, o redobro da consoante <s> é feita por meio do emprego das duas grafias possíveis:



(SS C74, 11182)

- a letra <e>, nas funções de preposição e conjunção, nos sermões, é grafada por meio da nota tironiana **&**. Somente nos casos de início de frase é empregado <E> maiúsculo.

4.3 As Erratas

⁷⁰ Para a escrita manuscrita, Megale et al. (2007) denominam de "alógrafos" os traçados diferentes, conforme o contexto da palavra, para uma mesma letra.

Padre Vieira, ao compor o primeiro volume de sermões, apresenta, logo no início do livro, uma lista contendo as erratas.

A maioria das palavras a ser corrigida é em decorrência da troca de uma palavra por outra⁷¹, cujo significado altera o sentido global do enunciado.

São pertinentes ao SS apenas as duas primeiras palavras listadas e elas, por sua vez, não interferem em nada nas análises feitas na seção subsequente.

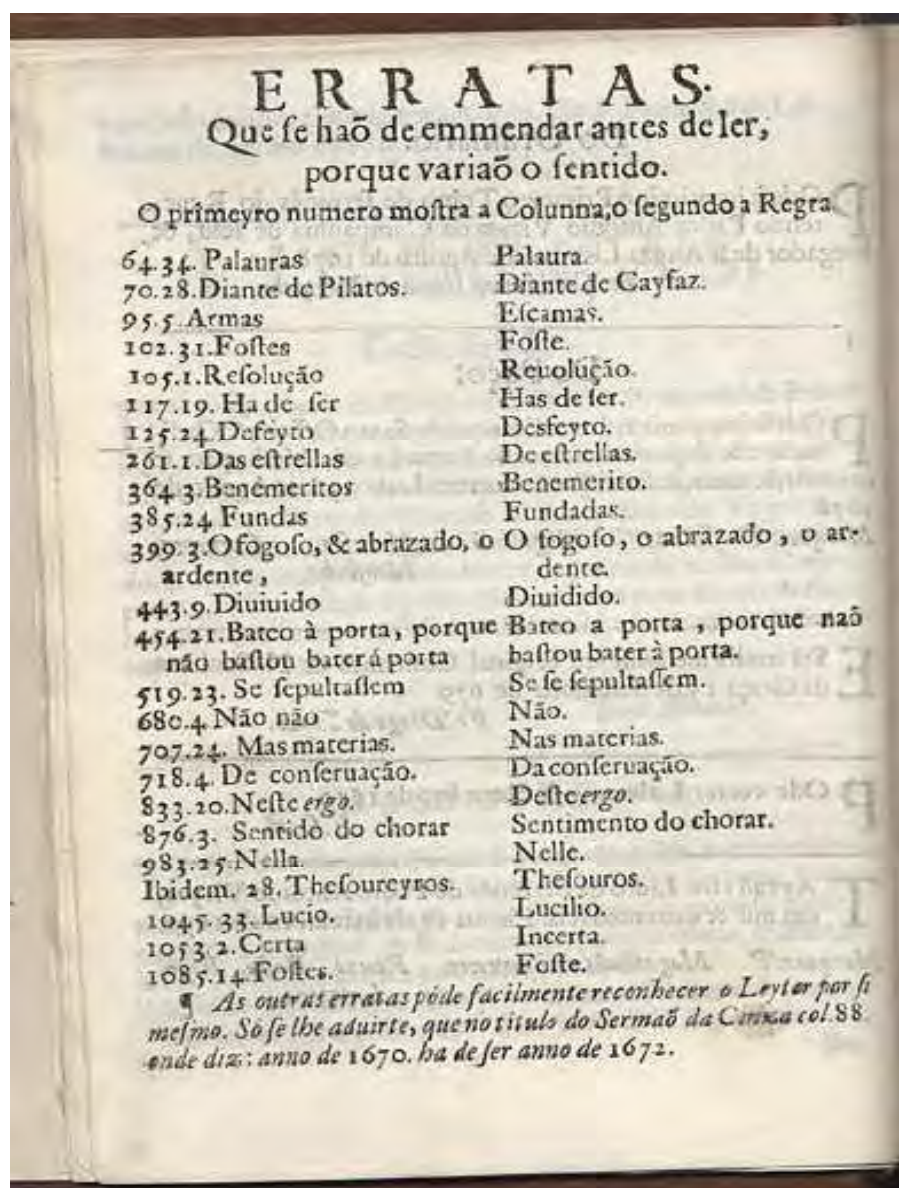


Figura 7 – Página das Erratas, do volume onde está contido o SS.
Fonte: Vieira (1679, paginação irregular).

⁷¹ Conforme Araújo (2008), esse tipo de erro é denominado **gato**.

5 ANÁLISE DA ORTOGRAFIA DOS SERMÕES

Sendo uma forma da escrita fonográfica, o alfabeto, a princípio, sob a influência da acrofonia⁷², tentou facilitar a escrita das palavras mediante a transposição dos sons pelas letras correspondentes. Para isso, foram criados caracteres – as letras – para sua representação.

A Língua Portuguesa, herdeira da Língua Latina, adotou o alfabeto latino como sistema de escrita, porém, introduzindo nele algumas modificações para a representação de seus sons.

De modo geral, o alfabeto latino compunha-se por 23 letras: Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Kk Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Vu Xx Yy Zz. Ao ser empregado no Português, o <h> adquiriu valor fonético ao combinar-se, em sílabas, com <c> (ch = [ʃ]), <n> (nh = [ɲ]) e <l> (lh = [ʎ]); foram criadas as letras <j> e <v> para representarem os valores consonantais de <i> e <u>, foi criado o til (~) e o <ç>.

De grande importância, também, para a escrita, são os diacríticos, elementos que modificam o segmento no qual atuam.

5.1 Acentos e sinais de pontuação

Utilizados conjuntamente com as vogais, podem indicar a qualidade vocálica (vogal aberta ou fechada) como também a tonicidade silábica, adquirindo, assim, funções distintivas morfofonológicas e prosódicas. Os primeiros ortógrafos já percebiam tais atribuições dos acentos. Contudo, não havia, entre eles, uniformização rigorosa quanto ao emprego dos acentos⁷³. Franco Barreto (1671, p. 201-202) diz que esta matéria

[...] he das mays dificeys da ortografia, como sentem todos os que della escrevem & assi poucos a tẽ acertado: màs he tã importante, que uma das principaes causas, porque a pronunciaça da lingua se faça eterna, & mays facilmente se conserve inviolada entre as barbaras nações são os acentos [...]

⁷² Princípio que estabelece a relação direta entre som e o nome da letra.

⁷³ Inclusive, na escrita das próprias ortografias encontramos muitas flutuações.

De um modo geral, para os primeiros ortógrafos, o acento agudo sinaliza a qualidade vocálica aberta (que, segundo eles, era um som mais "agudo" ou "levantado") e o acento grave indica a qualidade vocálica fechada (som "grave" ou "baixo").

Além da qualidade vocálica, os ortógrafos destacam a marcação tônica (geralmente o acento agudo para as sílabas fortes e o grave para as fracas) e distinção das palavras propiciadas pelos acentos. Pereira (1666, p. 61-62) diz que os acentos, em Língua Portuguesa, devem ser usados

[...] nas palavras, que sendo diversas se escrevem com as mesmas letras, para com elles significarmos haver diversidade: v. g. escreveremos com accentto agudo na penultima, a pessoa de preterito plusquam perfeyto: *amára, léra, ouvíra*, & quando for futuro, lho poremos na ultima: *amará, lerá, ouvirá*. O mesmo usaremos nos nomes onde for necessario distinguir, como nesta palavra, *cór*, por vontade, qual notaremos com accentto agudo, para distingam de *cor*, id est, *colore*. Assim mesmo no verbo, *fazer*, quãdo usarmos da terceyra pessoa do preterito, fez, distinguindo-o do nome, *féz*, por borra.

5.1.1 Acento agudo (´)

Nos sermões, o acento agudo ocorre sobre as vogais <a>, <e> e <o>.

<á>

a) em nomes, ocorre somente no adjetivo **má** (SS C22, l335) e no substantivo próprio **Judá** (SRSI C13, l210).

b) em **formas verbais**, indicando tonicidade silábica, ocorre:

- na última sílaba, indicando a 3a pessoa, singular, do Presente do Indicativo dos verbos **dar** e **estar** (no total de 26 ocorrências, nos dois sermões)

"Oh que grandes esperanças me **dá** esta sementeyra! oh que grãde exêplo me **dá** este sementeador!" (SS C12, l153; SS C12, l155)

"Que bem leuantado **está** aquillo! Não **está** a cousa no leuantar: **está** no cahir: *Cecidit*." (SS C38, 1602; SS C38, 1603; SS C38, 1604)

"A todos **dá** Deos o cabedal, a todos offerece a vêtura, & a todos pede a diligência." (SRSI C4, 135)

"Mas ainda não **está** ponderado o fino da maravilha." (SRSI C43, 1740)

- na última sílaba, indicando a 3ª pessoa, singular, do Futuro do Indicativo (28 ocorrências no SS e 10 no SRSI)

"(...) esta quarta, & vltima parte, este vltimo quartel da vida, porque se **perderá** tambem? porque não **dará** fructo? porque não teraõ tambem os annos o que tem o anno?" (SS C12, 1178; SS C12, 1179)

"Examine Pilatos diligentemente a causa, & **achará**, q̃ não he totalmente falsa a accuzação." (SRSI C34, 1573)

- na penúltima sílaba, para indicar a 3ª pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo (assim, indicando a tonicidade silábica que diferencia este tempo do tempo Futuro, cuja sílaba tônica é a última), somente no SRSI.

"E Santa Isabel em particular foi nascida, & criada nos braços delRey Dom Jayme de Aragão, por sobrenome o Conquistador: o qual & seu filho ElRey Dom Pedro pay de Isabel, forão os que **conquistarão**, em Hespanha o Reyno de Valença, em Italia o Reyno de Sicilia, no Mediterraneo as Ilhas de Evisa, & Malhorca. E não **paráraõ** aqui os despojos." (SRSI C8, 1108, 112, 113)

"Finalmente desde o principio do mûdo até Christo, em que **passáraõ** quando menos quatro mil annos, em todos os Reynos, & todas as naçoens não achareis Rainha Santa mais que unicamente Esther." (SRSI C14, 1200)

Em apenas um caso, o uso do acento, nesta posição, serve para indicar a 1ª pessoa, plural, do Pretérito Perfeito:

"Fomos á guerra, & della **escapámos** desta maneira." (SRSI C36, l606)

Uma hipótese sobre esta ocorrência é a de indicação de abertura vocálica, pois, para esta forma verbal, não há necessidade de qualquer marca que auxilie na distinção do tempo verbal. Prova disso é que nenhuma outra forma verbal com as mesmas flexões recebe qualquer acento.

- na penúltima sílaba, sendo único caso, no SRSI, para indicar a 3ª pessoa, singular, do Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo (diferenciando-se, assim, da 3ª pessoa, singular do Futuro, com tonicidade na última sílaba).

"Se Isabel renunciàra a Coroa, & **deyxára** de ser Rainha, então disseramos justamente, ã com a coroa da terra comprou, & negociou a coroa do Ceo [...]" (SRSI C16, l247-248)

Se compararmos os dois primeiros verbos, observamos que ambos possuem as mesmas flexões. Contudo, o primeiro verbo apresenta o <a> com acento grave. Podemos, então, supor que, na escrita do segundo verbo, ocorreu uma falha gráfica, por isso, temos o uso de <á>.

- na penúltima sílaba do verbo **parar**, indica a 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo (diferenciando-se, assim, da preposição *para*)

"O que sahe só da bocca, **pára** nos ouuidos: o que nace do juizo penetra, & conuence o entendimento." (SS C56, l901)

"**Pára** o Rio Jordaõ á vista da Arca do Testamento (cabeça tambem coroada: *Faciesque supra coronam aureum per circuitum*) [...]" (SRSI C38, l631)

b) <á> isolado, desempenha a função de crase (12 ocorrências no SS e 7 no SRSI):

"Os ã sahem a semear, são os que vão pregar á India, á China, ao Iapaõ [...]" (SS C3, 141, 42)

"Fecharão os ouvidos á verdade, & abriloshão ás fabulas." (SS C73, 11192; SS C73, 1193)

"Que Deos visto refree a corrente dos rios, isso he ser Deos: mas que á presença de Isabel lhe façaõ os rios a mesma reverencia: vede se he ser Rainha mais ã Rainha?" (SRSI C40, 1678)

"[...] mandou que todos os animaes viessem á presença do mesmo Adaõ, para que elle lhe puzesse os nomes (...)" (SRSI C45, 1788)

Sobre o fenômeno da crase, Leão (1576) afirma que é decorrente da junção de artigo e preposição. Assim,

[...] quando dizemos ao, a, he preposição. & o, he articulo. E quando dizemos aa, da mesma maneira o primeiro, a, he preposição, & o segundo articulo feminino. Donde se segue, ã necessariamente, quando a preposição se ajunta ao articulo feminino, que he no caso dativo, screueremos per dous, aa. (LEÃO, 1576, p. 63v)

Para o ortógrafo, então, a crase deve ser assinalada pela escrita <aa>. Contudo, ele não diz nada sobre a duração do som vocálico.

Franco Barreto (1671) também acredita que, no caso dativo, ocorre a junção de "a" artigo com "a" preposição, porém, discordando de Leão, sugere a escrita de <à>:

De maneyra que quando dizemos ao a, he preposiçã o articulo, & quando dizemos à incluimos ali pola sinalefa, a preposiçã cõ o articulo feminino; & nã he necessário, que quando a preposiçã se ajunta ao articulo feminino, que he no caso dativo, escrevamos por dous aa, como quer o Licenciado Duarte Nunes, & seus sequazes. (BARRETO, 1671, p. 63)

Contudo, em outra passagem de sua obra, ele se contradiz quanto ao emprego do acento:

Quando se põem por relativo, antes, ou despoys do verbo, como à amo, ou amo a, se asinalará cõ acento grave, como nòs exemplos se vê, porque entã tẽ a pronunciaçã breve, & remissa. Quando he preposiçã, se asinalará cõ acento agudo, porque entã he longo: & o mesmo se faz quando essa preposiçã se ajunta cõ o articulo: & debayxo desta única figura á se incluem

ambos per sincopa, & nã se escreverá dous aa, como o Licenciado Duarte Nunez, & seus sequazes dizem, ainda que Álvaro Ferreyra de Vera diz que também póde ser como nós dizemos. Quando he articulo, nã há mister acento grave, nẽ agudo. (BARRETO, 1671, p. 72)

Aqui, o ortógrafo diz que a crase deve ser indicada pelo acento agudo porque a pronúncia é longa. De qualquer modo, o comentário – principalmente quando faz referência à opinião de Álvaro Ferreira de Vera, que considera a representação <aa> pertinente, já que “também póde ser como nós dizemos” – nos leva a supor que <à> possuía uma duração mais longa.

c) casos especiais:

- nos diversos usos de **brado** (17 ocorrências no SS), ocorre oscilação entre o emprego do acento agudo sobre a letra <a> na sua primeira sílaba e sua ausência:

brádando (SS C59, 1968-969)

brádos (SS C60, 1944)

brádar (SS C60, 1958)

brádauão (SS C61, 1996)

bradará (SS C63, 1101)

bradem (SS C62, 1976)

Conforme os exemplos, temos que, em brádando, brádar e brádauão, o acento gráfico não coincide com a sílaba tônica das palavras, mas recai em sílabas pré-tônicas. Porém, em bradará, nenhuma de suas sílabas pré-tônicas recebe o acento gráfico.

Em brádos, a acentuação gráfica recai na sílaba tônica da palavra. Em contrapartida, em bradem não ocorre a acentuação gráfica da sílaba tônica.

De acordo com as ocorrências, podemos concluir que o uso do acento indica, possivelmente, a qualidade aberta da vogal, pois somente em um caso (brádos) há coincidência entre a tonicidade silábica e o emprego do acento gráfico. Como a ausência da acentuação gráfica ocorre somente em duas palavras (de todas as derivadas empregadas no sermão), podemos supor, também, que, no caso de **bradem**, houve falha no momento da impressão da palavra e, em **bradará**, a acentuação da sílaba inicial átona foi desprezada em

favor da acentuação da última sílaba, tônica, indicadora do Futuro do Indicativo (não podendo, assim, uma palavra conter mais de um acento gráfico).

- quando, no SS, o verbo **tomar** é empregado na 3ª pessoa, plural, do Futuro do Indicativo

"Deyta te dahi abaxo, porque promettido está nas sagradas Escritturas, que os Anjos te **tomaráõ** nos braços, para ã te não faças mal." (SS C66, l1072)

a desinência modo-temporal -ão recebe, além do til, o acento agudo sobre o <a>. Possivelmente tal uso do acento seja para salientar a sílaba tônica, justamente para não gerar confusão com o Pretérito Perfeito. O mesmo ocorre com os verbos **fechar** e **sofrer**:

"Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não **sofreráõ** a doutrina sam [...]" (SS C73, l1179)

"**Fecharáõ** os ouuidos á verdae, & abriloshão ás fabulas." (SS C73, l1191-1192)

Em síntese, o emprego do acento agudo sobre a vogal <a> pode indicar:

1. acento da sílaba tônica ou monossílabo acentuado (má, Judá, dá),
2. qualidade vocálica (brádos, escapámos),
3. duração (casos de crase).

Cabe destacarmos também que, ao ser empregada em formas verbais, a letra acentuada, além de indicar o acento, indica o tempo verbal empregado.

<é>

Ocorrendo em sílabas finais, somente nas seguintes palavras, seu uso, semelhante ao atual, serve para indicar uma combinação entre tonicidade silábica e qualidade vocálica do segmento:

até (10 ocorrências no SS: C26, l386 e 1 no SRSI: C14, l199)

fé (4 ocorrências no SS: C4, l34; C15, l246; C19, l294; C68, l1091)

André (3 ocorrências no SS: C57, l923; C57, l924; C57, l25-26)

porém (única ocorrência no SRSI C19, l327)

Moisés (4 ocorrências no SRSI: C42, l693; C42, l700; C42, l705; C42, l712)

Contudo, merecem destaque:

a) a escrita das palavras com radical **prég-** (183 ocorrências no SS). Em pouquíssimos casos, ocorre a ausência do acento agudo sobre a letra <e> (2 ocorrências no SS e 3 no SRSI).

prégação (SS C81, l1335; SS C81, l336)

Prégador (SS C2, l10; SS C2, l17)

prégar (SS C3, l45; SS C37, l589)

prégão (SS C65, l1062; SS C65, l1064)

pregar (SS C3, l41)

pregado (SRSI l4)

pregão (SRSI C3, l20; SRSI C3, l21)

pregarão (SS C32, l501)

Podemos supor que tal uso indique a qualidade aberta da vogal, já que a sílaba onde ocorre o acento não coincide, na maioria dos casos, com a tônica da palavra. Contudo, em outros casos (como, por exemplo, em **pregão**), o acento serve, também, para sinalizar a 3ª pessoa, plural, do Presente do Indicativo.

b) as palavras aparentadas **condénauaõ** (SS C34, l534), flexionada na 3ª pessoa, plural do Pretérito Imperfeito do Indicativo e **condennaõ** (SS C42, l676), flexionada na 3ª pessoa, plural do Presente do Indicativo.

No primeiro caso, ocorre o acento agudo sobre a letra <e>, embora não pertencendo à sílaba tônica. Em **condennaõ**, embora pertencendo à sílaba tônica, a letra <e> não recebe o acento. Tal flutuação nos permite deduzir que o uso do acento na primeira palavra serve para indicar a qualidade vocálica aberta da vogal <e>, dispensada na segunda palavra devido à tonicidade da sílaba onde se encontra a mesma vogal ou equívoco do impressor.

a) indicando a tonicidade da palavra e/ou a abertura da vogal, ocorre somente nestas formas não verbais:

só (46 ocorrências no SS e 25 no SRSI: SS C45, l736; SS C64, l1037; SRSI C32, l538; SRSI C39, l674)

sómente (1 ocorrência no SS: C9, l132 e também 1 no SRSI: C9, l146-147)

vós (pronome pessoal reto, 5 ocorrências no SS: SS C17, l265; SS C17, l266, mas, no mesmo sermão, 5 ocorrências não recebem o acento: SS C9, l148; SS C9, l50)

fóra (com valor de advérbio, apenas em duas ocorrências: SS C19, l465; SS C63, l1015, em oposição a seis casos sem a acentuação: SS C61, l996; SRSI C29, l499; SRSI C29, l509)

nós, pronome pessoal reto (12 ocorrências no SS: SS C47, l758; SS C52, l840). Embora haja casos em que a forma **nos** tenha o mesmo valor (4 ocorrências no SS e 1 no SRSI: SRSI C29, l486; SS C32, l486; SS C45, l715; SS C80, l1282)

nó, substantivo (única ocorrência: SS C55, l885)

pó (apenas duas ocorrências: SS C76, l1211; SRSI C42, l708)

fórma, substantivo (única ocorrência: SRSI C16, l241)

Faraó (4 ocorrências no SRSI: C41, l696; C41, l698-699; C41, l700)

b) no verbo **poder**

- na penúltima sílaba, indica a 3a pessoa, singular, do Presente do Indicativo: **póde** (SS C17, l273; SS C18, l260). Foram encontradas 13 ocorrências acentuadas e apenas 1 ocorrência sem o acento (SS C18, l263), todas no SS. No SRSI, para a expressão desta flexão verbal, é usado o acento grave sobre a letra <o>. A ausência de acento, neste sermão, indica o Pretérito Perfeito (SRSI C47, l807; SRSI C48, l809).
- indicando a 3a pessoa, plural, do Presente do Indicativo: **pódem** (apenas 2 ocorrências acentuadas: SS C61, l982; SRSI C41, l719) e 12 ocorrências sem o acento. Essa flutuação permite deduzir que, neste caso, o uso ou ausência do acento gráfico não prejudica a atribuição de significado da palavra, uma vez que ela não permite ambiguidade, diferentemente de póde/pode (cuja qualidade vocálica assinala um tempo verbal específico).

5.1.2 Acento Grave (`)

Ocorre sobre as vogais <a>, <e>, <i>, <o> e <u>. Praticamente, desempenha as mesmas funções que o acento agudo (indicador de tonicidade e/ou qualidade vocálica).

<à>

a) em formas verbais, pode indicar:

- na penúltima sílaba, a 3a pessoa do plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo, para distinção das formas de 3a pessoa, plural, do Futuro (21 ocorrências no SS e 2 no SRSI).

"Houue Missionarios affogados; porque hũs se **affogàraõ** na bocca do grande Rio das Amazonas: houue Missionarios comidos; porque a outros **comèraõ** os barbaros na Ilha dos Aroãs: houue Missionarios mirrados; porque taes **tornàraõ** os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome, & da doença [...]" (SS C9, l118; SS C9, l122; SS C9, l125-126)

"A primeyra perdeose, porque a **affogàraõ** os espinhos: a segunda, porq̃ a **seccàraõ** as pedras: a terceyra, porq̃ a **pizàraõ** os homens, & a **comèraõ** as aues." (SS C19, l303; SS C19, l305; SS C19, l306; SS C9, l307)

"O Rio era o Jordaõ, composto de dous regatos, hum o *Jor*, outro o *Dan*, que para terem cabedal com que ir morrer no mar morto, se **ajuntàraõ**, & fizeraõ cõpanhia hum com outro." (SRSI C39, l656)

"Aquelle soberbissimo Tejo, primeyro domador do mesmo Oceano, a quem **pagàraõ** parias em perolas o Indo, & o Ganges [...]" (SRSI C40, l650)

- na penúltima sílaba, as 1a (3 ocorrências no SS) e 3a (3 ocorrências no SRSI e 8 no SS) pessoas, singular, do Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo, para diferenciar as

mesmas pessoas do singular do Futuro (normalmente, para a representação deste último tempo, ocorre o uso de acento gráfico na sílaba final da palavra).

"Diz Christo, que a palaura de Deos fruttifica cêto por hũ: & já eu me **cõtentàra**, com que fruttificasse hum por cento." (SS C15, l239-240)

"Eu ao menos o **tomàra** para os nomes propios [...]" (SS C43, l692)

"Se eu **contentàra** aos homens, não seria seruo de Deos." (SS C84, l1356)

"Menos Santa fora Isabel, se a sua santidade não **assentàra** sobre mulher, & coroa." (SRSI C15, l262)

"Se Isabel **renunciàra** a Coroa, & **deyxàra** de ser Rainha, então disseramos justamente, ã com a coroa da terra comprou, & negociou a coroa do Ceo [...]" (SRSI C16, l247; SRSI C16, l247-248).

- na sílaba final, a 3a pessoa, singular, do Futuro do Indicativo (apenas 2 ocorrências no SRSI)

"Assi està reynando, & **reynarà** para sempre: assi gosa, & **gosarà** sem fim os lucros incomparaueis da sua prudente, & venturosa negociação [...]" (SRSI C52, l873; SRSI C52, l874)

- na última sílaba, usado nos verbos **estar** (4 ocorrências) e **dar** (uma única ocorrência), somente do SRSI (em oposição ao maior uso do <a> com acento agudo), para indicar a 3a pessoa, singular do Presente do Indicativo.

"Eisaqui como **està** a nossa Rainha Santa no Ceo, vestida, & adornada com duas galas [...]" (SRSI C29, l502)

"Pois porque lhe não **dà** Deos titulo de Rey, senão de Deos?" (SRSI C42, l701)

- em apenas um caso, no verbo **parar**, o acento na penúltima sílaba indica a 2a pessoa, singular, do Presente do Indicativo:

"Rio, que **pàras**, mar, que foges, que he o que viste?" (SRSI C38, l639)

b) <à>, quando empregado isolado, indica a crase (4 ocorrências no SS e 17 no SRSI).

"[...] porque os ouuintes vem **à** prégação, como **à** comedia; & ha préadores, **q̃** vem ao pulpito, como comediantes." (SS C73, l1205)

"Mas notay **q̃** não só diz, que se deraõ **à** mulher duas azas de Aguia, senaõ duas azas de Aguia grande [...]" (SRSI C27, l453)

c) a palavra **tomàra** é empregada apenas duas vezes, mas cada uma delas com sentidos diferentes:

- como interjeição

"**Tomàra** ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, & verieys senão achaueys nellas muytos desenganos da vida [...]" (SS C74, l1187)

- como a 1ª pessoa, singular do verbo tomar, do Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo

"Eu ao menos o **tomàra** para os nomes proprios; porque os cultos tem desbaptizados os Santos, & cada Author que allegaõ he hum enigma." (SS C43, l692)

Nestes casos, a apreensão do sentido das palavras depende exclusivamente do contexto discursivo no qual se inserem, pois, graficamente, nada diferencia as duas palavras. Na verdade, podemos dizer que o uso do acento indica a tonicidade silábica.

d) alguns advérbios monossilábicos recebem acentuação. Contudo, apresentam uma pequena flutuação. Por isso, podemos deduzir que a tendência era o uso preferencial do acento agudo e os casos de flutuação podem ser fruto de erro do tipógrafo.

jà/Ià (3 ocorrências: SRSI C26, l411; SRSI C50, l851; SRSI C19, l300)

já/Iá (19 ocorrências no SS e 3 no SRSI: SS C33, l521; SS C33, l522; SS C33, l523; SS C33, l525; SRSI C7, l109; SRSI C41, l701)

là (1 ocorrência: SRSI C40, l666)

lá (3 ocorrências no SS e 5 no SRSI: SS C8, l100; SRSI C40, l667; SRSI C40, l669; SRSI C40, l671)

cà (1 ocorrência: SRSI C40, l668)

cá (2 ocorrências no SS e 4 no SRSI: SS C4, l22; SRSI C40, l665; SRSI C40, l666; SRSI C40, l670).

<è>⁷⁴

Nas palavras onde ocorre, recai justamente na sílaba tônica:

porèm (3 ocorrências no SS e 6 no SRSI: SS C4, l30; SS C42, l669; SRSI C41, l691; SRSI C44, l748. Em apenas um caso é utilizado o acento agudo: SRSI C19, l327)

atè (4 ocorrências: SRSI C4, l27; SRSI C16, l33; SRSI C26, l431; SRSI C50, l836),

alèm (única ocorrência: SRSI C13, l225)

Bersabè (1 ocorrência no SRSI C15, l247),

pè/pès (8 ocorrências no SRSI: SRSI C18, l266; SRSI C36, l611; SRSI C40, l668),

galè (única ocorrência no SRSI C37, l646),

Pègo (única ocorrência no SRSI C39, l673)

b) em formas verbais, indica:

- na penúltima sílaba, a 3a pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo (16 ocorrências no SS e 2 no SRSI)

⁷⁴ De modo geral, todos os ortógrafos consultados afirmam que o **acento agudo** indica **vogal aberta** e o **acento grave** indica **vogal fechada**. Chegam, inclusive, a confundir duração com tonicidade silábica, quando dizem que o acento agudo indica sílaba longa (na verdade, tônica) e que o grave indica sílaba breve (na verdade, átona). Exploram exaustivamente, em suas explicações, somente o uso do acento agudo. Feijó (1734), inclusive, diz que, em Língua Portuguesa, o uso do acento grave é dispensado. Assim, pelos comentários contidos nas ortografias, é difícil garantirmos que <è> corresponde, indubitavelmente, ao som [ɛ].

"Tudo o que aqui padeceo o trigo, **padecèraõ** lá os semeadores." (SS C8, 199)

"Do trigo, que deytou á terra o semeador, hũa parte se logrou, & tres se **perdèrão**." (SS C19, 1300)

"No texto do Evangelho, que propuz, temos a parábola de hum negociante, em quem **concorrèraõ** todas aquellas tres qualidades, ou boas partes, que poucas vezes se concordaõ: cabedal, diligencia, & ventura." (SRSI C3, 131)

"[...] porque os Aragonezes entre todas as naçoens de Hespanha foraõ os primeyros que **ennobrecèrão**, & enriquecераõ com despojos a sua Coroa, conquistando novas terras, novos mares, & novas gentes." (SRSI C8, 197)

- na penúltima sílaba do verbo **semear**, marcando a tonicidade, indica a 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo (11 ocorrências no SS)

"O prégar ha de ser como quem **semèa**, & não como quem ladrilha, ou azuleja." (SS C40, 1635)

"Quem **semèa** misturas, mal póde colher trigo." (SS C46, 1729)

- em dois casos, monossílabos verbais tônicos, a acentuação gráfica confere à palavra a qualidade vocálica fechada, caracterizadora da 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo:

"De nenhum homem se **lè** semelhante resolução." (SRSI C15, 1238)

"Roma o vio, & Roma o **vè**." (SRSI C16, 1262)

c) possível caso de equívoco: no trecho

"No Ceo **ninguè** ha, que não ame a Deos, nem possa deyxar de o amar." (SS C31, 1494)

a palavra **ninguém** aparece grafada com o acento grave. Como, na verdade, esta palavra é nasalizada e também pelo fato de esta ser a única ocorrência, podemos pressupor que, na hora da impressão, houve falha⁷⁵. Este tipo de erro recebe o nome de **gralha**, que, segundo Araújo (2000, p. 366-367), define-se pela "[...] presença de letras ou sinais de pontuação virados, fora do lugar e, mais comumente, trocados."

Outra possibilidade para o emprego do acento é a indicação da tonicidade silábica (à semelhança de *porèm*), mas com a ausência do <m> final. Contudo, como este é caso único, é mais provável ser erro tipográfico.

<i>

Empregado somente no SS, ocorre:

a) em formas verbais, salientando a tonicidade:

- na sílaba final, indica a 2a pessoa, plural, do Presente do Indicativo, somente em

"Assi **arguìs** com muyta razaõ; & eu tambem assi o digo." (SS C5, l55)

"(...) essas emprezas ao vosso parecer agudas, que **proseguìs**, achastelas alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apostolos (...)" (SS C68, l1101-1102)

- na penúltima sílaba, marca a tonicidade indicativa da 3a pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo (para diferenciar-se da 3a pessoa, plural do Futuro) somente nestes casos:

"Estas testemunhas **referirãõ**, que ouuirão dizer a Christo; que se os Iudeos destruisssem o templo, elle o tornaria a reedificar em tres dias." (SS C71, l1141)

"[...] fallaua o Senhor do templo mystico de seo corpo, o qual os Iudeos **destruirãõ** pela morte, & o Senhor o reedificou pela resurreyção (...)" (SS C71, l1166-1167)

⁷⁵ Troca do til (~), indicador de abreviação de nasais, pelo acento grave.

"Assi prégaua S. Paulo, assi prégauão aquelles Patriarcas que se **vestirão**, & nos **vestirão** destes habitos?" (SS C77, 11251)

<ô>

a) ocorrendo somente nas formas não verbais listadas abaixo, indica a tonicidade e também a abertura da vogal:

nòs, pronome pessoal reto (apenas 2 ocorrências: SS C32, 1485 e SRSI C48, 1792)

pòlos (substantivo, 1 ocorrência no SRSI C3, 127)

sò (apenas 2 ocorrências: SRSI C7, 1111; SRSI C23, 1773)

avò (substantivo feminino, única ocorrência no SRSI C15, 1233).

b) em formas verbais:

- na penúltima sílaba, indica as 3as pessoas do singular e do plural do Presente do Indicativo do verbo **poder**. A forma **pòde** totaliza 13 ocorrências (2 no SS e 11 no SRSI) e **pòdem**, 7 ocorrências (todas no SRSI).

"A vara de Moyses abrandou as pedras, & não **pòde** abrandar hũa vôtade endurecida [...]" (SS C24, 1362)

"O mayor cabedal, que **pòde** dar o Mundo, he huma coroa." (SRSI C10, 1136)

"[...] & segurar debaxo das chaues de Pedro aquelle Reyno, que só ellas **pòdem** abrir." (SRSI C17, 1269)

- na forma infinitiva do verbo **pôr**

"De maneyra, que o mais a que pòde chegar hum Rey, ainda que seja Rey de todo o Mundo, he **pôr** nomes, & dar nomes: he fazer, que vos chameis dali por diante o que elle vos chamou [...]" (SRSI C46, 1778)

Esta única ocorrência gráfica pode ser evidência do uso do acento para distinguir o verbo no infinitivo da preposição homófona⁷⁶.

<ù>

O único caso ocorre na forma verbal **continùà**, no seguinte trecho:

"Diz may's que lhe atàrão as mãos, & lhe mettèrão nellas hũa cãna por cetro: **continùà** o mesmo silencio, & a mesma suspensão nos ouuintes." (SS C32, l506)

Seu uso, provavelmente, serve para destacar a tonicidade silábica, diferenciando, assim a 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo do verbo continuar do adjetivo derivado da mesma família (contínua).

Em síntese, distribuindo em uma tabela todas as ocorrências de acentos gráficos empregados nos sermões, observamos que seu uso assinala as seguintes características fonético-fonológicas:

	ACENTO SILÁBICO	QUALIDADE VOCÁLICA	DURAÇÃO	ACENTO + QUALIDADE
á	112	16	19	—
à	51	—	21	—
é	1	173	—	33
è	39	—	—	17
ì	6	—	—	—
ó	—	2	—	110
ò	1	—	—	26
ù	1	—	—	—
TOTAL	211	191	40	186

Quadro 1 – Características fonético-fonológicas das vogais com acentuação gráfica.

Fonte: Elaboração própria.

⁷⁶ Convém notarmos, também, que, no texto, o verbo acentuado ocorre em posição de proeminência prosódica (sílabas tônicas frasais). Contudo, o fato de haver o acento grave não indica, necessariamente, essa característica (pois, como já dissemos na **subseção 5.1**, o acento grave era utilizado na indicação de sílabas mais fracas). Ver, também, **nota 72**.

Em certos casos, principalmente em formas verbais, associadas a estas questões fonético-fonológicas estão questões morfológicas (por exemplo, **póde** – 3ª pessoa do singular, do Presente do Indicativo –, em oposição a **pode** – 3ª pessoa, singular, do pretérito Perfeito).

Quanto às flutuações encontradas, temos que:

1. conforme contexto de emprego, o acento (agudo ou grave) pode indicar acento silábico e/ou qualidade vocálica,
2. no interior desses contextos, a flutuação pode ser entre a presença e ausência do uso do acento (por exemplo, *prégar* = *pregar*, *vós* = *vos*, *fóra* = *fora*, *nós* = *nos*),
3. há concorrência de acentos gráficos para a escrita de uma mesma palavra (por exemplo, *dá* – *dà*, *está* – *està*, *até* – *atè*, *porém* – *porèm*, *cá* – *cà*, *só* – *sò*, *póde* – *pòde*).

5.1.3 Trema (¨)

Há uma única ocorrência deste acento, na palavra **corrüþçaõ**:

"[...] acolà hum corpo morto, & todo **corrüþçaõ**, aqui outro corpo morto, mas incorruptiuel, & como immortal." (SRSI C50, l825)

Provavelmente, tal caso é uma **gralha**, já que não há mais ocorrências deste acento nos textos. Até mesmo o uso como indicação de tonicidade silábica fica comprometido, já que a sílaba tônica é a final e não a que contém o acento.

5.1.4 Til (~)

Ocorre sobre as vogais <a>, <e>, <o> e <u> e sobre a consoante <q>. Indica (cada possibilidade é exemplificada por algumas palavras):

- a) ditongo nasal em final de palavras não-verbais

admiração (SS C15, l229-230)

Christãos (SS C26, l402)

acclamações (SS C25, l412)

razaõ (SRSI C14, l206)

b) ditongo nasal, como marcação de tempo verbal:

- 3a pessoa, plural, do Futuro do Indicativo

terão (SS C73, l1183)

dirão (SS C77, l1246)

seguiraõ (SRSI C3, l21-22)

- 3a pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo

perdêrão (SS C12, l158)

affogârão (SS C19, l303)

acabàraõ (SS C74, l1181)

ennobrecêrão (SRSI C8, l97)

concorrêraõ (SRSI C3, l31)

tiveraõ (SRSI C4, l46-47)

- 3a pessoa, plural, do Presente do Indicativo

deytão (SS C21, l337)

despontão (SS C24, l356)

dão (SS C28, l436)

achão (SRSI C15, l241)

fação (SRSI C36, l584)

mandaõ (SRSI C12, l165)

- 3a pessoa, plural, do Pretérito Imperfeito

erão (SS C27, l438)

lançauão (SS C29, l463-464)

dearticulauaõ (SS C58, l932)

persuadião (SS C64, l1009)

tinhão (SRSI C35, l606)

estavão (SRSI C35, l614)

viaõ (SRSI C35, l611)

Em todas estas pessoas dos respectivos tempos verbais é utilizada a forma gráfica <ão>/<aõ>, nos dois sermões. Contudo, em apenas dois casos é empregada a forma <am> para a representação da 3ª pessoa, plural, do Presente do Indicativo:

sustentam (SS C13, l197)

desprezam (SS C14, l216)

Assim, por meio destas ocorrências, concluímos que predomina o uso de <ão>/<aõ> para a representação da 3ª pessoa, plural, dos tempos Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Futuro nos sermões. O estabelecimento do tempo verbal empregado, nestes casos, é possibilitado ou pelo contexto frasal ou pelo uso de outros sinais gráficos, como os acentos.

c) abreviaturas⁷⁷

5.1.5 Sinais de pontuação

A pontuação, mais do que um fenômeno gráfico, exerce funções organizadoras e separadoras no texto onde se inserem.

Nos sermões analisados, encontramos:

- () parênteses
- ! ponto de exclamação

⁷⁷ Seu uso será melhor abordado em 5.2 Abreviaturas.

?	ponto de interrogação
-	hífen (separando sílabas em fim de linha e verbo/pronome)
.	ponto baixo
;	ponto e vírgula
:	dois pontos
,	vírgula
§	parágrafo

5.2 Abreviaturas⁷⁸

Derivada da palavra grega *brauigraphein* (*braui* – curto e *graphein* – escrever), abreviatura corresponde à forma reduzida de escrita de uma ou mais palavras ou mesmo de sintagmas. Normalmente, para indicar uma abreviação, é recorrente, na abreviatura, o uso de um sinal abreviativo, como o ponto, traços, barras ou um sinal especial, que substitue uma letra ou um agrupamento delas, tendo, assim, valor fonológico (as notas tironianas⁷⁹).

Nos sermões analisados, encontramos vários casos de abreviações (cada caso será exemplificado com algumas palavras que apresentam, também, uma forma estendida correspondente):

a) a nota tironiana & (que substitui o *et* latino), equivalente à conjunção e⁸⁰.

b) abreviação por meio do til (~):

- sobre a letra <q>, abreviando o grupo <ue> (38 ocorrências no SRSI e 45 no SS)

⁷⁸ Como o objeto central de análise deste trabalho é a escrita ortográfica portuguesa empregada nos sermões, não serão explorados os diferentes usos gráficos empregados nas passagens e citações latinas. Contudo, encontram-se, nas notas marginais, várias palavras abreviadas, normalmente pelo ponto. Na verdade, são justamente nessas notas que o uso das abreviações é mais recorrente, uma vez que elas foram escritas em um espaço de papel bem limitado (nas margens do texto).

⁷⁹ Derivaram diretamente das notas tironianas. Estas foram inventadas por Marco Túlio Tiro, escravo alforriado de M. T. Cícero (106-43 a.C.), que sistematizou o uso de formas gráficas especiais para representar sílabas, palavras ou terminações de uso muito comum. Trata-se do mais antigo sistema de taquigrafia que conhecemos. Contudo, num texto datado do século VIII, pouco claro, Isidoro de Sevilha atribui a criação das notas a Ênio, poeta siciliano. Eram usadas para uma escrita rápida dos discursos e discussões no Fórum Romano. Na Idade Média, foram grandemente aumentadas, para dar conta da linguagem daquela época em diferentes circunstâncias da vida (HIGOUNET, 2004).

⁸⁰ Nas citações latinas, esse grupo é representado de modo estilizado, conforme exposto na **seção 4**, desta dissertação.

"Mas nas Cortes, nos palacios, nos thronos, & debaixo dos doceis, **ñ** achareis?" (SRSI C12, l182)

"E **porñ** se perdêrão estas tres?" (SS C19, l300-301)

- sobre as vogais, abreviando a nasal sonora <m>

exêplo (SS C12, l154-155; SS C34, l527-528)

têpo (SS C12, l182-183)

cãpo (SS C25, l382-383)

têplo (SS C71, l1172)

hũa (SS C, l; SRSI C3, l53)

algũa (SS C19, l311; SRSI C50, l837)

Nenhũa (SS C45, l732; SRSI, C21, l340)

Convém observarmos que somente nos três últimos exemplos a abreviação é da consoante que ocupa a posição de início silábico. Certamente, estas formas são apenas resquícios da escrita antiga e o <m> é pronunciado (não havendo, assim, nasalação de vogal). Diz Pereira (1666, p. 68-69): "Estes nomes, *huma*, *alguma*, *nenhuma*, tambem se podem escrever com til: *hũa*, *algũa*, *nenhũa*; porque o til lhes serve de *m*."

- sobre as vogais, abreviando a nasal sonora <n>:

quãdo (SS C7, l88; SS C71, l1161)

mũdo (SRSI C14, l199; SS C80, l1275)

grãde (SS C12, l154; SS C13, l210-211)

segũa (SS C12, l164)

tãto SRSI (SRSI C24, l381; SS C59, l965)

cõuersão (SS C18, l281)

võtade (SS C24, l363)

pensamẽtos (SS C23, l362-363; SS C73, l1201)

vẽtura (SRSI C4, l36-37; SRSI C4, l48-49)

Sãta (SRSI C9, l154; SRSI C25, l420)

sãtidade (SRSI C22, l354)

Testamêto (SRSI C39, l665-666)

Sacramêto (SRSI C44, l732-733)

diligência (SRSI C4, l37)

sentenças (SRSI C22, l368)

circunstâncias (SRSI C26-27, l439-440; SS C27, l451-452)

pêsamento (SRSI C34, l365-366)

- dois casos de uso do til merecem destaque:

Aroãns (única ocorrência no SS C9, l123). Nesta palavra, além da presença da consoante nasal, é empregado o til. Essa acentuação do <a> da sílaba final pode indicar, além da nasalação, a tonicidade da palavra.

Grãmatica (também ocorrendo uma única vez no SS C69, l1127). O <a> acentuado pode representar ou a abreviação do <m> geminado (se Grammatica), logo, sem valor fonético ou a nasalação da vogal (em oposição à qualidade aberta da vogal).

c) abreviação por meio do ponto (.)

Junto da letra <s>, indica a abreviação de **são** ou **santa** (32 ocorrências no SS e 16 no SRSI).

"(...) Oradores Euãgelicos S. Ioaõ Chrysostomo, de S. Basilio Magno, S. Bernardo, S. Cypriano, & com as famosissimas orações de S. Gregorio Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas." (SS C51, l814; SS C51, l815; SS C51, l816; SS C51, l818)

"O habito de S. Francisco, & de S. Clara, he hũa das mais vistosas, & mais bizarras galas, que se trajaõ no Ceo." (SRSI C30, l500)

5.3 Estruturas silábicas: vogais e consoantes

Para a estrutura silábica da Língua Portuguesa, a vogal é o elemento essencial (daí ser denominada núcleo silábico), que pode ou não ser produzido em união com outros sons – as consoantes⁸¹.

Vogais e consoantes se combinam, podendo formar as seguintes estruturas:

V	sa.ú.va	ca.í.da	a.in.da	re.u.ni.ão
VC	or.dem	fa.ís.ca	cri.an.ça	
CV	me.sa	re.por.tar	ven.tu	pom.ba
CCV	pra.to	fra.que.za	blo.co	li.vro
CVC	por.ta	a.fir.mar	en.xer.ga	cur.tam
CVCC	pers.pi.caz		sols.ti.cio	
CCVC	fler.tar	dri.blar	plás.ti.co	pres.tar
CCVCC	trans.por.te	trans.for.mar		
VS	ou.tro	au.to.mó.vel	po.ei.ra	
VSC	eis			
CVS	coi.sa	lou.co	jei.to	noi.te
CCVS	trou.xe			
CVSC	caus.ti.co	dois	cais	paus
CCVSC	an.ces.trais	con.cluis	cons.tróis	
*CVSCC				
*CCVSC				

Quadro 2 – Estruturas silábicas que ocorrem na Língua Portuguesa.

Fonte: Netto (2001, p. 146), com adaptações⁸².

Nos textos analisados, encontram-se as seguintes estruturas silábicas:

⁸¹ Netto (2001, p. 144) salienta que os principais gramáticos, ao caracterizarem a sílaba da Língua Portuguesa, consideram esta como "[...] um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório, cujo elemento essencial é a vogal."

⁸² A escrita fonológica foi substituída pela ortográfica. Considerar: V = vogal, C = consoante e S = semivogal.

V	I.sa.bel (SRSI C2, l14)	Ra.i.nha (SRSI C2, l17)	se.a.ra (SS C3, l48)
VC	ar.mem (SS C8, l89)	on.de (SRSI C8, l120)	ul.ti.mo (SRSI C4, l50)
CV	co.mi.do (SS C8, l103)	vi.da (SS C28, l441)	no (SRSI C13, l197)
CCV	pra.ti.car (SS C63, l1016)	su.bli.me (SRSI C52, l880)	pa.la.vra (SRSI C44, l722)
CVC	con.ver.ta (SRSI C43, l724)	pré.ga.dor (SS C2, l10)	pe.ni.ten.cia (SS C34, l517)
CVCC	_____	_____	_____
CCVC	es.plen.dor (SRSI C20, l329-330)	res.plan.de.ci.a (SRSI C26, l422)	gran.ge.ou (SRSI C5, l56)
CCVCC	_____	_____	_____
VS	ou.tro (SS C40, l631)	au.di.to.rio (SS C1, l16)	_____
VSC	eys (SS C13, l204)	per.do.eis (SRSI C15, l256)	_____
CVS	di.rei.ta (SRSI C6, l83)	de.zoi.to (SRSI C13, l228)	_____
CCVS	trou.xe (SS C2, l14)	plei.tos (SRSI C5-6, l89-55)	_____
CVSC	maos (SS C21, l321)	dous (SS C9, l130)	mais (SRSI C7, l94)
CCVSC	_____	_____	_____

Quadro 3 – Estruturas silábicas encontradas nos sermões.

Fonte: Elaboração própria.

5.3.1 Vogais

Nos sermões, as seguintes letras representam as vogais:

A	a
E	e
I	i/y
O	o
U/V	u/v

Nas próximas subseções, serão retratados os casos de escrita com vogais que apresentam flutuações ortográficas

5.3.1.1 Uso de <I>, <i> e <y>

Graficamente, as letras <I>, <i> e <y> representam o som vocálico [i], mas cada uma em contextos específicos. O <I> maiúsculo ocorre sempre em nomes próprios (de pessoas ou entes, de nações, de localidades, de instituições), como Índia, Ilha dos Aroãs, Igreja, Isaias e em início de frases. Já na forma minúscula, temos:

	SS	SRSI
<i> núcleo silábico	acima de 250 ocorrências	acima de 250 ocorrências
<y> núcleo silábico	41 ocorrências	8 ocorrências
<i> encosta silábica ⁸³	37 ocorrências	156 ocorrências
<y> encosta silábica	356 ocorrências	265 ocorrências

Analisando os textos, encontram-se as seguintes flutuações:

- em ditongos, no emprego de <y> e <i>

⁸³ Neste caso, especificamente, a segunda vogal do ditongo decrescente.

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
foy	6 (C8, l94; C39, l640)	34 (C5, l80; C14, l223)
foi	—	2 (C8, l102; C20, l311)
maneyra	14 (C22, l332; C28, l428)	1 (C46, l774-775)
maneira	—	4 (C36, l606-607; C21, l345)
mays	46 (C4, l23; C25, l248)	—
mais	1 (C60, l944)	55 (C7, l94; C8, l93)
muytas	10 (C7, l109; C30, l455)	1 (C11, l189)
muitas	—	3 (C10, l143; C13, l224)
muyto	38 (C10, l135-136; C12, l167)	6 (C11, l185; C13, l215)
muito	—	11 (C13, l206-207; C50, l852))
muytos	11 (C45, l729-730; C46, l743-744)	2 (C4, l29, C43, l730)
muitos	—	2 (C13, l220; l221)
notay	—	1 (C27, l452)
notai	1 (C54, l861)	—
primeyra	5 (C11, l170-171; C12, l163)	—
primeira	—	2 (C10, l130-131; C22, l341)
Primeyramête	1 (C19, l291)	—
Primeiramente	—	1 (C17, l277)
primeyro	1 (C46, l716)	3 (C8, l115; C10, l132)
primeiro	—	3 (C21, l369; C25, l435)
grosseyro	1 (C63, l1035)	—
grosseiro	—	1 (C32, l512)
oytauo	1 (C66, l1055)	—
oitauo	—	1 (C26, l405)

effeytos	4 (C16, l222; C32, l487)	—
effeitos	—	1 (C49, l893)
demays	1 (C11, l178-179)	—
demais	—	1 (C45, l778)
deyxa	1 (C21, l331-332)	—
deixate	—	1 (C47, l816)
deyxou	3 (C25, l382; C35, l548-549)	—
deixou	—	12 (C17, l278; C21, l345)
pleyto	1 (C44, l692)	—
pleitos	—	1 (C5-6, l89-55)
verdadeyro	3 (C60, l953-954; C67, l1088)	1 (C37, l631)
verdadeiro	—	2 (C34, l555-556; C50, l840-841)

Quadro 4 – Ocorrências de palavras com flutuação no emprego de <y> e <i>.

Fonte: Elaboração própria.

Nos pares de palavras acima, ocorrem flutuações no uso de <i> e <y> em contexto de ditongo: <ai>/<ay>, <ei>/<ey>, <oi>/<oy>, <ui>/<uy>. Observando o número das ocorrências das flutuações, percebemos que, embora haja o emprego das duas grafias em ambos os sermões, para a escrita de ditongo, a preferência era a escrita do grupo vocálico com <y>. O uso de <i> é mais freqüente no SRSI.

Alguns ortógrafos chegaram a propor distinções quanto ao emprego das formas <i> e <y>. Bento Pereira (1666, p. 73-74), diz que

Todas as vezes q̃ a letra, *i*, se põem antes, ou depoy de vogal, &lla em si nam he consoante, nem sufficiente a fazer syllaba, se escreve *y*, & he o nosso ypsilon Portuguez: v. g. *Rey, Ley, Pay*; & o mesmo se deve guardar nos pluraes: v. g. *Reys, Leys, Pays*. O mesmo no meyo das palavras: como, *Mayo, Payo, cayado, Pereyra*. O mesmo nas ultimas: v. g. *mortays, andays, sereys*.

Ou seja, o ortógrafo estabelece uma distinção quando se tem o som [i] em contexto isolado ou acompanhado por uma consoante, sendo, pois, núcleo silábico, e quando

acompanhado pelo som de outra vogal, sendo pronunciados em uma única sílaba, no caso dos ditongos.

A mesma ideia partilha Franco Barreto (1671, p. 85-86), ao falar do <y>:

Nós a temos por vogal, porê nã suficiente a fazer per si so silaba, poys sempre lhe precede outra vogal, cõ a qual compoem uma so silaba, como em pay, mãy, & assi se destingue do i, que he vogal completa. E a diferença, que entre estas duas y. i, & esta j, ha , se mostra claramente ã as palavras seguintes; cayado, caido, cajado, as quaes se diversificam pela diversidade dos y, i, j.

Deste y, poys usaremos ã todas as silabas, ã que ouuer de entrar i, & nã se ouvir o tal i, & cõ elle se pronunciarem as vogaes a, e o, u, de ã flato, como pay, ley, boy, ruyvo, & assi escreveremos gayta, feyto, foyte, muyto, & outras taes [...] mãs adõde se sentir o soido do i, se escreverá cõ elle, como gemido, suspiro, &c.

Por sua vez, Madureira Feijó (1734), ao tratar dos ditongos em *Língua Portuguesa*, considera possíveis as combinações: <ai>, <ay>, <ey>, <ei>, <io>, <oi> e <oy>. E, ao comentar as formas <i> e <y> em ditongos, confessa:

Eu porem formando um dithongo de *ai*; ou de *ay*, confesso que não percebo a differença da pronũciação em *Pai*, *Lei*, *Dei*, e em *Amei*, *Ensinei*, *Chorei*, *Dei*, *Fallei* etc. *Amai*, *Ensinai*, *Chorai*, *Fallai* etc. E estas linguagens dos verbos andam na nossa Arte com *I* vogal; e não ha homem douto, qua assim não escreva. Pois se *I* vogal formado em dithongo com as outras vogaes tem o mesmo som, que o *Y*; com que necessidade se introduz esta letra Portuguesa? Ou para que he necessario nas palavras Portuguezas o *Y*, dos Gregos? (FEIJÓ, 1734, p. 103)

Percebemos, nesse trecho, que, para o ortógrafo, independentemente de o som [i] ocorrer em contexto de ditongo ou de núcleo silábico, graficamente, ele permanece o mesmo. Assim, o "Y Grego", de certa forma, deixa saturado o alfabeto português, já que a função que ele exerce no sistema ortográfico pode perfeitamente ser desempenhado pela letra <i>⁸⁴. Mesmo não desprezando o uso do <y>, pois o "costume" e a "tradição" o impedem de fazê-lo, faz a seguinte observação:

Porém não deve ser tão frequente, nem he tão necessario o uso do *Y*, que nos lance fora totalmente o uso do *I* vogal nos dithongos de *Ai*, *ei*, *oi*, *ui*: como querem os Typógrafos, que não ha dithongo de *I* vogal, que não mudem para *Y*: E eu dezejara saber em que orthografia, ou em que Auctor acharão este

⁸⁴ Nunes de Leão (1536) destina o uso de <y> exclusivamente para a escrita de palavras de origem grega. Assim, os ditongos devem ser formados pela soma das vogais mais o <i> (geito, Rei, noite, coiro, cuidado, ruiuo, gaita, bailo).

inviolavel uso do Y; e que me disseraõ, que differença fazem na pronunciação de *Pereira, Eira, Primeiro, Foi* etc. ou *Pereyra, Eyra, Primeyro, Foy*? Porque os dithongos, ou se escrevaõ com hum, ou outro I, sempre tem o mesmo som. E se na primeira orthografia ha erro, devem dizer em que; e se o não ha, não devem emendar. (FEIJÓ, 1734, p.103-104)

Então, após estas ponderações, Feijó (1734) considera como acertado manter <y> nas palavras já cristalizadas pelo uso (elaborando, para facilitar a consulta de seu leitor, uma lista com as principais palavras utilizadas pelos doutos da época), como também as palavras de origem latina ou grecolatina.

- **uso do <y> como núcleo silábico**

Apenas nas palavras abaixo ocorre o uso gráfico de <y>, representando o som [i], como núcleo de sílaba, não havendo flutuação:

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
tyrannico	1 (C38, l590-591)	—
estyllo	23 (C27, l423 ; C36, l576)	—
martyrio	1 (SS C38, l594)	—
tyrannia	1 (C38, l600)	—
S. Ieronymo	1 (C44, l680-681)	—
S. Chrysostomo	3 (C44, l682; C51, l814-815)	—
Chrysologo	1 (C44, l706)	—
S. Cypriano	1 (C51, l817)	—
mysterio	1 (C56, l905)	—
mysterioso	1 (C58, l914)	—
Apocalypse	2 (C58, l928; C69, l1111-1112)	1 (C25, l427-428)
Euthymio	1 (C59, l959)	—
Cyro	—	2 (C10, l152; C11, l166)

mystico	2 (C71, l1165; C71, l1170-1171)	—
crystaes	1 (C76, l1226)	—
Dionysio	—	1 (C6, l56-57)
Symiramis	—	1 (C15, l232)
Egypto	—	2 (C42, l694; C42, l699)
S. Hieronymo	—	1 (C48, l813)
lagrymas	1 (C33, l515)	—

Quadro 5 – Ocorrências de palavras com <y> como núcleo silábico.

Fonte: Elaboração própria.

Contudo, no SRSI há 5 ocorrências de **sy**, como pronome oblíquo (SRSI C18, l290; SRSI C19, l313; SRSI C19, l316; SRSI C19, l317; SRSI C48, l795), variando com **si** (2 ocorrências: SRSI C17, l275; SRSI C18, l298).

Como já discutido no item anterior, o <y>, grande parte das vezes, era empregado quando ocorria ditongo. Nos demais casos, optava-se pelo uso gráfico de <i>. Contudo, em algumas situações era tolerado tal uso: quando as palavras eram gregas ou grecolatinas. Pereira (1666, p. 75) afirma:

Bem póde tambem a letra y, ser perfeyta vogal, & fazer syllaba, quando se puzer nas palavras tomadas dos Latinos, & Gregos: v.g. *Syllaba*, *Sylva*, *estylo*. Mas este ypsilon he propriamente o que chamamos Grego, diverso do Portuguez; porque o Portuguez sempre se junta à letra vogal, com a qual faz syllaba perfeyta, o ã não tem o Grego.

Para ele, havia, para a representação do som [i], três possibilidades gráficas:

- o <i>, vogal capaz de formar sílaba,
- o "ypsilon Portuguez", utilizado nos ditongos e, finalmente,
- o "ypsilon Grego", capaz de formar sílaba perfeita, visto que deriva de palavras cujo radical já apresentava tal forma gráfica (palavras gregas e latinas).

Feijó (1734, p. 102), guiando-se pelo costume, explica que

A letra Y, pronunciase do mesmo modo que o I vogal. He letra Grega, e os Latinos so usão della nas palavras puramente Gregas, ou Grecolatinas. Não sabemos o verdadeiro som, com que os Gregos a pronunciavaõ; porque sem duvida devia ser diverso do seu *iota*, ou I, do qual nós o não differencamos na sua pronunciação, dizendo: *Syllaba*, *Sylla*, *Styras* etc.

Nunes de Leão (1576), também evidencia o uso do <y> para as palavras de origem grega que tenham tal letra na sua escrita, estabelecendo as seguintes regras para seu correto uso: escreverão com <y> 1. as palavras compostas pela preposição *syn* (*syllaba*, *syllogismo*), 2. derivados de *chrysos* (*Chrysostomo*), 3. derivados de *pyr* (*Pyreneo*, *pyramis*), 4. derivados de *lyco* (*Lycomedes*), 5. derivados de *poly* (*polypus*), 6. derivados de *hydor* (*hydria*, *hydropesia*), 7. derivados de *physis* (*physico*, *metaphysico*), 8. compostos por *hyper* (*hyperbatō*, *hyperbole*), 9. compostos por *hypo* (*hypocrita*).

De opinião contrária à dos demais ortógrafos, aponta Barreto (1671, p. 86) que

[...] nã temos necessidade de escrever cõ y, as dições Gregas, que os Latinos escrevem cõ elle, como *syllaba*, *sylva*, *hydropico*, *hydropisia*, *hypocrita*, & outros taes, porque nã estamos obrigados ã tudo à ortografia dos Latinos; quanto mays, que elles escreviam os taes vocabulos cõ y, porque entre os Gregos soava como u, como diz o Brocense [...] Nós como nã sentimos ã a orelha, aquella melodia Grega, escrevemos os taes vocabulos per i Latino, como *silaba*, *silva*, *idropico*, *idropesia*, *ipocrita*, *ipocresia*, &c.

Através dos comentários, podemos deduzir que vários ortógrafos acreditavam que tanto <i> quanto <y> poderiam ser empregados nos mesmos contextos, uma vez que, na pronúncia, não havia diferenciação. Contudo, o uso tradicional de certas grafias superava a possível facilidade de simplificação de formas ortográficas para uma mesma função.⁸⁵

Em síntese, temos:

1. a distinção das formas <I>, <i> e <y>, em núcleo silábico, não possui base fonético-fonológica. Inclusive, nos casos em que <y> ocorre como núcleo silábico, há busca de analogia com as línguas clássicas,
2. a distinção <i>/<y>, geralmente, apresenta uma explicação fonético-fonológica: a flutuação é influenciada pela posição em que a letra ocorre na sílaba.

5.3.1.2 Uso de <U>/<V> e <u>/<v>

⁸⁵ Cabe ser ressaltado, também, que algumas das palavras expostas na lista não apresentam, em sua etimologia, a letra <y>: *estylo*, do latim *stīlu* e não *stylu*, como ressalta Machado (1952), *mystico*, do turco *mistiko*, *lagrymas*, do latim *lācrima*

Nos textos, ocorre, em algumas palavras, a representação do som vocálico [u] pelas formas gráficas <v>, <V>, <u> e <U>.

No Latim, as vogais [i] e [u] também desempenhavam uma função consonântica, quando ocupavam o início de palavra (*iustum*, *uacca*). Na formação da Língua Portuguesa, tal função foi eliminada, uma vez que ambas as vogais transformaram-se em consoantes plenas, respectivamente [ʒ] (justo) e [v] (vaca). Graficamente, na Língua Latina, tanto os sons vocálicos [i] e [u] quanto os consonânticos eram representados, nas formas maiúscula e minúscula, respectivamente, por <I>, <i>, <V> e <u>. Em Português, a representação do som vocálico [u] e da fricativa [v] confundiam-se com as grafias <v> e <u>, e suas respectivas formas maiúsculas, em determinados contextos, devido à influência latina, já que os primeiros ortógrafos e gramáticos buscavam amparo no Latim para tentar sistematizar a nova língua.

Leão (1576), ao apresentar as letras que compõem o alfabeto português, inclui somente a forma gráfica <u>, e, ao classificá-las como vogais e consoantes, diz que as vogais <i> e <u> podiam atuar também como consoantes. Mas, ao tratar, particularmente de cada letra, ao invés de empregar a forma <u>, vale-se da forma maiúscula <V> e também <v>. Ou seja, na própria Orthographia havia confusão no emprego das formas <u> e <v> para a representação dos sons [u] e [v]. Explica ainda que a forma <v> desempenha "dois ofícios": um "próprio", representando o som vocálico e outro "emprestado", quando juntando-se à uma vogal, atua como consoante, que, segundo ele, tem semelhança sonora com o <f>. Dadas as duas funções, Leão (1576, p. 22) as diferencia "[...] quãdo he consoante, de quando he vogal, desta meneira .v. ao menos no princípio das dições. Porque no meo dellas, vsão do .u. indistinctamente, quer seja vogal, quer consoante." Ou seja, embora sempre no início de palavras o som fricativo [v] devesse ser representado por <v>, quando no início de sílabas interiores de palavras, variava com a forma <u>.

Pereira (1666, p. 69), por sua vez, declara que "Nam obstante dizerse vulgarmente que qualquer destas letras, *i*, *u*, hũas vezes he vogal, & outras consoantes, eu tenho por melhor dizer, que não sam só duas, senam quatro as tays letras, poys cada hũa dellas tem diversa natureza, & sempre se deve escrever com diversa figura." Notamos, pois, que o autor relaciona claramente as formas gráficas com suas funções no sistema linguístico. Assim, distingue o <i> do <j> (chamado, por ele, de "je") e o <u> do <v>. Destes últimos, diz

Quanto às outras letras, *u* vogal, & *v* consoante, à qual podemos chamar *ve*, [...] sam como duas letras realmente distinctas, nam só na natureza; poys

huma he vogal, que per si voga, & faz soido a modo de bramido de lobo, *u*, & outra consoante, que varia o soido junta às vogays, *vas*, *ves*, *viste*, *vou*, *vulto*, senam tambem na figura: poys a vogal sempre se deve escrever assim, *u* & a consoante assim, *v*. (PEREIRA, 1666, p. 71-72)

Ressaltando a distinção gráfica relacionada aos valores fonológico e fonético, continua Pereira (1666, p. 72)

Digo (sempre) porque alguns só a escrevem no principio, & nam no meyo: *v*. g. nestas palavras, *viuer*, *valverde*: sendo que para se guardar perfeyta distinçam assim no principio, como no meyo, se deve pòr nesta figura, *v*, porq̃ se em ambos os lugares he consoante, em ambos deve ter figura de consoante, qual he a que puzemos: pelo que se escreverà, *viver*, *valverde*, &c.

Além dessas considerações, o ortógrafo salienta outra importância da distinção gráfica dos sons: ela evita certas confusões. Por exemplo, a diferença entre as palavras *uivo* e *vivo* seria favorecida pelo uso distinto das letras <u> e <v>.

Franco Barreto (1671, p.82) partilha ideia semelhante à de Pereira: <u> e <v> são letras representantes de sons distintos entre si, além de favorecerem a distinção de palavras (lavra – laura):

He o *u*, vogal, que se pronuncia lançãdo os beyços para fóra, màs menos abertos, que no *o*. He letra muyto diversa do *v* consoante, assi na figura, como no oficio, ainda que os Antigos uzaram de ambas indistintamente: màs poys nós podemos representar estas duas letras, vogal, & consoante, cõ diferentes figuras, he mũy acertado que o façamos.

Feijó (1734) inclui, na apresentação das letras que compõem o alfabeto, as letras <U> e <V>, com seus respectivos valores de vogal e consoante. E, sobre o uso indiscriminado das duas grafias, diz:

Muitos no meyo das palavras usão indistinctamente, ou de hum, ou de outro *U*; isto he, ou vogal *U*, ou consoante *V*; porque dizem, que tanto se póde pronunciar o vogal como consoante, quanto se póde pronunciar o consoante como vogal: *v*. g. *Uuada*, *Uuas*, *Savdades*, *Savde* etc. Mas não usaremos desta orthografia, por ser esusada, quando temos a differença de hum, e outro *U*; que assim como são diversos na pronunciação, tambem tem differente figura. (FEIJÓ, 1734, p. 101)

Observa-se, pois, que, embora houvesse confusão entre as grafias para a representação dos sons vocálico e consonantal, os ortógrafos percebiam, sim, a diferença de seus valores e

funções e, de certa forma, para a maioria deles, a padronização do uso das letras <u> e <v> favoreceria a clareza da escrita.

Nos sermões, em casos específicos, ocorre flutuação de emprego entre as formas <u> e <v> para a representação do som vocálico [u]:

- **uso de <V>**

Embora ocorra o uso da forma maiúscula <U>⁸⁶, <V> é empregado em dois casos: na palavra **usa-se**

"**Vsase** hoje o modo, que chamão de apostillar o Euangelho, em que tomão muytas materias, leuantão muytos assumptos [...]" (SS C45, l725)

e na palavra **universidade**

"Altercouse entre alguns Doutores da **Vniuersidade**, qual dos dous fosse mayor prégador?" (SS C82, l1335-1336)

- **no início de certas palavras, o <u> é substituído por <v>**

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
vltima	4 (C11, l176; C12, l166)	—
vltimas	—	1 (C23, l377)
vltimos	2 (C12, l160; C13, l200)	—
vltimo	1 (C12, l176-177)	—
vnião	1 (C30, l476)	—
vsa	4 (C36, l575; C38, l591)	—
vsaõ	1 (74, l1187)	—

⁸⁶ Utilizado apenas em: **Universo** (2 ocorrências: SRSI C39, l679 e SRSI C46, l771) e **Urracas** (1 ocorrência: SRSI C41, l688)

vnhas	1 (C79, l1289)	—
vsaua	—	1 (C18, l269)
vnindo	—	1 (C18, l270)
vnio	—	3 (C18, 290; C19, l327)
vnir	—	1 (C19, l332)
vnico	—	1 (C21, l362)
vniuerso	—	1 (C27, l464)

Quadro 6 – Ocorrências de palavras onde o <u> é substituído por <v>.

Fonte: Elaboração própria.

Nestas palavras, ou o <v> ocorre isolado na sílaba ou seguido da lateral [l].

5.3.1.3 Uso de vogais dobradas

Em algumas palavras, foram utilizadas vogais dobradas. Agrupando estas palavras conforme a finalidade do redobro da vogal, temos:

- **Forma composta de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por vogal**

reedificar (2 ocorrências no SS: C71, l1145; C71, l1152)

reedificaria (1 ocorrência no SS: C71, l1163)

reedificou (1 ocorrência no SS: C71, l1168)

cooperação (1 ocorrência no SRSI: C4, l41)

- **Verbos com radical terminado em vogal + sufixo flexional iniciado por vogal**

refree (1 ocorrência no SRSI: C40, l676)

arrazoou (1 ocorrência no SS: C60, l960)

povoou (1 ocorrência no SRSI: C45, l785)

Para Pereira (1666, p. 29), como a escrita, de certa forma, representa a fala⁸⁷, ela deve manter-se o mais fiel possível da pronúncia. Assim, comenta que, na escrita, "[...] nunca se devem acrescentar letras, que se não pronunciaõ, como alguns mal acrescentaõ, e, no nome Fee, avendo de escrever Fé, &c. no nome poo, avendo de escrever pó." De fato, esta regra coloca-se contra o preceito mantido por alguns ortógrafos⁸⁸ segundo o qual certas palavras deviam ter sua vogal dobrada (geralmente, toda sílaba tônica devia ser marcada pelo redobro de sua vogal). De modo geral, estipula que nenhuma vogal deve ser dobrada, exceto nos casos em que as vogais não forem do mesmo gênero e qualidade e não pertencerem ao mesmo vocábulo (caso da junção de verbo mais seu complemento, quando pronome átono oblíquo)⁸⁹.

Franco Barreto (1671, p.71) descarta o uso de vogais dobradas. Ao começar a falar sobre as vogais, afirma que "[a vogal A] Nã se dobra ja mays ã diçã alguma Portugueza, nẽ no principio, nẽ no meyo, nẽ no fim, como também nenhuma das outras vogaes, contra o parecer de nossos Ortografos, como logo direy." Ao retratar as possibilidades de ditongos consideradas por outros ortógrafos de sua época, Barreto descarta todos os que envolvem o redobro da mesma vogal. Faz, então, o seguinte comentário sobre as variedades existentes:

Menos razã ha para que as vogaes se dobrem; màs ha omẽs amigos de antigualhas, & querem antes fallar como seus avós, que como os seus contemporaneos, nã conhecendo, que das moedas, & das palavras as mays correntes são as melhores. (BARRETO, 1671, p. 186)

Ou seja, para o ortógrafo, a ocorrência de vogais dobradas deve-se à manutenção ou tentativa de manutenção de formas arcaicas. O autor chega mesmo a comentar o preceito de Bento Pereira sobre a possibilidade de dobrar vogais quando estas forem de qualidade e gênero diversos: para Barreto, tal possibilidade é inexistente. Finalmente, ao comentar a prática de Nunes de Leão, que, segundo ele, dobra todas as vogais, diz:

O licenciado Duarte Nunes costuma dobrar todas as vogaes; & assi diz maa, paa, jaa, paadar, aar, irmaan, & outras taes, que certo me pareceu ã fino

⁸⁷ "Para que guardemos certeza, ou verdade em nossa escritura, assim devemos escrever, como pronunciamos & pronunciar como escrevemos. D'outra maneyra será nosso escrever mentiroso [...]" (PEREIRA, 1666, p. 28-29)

⁸⁸ Por exemplo, para Leão (1576), entre os vários motivos que justificavam as vogais dobradas, considerava a queda de consoantes, na passagem das palavras latinas para o Português (nodo > noo, solo > soo, fedes > fee, pedes > pee) e a marcação da última sílaba longa de palavras terminadas em <o>. O acento, para este ortógrafo, deveria ser empregado somente nos casos em que houvesse possibilidade de ambiguidade.

⁸⁹ "Digo, (do mesmo genero, & qualidade) porque na palavra, *mentyis*, he diversa qualidade o *i*, do *y*. Digo, (pertencendo ao mesmo vocabulo) porq̃ quando dizemos: *vendoo*, id est, *vendo a elle*, *eu amavaa*, id est, *amava a ella*, nam se dobram as tays vogays, mas juntam se os artigos, os quays não pertencem aos vocabulos, compõdo com elles huma dicçam." (PEREIRA, 1666, p. 43)

desproposito; polo que escreveremos ma, pa, já, pádar, ar, irman, & nunca dobraremos a, ñe outra alguma vogal pertencendo ao mesmo vocabulo. Assi diremos Fe, Se, & ña Fee, See, como se ve escrito ã muytas cazas, que são foreyras á Metrepoli: pèga, pela ave, & péga por pegar, como aqui estão escritos, ainda que o verbo queyra diversos acentos, conforme pronunciaçã dos tempos, ora grave, ora agudo, que para isto foram inventados os acentos, & ña tẽ outro uso. (BARRETO, 1671, p. 186-187)

Ou seja, para Barreto, nunca se devem dobrar as vogais e, para diferenciações, serão utilizados os acentos.

Feijó (1734, p. 30) também não admite vogais dobradas nas palavras, pois

A razão para não se dobrarem as vogaes he, porque cada vogal por si tem voz, ou som tão claro, e distincto, que não necessita de outra vogal para soar com tom agudo, ou circumflexo, ou grave, nas palavras em que for necessario. E por isso erraõ os que escrevem *Saa, See, Soo, Fee, Tuu*; dizendo que dobraõ as vogaes, para se differençarem de outras, que são semelhantes; e escrevendo estas com huma so vogal, se equivocao no som da pronunciaçã; e esta razão nasce da ignorancia dos accentos [...]

Como Pereira, Feijó observa a junção de duas vogais nos casos de verbos mais seu complemento oblíquo. Contudo, ao referir-se aos ditongos, o ortógrafo admite o formado por <aa>, em palavras com nasalidade: "[...] ha dithongos de dous *Aa*, que se pronunciaõ juntos, como nestas palavras: *Irmaã, Maçaã, Irmaãs, Maçaãs* etc. nas quaes se percebe o som de dous *Aa* inseparaveis; porque não dizemos: *Irma-ã Maça-ã* etc." (Feijó, 1734, p. 23)

- **Redobro da vogal <e> na palavra Teeologos (1 ocorrência no SRSI: C19, I302)**

Nesta palavra, a vogal aparece dobrada numa sílaba átona pretônica. Etimologicamente, não há processo fonológico⁹⁰ que justifique o redobro da vogal, já que ela provém do Latim *thēōlōgu*. Conforme Souza (2009), a possível finalidade de se encontrar vogal dobrada em uma sílaba átona é para a sinalização de timbre aberto da vogal, em oposição a um timbre fechado. Contudo, não devemos desconsiderar, também, possível erro do impressor.

- **Redobro da vogal <a> na palavra vaã (1 ocorrência no SRSI: C15, I234)**

⁹⁰ Por exemplo, a síncope de consoantes intervocálicas: *solos > soos > sós*.

Nesta palavra, ocorre o uso gráfico de <a> mais <ã>. Pode ser que, para essa palavra, ainda era mantida sua forma antiga de escrita, com a manutenção do hiato em vogais de mesmo timbre. Assim, *vana* > *vaã*, com a marcação da nasalidade na sua segunda sílaba. Mas, com os comentários dos ortógrafos, percebemos que tal função não se aplica. Segundo eles, na verdade, a grafia servia apenas para indicar o gênero feminino da palavra.

Leão (1576, p. 27), ao comentar o ditongo <ãa>, diz:

O primeiro diphthongo he .ãa. que he hũa composição de dous .aa. com hum til, em que se acabão muitos nomes femininos, que se não podẽ screuer com as letras directas dos Latinos, que são as do nosso alphabeto, de maneira que fiquem escriptas, como as nos pronũciamos. Porque se screuerem, irmam, romam, lam, vão dar em outro soido mui differente. Porque ficão soando, quasi como irmão, romão, lão. E não faz dizer, que com hum .a. & com hum til, representarão o som, ã nos pronunciamos, & que se escusará o inconueniente, de formar hum diphthongo de duas vogaes semelhantes.

Ou seja, se a palavra *vaã* deriva do Latim *vana*, a manutenção das devidas letras não corresponderia à real pronúncia portuguesa. E, levando em conta a analogia, pondera ainda que "Assi que irmã, hauendo de guardar a mesma analogia, deuese screuer mudada soo a terminação do .o. em .a. E desta maneira fica o .a. dobrado." (LEÃO, 1576, p. 28) Observemos, ainda, que no próprio texto de Leão, ocorre, também, a inversão do til: ao invés de ser colocado sobre o primeiro <a>, aparece sobre o segundo (irmã).

Bento Pereira (1666, p. 67-68) também concorda com formas dobradas de <aa>, embora analise, particularmente, o emprego do til. Diz ele:

Usaremos mais do til aonde for precisamente necessario, como em varios nomes, que tendo toada de *a*, & de *m*, em nenhuma destas letras acabaõ: como, *irmãa* femea, para distinçam de *irmam* macho, *maçãa*, *avelãa*, *lãa*, *manhãa*, *Christãa*, para distinçam de *Christam*, os quays tambem no plural recebem til [...]

Ou seja, para Pereira, o uso da forma <ãa> implica na distinção entre forma masculina e forma feminina. Inclusive, salienta que, embora na sua época, algumas pessoas escrevessem os referidos nomes apenas com <ã>, tal escrita não seria clara, já que ele nota que "[...] til tem força de *m*, donde quem puzer sobre hum só *a* til, v.g. *Irmã*, nam a fica distinguindo de *irmam*." (PEREIRA, 1666, p. 68)

Franco Barreto (1671), contrário ao uso de vogais dobradas, chama de "falsos ditongos" as formas <ãa>, <êe>, <ĩy>, <õo>, <ũu>. E, comentando, sobretudo, as ideias de

Leão, diz que "[...] porque nenhũa cousa pudera parecer may's redicula, que pronunciarmos irma-an, la-an, va-an, sa-an, & assi demays; cujos pluraes fazê elles, irmaãs, laãs, vaãs, saãs; havendo de ser, irmans, lans, vans, sans, & soam como ã Latim esta preposiçã trãs, ou trans." (BARRETO, 1671, p. 108-109)

Através do modo pelo qual Barreto segmenta as sílabas das palavras para questionar o preceito de Leão, dividindo as vogais idênticas, percebemos que, de fato, era improvável a pronúncia como hiato de vogais dobradas. Além disso, para este ortógrafo, a marcação de nasal não se empregava entre as vogais, na possibilidade de formação de sílaba com a vogal posterior à nasal (va-na), mas, sim, no final de todo o segmento (va-an). Ademais, por exemplificar suas ideias com a palavra *vaãs*, podemos supor que tal uso era muito corrente na época.

Feijó (1734), opondo-se às ideias de Barreto, considera válido, sim, o uso de <aã> em certas palavras, principalmente para a diferenciação entre masculino e feminino. Também salienta que a pronúncia como hiato não ocorre⁹¹.

Souza (2009, p. 175-176), ao comentar o mesmo uso ortográfico para a palavra *vã*, diz que tal uso

[...] revela um modo de assinalar uma tonicidade nesta palavra, juntamente com a nasalidade. A escrita com vogal dupla não era necessária neste caso, mas destaca o fato de se tratar de um monossílaboônico (que, na verdade, não precisava de uma grafia com vogal duplicada, como, de fato, aparece, em outros contextos. O fato de o til aparecer na segunda vogal e não na primeira lembra a discussão a esse respeito que os ortógrafos, às vezes, faziam: o til era usado para representar a nasalidade vocálica, mas também tinha uma longa tradição de ser marca de abreviatura. Nestes casos, o til podia representar a abreviatura de 'm' ou de 'n' em final de sílaba. Em 'vaã', assinalando o primeiro 'a' com o til, alguém poderia ser levado a usar a velha regra e ler 'vana' e não vã".

⁹¹ "Mais: Os mesmos Orthógrafos, que reprovaõ o dithongo aõ, reprovaõ tambem este aã nos nomes femininos, como *Irmaã*, *Christaã*, *Maçaã* etc. E daõ por fundamento, que hum A he superfluo; porque não pronunciamos *Irma-ã*, *Maça-ã* etc. E que para differençarmos *Irmaõ* de *Irmaã* na orthografia, e pronunciaçãõ basta, que os femininos se escrevaõ com til por cima: *Irmã*, *Maçã* etc. Respondo, que he pouca intelligencia dos dithongos, dizer, que sendo dithongos soaõ separadamente na pronunciaçãõ: como *Maça-ã*, *Irma-ã* etc. Porque toda a natureza dos dithongos consiste so, em que sendo huma so a pronunciaçãõ, o som he quasi de duas letras [...]

Donde se desfizessemos o dithongo em *Maçãa*, *Irmãa* etc. ficaria, *Maçam-a*, *Irmam-a*; porque o til aqui não suppre *M* final, mas intermedio. E a razãõ he evidente; porque o som final da pronunciaçãõ em *Maçaã*, *Irmaã*, ou *Maçã*, *Irmã* (como elles dizem) acaba em A, assim como o som de *Irmaõ*, e *Christaõ*, acaba em O: logo para escrevermos como pronunciamos, necessariamente havemos de fazer o dithongo de dous *ãa*. Quanto á differença que elles fazem dos nomes femininos, he engano manifesto; porque se dizem, que o *Irmaõ* se escreva *Irmam*, e que a *Irmãa* se escreva *Irmã*: aonde vay aqui a differença na pronunciaçãõ? Quando todos sabem, que o til, assim como suppre o *M*, tambem soa como *M* na pronunciaçãõ, e em lugar do til se pôde escrever o *M*? E quem duvida que ou se escreva, ou se pronuncie, sempre ficaõ com o mesmo som, *Irmam*, e *Irmã*, *Christam*, e *Christã*: pois aonde vay a differença?" (FEIJÓ, 1734, p. 114-115)

De fato, embora tal equívoco lembrado por Souza pudesse ocorrer, percebemos, pelos comentários dos ortógrafos, que havia uma forte preocupação em se definir a diferença dos usos ortográficos do til, <m> e <n> e seus respectivos valores.

5.3.1.4 Uso de <am>, <ão> e <aão>

Algumas palavras com sons vocálicos nasalizados na sílaba final apresentam flutuação gráfica para sua representação: ora com uso do til, ora com o uso da consoante nasal <m>.

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
sermaão/sermão	29 (C36, l563; C45, 735-736)	1 (C9, l131-132)
sermam	1 (l1)	1 (l1)
saão/são	76 (C73, l1199; C73, l1200)	23 (C4, l39; C10, l138)
sam	1 (C29, l455)	1 (C31, l529)
taão/tão	31 (C3, l51; C17, l260)	26 (C12, l171; C13, l205)
tam	9 (C2, l14; C15, l233)	4 (C9, l125; C9, l149)
Adaão/Adão	1 (C52, l817)	2 (C45, l789; C46, l760)
Adam	—	2 (C45, l786; C46, l766)
despreção	2 (C79, l1277-1278; C79, l1303-1304)	—
desprezam	1 (C14, l216)	—

Quadro 7 – Ocorrências de palavras com flutuação gráfica na escrita do som nasal.

Fonte: Elaboração própria.

Câmara Jr. (1975), ao falar da nasalação portuguesa lembra que, em Latim, as sílabas podiam ser travadas por consoantes nasais. Lembra, também, que

Com todas as outras consoantes em segmento, a consoante nasal de travamento reduziu-se, complementando-se o travamento fonológico com

uma forte nasalação da vogal. Este processo foi privativo do romance lusitânico, em contraste com o castelhano, onde persistiu o mero travamento pela consoante nasal, como em latim. (CÂMARA JR, 1975, p. 64)

Assim, em posição final átona, a consoante nasal foi eliminada (*lupum* > *lobo*). Já em posição intervocálica, com a redução da consoante nasal, a nasalação decorreu ou da fusão das vogais (*bonu* > *bão* > *bom*, *lana* > *lã* > *lã*) ou da sua ditongação (*orphanu* > *órfão*)⁹². Para a escrita, então, salienta Câmara Jr. (1975, p. 65):

A escrita portuguesa adotou dois meios de indicar a vogal nasal. O primeiro foi manter a letra consoante, que se usava em latim para indicar a pura consoante nasal pós-vocálica, e era *m* diante de consoante labial na sílaba seguinte (*campus*, *ambo*) e *n* diante de consoante de outro tipo (*legenda*, *sanguis*). O segundo foi aproveitar o diacrítico chamado "til" (~), sobreposto à letra vogal, que era de início uma abreviação do *n* de que lançavam mão os copistas medievais. Afinal fixou-se a praxe de escrever *m* ou *n* (pelo critério latino) em sílaba interna ou sílaba final com *a*, *i*, *o*, *u*, reservando-se o "til" para *a* final ou ditongo.

Dados estes fatos, não é improvável a flutuação no emprego e respectivo valor de formas gráficas que representam vogais nasais, já que os ortógrafos pautavam-se no modelo latino para explicarem fatos da Língua Portuguesa.

Para a maioria dos ortógrafos, a nasalidade só era possível devido ao emprego exclusivo da consoante nasal <m> ([m]), não com toda a sua força, mas "líquida". Contudo, os ortógrafos percebiam que, para a representação da nasalidade em final de palavra, o emprego dos segmentos <am> ou <ão> veiculavam valores fonéticos distintos.

Duarte Nunes de Leão (1576), ao comentar o uso do til, afirma que ele, além de servir como marca de abreviatura, também indica a supressão de <m> em final de sílaba, ao formar ditongo. Diz ele, ainda:

E por assi ser liquido este .m. & não ferir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, dá lugar, que as duas vogaes, em que elle interuem, se ajütem sempre em diphthongos, fazendo hũa soo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum genero. Polo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi froxo, o screuemos necessariamête para a

⁹² Lembra, também, Netto (2001, p. 113-114): "A origem da nasalidade vocálica em português é bastante esclarecedora, uma vez que, sejam vogais nasais ou sejam nasalizadas, têm origem na consoante oclusiva nasal coronal [n]. [...] as consoantes sonoras, de maneira geral, mantiveram-se apenas após sílaba travada ou em posição inicial de palavra. Quando ocorriam em posição intervocálica eram suprimidas [...] [...] quando de sua elisão, a consoante nasal promovia o nasalamento da vogal que a precedia. Tal nasalamento, quando ocorria em interior de palavras, terminava por suprimir-se, como nos casos em que o cognato latino era *moneta* ou *fenestra*, que resultaram em *moeda* e *fresta*. Em posição final, a nasalidade permanecia, ora formando um ditongo nasal ora formando um novo segmento consonantal [ɲ] [...]"

dicta abbreviatura, por não termos outra letra, cõ que o representemos. E assi dizemos, Alemão, capitão, falcões, beleguijs.

E a causa d'esta pronunciação he, por a propriedade da nossa lingoa Portuguesa, que sempre põem .m. no fim das dições, onde os Castelhanos põem .n. Polo q̃ dizendo elles, hermano, hermana, lana, era necessario, q̃ dicessemos, hermamo, hermama, lama, que ficaua em outra forma, & mui desuiado da razão, & analogia Latina, & Hespanhola, a que a nossa lingoa sempre teem respecto. E por tanto fazendo aquelle .m. liquido, ficamos imitando a pronunciação, & analogia da lingoa Castelhana, & não fogindo da Latina, & guardãdo a propriedade de nossa lingoa, de fugir o .n. & dizemos irmão, irmã, lãa. (LEÃO, 1576, p. 25)

Ou seja, para o ortógrafo, o ditongo nasal é fruto da junção de um som nasal entre duas vogais e justamente este som nasal deve ser representado pelo til, uma vez que ele não se junta à vogal da sílaba seguinte (como em a-mo ou Ro-ma)⁹³. De fato, ao comentar alguns dos ditongos possíveis em Português, expõe algumas questões:

O primeiro diphthongo he .ãa. que he hũa composição de dous .aa. com hum til, em que se acabão muitos nomes femininos, que se não podẽ screuer com as letras directas dos Latinos, que são as do nosso alphabeto, de maneira que fiquem scriptas, como as nos pronũciamos. Porque se screuerem, irram, romam, lam, vão dar em outro soido mui differente. Porque ficão soando, quasi como irmão, romão, lão. (LEÃO, 1576, p. 27)

Novamente aqui, notamos o equívoco de Leão ao associar à grafia <m> o som [m], que, segundo ele, lembra o som da grafia <ão> que, por sua vez, representa o gênero masculino das palavras, não se vindo, assim, para a representação do feminino, pronunciado de forma distinta.

O .IIII. diphthongo he .ão. o qual he o mais frequentado da nossa lingoa, & sobre que ha mais opiniões, & duuida, em que lugares se ha de vsar. Porque hũus indistinctamente o vsão, & o confundem com esta terminação .am. não fazendo de hum a outro differença algũa. O que he erro manifesto. Porque no fim das palauras, que acabamos com esta pronunciação, achamos hum sabor de .o. que não achamos no fim da primeira syllaba desta palaura, campo. E he manifesto (como diz Prisciano, referindo a Plinio) que o .m. no principio da dição da hum som claro, & no meo mediocre, & no fim mui obscuro, & apagado. De maneira que se nossas dições acabassemos em .am. soarião mui mais apagadamente, do que soa a primeira syllaba de cam-po. E nos pelo contrario, nas dictas dições sentimos hũ som muito descuberto, & mui desuiado de .m. que o não podemos exprimir, & representar, senão com o nosso diphthongo .ão." (LEÃO, 1576, p. 28)

⁹³ Observar, contudo, que, no exemplo do castelhano dado pelo ortógrafo, a nasal encontra-se em posição intervocálica. Lembrando Mattoso (1975), neste contexto, em Português, a consoante nasal se reduz e as vogais, neste caso, formam um ditongo nasalizado.

Neste trecho, Leão aborda o som de fato realizado nas terminações de palavras: não soa o [m], mas, possivelmente, o ditongo [ẽũ].

Finalmente, com o dicto diphthôgo se hão de screuer, na final terminação, todos os nomes, ã vulgarmête se screuem per .am. dizêdo, capitão, Alemão, galeão, taballião, se queremos screuer, como pronũciamos. De maneira que nenhum nome, nem verbo se screua no fim per .am. que he pronunciação alhea, da ã nos damos aos dictos vocabulos. E quẽ quiser veer a pronunciação propria de .am. & quam differente he, da que damos aos dictos vocabulos assi acabados, coteje a primeira syllaba desta palaura cam-po, com a final desta palaura, falcam. A qual pronunciação, de nenhũa outra maneira podemos representar, senão assi, falcão. (LEÃO, 1576, p. 29)

Para o ortógrafo, de fato, os segmentos <ão> e <am> têm, foneticamente, traços distintos (talvez, respectivamente, [ẽũ] e [ẽm]). Assim, em alguns fins de palavras, o emprego do segmento <ão> é o que melhor representa a pronúncia do vocábulo (por exemplo, [alemẽũ] X [alemẽm]).

Bento Pereira (1666, p. 64-65), ao tratar da confusão entre as escritas <ão> e <am> em final de palavra, diz:

Grande he a contenda entre os peritos, se hemos de usar de *aõ*, se de *am*, ou seja os nomes, *Perdigaõ*, *Perdigam*, ou nos verbos, *amaraõ*, *amaram*. Nam me atrevo a condenar o vulgar modo de escrever *aõ*, usado de muytos; mas sou de parecer que usemos de *am*; porque além de *aõ* demandar diversas pronuncias, por razam de *ao* junto com til, que tem força de *m*, & fica soando *aom*. Se usarmos de *am*, nos assemelharemos aos Latinos, os quays assim nos nomes, como nos verbos, põem, *am*: *musam*, *legebam*, & na particula, *nam*, que significa, *por que*. E ja que delles tomãmos as palavras, he bem que tomemos o escrevellas, principalmente que os que escrevem com *ao*, til, *aõ*, estam expostos, como já dissemos, a grande confusam [...]

Para Pereira, em <aõ>, pelo fato de o til representar <m> na escrita, há possibilidade de confusões de pronúncia (já que, também para ele, o <m> deve ser pronunciado), extinta se feita a substituição do segmento por <am> no fim de palavras. O fato é que, por este comentário, depreendemos que há distinção fonética entre as formas gráficas <am> e <ão>.

Franco Barreto (1671), ao comentar o ditongo <aõ>, informa que ele substituiu a antiga terminação <om>, que, na época, ainda era mantida por portugueses da região de Douro e Minho e também pelos galegos. Para ele, a melhor forma de empregar a terminação <ão> era guiar-se pela língua castelhana, pois, nas palavras em que, em castelhano,

terminassem em <ano>, <anos>, seriam empregados <ão> e <ãos>⁹⁴. Diz, além disso, que sempre se empregará esta terminação nas formas verbais de 3ª pessoa do plural do tempo Futuro (ou seja, neste ponto, a distinção gráfica indica uma função morfológica). Já ao falar dos usos do til, diz que ele serve, além de indicação de abreviatura, para representar <am>, , <im>, <om> e <um>, sempre quando a sílaba em que ocorrer for a tônica, porque "[...] quando nessas vogaes soa o acento, deyxaremos o m fóra, & poremos o til, encima dessa tal vogal, como ã razã, vintẽ, jasmĩ, bõ, atũ: porque entã o m. final pede a sua pronunciaçã, que nós lhe nã damos [...]" (BARRETO, 1671, p. 179)

Mais uma vez é registrado que a letra <m>, se empregada em fim de sílaba, exigia sua pronúncia. Ao comentar as possibilidades de sons nas quais podem acabar uma palavra, o ortógrafo diz mais sobre <am>, <ã> e <ão>:

[...] ã m. como amam, virgem, & os que nã tiverem acento ã a vogal final, sejam nomes, ou verbos, porque entam os verbos nã acabam ã m, mas ã aõ, & os nomes ã ã, para diferença; porque ã esta pronunciaçã, quer o m. seo inteyro soido, que he fechando os beyços: o que nã he entre nós usado; & quando os verbos, ou nomes tẽ acento na penultima, pronunciamos como os Latinos musam, amaveram, sermonem, &c. & assi diremos, amam, amáram, virgem, &c. (BARRETO, 1671, p. 189-190)

Ou seja, o <am> é empregado somente nos casos em que a sílaba final não é a tônica.

Feijó (1734, p. 82), ao falar das formas <am> e <aõ>, diz:

Duvidaõ muitos se as nossas palavras Portuguezas, que acabaõ em *am*, se haõ de escrever sempre com *am*, ou com este dithongo *aõ*. E a razã de duvidar he; porque no fim de similhantes palavras sempre sã hum *O* levemente tocado na pronunciaçãõ; o que nã succede na pronunciaçãõ de *am*, quando se escreve no principio, ou no meyo das palavras: v. g. *Amparo*, *Amplo*, *Campo* etc. aonde o *am* nã sã com *O* final, como nestas: *Caõ*, *Falcaõ*, *Paõ*, etc.

Assim, para o ortógrafo, <am> apresenta particularidade fonética somente no interior de palavras, não no fim, já que, como nota, neste caso específico, ocorre um "o final" (possivelmente [ẽũ]), representado, então, por <ão>. Depois, comentando as alternativas de Leão (que, como já citado acima, diz que não há a forma <am>, mas sempre, em fim de palavra, <ão>) e de Bluteau, em seu vocabulário (destinando o uso do segmento <ão> às terminações verbais de 3ª pessoa do plural), Feijó discorda deles, pois, para ele, há casos em

⁹⁴ De fato, opção condizente com a estrutura fonológica portuguesa.

que as duas formas <am> e <ão> possuem valores diferentes, ligados à tonicidade (no caso dos verbos, possuindo função morfológica, ao atuar como marcação temporal). Diz ele:

Nem estes Auctores podem negar, que nós pronunciamos muitas palavras em *aõ*, ou *am*, com som diverso de outras; porque de muito differente modo pronunciamos *Elles eraõ* no imperfeito; e *Elles seraõ* no futuro: *Elles amáraõ* no plusquam perfeito, e *Elles amaraõ* no futuro &c. Porque nas primeiras o som final he debil, e submisso; e nas segundas he forte, e agudo. E para sabermos quaes se pronunciaõ do primeiro modo, e quaes do segundo, necessariamente ha de haver differença na orthografia. Huns ja disseraõ, que a differença devia ser, escrevermos com *am* as palavras, que acabaõ com som breve, ou debil, como: *Elles amam*, *Ensinam*, *Liam*, *Ouviam* etc. E que escreveriamos com *aõ* as que acabaõ com som forte, como: *Elles amaraõ*, *Ensinaraõ*, *Leraõ*, *Ouviraõ* do futuro. Outros dizem, que todas se escreveraõ com *aõ*, e que a differença seraõ os accentos. Eu porem respondo com distincção, e digo: que todos os nomes, que acabaõ com som forte, ou em que carregamos mais na pronunciação, se escrevaõ com *aõ*, como *Alemaõ*, *Christaõ*, *Joaõ*, *Sebastiaõ* etc. E os que forem breves, teraõ accentos na penultima, ou na vogal antecedente: como *Christóvaõ* *Estêvaõ* etc. Nas linguagens dos verbos, as que acabarem breves, teraõ os mesmos accentos nas vogaes penultimas ao ditongo [...] E as que forem longas, não teraõ os taes accentos. E se me disserem, que ainda fica duvida no tempo donde fallaõ, não tendo accentos; porque poucos o usaõ; respondo, que se escrevaõ as linguagens do futuro com *am*, e accentos agudos sobre o A [...] (FEIJÓ, 1734, p. 82-83)

Assim, para Feijó, em fim de palavra sempre se deve grafar <ão>, e, ao indicar as variações de pronúncia, na verdade, frutos da acentuação tônica da palavra, ressalta que, embora em alguns casos (quando a última sílaba é a postônica) o som seja 'mais débil', ele não deixa de ser pronunciado como [ẽũ]. Assim, conclui que, quando houver deslocamento de tonicidade, este deve ser indicado pela acentuação gráfica, já que a tonicidade, nos verbos, acarreta mudança do tempo verbal.

Em outro momento, comenta:

Aqui so advirto, que he indigno da orthografia, o fundamento dos que reprovãõ as palavras acabadas em *aõ*; e so approvaõ as em *am*, como *Joam*, *Sebastiam*, *Christam* etc. Porque dizem elles, que se o til suppre o *M*, fica escusado o *O*; porque se escrevermos o *M* em lugar do til, ficará *Joaom*, *Sebastiaom* etc. Digo, que este fundamento he indigno; porque toda a causa, porque escrevemos *Joaõ*, *Sebastiaõ*, *Christaõ*, *Irmaõ*, *Amaraõ*, *Leraõ* etc. he porque no fim da nossa pronunciação nestas palavras sôa hum *O*; e por isso se escrevessemos o *M* em lugar do til, ficaria *Joam-o*: *Sebastiam-o*: *Christam-o* etc. e por não escrevermos com esta divisaõ, fazemos o dithongo de *aõ* ligado com o til por cima: logo he ridiculo dizer, que se desfizemos o dithongo, ficará *Joaom*; quando o *O*, não sôa antes, mas depois do *M*. (FEIJÓ, 1734, p. 114)

Ou seja, mais uma vez o ortógrafo afirma que, em fim de palavra, sempre se pronuncia [ẽũ] e, discordando de Pereira (citado parágrafos acima), salienta que o fato de o til representar <m> não interfere na interpretação e pronúncia do segmento <ão> uma vez que esse <m> recai junto à primeira vogal, nasalizando-a e o <o> sucede a esse conjunto.

Por meio destes comentários, podemos deduzir que, embora não haja consenso entre os próprios ortógrafos quanto ao emprego das formas gráficas <ão> e <am> e seus reais valores fonéticos, a variação de pronúncia, inevitavelmente, ocorria ainda no século XVII. Assim, as palavras com flutuações encontradas nos sermões possivelmente retratem essas possibilidades de pronúncia (por exemplo, para Sermão: [sermẽũ] e [sermẽm]; para tão: [tẽũ] e [tẽm]).

5.3.1.5 Flutuação no emprego do til (~) no segmento

Um número considerável de palavras apresenta flutuação ao representar, possivelmente, o som [ẽũ]: algumas vezes, são escritas com o til sobre a letra <a>, outras, com o sinal sobre o <o>.

Bento Pereira (1666) não comenta nada sobre a letra sobre a qual o acento deve recair. Inclusive, na escrita de sua ortografia, há também flutuação. A única observação que traz é que, para verbos, o ideal seria grafá-los, sempre, por <am>, de forma que a distinção do tempo em que é empregado ficaria facilitado pelo uso do acento:

[...] os que escrevem com *ao*, til, *aõ*, estão expostos [...] a grande confusão; porque, ou seja, v. g. *entráram*, de preterito, ou *entraráram*, de futuro, tudo escrevem com *ao*, til, *aõ*; mas os que usam de *am* no preterito, põem accento na penultima, *entráram*, no futuro põem o accento na ultima, *entraráram*; como já temos advertido. (PEREIRA, 1666, p. 65)

Nunes de Leão (1576, p. 25) adverte que o til, no segmento <ão>, deve recair sempre sobre o <a>, já que ele representa um <m> entre as vogais, mas associado à primeira vogal:

E por assi ser liquido este .m. & não ferir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, dá lugar, que as duas vogaes, em que elle interuem, se ajũtem sempre em diphthongos, fazendo hũa soo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum genero. Polo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi froxo, o screuemos necessariamẽte para a dicta abbrevuiatura, por não teermos outra letra, cõ que o representemos. E assi dizemos, Alemão, capitão, falcões, beleguijs.

Assim, "[...] porque o til, que se põe em irmão, não he sobre o .o. que he derradeira letra, senão sobre o .a. que he a penultima [...]. O qual mettendose no meo, faz aquelle vinculo de duas letras, que he o diphthongo." (LEÃO, 1576, p. 27-28)

Franco Barreto (1671) não estabelece nenhuma regra específica quanto à posição do til. Inclusive, na escrita de sua *Ortografia*, há vários casos de flutuação.

Feijó (1734) usa, predominantemente, o til sobre a letra <o>. A única observação que o ortógrafo faz refere-se à diferenciação da 3ª pessoa, plural, do Futuro e do Pretérito. Para ele, o Passado será marcado com a terminação <aõ> mais acento na penúltima sílaba, já o Futuro será marcado com <am> mais acento no <a> final. Pondera ele: "[...] e se for futuro, será *Partirâm* com o mesmo accento no A; e não *Partiraõ*, porque o til occupa o lugar do accento." (FEIJÓ, 1734, p. 83)

Esta oscilação do til, no caso de encontro vocálico, pode indicar, além da nasalização da vogal sobre a qual o acento gráfico recai, o fato de haver uma ditongação envolvendo a nasalidade. Dos sermões, seguem alguns exemplos:

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
sermaõ	17 (C48, l759; C82, l1313-1314)	—
sermão	12 (C16, l243; C17, l262)	1 (C9, l131-132)
comèraõ	1 (C9, l122)	—
comèrão	1 (C19, l307)	—
coraçaõ	1 (C82, l1311-1312)	2 (C17, l296; C37, l625)
coração	3 (C15, l219; C29, l479; C62, l987)	—
haõ	31 (C7, l102; C38, l585)	1 (C23, l373)
hão	3 (C78, l1256; C79, l1288)	—

hauiaõ	5 (C7, l110; C7, l116)	—
hauião	2 (C54, l873; C56, l889)	—
Naõ	99 (C3, l21; C61, l1004)	81 (C4, l34; C21, l350)
não	140 (C13, l202; C45, l732)	29 (C2, l15; C11, l182)
perdêraõ	1 (C12, l168)	—
perdêrão	3 (C19, l300; C12, l158)	—
prégaçaõ	6 (C41, l671; C81, l1335)	—
prégação	6 (C16, l222; C27, l415-416)	—
razaõ	9 (C3, l46; C35, l575)	4 (C14, l206; C22, l344-345)
razão	16 (C27, l442; C31, l486)	1 (C35, l583)
senaõ	6 (C36, l567; C46, l742)	11 (C20, l312; C42, l702)
senão	19 (C18, l268; C28, l415)	5 (C9, l130; C10, l157)
taõ	20 (C1, l14; C36, l577)	26 (C12, l171; C13, l205)
tão	11 (C17, l260; C22, l338)	—
entaõ	5 (C33, l527; C38, l601)	2 (C13, l221-222; C51, l880)
então	3 (C67, l1104; C70, l1113)	1 (C16, l248)
Salamaõ	—	3 (C6, l80-81; C7, l92)
Salamão	1 (C63, l1036)	2 (C7, l112; C8, l120-121)
maõ	—	1 (C6, l83)
mão	3 (C29, l469; C29, l477)	1 (C24, l389)
foraõ	—	6 (C8, l107; C24, l377)
forão	3 (C43, l707; C56, l891)	1 (C8, l107)
daõ	—	1 (C15, l242)
dão	1 (C28, l436)	1 (C10, l138)
achaõ	1 (C51, l825)	—
achão	—	1 (C15, l241)

paõ	—	9 (C17, l288; C42, l718)
pão	2 (C52, l820; C66, l1049)	—
jurisdição	—	4 (C33, l571; C33, l577)
jurisdição	—	3 (C37, l629; C45, l782-783)
Adaõ	1 (C52, l817)	1 (C45, l789)
Adão	—	1 (C46, 760)

Quadro 8 – Ocorrências de palavras que apresentam flutuação no emprego do til.

Fonte: Elaboração própria.

5.3.1.6 Flutuação no emprego de <eo>/<eos> e <eu>/<eus> e <ua> e <oa>

Os pronomes possessivos de 3a pessoa, singular e plural (seu, seus) apresentam, para a escrita do ditongo <eu>, flutuação de escrita da semivogal <u> por <o>:

seo (16 ocorrências no SS: C21, l320; C52, l820)

seu (17 ocorrências no SRSI: C6, l55; C8, l106 e 5 no SS: C13, l185; C30, l461)

seos (2 ocorrências no SRSI: C23, l404; C24, l392 e 7 no SS: C42, l657; C77, l1255)

seus (2 ocorrências no SS: C10, l129; C36, l559 e 7 no SRSI: C3, l22; C22, l366)

O mesmo ocorre com a 3a pessoa, singular do verbo **dar**, do Pretérito Perfeito do Indicativo:

deo (1 ocorrência no SRSI: C47, l793 e 2 no SS: C60, l953; C71, l1159)

deu (2 ocorrências no SRSI: C35, l592; C42, l695)

Já em **agoa** (1 ocorrência no SRSI: C17, l288) e **agua** (1 ocorrência no SS: C55, l895 e 2 no SRSI: C39, l675; C42, l707), há a troca do primeiro elemento do ditongo <ua> por <o>.

Estas flutuações provavelmente refletem o que ocorria na pronúncia. Por serem sons foneticamente semelhantes⁹⁵ ([u] – [o]), a troca de um som pelo outro é plausível. Inclusive, observando as indicações dos ortógrafos, notamos que, de fato, a flutuação era muito recorrente e, em certos casos, tolerada.

O fato é que, nestes casos, ocorrem, sempre, ditongos.

Leão (1576), ao explicar os ditongos existentes em Português, especificamente os formados por <eu> e <oa>, exemplifica cada tipo, respectivamente com as palavras **seu** e **agoa**. Sobre o último tipo, explica que "[...] vem depois do .g. em lugar do .u. liquido, que vinha em vocabulos Latinos depois do .q. como de aqua, agoa. equa, egoa. lingua, lingoa. & em outros meros Portuguses [...]" (LEÃO, 1576, p. 31) Ou a pronúncia inicial fosse com [o] e, depois, devido à semelhança com o som [u], passou a haver variação ou, havendo uma gradiência⁹⁶ [o] – [u], ela se estabilizou em função de [u] ou se categorizou como [u].

Pereira (1666), ao tratar dos ditongos, aborda os formados pela vogal <u>, denominando-o de "segundo gênero de ditongos". Ao abordar as várias espécies de ditongos deste gênero, considera:

a) sobre o segmento <ua>: "Quando se junta *u*, com *a* ou se põem antes, *ua*, como na palavra, *igual*, ou se põem depois, *au*, como na palavra *causa*. (PEREIRA, 1666, p. 41)

b) sobre o segmento <eu>: "Quando se junta com *e*, ou se põem antes, *ue*, como na palavra *baque*; ou se põem depois *eu*, como na palavra, *deu*, posto que muytos doutos escrevem, *deo*, id est, *dedito*." (PEREIRA, 1666, p. 41) Neste caso, o ortógrafo aborda, inclusive, a questão da flutuação deu-deo existente na época.

Já no final de sua obra, ao expor listas de palavras para serem "melhoradas" na escrita e na fala, Pereira tem por "tolerada" a forma **agoa**, mas sugere a forma "melhorada" **agua**. Claramente, tal flutuação era muito recorrente também, a ponto de merecer a atenção do ortógrafo.

Para Barreto (1671), escreve-se com o ditongo <eo>, além das 3as pessoas, singular, dos verbos de 2a conjugação no Pretérito Perfeito do Indicativo, o verbo **dar**. Já com o

⁹⁵ "Dois ou mais sons são foneticamente semelhantes quando compartilham um número maior de propriedades fonéticas do que se opõem por elas." (CAGLIARI, 2002, p. 34) Assim, "Os sons que são foneticamente mais semelhantes têm maior chance de se realizarem como variantes e, por isso, constituem os sons mais suspeitos de não serem fonemas em uma língua." (CAGLIARI, 2002, p. 33) Podem ser, pois, alofones.

⁹⁶ Enfraquecimento gradual e contínuo de gestos articulatórios de determinado som.

ditongo <eu>, é escrito o pronome **seu**. O próprio ortógrafo chega a comentar a semelhança entre os dois sons [u] e [o]: "He grande a semelhança, que [o] tẽ cõ o u, que se nã se tẽ conta cõ a pronunciaçã facilmente se ouve ã por outro [...]" (BARRETO, 1671, p. 81) Ao falar do ditongo <ua>, considera que:

Delle usamos ã alguns nomes, como agua, egua, fragua, legua, lingua, mingua, &c: ainda que nossos ortografos escrevem estes nomes per oa, agoa, egoa, fragoa, legoa, lingoa, &c. Porem nã consideram (ao menos ã os dous primeyros) que sómente mudamos o q, ã g, conservando sempre o u, companheyro insceparavel do q, & tambẽ companheyro, que ainda quando o q, desaparece fica elle immovel ã o proprio lugar, & que assi de aqua, equa, dizemos agua, egua. (BARRETO, 1671, p. 106)

Ou seja, para o ortógrafo, a única letra que se transforma é o <q> em <g>. E, no final de sua obra, ao sugerir correções que "a inorancia do vulgo tẽ corrutas", tem por errada a forma **agoa** e correta **agua**.

Feijó (1734), ao final de sua *Ortografia*, elabora uma extensa lista de "erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as suas emendas em cada letra". Ao retratar a palavra água, tem por emenda **agoa**, mas, explica:

Agoa, dizem huns do Latim *Aqua*; e tem razão para mudarem o *u* em *o*, assim como mudaõ o *q* em *g*; porque todos dizem *Egoa* de *Equa*; e não ha mais razão para huma versaõ, que para outra. Outros dizem *Aqua*, fazendo o *u* liquido, porque não se carrega nelle com o *g*; assim como em *Aqua*, se não carrega nelle depois do *q*. De hum, e outro usaõ os nossos *Auctores*: *Agoa* he mais usado. O vulgo erradamente diz *Auga*, e *Augoa*. (FEIJÓ, 1734, p. 172-173)

De acordo com o escrito, em *agoa*, há um hiato, já que o ortógrafo não admite ditongo formado por <oa>. No segundo caso também corrente, o <u> não apresenta propriedade fonética, pois, segundo Feijó, ele é usado na forma líquida, além disso, o ditongo também não ocorre, pois

Alguns dizem, que tambem ha dithongos de *Ua*, *ue*, *ui*, e *uo*, e allegaõ por exemplos as palavras *Guarda*, *Guerra*, *Quebra*, *Guincho*, *Quotidiano* etc. E eu digo, que não se devem chamar dithongos; porque estes sempre tem o som de duas vogaes; e em nenhuma das palavras referidas sã o *U* com a vogal seguinte; e a razão he, porque o *U* depois de *G*, e depois de *Q* sempre se faz liquido, e perde toda a força de vogal; e por isto senã percebe o seu som na pronunciação das palavras referidas. (FEIJÓ, 1734, p. 26)

Sobre as pronúncias de **seu**, diz Feijó (1734, p. 24): "Ha dithongos de *Eu*, como *Meu*, *Teu*, *Seu*: *Meus*, *Teus*, *Seus*, *Deus*. Mas como estas palavras na nossa pronunciaçãõ, mais parecem ter som de *O*, que de *U*; porque este se exprime com mais difficuldade, alguns as escrevem com dithongo de *Eo*: *Mêos*, *Têos*, *Sêos*, *Dêos*, o que não reprovo."⁹⁷ Nas emendas, **seo** é a forma a ser corrigida.

5.3.1.7 Uso de <e> e <i>/<y>

É frequente a flutuação entre <e> e <i>/<y>, que são, também, sons foneticamente semelhantes: [i] – [e].

- **Quando em sílaba tônica, formando ditongo**

depoes (7 ocorrências no SS: C7, l105; C15, l231)

depois (7 ocorrências no SRSI: C8, l116-117; C21, l356)

notae (4 ocorrências no SS: C6, l79; C19, l309)

notai (1 ocorrência no SS: C54, l861)/notay (1 ocorrência no SRSI: C27, l452)

Poes (24 ocorrências no SS: C16, l239; C21, l330)

pois (9 ocorrências no SRSI: C4, l53; C42, l701)

Mãe (1 ocorrência no SS: C52, l836)

mãy (6 ocorrências no SRSI: C5, l81; C15, l233)

Pereira (1666), ao falar da diferença entre <i> "vogal completa" e <y> "vogal não suficiente a fazer síllaba", explica que com o segundo se formam as palavras *pay* e *mãy*.

Barreto (1671), ao tratar do ditongo <ae>, explica que ele é usado na segunda pessoa singular do modo imperativo. Daí *notae*. Já ao falar do ditongo <ây>, diz que ele serve unicamente para o nome **mãy**.

Feijó (1734, p. 107), sobre **mãy**, diz:

⁹⁷ Vale, aqui, a mesma observação feita ao comentário de Leão (1576), na página 104 desta dissertação.

Este nome *Mãy*, escrevem muitos so com *ay*; e não advertem, que na pronunciação sò mais alguma cousa; porque he diverso o som na pronunciação da palavra *Pay*; do que na pronunciação da palavra *Mãy*; porque o som na primeira he agudo, e na segunda não. Por isso alguns escrevem *Mae*, dizendo, que no fim da pronunciação se percebe hum som de *E*. E eu digo que se ligue o dithongo com hum til por cima, e logo ficará a orthografia uniforme com o som *Mãy*. E este he o uso de todos os Auctores, e os mais cultos na nossa lingua [...]

E, na sua lista contendo os erros e as correções, escreve:

Mãy. com esta orthografia achei sempre escripta esta palavra nos mais gráves Auctores. Alguns modernos escrevem *Maẽ*; não sei donde tiraõ este *e*; porque na pronunciação não se percebe; e para dizer que he de *Mater* no Latim, tambem *Párens* significa a *Mãy*, e nenhũa similhança tem. Os que escrevem *May* sem til, erraõ a pronunciação de *Mãy*." (FEIJÓ, 1734, p. 393-394)

Ainda em sua lista, sugere **depois a depois**.

- **Quando em sílaba átona pretônica**

definição (2 ocorrências no SS: C27, l443; C60, l972)

definilla (1 ocorrência no SS: C47, l769)

definio (2 ocorrências no SS: C60, l971; C61, l976)

difinida (1 ocorrência no SS: C19, l294)

testemunho (1 ocorrência no SRSI: C50, l849)

testimunho (4 ocorrências no SS: C70, l1124-1225, C72, l1151)

testemunhas (1 ocorrência no SRSI: C34, l549-550 e 1 ocorrência no SS: C71, l1155)

testimunhas (5 ocorrências no SS: C70, l1138; C71, l1157)

negoceação (1 ocorrência no SRSI: C21, l358)

negociação (4 ocorrências no SRSI: C4, l34; C52, l861; C52, l877)

Pereira (1666), na lista contendo erros e correções, tem **Testemunho** como forma errada e **Testimunha** como melhorada. Barreto (1671) também propõe a mesma correção.

Feijó (1734, p. 512), em sua lista, diz que "*Testemunha, Testemunho, e Testemunhar.* são universalmente usadas: melhor diremos *Testimunha, Testimunar* etc." Quanto à **negocear**, diz: "*Negociar*, e não *Negocear*, porque no Latim he *Negotiari*, e por isso devia dizer: Eu negócio, tu negocias, elle negociã, negociãmos, negociais, negociaõ. Mas ouço dizer cõmummente. Negocêo, negociêas, negociêa etc. A primeira conjugação he mais propria." (FEIJÓ, 1734, p. 410) Finalmente, considera **Definição** e **Definidor** formas erradas, propondo, respectivamente, **Difinição** e **Difinir**.

5.3.1.8 Flutuação no emprego de <i>/<y> e nulo em certos contextos

Em alguns casos, há flutuação no emprego de <y> ou <i> em contextos de palavras, formando ditongo ou a ausência de ditongação:

abayxo (1 ocorrência no SS: C11, l152)

abaxo (1 ocorrência no SS: C66, l1068-1069)

debaixo (1 ocorrência no SRSI: C12, l181-182)

debaxo (5 ocorrências no SRSI: C17, l267; C17, l284)

A alternância entre a ditongação e a não ditongação também decorre do fato de haver semelhança entre os sons envolvidos, no caso: [ai] – [a]⁹⁸. Assim, a variação de pronúncia é possível, como bem demonstram os ortógrafos.

Nas reformulações propostas por Pereira (1666), o ortógrafo propõe **baxo** para a forma **bayxo**, tirando, pois, a ditongação. Leão (1576) também propõe a palavra sem a ditongação. Barreto (1671), em suas "Advertencias em ordem a emmendar, & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas.", têm por erradas as formas **abayxar** e **bayxo**, sugerindo **abaxar** e **baxo**. Feijó (1734, p. 163) diz, nos "Erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as suas emendas em cada letra" que "*Abaxar.* o uso cõmum diz *Abaixar.* e a este seguiremos, porque não tem analogia para o contrario."

⁹⁸ Segundo Netto (2001, p. 135), "A possibilidade de supressão do segmento vocálico [i] em *caixa* ou *paixão*, por exemplo, está diretamente relacionada com a qualidade do segmento consonantal que se lhe segue, o que parece definir que as articulações coronais pré-palatais contínuas propiciam a ocorrência e a incorporação de um segmento vocálico igualmente coronal pré-palatal com mínimo grau de abertura."

5.3.1.9 Flutuação na escrita da palavra *assim*

Provavelmente, a palavra *assim* aceitava a pronúncia com ou sem nasalação de sua vogal final.

assi: 35 ocorrências no SS (C3, l32, C5, l54) e 17 no SRSI (C4, l22, C18, l296)

assim: 10 ocorrências no SRSI (C11, l188; C13, l218)

Pereira (1666, p. 28) aproveita para comentar essa variação quando explica uma regra de escrita da Língua Latina:

Ha muyta distinçam entre, si, sim; *porque, si*, na lingua Portugueza he o mesmo ã *sui, sibi, se*, no Latim: & *sim*, he o mesmo que, *ita maximè*. Vé se esta distinçam neste exemplo: Pedro diz ã sim quer isto para si, &c. Tambem se ha de escrever assim, & nam assi, pela mesma razam.

Para ele, talvez por pensar mais na pronúncia, a nasalação ou não da vogal final da palavra seria a reveladora do sentido empregado: **assim** corresponderia à função de conjunção e **assi** estaria associado ao conjunto preposição + pronome átono (a si). Feijó (1734), por sua vez, aceita as duas formas.

Em síntese, as flutuações ortográficas envolvendo vogais revelam:

1. nenhuma alteração fonética/fonológica, mas com o valor vocálico definido em contextos fixos de emprego (caso da flutuação <u>/<v>, sempre no início de sílaba),
2. variação fonética/fonológica (por exemplo, caso das flutuações <am>/<ão>, <eo>/<eu>. Especificamente em *definio/difinida* e em *testemunho/testimunha*, temos processo de alargamento vocálico).

5.3.2 Consoantes

São os sons que acompanham as vogais, formando sílabas. Podem ocupar a posição de ataque⁹⁹ (quando, no interior da sílaba, antecedem a vogal) ou coda (quando, no interior da sílaba, a sucedem). Foneticamente, são classificadas quanto ao lugar e modo de sua articulação, bem como quanto à vibração ou não das cordas vocais¹⁰⁰ e aos mecanismos aerodinâmicos.

Nos sermões, são empregadas, graficamente, as seguintes letras como consoantes:

B	b
C	c
	ç
D	d
F	f
G	g
H	h
J/I	j
L	l
M	m
N	n
P	p
Q	q
R	r
S	s
T	t
V	v/u
X	x
Z	z

Nas próximas subseções, serão apresentados comentários sobre palavras que, segundo Coutinho (1974), Castro (1991) e Williams (1975), eram comuns no século XVII (por exemplo, grafia com grupos consonantais gregos e latinos) e também sobre palavras que, na sua escrita, apresentam flutuação ortográfica.

⁹⁹ Ou também *onset*.

¹⁰⁰ Sendo, assim, sonoras ou surdas.

5.3.2.1 Uso de <J>, <I> e <j>¹⁰¹

O som fricativo [ʒ], nos sermões, é representado:

- na forma maiúscula, por <J> (somente no SRSI, sendo 17 ocorrências), mas concorrendo com <I> (que, por sua vez, foi empregada representando os sons vocálico [i] e consonantal [ʒ] no SS).

Judith (SRSI C6, l82)

Jael (SRSI C6, l85)

Já (SRSI C7, l109)

Jayme (SRSI C8, l104)

Jerusalem (SRSI C8, l120)

Joaõ (SRSI C29, l489)

Judiciosamente (SRSI C46, l760-761)

Ià (SRSI C19, l300)

Ioaõ (SRSI C25, l426; SS, C59, l959)

Iapaõ (SS C3, l42)

Iuizo (SS C4, l21)

Iacob (SS C35, l554)

Ionas (SS C35, l579)

Iudea (SS C46, l744)

Ieremias (SS C65, l1071-1072)

Iudeos (SS C71, l1143)

Iesu (SS C78, l1246)

- na forma minúscula, o som [ʒ] é representado exclusivamente pela letra <j>.

¹⁰¹ Esta flutuação é possível porque, como sabemos, em Latim, tais letras não existiam. Os sons consonantal e vocálico eram representados por <i>.

Bento Pereira (1666) admite, em sua obra, usos gráficos diversos para o som vocálico [i] e para o consonantal [ʒ]. Diz o ortógrafo:

Quanto às primeyras, digo que sam duas diversas letras; *i*, vogal, & *j*, consoante, a qual podemos chamar *je*; porque *i*, vogal além de ter figura diversa, faz syllaba, como nestas palavras, *ira*, *imagem*: & *j*, consoante além de ter diversa figura, poys he rasgado, tem diversa natureza, que he ferir a vogal seguinte: como se vé nestas palavras; *jasmim*, *jejuar*, *jarro*. (PEREIRA, 1666, p. 69-70)

Contudo, quanto ao seu emprego na forma maiúscula, considera a indistinção entre a representação da consoante ou da vogal: "Note se que quando he em principio de algum nome proprio, he *I* grande, & não tem ponto, como tem, quando he rasgado, ou quando he *i*, pequeno." (PEREIRA, 1666, p. 70).

Para salientar ainda mais a função da forma <j>, compara seu valor com os das letras <i> e <y>:

E daqui entenderemos tambem a distincão, que ambas estas letras, a saber, *j* rasgado, & *i* vogal tem do ypsilon Portuguez *y*, porque, conforme a regra que demos, como o nosso ypsilon seja hum modo de vogal não sufficiente a fazer syllaba, poys sempre se ajunta com vogal, com a qual compõem huma so syllaba (...) claramente se fica distinguindo do *i*. que he vogal completa; o que se mostra nas palavras, *cayado*, *caido*: & tambem se fica distinguindo do *j* rasgado, que he consoante (...) e este exemplo mostra ao olho esta nossa doutrina, poys sendo tão diversa cousa, *cajado*, *cayado*, & *caido*, só se diversificam pela diversidade dos *j*, *y*, *i*. (PEREIRA, 1666, p. 70-71)

Leão (1576) fala do uso de <j> ao retratar as propriedades da letra <i>. Diz ele que o som vocálico é "próprio e natural", enquanto o som consonantal é "impróprio" ao emprego da letra. Depois, fala da semelhança entre <j> e <g> quando seguidas de <e> e <i>:

Outro soido lhe damos improprio, quando he consoante, que he falso, & alheo da natureza desta letra [i], o qual he cômum a .g. da maneira que o nos pronüciamos com .e. i. ã he hũa pronüciação Mourisca, tam alhea da propriedade do .g. como do .i. Porque dizemos: janella, jejum, joanne, justiça. Em as quaes palauras, não sentimos na pronüciação algũa semelhança do .i. consoante dos Latinos [...] (LEÃO, 1576, p. 8v)

Para saber se a escrita da palavra deve ser feita com a letra <j> ou <g>, Leão afirma que duas coisas devem ser respeitadas: a origem latina da palavra em questão e o costume. Considera, ainda, a forma gráfica das letras, "Polo que pola differença que assi faz, quando he

vogal, de quando he consoante, costumamos de o screuer, quando he vogal, de corpo pequeno, & quãdo he cõsoante, fazẽdoo mais cõprido, & rasgado para baxo assi .j." (LEÃO, 1576, p. 9) Como para Pereira, Leão não faz distinção gráfica para a representação do som consonantal na escrita com letra maiúscula, ocorrendo somente <I>.

Barreto (1671), como os dois ortógrafos anteriores, enquadra a representação do som fricativo [ʒ] na letra <i>. Aborda, como Leão, a semelhança sonora entre <g> e <j> quando seguidos de <e>. Mas, propõe que, quando seguidos de <i>, a escrita deve ser feita sempre com <g>, uma vez que <j> tem "parentesco e semelhança" com o <i>.

Feijó (1734, p. 73) diz que

O *J* consoante he aquelle, que sempre fere vogal, que vay adiante. E chamase consoante, porque na pronunciação sôa juntamente com a vogal: v. g. *JESUS*, *Jacinto*, *Jeronymo*, *Jogo*, *Judas etc.* Nas palavras, que não são nomes proprios, sempre se escreve rasgado para baixo, e com ponto em cima, deste modo: *janella*, *jarro*, *jogar*, *jurar etc.*

Assim, ele é o único ortógrafo que distingue, para a representação da fricativa, uma forma maiúscula <J> e outra minúscula <j>.

5.3.2.2 Uso de <V>, <v> e <u>

Na forma maiúscula, a letra <V> representa, exclusivamente, o som fricativo [v]. Na forma minúscula, em contexto de início de sílaba (posição de ataque), exceto na sílaba inicial da palavra, o som [v] pode ser representado por <u>.

No SS, apenas as seguintes palavras mantém a letra <v> na posição de ataque, no interior de palavra:

novas (única ocorrência: SS l7-8)

prova (única ocorrência: SS C10, l144)

Evangelho (única ocorrência: SS C11, l169)

No SRSI, ocorre o contrário: poucas são as palavras escritas com a letra <u> representando som consonantal¹⁰².

Euangelho (7 ocorrências: C6, l70; C17, l276)
 jejuaua (1 ocorrência: C17, l287)
 representauaõ (1 ocorrência: C17, l289-290)
 estauaõ (1 ocorrência: C17, l294-295)
 estaua (3 ocorrências: C17, l291; C29, l495; C29, l495)
 lauaua (1 ocorrência: C18, l266)
 curaua (1 ocorrência: C18, l267)
 beijaua (1 ocorrência: C18, l267-268)
 vsaua (1 ocorrência: C18, l269)
 proua (1 ocorrência: C18, l275)
 conseruando (1 ocorrência: C20, l315)
 conseruar (2 ocorrências: C21, l359; C24, l372-373)
 conseruada (1 ocorrência: C22, l365)
 esmaltauaõ (1 ocorrência: C26, l429)
 prerogatiuas (1 ocorrência: C27, l450)
 leuantada (1 ocorrência: C28, l467)
 trauados (1 ocorrência: C31, l541)
 desejaua (1 ocorrência: C32, l544)
 procuraua (1 ocorrência: C32, l544)
 chaues (1 ocorrência: C17, l268)
 atrauessando (1 ocorrência: C17, l295)
 impassiuél (3 ocorrências: C19, l309-310; C19, l311; C20, l304)
 altiueza (1 ocorrência: C21, l335)
 admirauel (1 ocorrência: C21, l343)
 notaueis (1 ocorrência: C22, l368)
 indiuisiuel (1 ocorrência: C23, l389)
 teue (2 ocorrências: C25, l414; C50, l850)
 conueniencia (1 ocorrência: C25, l415)
 viuêdo (1 ocorrência: C26, l410)

¹⁰² Ao todo, temos 84 ocorrências de letra <u>, em início de sílaba, como som consonantal, e 163 ocorrências de letra <v>, em início de sílaba, também como som consonantal.

Aues (1 ocorrência: C27, l448)
 vniuerso (1 ocorrência: C27, l464)
 reuestida (1 ocorrência: C31, l525-526)
 admirauelmente (1 ocorrência: C31, l539)
 sobreuestidos (1 ocorrência: C32, l511)
 houuesse (1 ocorrência: C32, l537)
 leuemos (1 ocorrência: C49, l833)
 cadauer (1 ocorrência: C49, l846)
 incorruptiuel (1 ocorrência: C50, l826-827)
 escreueo (1 ocorrência: C50, 832)
 notauel (1 ocorrência: C50, l853-854)
 hauerà (1 ocorrência: C50, l859)
 conuencido (1 ocorrência: C51, l867-868)
 incomparaueis (1 ocorrência: C52, l875)
 seruo (1 ocorrência: C20, l307)
 cõseruou (1 ocorrência: C23, l381)
 oitauo (1 ocorrência: C26, l405)
 lauor (2 ocorrências: C31, l517; C31, l526)
 seruida (1 ocorrência: C17, l298)
 seruia (1 ocorrência: C18, l265)
 servir (1 ocorrência: C20, l307)
 Diuino (1 ocorrência: C20, l311)
 David (12 ocorrências: C21, l368; C22, l335)
 Ouui (1 ocorrência: C22, l367)
 ouuiraõ (1 ocorrência: C23, l372)
 ouuir (1 ocorrência: C23, l373)
 indiuisiuel (1 ocorrência: C23, l389)
 duuida (2 ocorrências: C27, l461-462; C27, l467)
 diuisão (1 ocorrência: C27, l470)
 diuidem (1 ocorrência: C27, l472-473)

Para Bento Pereira (1666), não há possibilidade de flutuação entre as grafias <u> e <v> para a representação do som consonantal, já que ele afirma haver grafias específicas para

os sons consonantal (<v>) e vocálico (<u>)¹⁰³. E, sobre o uso de uma ou outra letra conforme o contexto silábico em que se encontrar, acrescenta:

Digo (sempre) porque alguns só a escrevem no principio, & nam no meyo: v. g. nestas palavras, *viuer*, *valverde*: sendo que para se guardar perfeyta distinçam assim no principio, como no meyo, se deve pôr nesta figura, v; porq̃ se em ambos os lugares he consoante, em ambos deve ter figura de consoante, qual he a que puzemos: pelo que se escreverà, *viver*, *valverde*, &c. (PEREIRA, 1666, p. 72)

Leão (1576) escreve que, pelo menos no início de palavra, o som fricativo deve ser escrito com <v>. Contudo, salienta que, no interior das palavras, seu uso é trocado pelo de <u>¹⁰⁴.

Barreto (1671), como Pereira, distingue as letras <v> e <u> e seus respectivos valores de consoante e de vogal. Diz ele:

He muyto importante para a lingua Latina, & para as mays, que della se dirivam, particularmente para a nossa, qua mays que as outras della participa; porque diferente sentido terá uivo, de vivo, lavra de laura; & outros semelhantes: & na Lingua Latina se deyxã bẽ ver esta diferença nos exemplos siguientes, que na impressã de certo Ortografo moderno saíram todos errados; solui, & solvi; calui, calvi; parui, parvi; volucrim, volverim; deserui, deservi; cõ outros muytos adonde evidentemente se conhece a necessidade que do v, consoante tê; polo que vay muyto a dizer escrever cõ ã, ou cõ outro. (BARRETO, 1671, p. 170)

Feijó (1734) também condena a flutuação no emprego de <u> e <v>, já que cada uma das letras está associada a um valor sonoro específico. Inclusive, ele vai distinguir, na forma maiúscula, <U> vocálico do <V> consonantal:

Muitos no meyo das palavras usaõ indistinctamente, ou de hum, ou de outro *U*; isto he, ou vogal *U*, ou consoante *V*; porque dizem, que tanto se póde pronunciar o vogal como consoante, quanto se póde pronunciar o consoante como vogal: v. g. *Uuada*, *Uuas*, *Savdades*, *Savde* etc. Mas não usaremos desta orthografia, por ser esusada, quando temos a differença de hum, e outro *U*; que assim como saõ diversos na pronunciação, tambem tem differente figura. O consoante he agudo em baixo, e aberto em cima; sempre fere a vogal seguinte, e nunca se escreve antes de consoantes. Pronunciase

¹⁰³ Para mais informações sobre a confusão entre uma mesma grafia para sons consonantal e vocálico, ver, nesta dissertação, o item 5.3.1.2.

¹⁰⁴ "O qual differenceamos agora, quãdo he consoante, de quando he vogal, desta maneira .v. ao menos no principio das dições. Porque no meo dellas, vsão do .u. indistinctamente, quer seja vogal, quer consoante" (LEÃO, 1536, p. 20).

quasi como o *F*, apartando os dentes de cima do beijo debaixo: v. g. *Uva*, *Uvada*, *Vida* [...] (FEIJÓ, 1734, p. 101)

Através, pois, dos comentários e dos exemplos, verificamos que há uma tendência de se restringir o uso de <u> com valor consonantal. E, nos sermões analisados, é exatamente isto o que ocorre, uma vez que no SRSI são poucas as palavras escritas com <u>, se comparadas com as do SS.

5.3.2.3 Uso de <ç>

Nos sermões, há o uso da letra <ç>. Em grande parte dos casos, ela ocorre sempre em início de sílaba, mas nunca iniciando palavra.

menção (SS C3, l21)

lanço (SRSI C32, l531)

força (SS C24, l372)

acção (SS C28, l435)

Valença (SRSI C8, l109)

Há apenas um caso, o da palavra **çarça** (SRSI C25, l410) em que <ç> ocorre no início da palavra. Contudo, neste caso e nos demais, seu valor fonético é, provavelmente, da fricativa surda [s].

Bento Pereira (1666) dedica uma regra ao tratamento de como se usar o <ç> ("Regra 13: Para se usar do ç, que tem plica por baixo"). Inicia a regra definindo o valor sonoro da letra:

Ainda que a letra ç, com plica, como a que puzemos, faz muy diferente som do que de c, sem plica, quando se junta as vogays, *a*, *o*, *u*, que tem entam força de q, com tudo o mesmo som faz com plica, & sem ella, quando se junta com *e*, *i*, & entam nam se lhe deve por plica, poys he escusada. A primeyra parte se deyx a bem ver na diversidade destas palavras, *Barca*, & *barça*, *forca*, & *força*; *capa*, & *çapa*, *copa*, & *çopa*; *cuba*, & *çuba*. A segunda parte do que dissemos, se conhece nestes vocabulos, *ceyra cingir*, os quays do mesmo modo soam, como se lhe puzessem ç, cõ plica, *ceyra cingir*, pelo que nam só he escusado porselhe, mas he erro. (PEREIRA, 1666, p. 76)

Depois, estabelece alguns parâmetros sobre seu uso. O primeiro foca a origem latina: basta observar se a palavra, em Latim, era escrita com <s> seguido de <a>, <o> ou <u>, então, não se usaria o <ç>, mas <s>. Mas se a palavra fosse "totalmente portuguesa", "[...] no principio se escreverám com ç, v. g. *çapa*, *çotam* & tambem no meyo, *caçapa*, *caçote*; ou nas ultimas dos nomes acabados em *aça*, *eça*, *iça*, *oça*, *uçu*: como sam *ameaça*, *cabeça*, *cortiça*, *carroça*, *carapuça*." (PEREIRA, 1666, p. 77-78), como também se terminadas por -ança, -ença, -arça, -urça etc.

Leão (1576), ao explicar sobre a letra <c>, também fala das diferenças sonoras quando seguida das vogais. Para ele, o <c> tem som "próprio" quando é seguido por <a>, <o> e <u>, como em comédia, por exemplo. Contudo, destaca outra pronúncia:

Mas agora damos a esta letra differente pronunciação, exprimindoa com .e. & .i. como a pronunciamos, quando lhe accrescentamos a cifra, ou cercilho, ajuntâdo a estas vogais, a. o. u. Porque para exprimirmos as cinco vogaes todas de hũa mesma pronũciação, dizemos, ca, que, qui, co, cu, como se vee nestas palauras de hũa mesma substância, & parêtesco: vacca, vacqueiro, vacquinha, vaccona, vaccum. E para pronunciarmos, a. o. u. junto ao c. como e. i. poemslhe hũa cifra, ou cercilho de baxo, que fica fazêdo hũa specie de .z. & dizemos: çapato, çoçobrar, çurrador. A qual cifra nõ poeremos, quãdo depois do .c. se segue e. i. como fazẽ os idiotas. Porque o .c. junto aas dictas letras, não póde dar outro soido, segundo a pronunciação destes tẽpos. (LEÃO, 1576, p. 5-6)

Assim, essa outra pronúncia (possivelmente da fricativa [s]), representada pela letra <ç>, podia ocorrer em início de palavra, se seguida das vogais <a>, <o> e <u>.

Para Barreto (1671), o <c> não apresenta diferentes ofícios. Ele apenas adquire um valor diferente conforme o contexto onde se insere:

Digo poys que o C, he ã so, & nã ha dous ces; màs que assi como as vogaes se notam ser breves, ou lōgas cõ os acentos grave, agudo, ou circunflexo, assi quando o c, sobre a, o, u, ouver de soar como s, lhe poremos por bayxo uma risquinha, que chamamos cedilho, nesta forma ç, & escusaremos multiplicar letras. Sobre e, i, nã ha mister essa risquinha; & assi ferirà sobre todas as vogaes, como diz Quintiliano, cõ aquella brandura, que esta letra de si tê; como se ve nestes exemplos; maçan, açucena, çifra, poço, açúcar. Serve tâbẽ este sinal para distinçã de algũs nomes, que cõ o cedilho tê uma significaçã, & sẽ elle outra, como se ve nestes exemplos; caca, caça; moca, moça; capa, çapa; roca, roça; faca, faça; cota, çota; Franca, França, & semelhantes. (BARRETO, 1671, p. 118)

Assim, palavras podem começar com esta letra se a letra seguinte for uma das vogais <a>, <o> ou <u>, de modo que o <ç> tem valor de [s]: "Certo ortografo nosso diz que se podẽ escrever cõ cedilho, cinco, cinto, cisne, cifra, cesto, certo, cento, màs he erro, porque o cedilho so tẽ lugar quando o c, sobre a, o, u tẽ o soido de s." (BARRETO, 1671, p. 118)

Feijó (1734) como os demais autores, distingue os valores de <c> quando empregado com as cinco vogais. Inclusive, faz o seguinte comentário sobre o ensino desses usos:

E por isso de dous modos se deve escrever a regra do *Ca* para ensinar esta differença aos meninos da escola: o primeiro he: *Ca, Ce, Ci, Co, Cu*: pronunciando o *Ca, Co, Cu* com som de *Q*. o segundo he: *C,a, Ce, Ci, C,o, C,u*, pronunciando o *C,a, C,o, C,u*, com som de *C*; e com este som se pronuncia sempre o *Ce, Ci*, em ambos os modos. (FEIJÓ, 1734, p. 44)

Então, pondera que a maior dificuldade que há, para a escrita, é a de se saber se determinada palavra deve ser escrita com <c>/<ç> ou <s>. Por isso, explica que entre <c> e <s> há diversidade de pronúncia¹⁰⁵, logo, diversidade de representação gráfica. Mas, como ocorria de haver quem não soubesse a correta pronúnciação, Feijó estabelece algumas regras, como a da analogia com a Língua Latina das palavras e também reúne, em listas, palavras escritas iniciadas com <ç>. Na lista da forma <ça>, está inclusa a palavra **çarça**.

5.3.2.4 Uso de consoantes duplicadas

Herança da ideia de escrita análoga à latina, encontramos, nos sermões, flutuações de duplicação ou não das consoantes <c>, <f>, <g>, <l>, <m>, <n>, <p>, <r>, <s> e <t>. Em todos os casos, a ausência ou não das consoantes duplicadas não altera a pronúncia nem a significação das palavras. Geralmente, as palavras que ocorrem com a duplicação das

¹⁰⁵ "Já dissemos, que o *C* como *C* se pronuncia com a extremidade anterior da lingua tocando nos dentes quasi fechados, em quanto sahe o seu som, que he suavemente brando. O *S* pronunciase com a ponta da lingua moderadamente applicada ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, em quanto sahe hum som quasi assobiando do meyo da bocca: como se percebe nestas palavras *Sancto, Sá, Sé* etc. Pois se esta he a rigorosa, e propria pronunciação do *S*, como se equivoca com a do *C*, que he taõ diversa?" (FEIJÓ, 1734, p. 44) Vale ser observado que essa diferenciação de pronúncias já era, na época de Feijó, um traço dialetal, como bem destaca Gonçalves (1992, p. 77): "Atendendo a que Madureira Feijó é natural da região de Trás-os-Montes e que aí viveu até aos quinze anos, é de crer que possuísse aquele traço conservador, uma vez que o ortografista descreve perfeitamente as duas realizações [...]"

O ortografista generaliza uma pronúncia que tem carácter dialectal mas que, efectivamente, já não pertencia ao português padrão. A distinção deveria parecer-lhe, contudo, lógica, uma vez que Feijó discorre, ao longo das lições IV, V e VI, sobre os erros ortográficos fruto da não observância da distinção entre <Ç> e <S>."

consoantes partilham um mesmo radical. Assim, embora a duplicação ocorra, ela não é maioria.

Leão (1536), ao falar das consoantes dobradas, tenta justificar seu uso pela sutileza dos sons e, principalmente, pela fidelidade à origem latina das palavras portuguesas. Diz o ortógrafo:

Teem para si algũs curiosos da lingoa Hespanhol, que o dobrar das letras, he escusado acerca de nos. Porque não sentimos, quando se dobrão, senão o .r. ou s. & que tiradas estas, as outras todas se deuem screuer singellas. O que he grãde erro. Porque a razão, que ha, para se dobrarem essas, há para se dobrarem essoutras: ainda que nem toda a orelha sinta a differença, q̃ há de singellas a dobradas. [...] Qua assi como o som de hum atambor, & de hũa trombetta, até os caualllos, & bois o entendẽ, & os aluoroça, mas nem por isso os mouerá hum instrumẽto de cordas (porq̃ isso fica resguardado para os homens, que teẽ razão) assi nas letras há hũa musica occulta, & não menos delicada, que a das cordas, que (como diz Quintiliano) se não deixa sentir de todos. E ainda que na verdade, as nossas orelhas não cõprehenderão a differença das letras dobredas, para conseruação da origẽ & etymologia dos vocabulos, era necessario dobrarẽse, tomando os nos dos Latinos, ou Gregos, assi como elles nolos dão. (LEÃO, 1576, p. 41)¹⁰⁶

O ortógrafo propõe alguns motivos para o duplicação das letras:

a) devido à natureza das palavras:

Das que se dobrão per natureza, não se pode dar regra: nem he cousa que consiste em arte, senão em vso. Porque os vocabulos primitiuos, forão compostos aa vontade, de quem os inuentou. Polo que não se pode dar rezão, porque este nome, gotta, teem dous .tt. ou cauallo, dous .ll. Mas com o vso, & conhecimẽto da lingoa Latina, se pode saber, quaes dobrão as letras, & os que Latim não souberem, com imitar a scriptura de homens doctos. (LEÃO, 1576, p. 38v)

b) derivação: "[...] são os nomes, ou verbos, q̃ se tirão d'outros, os quaes guardão a scriptura de seus primitiuos, como de terra, terreno, terrestre, enterrar, soterrar [...] E de cauallo, caualleiro, caualleria." (LEÃO, 1576, p. 38v-39)

c) devido à significação:

¹⁰⁶ Na sequência, o ortógrafo dispõe uma relação de palavras que apresentam letras dobradas.

[...] são os diminutiuos, que em nossa lingoa acabão em, te, que parece, não podemos screuer bem, sem dobrar o .t. segũdo nos a orelha pede, como, verdette, pequenette, scudette [...] que para significar diminuição, acabamos nestas terminações, como os Latinos acabão os seus diminutiuos em ellus, ou illus. Como os Italianos tãbem dobrão a dicta letra, nas terminações de, etto, ou otto, por denotarẽ significação diminutua. [...] Polo ã pedindonolo a orelha, não deuemos ser mais couardes, em dobrar hũa letra, maiormẽte teendo exẽplo de outras nações. E assi dobrão .s. por causa da significação os superlatiuos [...] (LEÃO, 1576, p. 39)

d) devido à corrupção: "[...] são as ã stando na lingoa Latina de hũa maneira, & pronunciação, as mudamos, & fazemos nossas, dobrãdolhe algũas letras, querendoas accomodar a nos, como por noster, vester, nosso, vosso: & por ipse, & ipsum, esse, & isso: & por persona, pessoa [...]" (LEÃO, 1576, p. 39-39v)

e) devido à variação:

[...] são as que per variação de conjugação, ou declinação, accrescentão algũa letra, para mostrarem differença de tempos, & numeros, & significação, como nos verbos de todalas cõjugações, em algũus tẽpos dos modos, optatiuo, & conjunctiuo, quando dizemos .amasse, leessee, ouisse. (LEÃO, 1576, p. 39v)

f) devido à composição¹⁰⁷:

O que se faz, mudandose a derradeira letra da preposição compositiua, em outra tal como a primeira do verbo, ou nome composto. E porã estas cõposições, se fazem cõ as preposições Latinas, ã se ajuntão aos verbos, para lhe alterar a significação, ou lha accrescẽtar, ou diminuir [...] (LEÃO, 1576, p. 39v)

Bento Pereira (1666), em suas *Regras Gerays*, fala das consoantes dobradas na regra 6, "Para o dobrar das letras, ou sejam vogays, ou consoantes". Especificamente, para as letras <z> e <x>, diz não haver necessidade de duplicação porque elas têm "força e equipotência" de dobradas. Já para as letras <r> e <s>, a regra pode ser dada pelo ouvido, pois

¹⁰⁷ Nas páginas 40 e 40v, Leão (1536) mostra uma lista com as principais preposições latinas utilizadas, exemplificando-as (por exemplo, com ad, as palavras iniciadas por , <c>, <f>, <g>, <l>, <n>, <p>, <r>, <r> e <t> convertem o <d> da preposição na letra inicial correspondente da palavra: abbreviar, accorer, affecto, attribuir).

[...] cada huma das tays letras dobrada faz diverso som do que singela. Dobrada pronunciase com som forte, singela com som fraco. O que bem se conhece ouvindo: *amàra*, do verbo amar, & *amarra*, do verbo amarrar. O mesmo he no s, porque diversamente soa: *caso*, id est, acontecimento, do *q̃ casso*, vaso de cobre. (PEREIRA, 1666, p. 44)

Adverte, porém, que em apenas dois casos o redobro dessas letras é evitado: quando iniciam uma palavra (por exemplo, rapaz, saúde) e quando, no interior da palavra, não se encontram entre vogais (tenro, defesa).

Ao tratar das demais consoantes, declara que há "Mayor difficuldade de dar regra para se dobrarem as mays consoantes, particularmente quando a mesma pronuncia, & som corresponde assim às dobradas, como às singelas, o que se vé na palavra, fallar; porque do mesmo modo soa com dous, ll, do que com hum só: falar." (PEREIRA, 1666, p. 44)

Inicialmente, o ortógrafo retoma a regra de diferença de pronúncia que, por consequência, leva à diferença de significado: "(...) Digo poys he força dobraremse as consoantes, quando ellas padecem divisaõ no som, como na palavra; *accento*, onde a syllaba *ac*, no som se aparta do *accento*; porque de outro modo essa palavra, *accento*, se não pronuncia diversa do nome, *assento*." (PEREIRA, 1666, p. 45) Depois, diz que, quando há composição de palavras portuguesas com a letra <a>, não há necessidade de duplicação da consoante que a segue (assim: manso – amansar, noyte – anoytecer, puro – apurar). Contudo, quando ocorre a letra <f> (mais outra vogal) depois da <a>, o uso "ensina" que a consoante deve ser dobrada (afforar, affinar, affagar). Finalmente, expõe a regra que norteará grande parte das ocorrências de consoantes dobradas: a analogia com as palavras latinas (por isso, afinidade ← *affinitas*, agravar ← *aggravare*, elle, delle ← *ille*, lesse ← *legisset*).

Por sua vez, Franco Barreto (1671, p. 182) retoma o comentário de Leão sobre a duplicação das letras, pautado nos seis principais motivos (natureza, derivação, significação, corrupção, variação e composição), e, ao abordar a composição, explica seu ponto de vista:

E fazemse estas composições cõ as preposições Latinas, que aos verbos se ajuntam, para lhes alterar, acrescentar, ou diminuir a sinificação, o que nossos Ortografos querem imitar á risca ã as vozes Portuguezas, cõ as preposições Latinas, a, ab, abs, ad, an, em, de, des, dis, en, ex, in, inter, ob, per, pro, pos, re, se, sub, trans, sobre, as quaes todos ã nosso vulgar saõ bẽ escusadas; & he razã porque os verbos, ou dições vulgares aque as ajuntam, sã ellas nã tẽ sinificaçaõ alguma, salvo muyto poucas, o que nã ha ã a lingua Latina, que os verbos, & dições a que se ajuntam, tẽ sua propria sinificação, como aos Latinos he manifesto [...]

Ou seja, para o ortógrafo, tal diferenciação não é válida para as palavras portuguesas, pois o valor que elas assumiam na Língua Latina não correspondia, necessariamente, ao dado na Língua Portuguesa. Então, apoiando-se na autoridade de outros estudiosos, afirma:

O que acerca disto sinto he (cõ o parecer de Pedro Bembo, (Cardeal da S. Igreja Romana, & Varã insine ã as letras umanas) que entã dobraremos a consoãte, quando quizermos dobrarlhe també o soido: & he també parecer de Benedito Buõmattei, ã a introduçã á lingua Toscana; aonde por exemplo traz pala, & palla; & diz nã ha outra diferença ã a pronũciaçã, mays, que mandar aquelle l, cõ mays força, ã palla, que ã pala. Assi, que quando a pronuciaçã, & o soido responder tanto á letra singella, quanto à dobrada, por nenhum módo dobraremos a letra, mãs sempre a escreveremos singella; especialmente b. d. f. g. que nunca se dobram, porque do mesmo módo soam ã a orelha, abbade, que abade, afirmar, que affirmar, aggravar, que agravar, & outros taes [...] (BARRETO, 1671, p. 182-183)

E, retomando a colocação de Leão, segundo a qual cada letra possui uma música, pondera não achar satisfatória a ideia de analogia,

[...] polo que confeço que nã posso sentir essa musica oculta & dilicada, que nas letras consideram alguns Ortografos nossos; sinto somente o do atambor, & da trõbeta, como elles dizem, nã o instrumento de cordas: porque ainda que alguns vocabulos, que dos Gregos ou Latinos tomamos, dobram acerca delles algumas consoantes, como nossas orelhas nã compreendem a diferença, que vay das singellas ás dobradas, nã samos obrigados a conservar a analogia desses taes vocabulos, que cada idioma tẽ sua ortografia & dialetos proprios. (BARRETO, 1671, p. 183)

Então, termina seu pensamento com o seguinte exemplo:

E assi torno a dizer, que ã nossos vocabulos nã dobraremos letra alguma senã quando a orelha o pedir; como ã acçã, dicçã, occidẽte occidental, accidente aonde, & noutros taes, quãdo os pronunciamos parece que o primeyro c. fica apegado, ou retardado ã a garganta, & que o outro vay caindo sobre a vogal que se lhe segue: sã a qual pronunciaçã nã ficã tã cheyos os taes vocabulos. (BARRETO, 1671, p. 184)

Indica, então, o redobro das consoantes <l>, <m>, <n>, <p>, <r> e <s>, em certas palavras, contudo, sem um motivo aparente (diz, por exemplo, que o <m> dobrado em algumas palavras é necessário para "encher mais o som"). Diz, ainda, que nem no início de palavras (RRey, ssaude), nem no fim (Portugall, Manoell), consoantes devem ser dobradas, como também é desnecessário o redobro delas no interior da palavra, se precedidas de outra consoante (Henriques, Elrrey).

Feijó (1734, p. 31) também condena o uso de consoantes dobradas no início ou no fim de palavras, já que elas, nessas posições, "soaõ com toda á sua consonancia, ou tom, que não necessitaõ de outra, para soarem como ellas saõ." Contudo, considera mais complexo o estabelecimento de regras para o uso do redobro das consoantes no interior das palavras, já que, segundo ele, não há diferença de pronúnciação: "Toda a difficuldade, e não pequena, he assignar regra certa para dobrar as consoantes no meyo das palavras: e nasce esta difficuldade do som da pronunciaçaõ; porque algumas, ou se escrevaõ com huma so consoante, ou com ella dobrada, sempre na pronunciaçaõ tem o mesmo som [...]" (FEIJÓ, 1734, p. 32)

Recordando as várias e, muitas vezes, confusas regras que outros ortógrafos deram, Feijó (1734, p. 32) julga

[...] ser regra geral, observarmos as palavras latinas; e veremos quaes saõ as Portuguezas, que dellas se derivaõ, para as escrevermos com similhantes letras. E póde servirnos de razãõ na nossa lingua, porque assim se escrevem na Latina; e na Latina, se as palavras forem simples, foi uso dos Auctores: e se as palavras forem compostas, dobraõ por causa das preposiçoens, de que se compõem [...]

Assim, mais uma vez, o ortógrafo recorre à etimologia e à analogia latina para justificar grafias que em nada refletem na pronúncia. Por isso, além de uma lista com palavras compostas pelas preposições latinas (que, por isso, levariam à duplicação de certas consoantes), Feijó, expondo as letras conforme a ordem alfabética, comenta as possibilidades de duplicação das letras.

De modo geral, notamos que não há consenso entre os autores sobre o uso correto das consoantes duplicadas. Na verdade, não há uma justificativa certa sobre o porquê do uso das consoantes duplicadas. Seja por causa da retomada da fonte latina ou da expressão de sutilezas fônicas, os ortógrafos guiavam-se pelo uso, pela tradição. E, inevitavelmente, o uso também levou a inovações, que, por sua vez, possibilitaram a coexistência de mais formas gráficas.

<CC>

Representando o som oclusivo velar [k] e também o fricativo alveolar [s]. Exemplos:

som [k]

bocca (14 ocorrências no SS: C9, l118; C29, l467) (mas: boca – 1 ocorrência no SRSI C43, l748)

seccão e variações¹⁰⁸ (ocorrências no SS C13, l87; C5, l79-80)

Ecclesiasticas (1 ocorrência no SS C16, 219-220)

peccado e variações (SS C16, l224; SS C84, l1343-1344; SRSI C48, l794)

acclamar e variações (SRSI C34, l556-557; SS C25, l406)

occasioes (1 ocorrência no SS C34, l545)

occupaçam (1 ocorrência no SRSI C12, l170)

som [s]

successo (1 ocorrência no SRSI C47, l819)

succede e variações (SS C23, l369; SRSI C4, l54; SRSI C13, l202)

<FF>

Em todas as ocorrências, acontece depois de vogal, em início de sílaba, seguido de outra vogal. Exemplos:

difficultoso e variações (SS C48, l751; SS C36, l578; SRSI C13, l205-206; SRSI C19, l301)

affogado e variações (SS C5, l74-75; SS C8, l102-103)

effeytos (SS C16, l222; SRSI C49, l853)

diferença (SS C28, l422-423; SRSI C46, l769)

efficacia (SS C30, l479; SS C65, l1044)

offendem (1 ocorrência no SS C31, l498)

officio (SS C77, l1248; SRSI C6, l68)

affamado (1 ocorrência no SS C80, l1292)

offerece e variações (SS C53, l869; SRSI C21, l355; SRSI C4, l36)

Affonso (1 ocorrência no SRSI C6, l58)

<GG>

¹⁰⁸ Entenda-se, por *variações*, palavras com o mesmo radical. Assim, por exemplo, para a palavra *seccão*, temos: *seccou*, *seccando* etc.

Ocorre em apenas uma palavra: **aggravo** (no SS C6, l82)

<LL>

Quando ocorre, encontra-se em contexto de início de sílaba, sempre seguido de vogal, mas nunca no início de palavra. Em alguns casos, o redobro ocorre em formas verbais devido à junção de seu complemento.

elle e seus derivados (SS C3, l29; SS C13, l210; SRSI C34, l569; SRSI C18, l280)

illustre (1 ocorrência no SS C1, l14)

allumiar e variações (SS C20, l13; SRSI C26, l419-420)

falla e variações (SS C27, l427; SRSI C8, l123)

allegoria (1 ocorrência no SS C38, l606)

estrellas e variações (SRSI C29, l488-489; SS C40, l624)

definilla (1 ocorrência no SS C47, l769)

diuidilla (1 ocorrência no SS C47, l770)

proualla (1 ocorrência no SS C47, l772)

capellas (1 ocorrência no SRSI C40, l655)

<MM>

Ocorre somente nas seguintes palavras, do SRSI, respeitando o princípio de não se iniciar palavras com consoantes dobradas:

immenso (5 ocorrências: C19, l309; C39, l673-674)

immortal (5 ocorrências: C20, l308; C50, l827)

immortalidade (1 ocorrência: C49, l832)

<NN>

Sempre no início de sílaba, entre vogais. Ocorre somente nas seguintes palavras:

anno e variações, sendo 5 ocorrências no SS (C12, l182) e 5 no SRSI (C14, l201)

danna (1 ocorrência no SS C24, l352)
 inocentes (1 ocorrência no SS C36, l561)
 tyrannico (1 ocorrência no SS C38, l590-591)
 tyrannia (1 ocorrência no SS C38, l600 e 1 ocorrência no SRSI C37, l624)
 condennaõ (1 ocorrência no SS C42, l676)
 pennas (1 ocorrência no SS C57, l939)
 pinnaculo (2 ocorrências no SS: C68, l1075; C68, l1076)
 ennobreceràõ (1 ocorrências no SRSI C8, l97)
 innumeravel (1 ocorrência no SRSI C14, l196)

<PP>

Sempre no início de sílaba, antecedido de vogal e seguido pelas consoantes <r> ou <l> ou vogal. Ocorre nas seguintes palavras:

aproueytou e variações (SS C12, l165; SS C13, l196)
 aprender e variações (SS C17, l265-266; SS C17, l267)
 supposto e variações (SS C18, l280; SS C26, l393; SRSI C9, l128; SRSI C9, l128-129)
 aparece (1 ocorrência no SS C32, l510-511)
 apareceo (1 ocorrência no SS C33, l518)
 Felipe (3 ocorrências no SS: C57, l926; C57, l927-928; C57, l929)
 applausos (1 ocorrência no SRSI C3, l24 e 2 ocorrências no SS: C70, l1121; C80, l1283-1284)
 appetite (1 ocorrência no SS C73, l1183)
 opprimirá (1 ocorrência no SRSI C10, l159)

<RR>

Usado em início de sílaba (mas nunca em início de palavra), seguido de vogal, para representação do som fricativo [x].

carro (SS C4, l39)
 mirrado (SS C8, l104-105)
 carroça (SS C10, l147)

enterrou (SRSI C4, l51)

bizaras (SRSI C30, l502)

corromper (SRSI C48, l797)

Contudo, em apenas um caso, **prerogatiuas** (no SRSI C27, l450), não ocorre a duplicação da consoante que hoje, ortograficamente, existe (talvez porque a palavra seja formada por prefixo).

<SS>

Representando o som fricativo [s], ocorre nos mesmos contextos de hoje: sempre entre vogais, no início de sílaba:

quizesse (SS C1, l12)

assi (SS C50, l803)

assombra (SS C62, l989)

disse (SRSI C28, l448)

isso (SRSI C29, l477)

grosseiro (SRSI C32, l512)

As únicas exceções são **resurreyção** (no SS C71, l1168-1169), **resuscitou** (no SRSI C35, l595-596), **resuscitavão** (no SRSI C36, l580), **sobresair** (no SRSI C31, l536) e **proseguís** (no SS C68, l1101-1102), talvez porque, ortograficamente, não fosse necessário o redobro da letra quando houvesse a junção de prefixos.

<TT>

Sempre no início de sílaba, entre vogais. Exemplos:

frutto e variações (SS C3, l36; SS C13, l184; SS C15, l226)

matta e variações (SS C9, l131; SS C62, l989-990) (mas, mata e variações: SRSI C47, l806; SRSI C47, l809; SRSI C48, l805)

settas (1 ocorrência no SS C24, l354)

attento e variações (SS C32, l498-499; SS C32, l503)

ditto e variações (SS C33, l521; SS C72, l1150) (mas, dito: 1 ocorrência no SS C50, l806-807)

retrato (1 ocorrência no SS C34, l522) (mas, retrato e variações: SRSI C26, l409; SRSI C49, l855)

Escrittura e variações (SS C38, l593; SS C57, l935-936) (mas, Escrittura: 1 ocorrência no SS C47, l772-773 e 1 no SRSI: C8, l90)

dimittir e variações (SRSI C17, l280; SRSI C17, l274-275)

attonito (1 ocorrência no SS C82, l1315)

atonito (2 ocorrências no SRSI: C38, l619; C49, l890)

5.3.2.5 Uso de grupos consonantais gregos (ch, ph, th, rh) e latinos (ct, gm, mn, pt)

Porque remetem às palavras latinas ou gregas das quais são derivadas, certas palavras dos sermões foram escritas com grupos consonantais que, na verdade, ou são falsos dígrafos (já que existem, em Língua Portuguesa, representações gráficas próprias para estes sons específicos) ou não são, de fato, pronunciados.

Grupo grego

- **<PH> com valor fonético da fricativa [f]**

triumphal (1 ocorrência no SS C4, l39)

triumpha (1 ocorrência no SS C26, l384)

triumphar (1 ocorrência no SS C26, l387)

mas: triunfo (1 ocorrência no SS C58, l922)

Leão (1536) considera como acertado o uso de <ph>, que ele afirma ser uma das "letras que se aspirão"¹⁰⁹.

Pereira (1666, p. 34), ao contrário, diz que

¹⁰⁹ Para ele, podem ser aspiradas: <c>, <p>, <r> e <t>.

Podese duvidar se hemos de escrever *Philosophia*, ou *Filosofia*; *Ortographia*, ou *Ortografia*? Estas palavras sam Gregas, & assim o Latim, porque as tomou do Grego, as escreve com ph; mas nam estranharey, antes me accommodarey a quem portuguezando-as as escrever chamente, *Filosofia*, *Ortografia*: como tambem, *Felippe*, & não *Phelippe*: porq̃ ja vem de longe, & nam sam Latinas, senão alatinadas.

Franco Barreto (1671, p. 188) também acha próprio o uso de <f>, já que "[...] o ph, que os Gregos notam cõ esta figura Φ: mudaram os Latinos ã f, pola qual razã, nós, que menos sentimos a pronunciaçã Grega, també poderemos escrever cõ f, simplez, os nomes que os Latinos escrevem por ph [...]".

Por sua vez, Feijó (1734, p. 61) propõe a manutenção do <ph> grego, para que "[...] os meninos, que aprendem a ler, soubessem logo, que tambem havia esta letra, e se pronunciava como o nosso F: *Pha, phe, phi, pho, phu; Fa, fe, fi, fo, fu*." Então, diz que, para os nomes próprios, se de origem grega, era melhor manter o <ph>, para as demais, era optativo a manutenção ou não (caso, então, de aportuguesamento) das letras gregas.

Os exemplos dos sermões pautam-se na etimologia. Contudo, em **triumfo** (lat. *triumphu*), a troca da letra <n> pela <m> pode ser devido à influência das outras formas, grafadas com <ph>, pois todos os ortógrafos concordam que <m> deve ser escrita somente antes de <p> e , e <n> diante das demais consoantes.

- **<TH> com valor da oclusiva [t]**

Ocorre, principalmente, na escrita de alguns nomes próprios e em algumas poucas palavras, listadas abaixo:

Author (3 ocorrências no SS l5; C43, l695; C68, l1106)

autores (1 ocorrência no SS C45, l714) (mas, 1 ocorrência de Autor: SRSI C20, l324)

authoridade (2 ocorrências no SS: C15, l247; C83, l1342-1343)

authorisar (1 ocorrência no SRSI C11, l185)

Arithmetica (1 ocorrência no SS C37, l597)

mathematico (2 ocorrências no SS: C42, l655; C42, l661-662)

Bartholo (1 ocorrência no SS C44, l690)

Bartholameo (1 ocorrência no SS C57, l930)

Mattheos (2 ocorrências no SS: C58, l913; C70, l1136-1137 e 1 no SRSI C22, l336)

Thadeo (1 ocorrência no SS C58, l916)

Theofilacto (1 ocorrência no SS C59, l958)
 Euthymio (1 ocorrência no SS C59, l959)
 Thema (1 ocorrência no SS C64, l1024 e 1 no SRSI C9, l131)
 Theatro (2 ocorrências no SS: C74, l1182; C77, l1243 e 1 no SRSI C38, l643)
 Judith (1 ocorrência no SRSI C6, l82)
 Balthasar (2 ocorrências no SRSI: C10, l153; C11, l164)
 thronos (1 ocorrência no SRSI C12, l181) (mas, 2 ocorrências de trono no SRSI: C24, l390; C52, l881)
 Esther (1 ocorrência no SRSI C14, l205)
 Vasthi (2 ocorrências no SRSI C14, l224; C15, l246)
 Athalia (2 ocorrências no SRSI: C15, l230; C15, l245)
 Thomas (1 ocorrência no SRSI C22, l345)
 thesouros (2 ocorrências no SRSI: C28, l458; C41, l717)
 Therezas (1 ocorrência no SRSI C41, l685-686)
 Catharinas (1 ocorrência no SRSI C41, l689)

Leão (1576), nas páginas 50 e 50v de sua *Orthographia*, dispõe algumas palavras que se escreviam com <th> e algumas regras de composição para assinalar quando usar o <th> grego. Feijó (1734, p. 99) estabelece, também, uma lista de palavras que se escrevem com <th> "[...] tiradas das palavras Latinas, ou Grecolatinas, que traduzimos para o nosso uso quasi com as mesmas letras; e para a perfeita imitação as observamos."

- <CH>, assumindo o valor da oclusiva [k]:

Christo (47 ocorrências no SS: C60, l955 e 24 no SRSI: C4, l22-23)
 Ezechiel (2 ocorrências no SS: C4, l37-38; C10, l143)
 Christãos (2 ocorrências no SS: C26, l402; C64, l1026)
 christão (2 ocorrências no SS: C74, l1205; C74, l1206)
 Christaõ (1 ocorrência no SRSI C49, l854)
 charitativu (1 ocorrência no SS C36, l551-552)
 Architectura (1 ocorrência no SS C37, l595-596)
 Chrysostomo (3 ocorrência no SS: C44, l682; C51, l814-815; C59, l960)
 Chrysologo (1 ocorrência no SS C44, l706)
 Achilles (1 ocorrência no SS C53, l866)

Monarchas (2 ocorrências no SRSI: C6, l60; C50, l838)

Christandade (1 ocorrência no SRSI C6, l61)

Ezechias (1 ocorrência no SRSI C13, l199)

Michol (3 ocorrência no SRSI: C14, l216-217; C14, l217; C15, l246-247)

Ochosias (1 ocorrência no SRSI C15, l237)

Monarchia (1 ocorrência no SRSI C27, l463)

christal (1 ocorrência no SRSI C38, l620) (mas, 1 ocorrência de crystaes: no SS C76, l1226)

Leão (1576) diz que com <ch> se escrevem os nomes gregos e latinos. Contudo, diz também que o mesmo grupo consonantal possui um outro ofício, quando "[...] o c. emprestado, quãdo despois d'elle se segue h. & lhe damos differête pronũciação do .c. aspirado dos Gregos, como nestas dições, chamar, cheirar, chlar, chorar, chupar." (LEÃO, 1576, p. 5-5v) O ortógrafo retrata, assim, a representação gráfica para o som fricativo [ʃ], inexistente nas línguas clássicas, e que ele, em outra parte de sua obra, chama de "vulgar".

Pereira (1666, p.32), atento a essa mudança de pronúncia, considera pouco produtivo o uso de <ch>, logo, da manutenção da grafia grega, em palavras que

[...] no nosso pronunciar mudarem o som: como, *coro*, no Latim *chorus*, não se ha de escrever com, h, *choro*; porque entam significa pranto, & nasce do verbo, *chorar*: nem, *Parocho*, senam, *Paroco*: nem *charidade*, senaõ, *caridade*: como nem, *Cherubim*, senam *Querubim*. Do mesmo modo nam *Monarcha*, nem *Monarchia*, senam, *Monarca*, *Monarquia*; porque o *cha*, *cho*, *che*, *chi*, tem no Portuguez diverso som do *ca*, *co*, *que*, *qui*.

Barreto (1671) chama o uso de <ch> para a representação do som [ʃ] de "impróprio".

E, como Pereira, acha desnecessário o uso de <ch> para a representnação da oclusiva [k], indicando, então, o uso de letras simples.

Madureira Feijó (1734, p. 55), por sua vez, entende que, embora em alguns casos a troca de <ch> por <c> seja aceitável, a manutenção das letras é a melhor opção:

Em nenhuma palavra Portuguesa póde haver C, aspirado com H no som de Q; mas ou haõ de ser tiradas dos Latinos, ou dos Gregos; e ou sejaõ de huns, ou de outros, se as traduzimos ao nosso uso, não necessitaõ de H, para a sua orthografia, e pronunciação Portugueza; porque o nosso C tem a consonancia de Q. antes das vogaes a, o, u, quando senaõ escreve plicado: como v .g. *Coro*, *Corôa*, *Cura* etc. Mas se as traduzimos ao uso Latino, ou alatinado, sem as extrair da sua pronunciação, e significação Latina, entaõ precisamente se haõ de escrever como os Latinos as escrevem; por não

fazermos humas palavras, que nem seraõ Latinas, nem Portuguezas; e por não lhe tirarmos as letras, que nos mostraõ a sua origem, para sabermos o que significaõ.

E, ao retomar a ideia de alguns ortógrafos (como Franco Barreto), segundo a qual acomodações gráficas de <ch> para <qu> são necessárias para que as pessoas não errassem na pronúncia das palavras (por exemplo, Monarquia, por Monarchia), afirma:

E quem duvida que *Chi*, e *Chia* soaõ so como *Qi*, e *Qia*, e não como *Qui*, e *Quia*? Pronunciem como devem pronunciar *Monarchia*, e *Monarquia*, *Parochia*, e *Paroquia*, *Chiméra*, e *Quiméra*, vejam, ou percebam a differença, e digaõ a razaõ; porque havemos de faltar ás leys da pronunciaçaõ, e introduzirmos nas palavras duas letras, que não tem, sendo palavras, que na nossa lingua não são compostas. Digaõ porque havemos de fazer de huma palavra outra muito diversa, que não fica significativa, nem originaria, so pelo escrupulo de que algum ignorante não erre a pronunciaçaõ do *C*, aspirado com *H*, como no latim? (FEIJÓ, 1734, p. 56)

Grupo latino

- <MN>

solemnidade (1 ocorrência no SRSI C2, l12)

calumnia (1 ocorrência no SRSI C34, l548)

Omnipotencia (1 ocorrência no SRSI C44, l731)

Omnipotente (1 ocorrência no SS C17, l250)

Leão (1576), embora perceba e esclareça a diferença de articulação entre os sons nasais [m] e [n] e, em função disso, o emprego de uma ou outra grafia (respectivamente, <m> e <n>), quando antecedendo determinadas consoantes oclusivas (ficando, assim, evidente, o valor fonético de cada um dos segmentos¹¹⁰), por costume, admite o emprego de <m> antes de <n>, já que

¹¹⁰ "Mas seguindose outro .m. ou .b. ou .p. sempre prepoemos o .m. & dizemos, ambos, & não anbos, & tempo, & não tenpo, & immenso, & não inmenso. E a causa he, porq̃ d'onde se forma o .n. que he ferindo a ponta da lingoa, na parte diãteira do paadar, até onde se formão aquellas tres letras .b. m. p. há tanta distancia, que foi necessario, mudar o .n. em .m. quando se seguẽ, por o .m. star perto dellas na pronunciaçaõ." (LEÃO, 1576, p.12v)

[...] ha se de aduertir, que algũs nomes há, que admittem o .m. ante do .n. os quaes ainda que sejam Latinos, & Gregos, não deixarei de os poer, porque d'algũs delles, & de seus deriuados, podemos usar na nossa lingoa, como: amnis, contemno, damno, damnum, damnas, gymnasium, hymnus, somnus, & algũs nomes proprios, como Agamemnon, Clytemnestra, Clytumnus, Lemnos, Memnon, Mnestheus, Polymneia. (LEÃO, 1576, p. 12v)

Barreto (1671) escreve que o <m> deve ser escrito, em Português, somente antes de , <p> e <m> e diz que, nas línguas clássicas, tal regra não se applicava ao todo. Então, discute a manutenção ou não de <m> antes de outras letras, justificando, conforme seu entendimento, as prováveis pronúncias:

[...] algũs ortografos nossos [...] ensinam, que se hão de escrever assi como os tomaram [vocábulos grecolatinos], como são condemno, damno, solemne, somno, mãs estes, & outros semelhantes que o Licenciado Duarte Nunes refere se hão de escrever ao nosso módo, condeno, dano, solene, sono, porque assi os pronunciamos; & quando pronunciamos os Latinos fechamos os beyços ã o m, que he o seu proprio natural, como se pronunciamos, condem no, dam no, solem-ne, som-no, que ã a nossa lingoagẽ fora uma redicula cousa. (BARRETO, 1671, p. 148)

Tolera, somente, a manutenção do grupo <mn> em nomes próprios latinos e gregos.

Feijó (1734, p. 8), com outro ponto de vista, acredita que aquele que imita a ortografia latina, de fato, pronuncia o que escreve:

[...] porque os que sabem pronunciar, não exprimem tanto as consoantes, de que as vogaes; mas la as tocaõ tão levemente que juntas com as vogaes fazem hum som muyto proprio, e indicativo da palavra, que pronunciaõ [...] E quem diz o contrario he porque so sabe pronunciar material, e rusticamente sem arte, nem sciencia. E por isso não deixa de escrever como pronuncia, quem sabe pronunciar para escrever.

Assim, defende que, para os grupos <mn>, <pt> e <ct>, não há problema de leitura:

O mesmo que digo da pronunciação do *ct*, se observa na pronunciação do *mn*, e do *pt*, nas palavras, em que se escrevem; porque na palavra *Damno*, não pronunciamos o *m* separado do *n*, exprimindo o som total do *m*: não dizemos *Dam-no*, que sôa como *Dameno*, mas dizemos *Damno*, ferindo levissimamente o *m* junto com o *n*, que sôa como *Da-mno*. Na palavra *Prompto*, *Promptidaõ*, não pronunciamos o *p* com som separado do *t*, e carregando nelle, não dizemos *Prom-p-to*, que sôa como *Prompteto*: mas dizemos *Prompto*, ferindo tão levemente o *p*, que sôa juntamente com o *t*, como se desseramos *Prom-pto*. (FEIJÓ, 1734, p. 8)

- <PT>

prõpto (1 ocorrência no SS C 20, l309)

Baptista (11 ocorrências no SS: C34, l524; C46, l743)

desbaptizados (1 ocorrência no SS C43, l694)

assumptos (4 ocorrências no SS: C45, l730; C68, l1097)

assumpto (5 ocorrências no SS: C45, l735-736 e 1 ocorrência no SRSI C9, l132)

Egypto (2 ocorrências no SRSI: C42, l694; C42, l699)

in corrupta (1 ocorrência no SRSI C23, l390-391)

in corrupto (1 ocorrência no SRSI C47, l813)

in corruptiuel (1 ocorrência no SRSI C50, l826-827)

Neste grupo de palavras, mantemos, ainda hoje, a escrita e pronúncia do grupo <pt> apenas nas 3 últimas palavras.

Dos ortógrafos, apenas Barreto (1671) comenta essa junção de consoantes: não admite o emprego de <pt>, pois, para ele, o <p> só pode juntar-se à <l> e <r>.

- <CT>

affectado (1 ocorrência no SS C36, l579)

desaffectada (1 ocorrência no SS C39, l629-630)

affectada (1 ocorrência no SS C76, l1218)

Architectura (1 ocorrência no SS C37, l595-596)

objecto (1 ocorrência no SS C47, l764)

practica (1 ocorrência no SS C51, l812)

victoria (1 ocorrência no SS C53, l867)

Theofilacto (1 ocorrência no SS C59, l958)

expectação (1 ocorrência no SS C75, l1125-1126)

affectação (1 ocorrência no SRSI C38, l625)

Sobre esse grupo consonantal, Barreto (1671, p. 165) diz que "Em Portuguez nã se ha de por c. antes de t. como nossos Ortografos fazem & ensinam, escrevendo sancto, doctrina, doctor, & semelhantes, porque nã fallamos asi; màs santo, doutrina, doutor; & quẽ de outro módo escrever, ou fallar, o fará como nã deve [...]".

Contudo, considera como necessário o uso de <ct> em certas palavras, para efeito de desambiguação (como em pacto/pato) e, também, quando a pronúncia, de fato, ocorre (como em circunspecto, aspecto). E, no caso das palavras acima, apenas em **expectação** ocorre a pronúncia, hoje, de <ct>.

- <PS>

Apocalypse (2 ocorrências no SS: C58, l928; C69, l1111-1112 e 1 ocorrência no SRSI C25, l427-428)

Psalmos (1 ocorrência no SS C66, l1061)

Destas palavras, mantemos a pronúncia da letra <p> apenas na primeira palavra. Entre os ortógrafos, apenas Leão (1576) e Feijó (1734) comentam tais palavras em suas ortografias, indicando que deveriam ser escritas com <ps>.

- <GM>

enigma (1 ocorrência no SS C43, l696-697)

augmento (1 ocorrência no SRSI C23, l395)

augmentou (1 ocorrência no SRSI C23, l400)

Leão (1576) valida o uso deste grupo em **aumento**. Feijó (1734) tem por corretas todas estas palavras escritas com <gm>. De opinião contrária, Barreto (1671, p. 199), afirma que <g> não se junta a "[...] m. n, porque nós dizemos aumento, dino; nã augmento, digno." Com este último comentário, somos levados a supor que, embora a pronúncia do <g>, para este grupo consonantal, não fosse aceita, ela, certamente, ocorria. Contudo, hoje, pronunciamos apenas o grupo <gm> em **enigma**.

5.3.2.6 Uso de <h>: visão geral

Leão (1576, p. 7v) diz que <h> é uma "aspiração" ou "assopro", mas que "[...] os Portugueses não vsamos em pronunciação, posto ã a vsemos na scriptura. Porque assi

pronúnciamos homẽ, como, omẽ, & hõra, como, onra, & hoje, como, oje, & hoganno, como, ogãno, & hagara, como, agora, & haver, como, auer." Contudo, constata a realização sonora da letra no caso de duas interjeições: "E soomẽte parece, ã a sentimos na pronúnciação de duas interjeições .s. de ha ha, significatiua de riso, & de ah, significatiua de temor, ou indignação." (LEÃO, 1576, p.7v)

Por fim, admite que o uso desta letra, necessariamente, deve-se à etimologia: "Porem ainda que pareça esta aspiração ociosa, pola não pronúnciarmos, he porem necessaria, para guardar a orthographia dos nomes Latinos, & Gregos, para per ella se conhecer origem, & etymologia dos vocabulos, & para differença delles [...]" (LEÃO, 1576, p. 7v). Acaba destacando, também, os usos singulares da letra <h>, quando seguindo <c>, <n> e <l>, próprios da Língua Portuguesa. Diz ele:

Mas os Portugueses, por teermos tres pronúnciações proprias, & peculiares nossas, que os Latinos não tinhão, para que nos faltão as figuras, supprimolas com a aspiração, dizendo: ch. lh. nh. Porque sem aspiração, não achamos letras cõ que as formar: por teerem muito differente pronúnciação, da que dão as dictas letras, sendo tenues, & não aspiradas. De maneira que aspiramos o l. & o .n. o ã nenhũas outras nações fazem, & aspiramos o.c. em vocabulos nossos peculiares, soando a dicta letra aspirada de differente maneira, do que soa nos vocabulos Latinos, ou Gregos, ã outros si se aspirão. Porã doutra maneira soa o .c. em esta palauara, tacha, do que soa em a palaura, mechanico. (LEÃO, 1576, p. 8-8v)

Pereira (1666) também fala da aspiração da letra <h> sentida nas interjeições "hã, hã", de alegria, "ah, ah", de temor ou "oh, oh", de espanto. Ao comentar as pronúncias próprias do Português, não existentes na Língua Latina, afirma o ortógrafo que

Usamos tambem de *h* , sem vermos força alguma de aspiraçam, em tres termos differentes, quays sam: *ch*, *lh*, *nh*; onde experimentamos tres diversas pronúnciaçoens proprias da nossa lingua, ã os Latinos nam conheceraõ: pelo que venho a crer ã o *h*, para com os Portuguezes, hũas vezes he aspiraçam, como a dos Latinos; outras he verdadeyra letra cõ a qual sem aspirarmos, distinguimos as tres referidas pronúnciações, sentindo bem diversa toada no *cha*, *lha*, *nha*. (PEREIRA, 1666, p. 55)

E, a partir desta colocação, fala sobre o grupo <ch>:

Donde advirtimos ã se o Latim põem aspiraçam depois do *c*: como em *charitas*, *chorus*, & outras semelhantes; nõs a não ponhamos, porã assim fugiremos a toada diversa do Latim, ã no Portuguez faz, *charidade*, *choro*. Pois bem se vê a diversidade, ã entre nossas palavras ha, de *caco*, a *cacho*; de *marca*, a *marcha*, & assim digamos, *caridade coro*.

Pelo que para conformarmos nossa toada, com a Latina, *cha*, *cho*, & *chu* dos Latinos, tiraremos o *h*, & em lugar do seu *che*, & *chi*, poremos, *que*, & *qui*; & assim dizendo elles, *chelidanium*, diremos nós, *quelidonio*; dizendo elles; *Monarchia*, diremos, *Monarquia*. (PEREIRA, 1666, p. 55-56)

Franco Barreto (1671, p. 132) distingue três funções para a letra <h>: "[...] realmente serve de letra, de aspiração, & distinção." Considera <h> letra quando possibilita a formação dos dígrafos <ch>, <lh> e <nh>. Adverte, apenas, que, nas palavras em que os latinos escreviam <ch>, em Português, será escrita sem o <h> (por exemplo, *Anchora* – *Ancora*), e caso sejam nomes próprios, deverá ser mantido apenas se o sentido do nome, com a ausência do <h>, for alterado. É aspiração nas interjeições e é de distinção quando serve para esclarecer possíveis ambiguidades entre verbos e conjunções (por exemplo, **he**, do verbo *ser* e **e** conjunção). Feijó (1734) praticamente têm as mesmas ideias sobre o uso da letra, mas indicando a manutenção dela, principalmente para marcar a origem gracolatina da palavra.

Nos sermões, muitas palavras são escritas com <h>. De modo geral, temos:

- em junção com outras consoantes, formando os dígrafos <ch> (para o som [ʃ]), <lh> (para [ʎ]) e <nh> (para o som [ɲ]).

achou (SS C6, l82; SRSI C33, l549)

China (SS C3, l42)

Euangelho (SS C4, l41-42; SRSI C6, l70)

mulher (SRSI C6, l74)

Maranhão (SS l4)

nenhum (SRSI C15, l238; SS C17, l258)

Senhor (SS C60, l958; SRSI C20 l306)

- na formação dos falsos dígrafos: ph (= [f]), th (= [t]) e ch = [k])
- em início de palavra

todas as ocorrências do verbo *ser* na 3ª pessoa, singular do Presente do Indicativo (96 ocorrências no SRSI e 172 no SS: SRSI C2, l11; SS C78, l1254)

verbo haver e variações (SS C56, l889; SRSI C13, l197) (mas, 1 ocorrência do verbo haver sem o <h> inicial: SRSI C13, l199-200)

hoje (SRSI C49, l833; SS C63, l1025-1026)

hum (SS C70, l1124; SRSI C49, l853)

hiaõ (SS C4, l45)

Hebreo (SRSI C15, l233)

- entre vogais, separando hiato

Abraham (SRSI C21, l369)

sahem e variações (SS C3, l38)

cahẽ (SS C13, l187)

reprehensãõ (SS C49, l794)

comprehẽde (SRSI C28, l444)

concluhio (SS C83, l1343)

restituhia (SRSI C36, l611)

Mas também são escritos hiatos sem <h> mediador:

sair (SRSI C31, l536)

rainha (SRSI C32, l520-521)

ainda (SS C51, l837; SRSI C33, l555)

raizes (SS C14, l206)

reedificar (SS C71, l1145)

refree (SRSI C40, l676)

5.3.2.7 <x> com valor fonético de [is]

exaqui (1 ocorrência no SRSI C12, l186)

eisaqui (1 ocorrência no SRSI C29, l501)

eys aqui (11 ocorrências no SS: C13, l204; C34, l529)

Neste grupo de palavras, ocorre flutuação entre as sequências <is>/<ys> e <x>. Coutinho (1974) diz que, no período fonético e, por influência latina, <x>, sempre no fim de palavra, representava [is]. Assim, a flutuação encontrada no sermão pode ser resquício dessa escrita. Nunes de Leão (1576) e Franco Barreto (1671) apontam o <x> apenas como representação do som [f]. Diz Leão (1576, p. 20v):

He letra dobrada, que consta de .c. & .s. em algũus vocabulos, & em outros de .g. & .s. (...) Mas isto he quanto aa pronunciação das palauras Latinas. Porque a pronunciação que agora damos a esta letra, he Arabica, da menria que os Mouros pronunciaõ o seu, xin (...) per que denotamos a dicta pronunciação Arabica, como nestas palauras: paixão, caxa, enxada, coxim.

Franco Barreto (1671, p. 173-174) afirma que "Nenhũ nome nosso acaba ã x, & assi nos, que dos Latinos procedem, nos a mudamos ã z [...] ainda que alguns por se mostrarem Latinos, escrevem estes, & outros taes cõ x."

Feijó (1734, p. 102) também diz que "[...] Os Portuguezes sempre pronunciamos o X nas nossas palavras com diverso som, carregando nelle com força, como *Caixa*, *Coxim*, *Payxaõ*, *Queixada*, *Queixûme* etc." Mas, no final de sua obra, ao comentar as palavras pronunciadas errado, fala sobre a palavra eis/eys, deixando transparecer que seria possível, para a pronúncia do <x>, semelhança com o segmento <is>:

Dizem os nosso Vocabularios, que he hum adverbio demonstrativo, que serve para mostrarmos algũa cousa, e nasce do Latim *En*, ou *Ecce*. Eu so repáro na escripta das letras *Eis*, porque se o devemos escrever assim, porque assim sôa na pronunciaçaõ; v. g. *Eis aqui* : *Eis ahi* etc porque não devemos de escrever *Eisâme* : *Eishausto* : mas *Exâme*, e *Exhausto*? Se me responderem que estes assim se escrevem no Latim: direi eu: Logo no Portuguez do mesmo modo que pronunciamos *Eis*, pronunciamos tambem *Ex*! que não ha duvida. Logo porque não havemos de escrever, e dizer. *Exaqui* : *Exahi*. Então *Eis*, ou *Eys*? Respondem, que no som da pronunciaçaõ estão iguaes; mas os que escrevem *Eisaqui* : *Eisahi* etc tem mais fundamento; porque quando queremos mostrar hum homem, dizemos *Eilo aqui* : e a hũa mulher *Eila aqui* etc. O erro de *Eis*, ou *Ex*, he *veis*. O P. Bento Pereira diz *Eys*, e *Ey*. Mas ou se escreva com *i*, ou *y*, sempre faz dithongo de *ei*, ou *ey*. (FEIJÓ, 1734, p. 286-287)

Então, se o ortógrafo faz esse comentário é porque a sequência <ex> já era pronunciada também com ditongação [eɪs].

5.3.2.8 Flutuação entre <l> e <r>

prantada (1 ocorrências no SRSI C6, l88)

plantas (1 ocorrência no SS C6, l68-69)

Neste par de palavras, há troca de <l> por <r> (caso de rotacismo). Feijó (1734) considera as formas pranta (para planta) e prantar (plantar) erradas.

5.3.2.9 Flutuação entre <c> e <qu>

calidade (1 ocorrência no SS C27-27, l414-415)

qualidades (1 ocorrências no SRSI C3, l32)

Neste par de palavras, ocorre flutuação, para a representação do som inicial da palavra **qualidade**, entre as formas <c> e <qu>. Tal flutuação pode levantar a questão se a pronúncia da palavra era [ka]lidade ou [kʷa]lidade. Leão (1576, p. 28) diz que "[...] sempre depois do .q. se segue hum .u. liquido, & sem força. O qual não se pode negar fazer algũa differença na pronuniação do .c. Porque de hũa maneira nos soa, aqua, & d'outra, aca, por causa d'aquelle .u. que sempre se sente." E, na lista de palavras reformadas, que dispõe no final de sua obra, considera calidade como errada e propõe a forma correta qualidade.

Pereira (1666), por sua vez, ao comentar os tipos de ditongos portugueses, fala dos formados por <u>. Assim, quando "[...] se junta *u*, com *a* ou se põem antes, *ua*, como na palavra, *igual*, ou se põem depoy, *au*, como na palavra *causa*." (PEREIRA, 1666, p. 47) Também lista calidade como erro, propondo qualidade como a forma correta.

Feijó (1734) diz que o <q> precisa sempre de um <u> para a composição das palavras. Afirmar que, embora essa vogal pareça supérflua, ela "[...] serve para diversificarmos o som das palavras, que se escrevem com *Q*, daquellas, que se escrevem com *C*: como *Qual*, e *Cal*; porque em *Qual* sôa mais alguma cousa do que em *Cal*; e este mais nasce do *U* depois do *Q*, e

antes do A." (FEIJÓ, 1734, p. 89) E, na página 91 de sua *Orthographia*, ao listar algumas palavras que começam com <qua> e <quo>, encontra-se qualidade.

Franco Barreto (1671), contrário aos demais ortógrafos, dispõe, na lista "Advertências em ordem a emendar, & melhorar as palavras, que a ignorância do vulgo tem corruptas", a forma qualidade como errada e, como forma a "emendar", calidade. Assim, podemos supor que, para o autor, o grupo <qu> equivale a <c> (logo, [k]).

5.3.2.10 Flutuação entre <c> e <sc>

naceo (9 ocorrências no SS: C11, l179; C22, l321-322)

nasceo (1 ocorrência no SRSI C20, l302)

nacer (5 ocorrências no SS: C26, l389; C38, l586)

nascimêto/nascimento (2 ocorrências no SRSI: C7, l113; C28, l464)

nacêraõ (2 ocorrências no SS: C30, l452; C30, l455)

nascida (2 ocorrências no SRSI: C8, l102; C8, l123-124)

nace (11 ocorrências no SS: C14, l205; C53, l851)

Apesar da flutuação entre presença de <s> e ausência antes de <c>, provavelmente, nestas palavras, o som representado seja o da fricativa [s], na posição de ataque silábico. A ausência ocorre nas palavras do SS. Já a presença de <s> ocorre somente nas palavras do SRSI.

Entre os ortógrafos, Barreto (1671) é o único que acha desnecessário o uso do <s> antes de <c>. Diz: "[...] ainda torno a advertir que se nã escreva, screver, scritura, sforço, smeralda, specie, spirito, star, stilo [...] nẽ tã pouco nascer, acrescentar, conhescer, senã nacer, acrecentar, conhecer [...]" (Barreto, 1671, p. 198). Já Pereira (1666) considera a forma nacer como tolerada e nascer como melhorada. Feijó (1734), por sua vez, tem como certas as formas com <sc>.

5.3.2.11 Flutuação entre <s> e <z>

fermosura (3 ocorrências no SRSI: C30, l493; C30, l497; C30, l509)

fermosa (1 ocorrência no SRSI C30, l508)

fermozura (1 ocorrência no SRSI C32, l514)

accusações (1 ocorrência no SS C61, l988)

accusado (1 ocorrência no SS C70, l1134-1135)

accuzaçoens (1 ocorrência no SRSI C33, l573)

accuzado (2 ocorrências no SRSI: C34, l564; C35, l591)

Ocorre, nas palavras acima, o uso de <s> e <z>, no mesmo contexto (em posição intervocálica, iniciando sílaba), com valor sonoro da fricativa [z].

Feijó (1734) diz que pode ser feita uma regra geral segundo a qual se escreve com <s>, mas com valor sonoro de <z>, as palavras que terminam, entre outras possibilidades, em <oso> e <osa>. E, ao comentar os erros do vulgo, questiona a escrita da palavra *formosa* com a letra <e>, inclusive citando um Vieira (talvez o P. Antônio Vieira) como descuidado por tal equívoco:

Confesso, que fiz bastante observação, para saber o fundamento, com que homens doutissimos escrevem, e pronunciaõ: *Fermoso*, *Fermosura* etc. E não achei nem analogia, nem etymologia para tal orthografia; porque os Latinos dizem *Forma*, e *Formosus* [...] Que inconveniente achaõ no o, para o mudarem em e? Ou donde vem este e? O certo he, que veyo de nôvo, porque o grande Vieyra não lho achou no seu tempo. (FEIJÓ, 1734, p. 328)

Franco Barreto (1671, p. 161-162), seguindo a analogia latina, diz que se escrevem com <s> "singelo", entre vogais, mas com som de <z> "(...) os nomes, que nace[m] dos participios ã sus, dos quaes diremos, raso, & arrasado, rasoura, leso, & lesã; riso [...] & escreveremos cõ s, como os Latinos fermoso, amoroso, glorioso, vitorioso, & outros taes."

5.3.2.12 Flutuação entre <ç> e <cç>

jurisdicção (1 ocorrência no SRSI C42, l692)

jurisdição/jurisdicção (7 ocorrências no SRSI: C33, l571; C37, l629)

Como predomina a escrita da palavra sem o uso de <c> antes de <ç>, podemos considerar que, na época, a pronúncia do <c> não ocorria. Assim, a forma registrada com <cç> deve ser por motivo de analogia à forma latina (*jurisdictione*). Entre os ortógrafos, apenas Feijó (1734) comenta a palavra, considerando como correta a forma jurisdição.

Em síntese, da escrita com consoantes:

1. há casos de flutuações sem valor fonético/fonológico (como a flutuação <c>/<sc> ou <s>/<z>. Já as flutuações <I>/<J> e <u>/<v> exigem contexto específico de emprego: no primeiro caso, sempre na forma maiúscula, em início de palavra e, no segundo, em início de sílaba);
2. os casos de consoantes duplicadas e dos grupos consonantais gregos e latinos também não indicam alteração fonética/fonológica;
3. há ocorrências de flutuações que indicam, sim, alterações fonético/fonológicas (como o uso de <h>, entre vogais, para assinalar hiato ou o caso de rotacismo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos na introdução deste trabalho, as flutuações ortográficas não podem ser consideradas apenas erros ortográficos. Na verdade, elas são tentativas de adequação da fala pela escrita. Consequentemente, estas flutuações podem indicar marcas fonéticas e fonológicas da língua, em muitos casos relacionadas à variação linguística.

Percorrendo a história da Língua Portuguesa escrita, nos deparamos com várias tentativas de adequação de sua ortografia. Por isso, são de extrema importância os primeiros ortógrafos que, na busca de sistematização da língua, registraram fatos e modos de pronúncias que, então, ocorriam. Contudo, mesmo com um objetivo comum – o de normalizar a Língua Portuguesa – não há consenso entre eles de usos e formas ortográficas. Ora eles se fundamentam em analogias e etimologias, ora se guiam pela fonética.

Em função de todo este quadro, nos propusemos a estudar e descrever a ortografia utilizada nos sermões "Sermão da Sexagésima" e "Sermão da Rainha Santa Isabel", do Padre Antônio Vieira. Para isso, focamos, principalmente, as flutuações ortográficas encontradas nos dois sermões.

Como o estudo de documentos antigos nos oferece apenas o material escrito como fonte de dados, recorreremos aos ortógrafos, para questionar e legitimar hipóteses sobre as possibilidades de pronúncia sugeridas pelas flutuações ortográficas encontradas.

Do confronto, então, entre os dados coletados e os comentários dos ortógrafos, percebemos que:

- em relação aos acentos e demais diacríticos: em certos casos, assinalam a qualidade da vogal sobre a qual recaem, mas, na maioria das palavras, além de indicar a tonicidade, desempenham função morfológica (principalmente ao sinalizar os diferentes tempos verbais);
- em relação às vogais, há dois tipos de flutuações: as que não têm valor fonético e as que têm.

No primeiro caso, enquadram-se, por exemplo, as palavras escritas com <y>/<i> para representação do som vocálico [i], em núcleo silábico ou <v>/<u> para representação de [u]. Os usos de <y> e <v> remetem a uma escrita mais antiga e, entre os dois sermões, ficou claro que estes usos foram mais recorrentes no SS.

No segundo caso, estão as palavras que, por exemplo, ora registram ditongo em <eu>, ora em <eo> ou trocam <e> por <i> ou as palavras grafadas ora com <am>, ora com <aõ>/<ão>.

- em relação às consoantes: de certa forma, elas foram as que tiveram menos casos de flutuações de pronúncia. A grande maioria dos casos registrados remete apenas a formas gráficas distintas para a representação de um mesmo som, por exemplo, <ç> representando a fricativa [s] em início de sílaba ou <s> concorrendo com <z> para a representação de [z].

Notamos, também, tendências observáveis somente a partir do SRSI, como o uso de <J> para a representação de [ʒ] em início de palavra (embora ainda concorrendo com <I>) ou o uso de <v> para a representação de [v].

Observamos, ainda, o uso de consoantes duplicadas ou de grupos consonantais insonoros. Não alterando nem o significado nem a pronúncia das palavras em que ocorrem, têm, até mesmo entre os ortógrafos, seu uso questionado.

Por meio destas particularidades, procuramos mostrar como se comporta o sistema ortográfico de Vieira e, ancorados, principalmente, na Fonética e na Fonologia, procuramos argumentar em favor da *variação linguística*. Ao comentar cada ocorrência com os preceitos e opiniões dos ortógrafos, buscamos ressaltar que, de fato, as flutuações eram comuns, já que não havia consenso entre as pessoas, inclusive entre os doutos da época, sobre a melhor forma de se representar a escrita portuguesa. Desta forma, as flutuações, nos sermões, são justificáveis e podem refletir, sim, o que ocorria também na língua falada.

Contudo, dentro de uma obra ou texto (no nosso caso, dos sermões) os usos ortográficos são coerentes e desempenham, todos, uma função específica, conforme o contexto de palavra onde ocorrem. Embora sejam registradas as flutuações ortográficas, elas não prejudicam a compreensão do todo textual e apontam para as prováveis dúvidas de seu autor. Assim, o texto, em si, é um sistema harmônico e calcado na inteligibilidade (caso contrário, seria improdutivo, já que exigiria de seus leitores grande esforço para sua leitura e compreensão).

Estabelecidas as preferências ortográficas nestes dois sermões do século XVII, esperamos contribuir, também, com o estudo e construção da História da Língua Portuguesa, na medida em que os dados apurados nesta pesquisa revelam-se opções ortográficas viáveis e

produtivas na época de produção dos textos. O estudo de obras e textos específicos favorece a caracterização mais precisa de tendências gráficas e ortográficas e, por extensão, fonéticas e fonológicas de uma determinada época.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, V. L. C. **A escrita no Brasil colônia**: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: Massangana, 1994.

ARAÚJO, E. **A construção do livro**: princípio da técnica de editoração. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

ARRUDA, J. de A.; PILETTI, N. **Toda a história**: história geral e história do Brasil. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

AZEVEDO, J. L. de. **História de António Vieira**. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931.

BARRETO, J. F. **Ortografia da lingua portugueza**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1671.

CAGLIARI, L. C. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, M. (Org.). **Ortografia da língua portuguesa**: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 17-52.

_____. A ortografia nos Sermões do Padre Antônio Vieira. In: DUARTE, L. P., ALVES, M. T. A. **Padre Antônio Vieira**: 400 anos depois. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009b. p. 162-168.

_____. **Alfabetização e lingüística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2007.

_____. **Aspectos teóricos lingüísticos da ortografia**. Livro inédito, 2006.

_____. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para os modelos fonêmicos. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 27, p. 103-111, 1994.

CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CATACH, N. **L'orthographe**. Paris: PUF, 1978.

CATACH, N. (org.). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

FEIJÓ, J. M. M. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portuguesa**. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1734.

GONÇALVES, M. F. **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: Para uma História da Ortografia Portuguesa**. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.

HEITLINGER, P. **História da tipografia**. Apresenta informações especializadas sobre as origens da tipografia e formas e uso das letras. Disponível em: <<http://tipografos.net/historia/index.html>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEÃO, D. N. **Orthographia da lingoa portuguesa**. Lisboa: João de Barreira, 1576.

LISBOA, J. F. **Vida do Padre António Vieira**. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1960. v. 19.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e reconhecida de muitos dos vocábulos estudados**. 1. ed. Lisboa: Editorial Confluência. 1952. v. 1.

MARTIN, H-J; FEBVRE, L. **O aparecimento do livro**. Tradução de H. Tavares e Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

MEGALE, H. et al. A leitura de manuscritos em Português: documentação do século XVII. In: MURAKAWA, C. de A. A.; GONÇALVES, M. F. (Orgs.). **Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. 1. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007. v. 11, p. 127-158.

NETTO, W. F. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

NEVES, O. **Padre António Vieira**: escritor, pregador (1608-1697). Lisboa: Vidas lusófonas, [199-]. Disponível em: <http://www.vidaslusofonas.pt/padre_antonio_vieira.htm>. Acesso em: 10 jun. 2009.

PEREIRA, B. **Regras gerays, breves, & comprehensivas da melhor ortografia, que se podem evitar erros no escrever da lingua latina & portugueza, para se juntar à Prosódia**. Lisboa: Domingos Carneiro, 1666.

SARAIVA, J. H. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

SOUZA, N. de. **Um estudo da ortografia da obra *Os Lusíadas* (1572) de Luís de Camões**. 2009. 431p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de C. Cunha. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1994.

TREVOR-ROPER, H. **A crise do século XVII**: Religião, a Reforma e mudança social. Tradução de J. C. Guimarães. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

VIEIRA, A. Sermam da Sexagesima. In: _____. **Sermoens do P. Antonio Vieira**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1679. v. 1, paginação irregular. Disponível em: <<http://purl.pt/297>>. Acesso em 30 nov. 2008.

_____. Sermam da Rainha Santa Isabel. In: _____. **Sermoens do P. Antonio Vieira**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1682. v. 2, p. 1-26. Disponível em: <<http://purl.pt/292>>. Acesso em 30 nov. 2008.

_____. Sermam da Sexagesima. In: _____. **Sermões do Padre António Vieira**. Reprodução facsimilada da edição de 1679. São Paulo: Anchieta, 1943. v. 1, paginação irregular.

_____. Sermam da Rainha Santa Isabel. In: _____. **Sermões do Padre António Vieira**. Reprodução facsimilada da edição de 1682. São Paulo: Anchieta, 1944. v. 2. p. 1-26.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ASSALIM, C. **A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos impressos do Português do século XVII**: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros. 2007. v. 1, 194p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.

CALMON, P. **História do Brasil**: séculos XVI-XVII. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963. v. 2.

CÂMARA JR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDEIRA, E. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Caminho, 2006.

CATACH, N. (Org.). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996.

CIDADE, H. **P.^e António Vieira**. Lisboa: Arcádia, [19--].

HOUAISS, A. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: HUCITEC, 1983. v. 1.

_____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

MIRA MATEUS, M. H. **O essencial sobre linguística**. Lisboa: Caminho, 2006.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, [19--].

SARAIVA, A. J. **História e utopia**: estudos sobre Vieira. Tradução de M. de Santa Cruz. Lisboa: Ministério da Educação/ Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SPINA, S. **História da língua portuguesa**: segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, 1987. v. 3.

TARALLO, F. **Tempos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – Sermão da Sexagésima (1679).

C1

C2



C3

C4

S E R M A M

laura diuina. Bem parece este texto dos liuros de Deos. Não só faz menção do semear, mas faz também caso do fahir. *Exijt*; porque no dia da messe haónos de medir a semeadura, & haónos de contar os passos. O mundo, aos que laurais com elle, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. Deos não he assi. Para quem laura cõ Deos até o fahir he semear, porque também das passadas colhe fructo. Entre os semeadores do Euangelho ha hũs q̃ sahem a semear, ha outros q̃ semeão s̃e fahir. Os q̃ sahem a semear, sãõ os que vão pregar á India, á China, ao Japão: os que semeão sem fahir, sãõ os que se contentão com pregar na patria. Todos terãõ sua razaõ, mas tudo tem sua conta. Aos que tem a seara em casa, pagarlhes haõ a semeadura: aos que vão buscar a seara tão longe, haõlhes

de medir a semeadura, & haõlhes de contar os passos. Ah dia do Juizo! Ah Pregadores! os de cá, acharuosheys com mays Paço: os de lá, com mays passos: *Exijt seminare.*

Mas daqui mesmo vejo que notais, (& me notais) que diz Christo que o semeador do Euangelho sahio, porém não diz que tomou; porque os Pregadores Euangelicos, os homẽs que professão pregar, & propagar a Fé, he bem que sayão, mas não he bem que tornem. Aquelles Animaes de Ezechiel, que tirauão pelo S. Gre-
carro triumphal da gloria *ger. ibi.*
de Deos, & significauão os Pregadores do Euangelho, que propriedades tinhaõ? *Nec reuertebantur, cum ambularent:* Hũa
vez que hiaõ, não tornauão. As redeas porque se governauão, era o impeto do espirito, como diz o mesmo texto, mas esse espirito tinha impulsos para os leuar, não tinha
regres.

20

30

40

50

C5

C6

DA SEXAGESIMA.

regresso para os trazer ;
 por q̃ sair para tornar ,
 melhor he não sair. Assim
 arguis com muyta razão ;
 & eu tambem assi o di-
 go. Mas pergunto. E se ef-
 se fêmeador Euangelico,
 quando sahio , achasse o
 campo tomado : se se ar-
 massen contra elle os es-
 pinhos : se se leuantassem
 contra elle as pedras, & se
 lhe fechassem os cami-
 nhos, que hauia de fazer?
 Todos estes contrarios ,
 que digo , & todas estas
 contradicções experimen-
 tou o fêmeador do nosso
 Euangelho. Começou el-
 le a semear (diz Christo)
 mas com pouca ventura.
 Húa parte do trigo cahio
 entre espinhos, & affoga-
 raõno os espinhos: *Aliud
 cecidit inter spinas, & si-
 mul exortæ spinæ suffoca-
 uerunt illud.* Outra parte
 cahio sobre pedras, & sec-
 coule nas pedras por fal-
 ta de humidade : *Aliud
 cecidit super petram, &
 natum aruit, quia non ha-
 bebat humorem.* Ou tra

parte cahio no caminho,
 & pizaraõno os homẽs, &
 comeraõno as aues: *Aliud
 cecidit secus viam, &
 conculcatum est, & volu-
 cres cali comederunt illud.*
 Ora vede, como todas as
 creaturas do mundo se
 armãraõ contra esta se-
 menteyra. Todas as crea-
 turas, quantas ha no mun-
 do, se reduzem a quatro
 generos: creaturas racio-
 naes, como os homens :
 creaturas sensitiuas, como
 os animaes: creaturas ve-
 getatiuas, como as plan-
 tas: creaturas insensitueys,
 como as pedras: & não
 ha mays. Faltoualgũa de-
 stas, que se não armasse
 contra o fêmeador? Ne-
 nhúa. A natureza insensit-
 uel o perseguio nas pe-
 dras: a vegetatiua nos es-
 pinhos: a sensitiua, nas
 aues: a racional nos ho-
 mẽs. E notae a desgraça
 do trigo, que onde só po-
 dia esperar razão, alli
 achou mayor aggrauo. As
 pedras seccaraõno, os es-
 pinhos affogaraõno, as
 A ij aues

60

70

80

C7

C8

S E R M A M 2 1 8

aves comeração, & os
homens? Pizaração: *Con-*
culeatum est. Ab homini-
bus (diz a Glossa.) Quando
Christo mandou pregar
os Apostolos pelo mun-
do, disse-lhes desta maney-
ra. *Euntes in mundum*
uniuersum, predicate om-
ni creaturæ. Ide, & pregae
a toda a creatura. Como
alli, Senhor? os animaes
naõ são creaturas? as ar-
vores naõ são creaturas?
as pedras naõ são creatu-
ras? Poes haõ os Aposto-
los de pregar ás pedras?
haõ de pregar aos tron-
cos? haõ de pregar aos
animaes? si: diz S. Gre-
gorio depoes de S. Ago-
stinho. Porque como os
Apostolos hiaõ pregar
a todas as nações do mû-
do, muytas dellas barba-
ras, & incultas, haurião de
achar os homens degenera-
dos em todas as espe-
cies de creaturas: haurião
de achar homens homens;
haurião de achar homens
brutos; haurião de achar
homens troncos; haurião de
achar homens pedras. E
quando os Pregadores
Euangelicos vaõ pregar a
toda a creatura, que se
armem contra elles todas
as creaturas? grande des-
gracia!
Mas ainda a do semea-
dor do nesto Euangelho
naõ foy a mayor. A mayor
he a que se tem experi-
mentado na seara onde
eu fuy, & para onde ve-
nho. Tudo o que aqui pa-
decco o trigo, padecêraõ
lá os semeadores. Se bẽ
aduertirdes, houue aqui
trigo mirrado, trigo af-
fogado, trigo comido, &
trigo pizado. Trigo mi-
rado: *Natun aruit, quia*
non habebat humorem:
trigo affogado: *Exortæ*
spinæ suffocauerunt illud:
trigo comido: *Vulures*
celi comederunt illud:
trigo pizado: *Conculeati*
est. Tudo isto padecêraõ
os semeadores Euangeli-
cos da Missão do Mara-
nhaõ de doze annos a esta
parte. Houue Missionari-
os affogados; porque hũs
se

Marc.
16.15

S. Gre-
gor.
S. Au-
gust.

90

100

110

C9

C10

9

DA SEXAGESIMA.

13

se affogáraõ na bocca do
grande Rio das Amazo-
nas: houve Missionarios
comidos, porque a ou-
tros comerão os barba-
ros na Ilha dos Aroãos:
houve Missionarios mir-
rados, porque taes tornã-
rão os da jornada dos
Tocantins, mirrados da
fome, & da doença: onde
tal houve, que andando
vinte & dous dias perdi-
do nas brenhas, mattou
fõmente a sede com o or-
valho, que lambia das fo-
lhas. Vede, se lhe quadra
bem o *Natum aruit, quia
non habebat humorem?* E
que sobre mirrados, so-
bre affogados, sobre co-
midos, ainda se vejaõ pi-
zados, & perseguidos dos
homens: *Conculcatum est?*
Naõ me queyxo, nem o
digo, Senhor, pelos se-
meadores: sõ pela seara o
digo, sõ pela seara o fin-
to. Para os semeadores,
isto siõ glorias: mirrados
si, mas por amor de vos
mirrados: affogados si,
mas por amor de vos af-

fogados: comidos si, mas
por amor de vos comi-
dos: pizados, & persegui-
dos si, mas por amor de
vos perseguidos, & piza-
dos.

Agora torna a minha
pergunta. E que faria ne-
ste caso, ou que deuia fa-
zer o semeador Euange-
lico vendo taõ mal logra-
dos seus primeyros tra-
ballios? Deyxaria a lauou-
ra? Desistiria da semen-
teyra? Ficarsehia ocioso
nõ campo, sõ porque ti-
nhia lá ido? Parece que
naõ. Mas se tornasse muy-
to depressa a casa a buscar
alguns instrumentos, com
que alimpar a terra das
pedras, & dos espinhos,
seria isto desistir? seria
isto tornar a traz? Naõ
por certo. No mesmo
texto de Ezechiel, com q
arguisles, temos a prova.
Já vimos como dizia o
texto, que aquelles Ani-
maes da carroça de Deos,
quando hiaõ, naõ torna-
uaõ: *Nec reuertebantur; Ezech.
cum ambularent. Lede 1.12.*

A iij agora

120

130

140

C11

C12

II

SERMAM

12

agora dous versos mays
abayxo, & vereys que diz
o mesmo texto, q̃ aquel-
les Animaes tornauão á
semelhança de hum rayo,
Exech. 1. 14. Ibant, & re-
uertebantur in similitudi-
nem fulguris coruscantis.
Poes se os Animaes hiaõ,
& tornauão á semelhança
de hum rayo, como diz o
texto, que quando hiaõ,
naõ tornauão? Porque
quem vay, & volta como
hum rayo, naõ torna. Ir, &
voltar como rayo, naõ he
tornar, he ir por diante.
Assi o fez o semeador
do nossõ Evangelho. Naõ
o defanimou, nem a pri-
meyra, nem a segunda,
nem a terceyra perda: cõ-
tinhou por diante no se-
mear, & foy com tanta fe-
licidade, que nesta quar-
ta, & vltima parte do tri-
go se restaurarão com vñ-
tagem as perdas do de-
mays: nasceo, creceo, es-
pigou, amadureceo, co-
lheose, mediose, achouse
que por hum graõ multi-
plicara ceto, *Et fecit fru-*

Etum centuplum.

Oh que grandes espe-
ranças me dá esta semen-
teyra! oh que grãde exê-
plo me dá este semeador!
Dame grandes esperan-
ças a sementeira, porque
ainda que se perdêrão os
primeyros trabalhos, lo-
grarsehão os vltimos: da-
me grande exemplo o se-
meador, porque depoes
de perder a primeyra, a
segunda, & aterceyra parte
do trigo, approueytou a
quarta, & vltima, & co-
lheo della muyto fructo.
Iá q̃ se perdêrão as tres
partes da vida, já que hũa
parte da idade a leuãrão
os espinhos, já que outra
parte a leuãrão as pedras,
já que outra parte a leuã-
rão os caminhos, & tan-
tos caminhos, esta quar-
ta, & vltima parte, este vl-
timo quartel da vida, por-
que se perderá tambem?
porque naõ dará fructo?
porque naõ terãõ tam-
bem os annos o que tem
o anno? O anno tem tẽ-
po para as flores, & tem-
po

160

170

180

po para os fruttos. Por q
maõ terá tambem o seu
outono a vida? As flores
húas cahé, outras seccaõ,
outras murchaõ, outras
leua o vento: aquellas
poucas, que se pegão ao
tronco, & se conuertem
em fructo, só ellas são as
venturosas, só ellas são
as discretas, só ellas são as
que duraõ, só ellas são as
que approueytaõ, só ellas
são as que sustentam o
mundo. Será bem que o
mundo morra á fome?
Será bem que os vltimos
dias se passem em flores?
Não será bem, nem Deos
quer que seja, nem ha de
fêr. Eys aqui porque eu
dizia ao principio, que
vindes enganados com o
Prégador. Mas para que
possais ir desenganados
com o Sermão, tratarey
nelle húa materia de grã-
de pezo, & importancia.
Seruirá como de prolo-
go aos Sermões, que vos
hey de prégar, & aos
mays que ouirdes esta
Quartelma.

§. II.

Semen est Verbum Dei.

O trigo, que semeou o
Prégador Euágelico, diz
Christo, que he a palavra
de Deos. Os espinhos, as
pedras, o caminho, & a
terra boa, em que o trigo
cahio, são os diuersos co-
raçoens dos homés. Os
espinhos são os coraçoens
embaraçados cõ cuyda-
dos, com riquezas, com
delicias, & nestes affoga
se a palavra de Deos. As
pedras são os coraçoens
duros, & obstinados, &
nestes ferease a palavra de
Deos, & se nace, não eria
raizes. Os caminhos são
os coraçoens inquietos, &
perturbados com a passa-
gem, & tropel das cousas
do mundo, húas que vão,
outras que vem, outras
que atrauessaõ, & todas
passão; & nestes he piza-
da a palavra de Deos, por-
que ou a desattendem, ou
a desprezam. Finalmente
a terra

190

200

210

15
a terra boa são os cora-
goes bons, ou os homens
de bom coração; & ne-
lles prende, & fructifica a
palavra diuina com tanta
fecundidade, & abundan-
cia, que se colhe cento
por hum: *Et fructum fe-
cit centuplum.*

Este grande fructificar
da palavra de Deos, he o
em que reparo hoje: &
he hũa duuida, ou admi-
ração, que me traz sus-
penso, & confuso depoes
que subo ao pulpito. Se a
palavra de Deos he tam
efficaz, & tam poderosa;
como vemos tam pouco
fructoda palavra de Deos?
Diz Christo, que a pala-
ura de Deos fructifica & é-
to por hũ: & já eu me cõ-
tentara, com que fructifi-
casse hum por cento. Se
com cada cem Sermoens
se conuertera, & emendã-
ra hum homem, já o mũ-
do fora santo. Este argu-
mento de Fé, fundado
na authoridade de Chri-
sto, se aperta ainda mays
na experiencia, compa-

16
rando os tempos passa-
dos com os presentes. Le-
de as Historias Ecclesia-
sticas, & achallas heys to-
das cheas de admiraueys
effeytos da pregação da
palavra de Deos. Tantes
peccadores conuertidos,
tanta mudança de vida,
tanta reformaçã de co-
stumes: os grandes des-
prezando as riquezas, &
 vaidades do mundo: os
Reys renunciando os ce-
tros, & as coroas: as mo-
cidades, & as gentilezas
mettendose pelos deser-
tos, & pelas couas; & ho-
je? nada disto. Nunca na
Igreja de Deos houve tã-
tas pregaçoens, nem tan-
tos Pregadores como ho-
je. Poes se tanto se semea
a palavra de Deos, como
he tam pouco o fructo?
Não ha hum homem, que
em hum Sermão entre
em si, & se resolua: não
ha hum moço, que se ar-
rependa: não ha hum
velho, que se desengane:
que he isto? Assim como
Deos não he hoje menos
Om.

220

230

240

17

DA SEXAGESIMA.

18

Omnipotente ; alli a sua palavra não he hoje menos poderosa, do que dantes era. Poes se a palavra de Deos he tam poderosa, se a palavra de Deos tem hoje tantos pregadores ; porque não vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deos ? Esta tão grande, & tão importante diuida será a materia do Sermão. Quero começar pregadome a mi. A mi será, & tambem a vós : a mi, para apprender a pregar : a vós, para que apprendais a ouir.

§. I I I.

Fazer pouco fructo a palavra de Deos no mundo, pôde proceder de hum de tres principios : ou da parte do pregador, ou da parte do ouinte, ou da parte de Deos. Para hua alma se converter por meyo de hum Sermão, ha de hauer tres cô-
cursos : ha de concorrer o pregador com a doutri-

na, persuadindo : ha de concorrer o ouinte com o entendimento, percebendo : ha de concorrer Deos com a graça, allumando. Para hum homem se ver a si mesmo, são necessarias tres cousas : olhos, espelho, & luz. Se tem espelho, & he cego, não se pôde ver por falta de olhos : se tem espelho, & olhos, & he de noyre, não se pôde ver por falta de luz. Logo ha mister luz, ha mister espelho, & ha mister olhos. Que cou-
sa he a conversão de hua alma, senão entrar hum homem dentro em si, & ver-se a si mesmo ? Para esta vista são necessarios olhos, he necessaria luz, & he necessario espelho. O pregador concorre com o espelho, que he a doutrina: Deos concorre com a luz, que he a graça: o homem concorre com os olhos, que he o conhecimento. Ora supposto que a cõuersão das almas por meyo da pregação de-
B pende

250

260

270

280

19

SERMAM

20

pende destes tres concu-
 sos: de Deos, do préga-
 dor, & do ouuinte, por
 qual delles liauemos de
 entender que falta? por
 parte do ouuinte, ou por
 parte do prégador, ou
 por parte de Deos?

Primeyraméte por par-
 te de Deos não falta, nem
 pôde faltar. Esta propo-
 sição he de Fé, definida
 no Concilio Tridentino,
 & no nosso Euangelho a
 temos. Do trigo, que dey-
 tou á terra o semeador,
 húa parte se logrou, &
 tres se perdêrão. E por-
 q se perdêrão estas tres?
 A primeyra perdeose,
 porque a affogârão os es-
 pinhos: a segunda, por-
 q a secçârão as pedras: a
 terceyra, porq a pizârão
 os homens, & a comêrão
 as aues. Isto he o que diz
 Christo, mas nota o que
 não diz. Não diz, que
 parte algúa daquelle tri-
 go se perdesse por causa
 do Sol, ou da chuua. A
 causa, porque ordinaria-
 mente se perdem as se-

menteyras, he pela desi-
 gualdade, & pela intem-
 perança dos tempos: ou
 porque falta, ou sobeja a
 chuua, ou porque falta,
 ou sobeja o Sol. Poes por-
 que não introduz Chri-
 sto na Parabola do Euan-
 gelho algum trigo, que se
 perdesse por causa do
 Sol, ou da chuua? Por-
 que o Sol, & a chuua são
 as influencias da parte do
 Ceo, & deyxar de frutifi-
 car a semente da palavra
 de Deos, nunca he por
 falta do Ceo, sempre he
 por culpa nossa. Deyxará
 de frutificar a semetey-
 ra ou pelo embaraço dos
 espinhos, ou pela dureza
 das pedras, ou pelos des-
 caminhos dos caminhos,
 mas por falta das influ-
 encias do Ceo, isso nunca
 he, nem pôde ser. Sempre
 Deos está prôpto de sua
 parte, com o Sol para
 aquestar, & com a chuua
 para regar: com o Sol pa-
 ra allumiar, & com a chu-
 ua para amollecet, se os
 nossos coraçoes quize-
 rem:

290

300

310

21 DA SEXAGESIMA. 22

Titub. rem: Qui solem suum oriri
5-45- facit super bonos, & ma-
los, & pluit super iustos,
& iniustos. Se Deos dá o
 so Sol, & a sua chuua aos
 bons, & aos maos; aos
 maos, que se quizerem fa-
 zer bons, como a negará?
 Este ponto he tam claro,
 que não ha para q nos de-
 termos em mays proua.
Isai. 5. Quid debui facere vineae
meae, & non feci? disse o
 mesmo Deos por Isaias.
 Sendo pois certo que
 a palaura diuina não de-
 xa de fructificar por parte
 de Deos; segue-se, que ou
 he por falta do prégador,
 ou por falta dos ouuintes.
 Por qual será? Os
 prégadores deytão a cul-
 pa aos ouuintes, mas não
 he assi. Se fora por par-
 te dos ouuintes, não fi-
 zera a palaura de Deos
 muyto grãde fructo, mas
 não fazer nenhum fructo,
 & nenhum effeyto, não
 he por parte dos ouuin-
 tes. Prouo. Os ouuintes,
 ou são maos, ou são bons:
 se são bons, faz nelles
 grãde fructo a palaura de
 Deos: se são maos, ainda
 q não faça nelles fructo,
 faz effeyto. No Euange-
 lho o temos. O trigo, que
 cahio nos espinhos, na-
 ceo, mas affogaráno: *Si-*
mul exorta spinae suffoca-
uerunt illud. O trigo, que
 cahio nas pedras, naceo
 tambem; mas seccouse:
Et natum aruit. O trigo,
 que cahio na terra boa,
 naceo, & fructificou com
 grande multiplicação: *Et*
natum fecit fructum cent-
uplum. De maneyra que
 o trigo, que cahio na boa
 terra, naceo, & fructificou:
 o trigo, que cahio na má
 terra, não fructificou, mas
 naceo; porque a palaura
 de Deos he tão fecunda,
 que nos bons faz muyto
 fructo; & he tão efficaz,
 q nos maos, ainda q não
 faça fructo, faz effeyto:
 lançada nos espinhos não
 fructificou, mas naceo até
 nos espinhos: lançada nas
 pedras, não fructificou;
 mas naceo até nas pedras.
 Os peores ouuintes, que
 B ij ha

C23

C24

23

S E R M ã M

24

ha na Igreja de Deos são as pedras, & os espinhos. E porque? Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouuintes de entendimentos agudos, & ouuintes de vontades endurecidas, são os peores que ha. Os ouuintes de entendimentos agudos são maos ouuintes, porque vem só a ouuir sutilezas, a esperar galantarias, a aualiar pensâmentos, & ás vczes tambem a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas.* O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picarão a elle: o mesmo succede cá. Cuidais que o Sermão vos picou a vós, & não he así; vós sois o que picais o Sermão. Por isto são maos ouuintes os de entendimētos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são peores; porque hum entendimēto agudo pode se ferir pelos mesmos fios, & venirse húa agudeza com

outra mayor, mas contra vontades endurecidas nenhuma cousa approueyta a agudeza, antes danna mays, porque quanto as settas são mays agudas, tanto mays facilmente se despontão na pedra. Oh Deos nos liure de vontades endurecidas, que ainda são peores que as pedras. A vara de Moyles abrandou as pedras, & não pôde abrandar húa vôtade endurecida: *Per- cutiens virga bis silicem, Exod. 7. 13. & egressæ sunt aquæ largissimæ. Induratum est cor Nami. Pharaonis.* E com os ou-
uintes de entendimentos agudos, & os ouuintes de vontades endurecidas ferem os mays rebeldes, he tanta a força da diuina palavra, que a pezar da agudeza nace nos espinhos, & a pezar da dureza nace nas pedras. Puderamos arguir ao laurador do Evangelho, de não cortar os espinhos, & de não arrancar as pedras antes de semear, mas de industria

350

360

370

380

25

DA SEXAGESIMA.

26

industria deyxou no câ-
po as pedras, & os espi-
nhos, para que se visse a
força do que semeava.
He tanta a força da diui-
na palavra, que sem cor-
tar, nem despontar espi-
nhos, nasce entre espinhos.
He tanta a força da diui-
na palavra, que sem arrá-
car, nem abrandar pedras,
nace nas pedras. Coraço-
ens embaraçados como
espinhos, corações sec-
cos, & duros como pe-
dras, ouui a palavra de
Deos, & tende confiança:
tomae exemplo nessas
mesmas pedras, & nesses
espinhos. Esses espinhos,
& essas pedras agora resi-

*2.º João.**27. 51**o Pe-**tr. e.**scissin**font. ib.**29. Co-**rinam**de spi-**nis pa-**uerūt**super**caput**ejus.*

stem ao semeador do
Ceo; mas virá tempo, em
que essas mesmas pedras
o aclamem, & esses mes-
mos espinhos o coroem.
Quando o semeador do
Ceo deyxou o campo, sa-
hindo deste mudo, as pe-
dras se quebrarão para
lhe fazerem aclamações,
& os espinhos se tecerão
para lhe fazerem coroa. E

se a palavra de Deos até
dos espinhos, & das pe-
dras triumphar: se a pala-
ura de Deos até nas pe-
dras, até nos espinhos na-
ce; não triumphar dos
alucídios hoje a palavra
de Deos, nem nacer nos
corações; não he por
culpa, nem por indisposi-
ção dos ouuintes.

390

Suppostas estas duas de-
monstrações: supposto
que o fruto, & effeyto da
palavra de Deos, não fica,
nem por parte de Deos,
nem por parte dos ou-
uintes; segue-se por con-
sequencia clara, que fica
por parte do pregador. E
assí he. Sabeis Christãos
porque não faz fruto a
palavra de Deos? por cul-
pa dos pregadores. Sa-
beis Pregadores, porque
não faz fruto a palavra
de Deos? Por culpa nos-
sa.

400

410

§. I V.

Mas como em hum
pregador ha tantas ca-

Bij lida-

27

SERMÃO

28

lidades, & em hũa prégão tantas leys, & os prégadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? No prégador podemse considerar cinco circumstancias: a Pessoa, a Ciencia, a Materia, o Estylo, a Voz. A pessoa que he: a ciêcia que tem: a materia que tratta: o estylo q segue: a voz com que falla. Todas estas circumstancias temos no Euangelho. Vamos examinando hũa por hũa, & buscando esta causa.

Será por ventura o não fazer fructo hoje a palavra de Deos, pela circumstancia da pessoa? Será, porq antigamente os prégadores erão santos, erão Varoês Apostolicos, & exemplares; & hoje os prégadores são eu, & outros como eu? Boa razão he esta. A definição do prégador he a vida, & o exemplo. Por isso Christo no Euangelho não o comparou ao semeador,

senão ao que semêa. Reparae. Não diz Christo: Sahio a semear o semeador, senão, sahio a semear o que semêa: *Ecce exiit, qui seminat seminare*. Entre o semeador, & o que semêa ha muyta differença: Hũa cousa he o soldado, & outra cousa o que peleja: hũa cousa he o governador, & outra o que governa. Da mesma maneyra, hũa cousa he o semeador, & outra o que semêa: hũa cousa he o prégador, & outra o que préga. O semeador, & o prégador he nome; o que semêa, & o que préga he acção: & as acções são as que dão o ser ao prégador. Ter nome de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada: as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que conuertem o mundo. O melhor conceyto, que o prégador leua ao pulpito, qual cuydais que he? He o côceyto, que de sua vida tem os ouintes. Antiga

420

430

440

29

DA SEXAGESIMA.

30

tigamente conuertiaſe o
 mundo; hoje porque ſe
 não conuerte ninguém?
 Porque hoje prégaõſe pa-
 lauras, & pensamentos:
 antigamente prégaõſe
 palauras, & obras. Pala-
 uras ſem obras, ſão tiro
 ſem bala; atroão, mas não
 ferem. A funda de Dauid
 17.49 derrubou ao Gigante;
 mas não o derrubou com
 o eſtalo, ſenão com a pe-
 dra: *Infixus eſt lapis in*
 1. Reg. 16.23 *fronte ejus.* As vozes da
 arpa de Dauid lança-
 uão fóra os Demonios
 do corpo de Saul; mas
 não crão vozes pronun-
 ciadas com a bocca, erão
 vozes formadas com a
 mão: *Dauid tollebat ci-*
tharam, & percutiebat
manu ſua. Por iſſo Chri-
 ſto comparou o pré-
 gador ao ſemeador. O
 prégar, que he fallar, faz
 ſe com a bocca: o prégar
 que he ſemear, faz ſe com
 a mão. Para fallar ao ven-
 to, baſtão palauras: para
 fallar ao coração, ſão ne-
 ceſſarias obras: Diz o

Evangelho, que a palaura
 de Deos fruttificou cento
 por hum. Que quer iſto
 450 dizer? Quer dizer, que
 de hũa palaura nacêrão
 cem palauras? Não. Quer
 dizer, que de poucas pa-
 lauras nacêrão muytas
 obras. Poes palauras, que
 fruttificação obras, vede, ſe
 podem ſer ſó palauras?
 Quiz Deos conuerter o
 460 mundo, & que fez? man-
 dou ao mundo ſeu Filho
 ſeyto homem. Notae. O
 Filho de Deos em quan-
 to Deos, he palaura de
 Deos, não he obra de
 Deos: *Genitum, non factū.*
 O Filho de Deos em
 quanto Deos, & Homem,
 he palaura de Deos, &
 470 obra de Deos juntamen-
 te: *Verbum caro factum Ioan.*
eſt. De manceyra que até 1. 14.
 de ſua palaura defacom-
 panhada de obras, não fi-
 ou Deos a conuerſão dos
 homés. Na união da Pa-
 laura de Deos com a ma-
 480 yor obra de Deos confi-
 ſtitio a efficacia da ſaluação
 do mundo. Verbo Dni-
 no

C31

C32

31
no he palavra Diuina ;
mas importa pouco que
as nossas palavras sejam
diuinas , se forem defa-
companhadas de obras. A
razão disto he ; porque as
palavras ouñse , as obras
vemse : as palavras en-
trão pelos ouvidos , as
obras entrão pelos olhos :
& a nossa alma rende-se
muyto mais pelos olhos ,
que pelos ouvidos. No
Ceo ninguê ha , quem não
ame a Deos , nem possa
deyxar de o amar. Na ter-
ra ha tam poucos que o
amem , todos o offendem.
Deos não he o mesmo , &
tão digno de ser amado
no Ceo , como na terra ?
Poes como no Ceo obri-
ga , & necessita a todos ao
amarem , & na terra , não ?
A razão he , porque Deos
no Ceo he Deos visto ;
Deos na terra he Deos
ouuido. No Ceo entra o
conhecimento de Deos á
alma pelos olhos : *Videbi-*
3. 2. *mus eum sicuti est* : na ter-
ra entrahe o conhecimê-
to de Deos pelos ouvi-

32
dos : *Fides ex auditu* , & o *Rom.*
que entra pelos ouvidos 10. 16
crese : o que entra pelos
olhos , necessita. Virão os
ouuintes em nós , o que
nos ouuem a nós , & o
abalo , & os effeitos do
Sermão ferião muyto ou-
tros.

Vay hum prégador
pregando a Paxão , che-
ga ao Pretorio de Pilatos ,
conta como a Christo o
fizerão Rey de zomba-
ria , diz que tomãrão húa
purpura , & lha puserão
aos hōbros : ouue aquillo
o auditorio muyto atten-
to. Diz que recerão húa
coroa de espinhos , & que
lha pregarão na cabeça :
ouuem todos com a mes-
ma attenção. Diz mais
que lhe atarão as mãos , &
lhe mettêrão nellas húa
cãna por cetro : continua
o mesmo silencio , & a
mesma suspensão nos
ouuintes. Corre-se neste
passo húa cortina , appare-
ce a imagem do Ecce
homo : eys todos prostra-
dos por terra , eys todos a
bater

33

DA SEXAGESIMA.

34

bater nos peytos, eys as lagrymas, eys os gritos, eys os alaridos, eys as bofetadas: q̃ he isto? Que apparecco de nouo nesta Igreja? Tudo o que descubrio aquella cortina, tinha já ditto o prégador. Já tinha ditto daquella purpura, já tinha ditto daquella coroa, & daquelles espinhos, já tinha ditto daquelle cetro, & daquelle cána. Poes se isto então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque então era Ecce Homo ouuido, & agora he Ecce Homo visto: a relação do prégador entrava pelos ouvidos: a representação daquella figura entra pelos olhos. Sabem Padres Prégadores porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não prégamos aos olhos, prégamos só aos ouvidos. Porque conuertia o Baptista tantos peccadores? porque alli como as suas palauras prégaão aos ouvi-

dos, o seu exemplo prégaão aos olhos. As palauras do Baptista prégaão penitencia: *Agite Math. penitentiam*: Homens fa- 3.2. zei penitencia: & o exemplo clamava: Ecce homo: eys aqui está o homem que he o retratto da penitencia, & da aspereza. As palauras do Baptista prégaão jejum, & reprehendiaão os regalos, & demasias da gula; & o exemplo clamava: Ecce homo: eys aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos, & mel sylvestre. As palauras do Baptista prégaão composição, & modestia, & condenauão a soberba, & a vaidade das galas; & o exemplo clamava: Ecce homo: eys aqui está o homem vestido de pelles de camelo, com as cerdas, & cilicio á raiz da carne. As palauras do Baptista prégaão despegos, & retirados do mundo, & fugir das occasiões, & dos homens; & o exemplo clama-

C maua:

520

530

540

35

SERMAM

36

maua : Ecce homo : eys aqui o homem, que deyxou as cortes, & as cidades, & viu num deserto, & nãa coua. Se os ouintes ouuem hũa coufa, & vem outra, como se haõ de conuerter? Iacob punha as varas manchadas diante das ouelhas, quando concebiaõ, & daque qui procedia, que os cordeyros naciaõ manchados. Se quando os ouintes percebem os nossos cõceytos, tem diante dos olhos as nossas manchas; como haõ de conceber virtudes? se a minha vida he apologia contra a minha doutrina: se as minhas paluras vaõ já refutadas nas minhas obras: se hũa coufa he o semeador, & outra o que semea, como se ha de fazer fructo?

Muyto boa, & muyto forte razãõ era esta de não fazer fructo a palaura de Deos, mas tem contra si o exemplo, & experiencia de Ionas. Ionas fu-

gitiuo de Deos, desobe. *Jonas* diete, contumaz, & ainda ^{1.2.3.} depoes de engulido, & vomitado, iracundo, impaciente, pouco charitativo, pouco misericordioso, & mays zeloso, & amigo da propria estimação que da hõra de Deos, & saluação das almas, desejoso de ver fouertida a Niniue, & de a ver fouertir com seus olhos, ha- uendo nella tantos mil innocentes: com tudo este mesmo homem com hum sermaõ conuerteo o mayor Rey, a mayor Corte, & o mayor Reyno do mundo, & não de homens fieys, senãõ de gentios idolatras. Outra he logo a causa, que buscamos. Qual será?

§. V.

Será por ventura o estylo, que hoje se vfa nos pulpitos? Hum estylo taõ empegado, hũ estylo taõ difficultoso, hũ estylo taõ affectado, hum estylo

Genf.
30.39
Facit
que est
ut oues
intue-
rentur
virgas
& pa-
terent
manu-
lefa.

560

570

580

tao encontrado a toda a arte, & a toda a natureza? Boa razao he tambem esta. O estylo ha de ser muyto facil, & muyto natural. Por isso Christo comparou o pregar ao semear: *Exijt, qui seminat, seminare.* Compara Christo o pregar ao semear, porque o semear he hua arte, que tem mais de natureza, que de arte. Nas outras artes tudo he arte: na Musica tudo se faz por compasso: na Architectura tudo se faz por regra: na Arithmetica tudo se faz por conta: na Geometria tudo se faz por medida. O semear nao he assi. He hua arte sem arte: caya onde cahir. Vede como semeava o nosso lavorador do Evangelho. Cahia o trigo nos espinhos, & nacia: *Aliud cecidit inter spinas, & simul exort a spine.* Cahia o trigo nas pedras, & nacia: *Aliud cecidit super petra, & natum.* Cahia o trigo na terra boa, & nacia:

Aliud cecidit in terram bonam, & natum. Hia o trigo cahindo, & hia nascendo.

Assi ha de ser o pregar. Haõ de cahir as cousas, & haõ de nacer: tao naturaes, que vaõ cahindo, tao proprias, que venhaõ nascendo. Que diferente he o estylo violento, & tyrannico, que hoje se vfa? Ver vir os tristes Passos da Escriptura, como que vem ao martyrio: huns vem acarretados, outros vem arrastados, outros vem estirados, outros ve torcidos, outros vem despedaçados, so atados nao vem. Ha tal tyrannia? Entao no meyo disto: Que bem levantado esta aquillo! Nao esta a cousa no levantar: esta no cahir: *Cecidit.* Notae hua allegoria propria da nossa lingua. O trigo do semeador, ainda que cahio quatro vezes, so de tres naceo: para o Sermão vicnacendo, ha de ter tres modos de cahir. Ha de ca-

Cij hir

39

SERMAM

40

hir com queda, ha de cahir com cadencia, ha de cahir com caso. A queda he para as cousas, a cadencia para as palauras, o caso para a disposiçaõ. A queda he para as cousas; porque haõ de vir bem trazidas, & em seu lugar; haõ de ter queda: a cadencia he para as palauras; porque naõ haõ de ser ecabrosas, nem dissonantes, haõ de ter cadencia: o caso he para a disposiçaõ; porque ha de ser taõ natural, & taõ de affectada, que pareça caso, & naõ estudo. *Cecidit, cecidit, cecidit.*

Já que fallo contra os estylos modernos, quero allegar por mi o estylo do mays antigo prégador, que houve no mundo. E qual foy elle? O mays antigo prégador, q houve no mundo, foy o Ceo. *Celi enarrant gloriam Dei, & opera manuum eius annuntiat firmamentum,* diz David. Supposto que o Ceo he prégador,

deue de ter sermoes, & deue de ter palauras. Si tem, diz o mesmo David: tem palauras, & tem sermoes, & mays muyto bẽ ouuidos. *Non sunt loquela, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum.* E quaes saõ estes sermoes, & estas palauras do Ceo? As palauras saõ as estrellas: os sermoes sãõ a composiçaõ, a ordem, a harmonia, & o curso dellas. Vede, como diz o estylo de prégador do Ceo, com o estylo, que Christo ensinou na terra? Hum, & outro he semear: a terra semeada de trigo: o Ceo semeado de estrellas. O prégador ha de ser como quem semea, & naõ como quem ladrilha, ou azuleja. Ordenado, mas como as estrellas: *Stellae manentes in ordine suo.* Todas as estrellas estaõ por sua ordem, mas he ordem que faz influẽcia, naõ he ordem que faça lauor. Naõ fez Deos o Ceo em xadrez de estrellas,

*Pf. 18.
v. 1.*

630

*Iudic.
5. y.
20.*

40. DA SEXAGESIMA. 42.
 strellas, como os prégas- muyto alto: tão claro, q
 dores fazem o sermão o entendão os que não sa-
 em xadrez de palauras. Se bem; & tão alto, que te-
 de hũa parte está, Branco, nhaão muyto que enten- 650
 da outra ha de estar, Ne- der nelle os que sabem. O
 gro: se de hũa parte está, rustico acha documentos
 Dia, da outra ha de estar, nas estrellas para a sua
 Noyte: se de hũa parte di- lauoura, & o marcante
 zem, Luz, da outra haõ de para a sua nauegação, &
 dizer, Sombra: se de hũa o mathematico para as
 parte dizem, Decco, da suas obseruaçoens, & pa-
 outra haõ de dizer, Subio. ra os seus juizos. De ma-
 Basta q não hauemos de neyra, que o rustico, & o
 ver num sermão duas marcante, que não sabem 660
 palauras em paz? Todas ler, nem escreuer, enten-
 haõ de estar sempre em demas estrellas, & o ma-
 fronteyra com o seu con- thematico, que tem lido
 trario? Apprendamos do quantos escreuêraõ, não
 Geo o estylo da disposi- alcança a entender quan-
 ção, & também o das pa- to nellas ha. Tal pôde ser
 lauras. Como haõ de ser o sermão: estrellas: que
 as palauras? Como as e- todas as vem, & muyto
 strellas. As estrellas são poucos as medem.
 muyto distintas, & muy-
 to claras. Assim ha de ser o
 estylo da prégação, muy-
 to distinto, & muyto cla-
 ro. E nem por isso temais
 que pareça o estylo ba-
 xo: as estrellas são muy-
 to distintas, & muyto cla-
 ras, & altissimas. O estylo
 pôde ser muyto claro, &
 Si Padre: porẽm esse 670
 estylo de prégar, não he
 prégar culto. Mas fosse!
 Este desventurado esty-
 lo, que hoje se vfa, os que
 o querem honrar, cha-
 maõlhe culto; os que o
 condemnão, chamaõlhe
 escuro, mas ainda lhe fa-
 zem muyta hõra. O esty-
 C iij lo

43

lo culto não he escuro, he negro, & negro boçal, & muyto cerrado. He possivel que fomos Portuguezes, & hauemos de ouir hum prégador em Portuguez, & não hauemos de entender o que diz? Assim como ha Lexicon para o Grego, & Calepino para o Latim, assim he necessario hauer hum vocabulario do pulpito. Eu ao menos o tomara para os nomes proprios, porque os cultos tem desbaptizados os Santos, & cada Author que allega he hum enigma. Assim o disse o Cetro penitente: assim o disse o Euangelista Apelles: assim o disse a Aguia de Africa, o Fauo de Claraual, a Purpura de Belê, a Bocca de ouro. Ha tal modo de allegar! O Cetro penitente dizem que he Dauid, como se todos os Cetros não forão penitencia: O Euangelista Apelles, que he S. Lucas: O Fauo de Claraual, S. Bernardo: a Aguia de Afri-

SERMAM

44

ca, Santo Agostinho: a Purpura de Belem, S. Ieronymo: a Bocca de ouro, S. Chrysostomo. E quem quitaria ao outro, cuydar que a Purpura de Belem he Herodes: que a Aguia de Africa he Cipião: & que a Bocca de ouro he Midas? Se houuesse hum auogado, que allegasse assim a Bartholo, & Baldo, haueys de fiar delle o vosso pleyto? Se houuesse hum homem, q assim fallasse na conuersação, não o haueys de ter por necio? Pois o que na conuersação seria necidade, como ha de ser difficção no pulpito?

Boa me parecia tambem esta razão; mas como os cultos pelo polido, & estudado, se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrosio, com Chrysologo, com Leão, & pelo escuro, & duro, cõ Clemente Alexandrino, com Tertulliano, com Basilio de Seleucia, com Zeno Veronense, & outros,

680

690

700

710

45

DA SEXAGESIMA.

46

tros; não podemos negar a reuerencia a tamanhos Authores: posto que desejamos nos que se prezão de beber destes rios, a sua profundidade. Quil será logo a causa de nossa queyxa?

§. VI.

Será pela materia, ou materias, que tomão os prégadores? Vsa-se hoje o modo, que chamão de apostillar o Euangelho, em que tomão muytas materias, leuantão muytos assumptos: & quem leuanta muyta caça, & não segue nenhũa, não he muyto que se recolla: e as mãos vazias. Boa razão he tambem esta. O Sermão hade ter hum só assumpto, & hũa só materia. Por isso Christo disse, que o laurador do Euangelho, rão semeára muytos generos de sementes; senão hũa só: *Exist, qui seminat, seminare semen.* Semeou hũa semente só;

& não muytas; porque o Sermão ha de ter hũa só materia, & não muytas materias. Se o laurador semeára primeyro trigo, & sobre o trigo semeára centeyo, & sobre o centeyo semeára milho grosso, & miudo, & sobre o milho semeára ceuada, que haui de nacer? Hũa mata braua, hũa confusão verde. Eys aqui o q̃acontece aos Sermões deste genero. Como semeão tanta variedade, não podem colher cousa certa. Quem semea misturas, mal póde colher trigo. Se hũa nao fizesse hum bordo para o Norte, outro para o Sul, outro para Leste, outro para Oeste, como poderia fazer viage? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto, & se nauerga tão pouco. Hum assumpto vay para ham vento: outro assumpto vay para outro vento, que se ha de colher, senão vento? O Baptista conuertia muytos em Judea; mas quan-

720

730

740

139

SERMAM

47
 tas materias tomava ?
 Matb. 3.3. Hũa só materia : *Parate-
 roiam Domini* : a Prepa-
 ração para o Reyno de
 Christo. Ionas conuerteo
 os Niniuitas ; mas quan-
 tos assumptos tomou ? Hũa
 só assumpto : *Adhuc qua-
 draginta dies, & Niniue
 Ion. 3.4. subuertetur* : a Subverção
 da Cidade. De maneyra,
 que Ionas em quarenta
 dias prégo hum só as-
 sumpto ; & nós quere-
 mos prégar quarenta as-
 sumptos em hũa hora ?
 Por isso não préga-
 mos nenhum. O sermão ha de
 ser de hũa só cor, ha de
 ter hum só objecto, hum
 só assumpto, hũa só ma-
 teria.

Ha de tomar o préga-
 dor hũa só materia ; ha de
 definilla ; para que se co-
 nheça ; ha de diuidilla ;
 para que se distinga ; ha
 de proualla com a Eseri-
 tura ; ha de declaralla cõ a
 razão ; ha de confirmalla
 com o exemplo ; ha de
 amplificalla com as cau-
 sas, com os effeytos, com

as circumstancias, com as
 conveniencias ; que se
 haõ de seguir ; com os in-
 convenientes, que se de-
 uem cuitar ; ha de respõ-
 der ás duuidas, ha de sa-
 tisfazer ás difficuldades ;
 ha de impugnar, & refu-
 tar com toda a força da
 eloquencia os argumen-
 tos contrarios ; & depoes
 disto ha de colher ; ha de
 apertar ; ha de concluir,
 ha de persuadir, ha de aca-
 bar. Isto he sermão, isto
 he prégar ; & o que não
 he isto, he fallar de may-
 alto. Não nego, nem que-
 ro dizer, que o sermão
 não haja de ter variedade
 de discursos ; mas effes
 haõ de nacer todos da
 mesma materia, & conti-
 nuar, & acabar nella. Que-
 reis ver tudo isto com os
 olhos ? Ora vede. Hũa
 arvore tem raizes, tem
 troneos, tem ramos, tem
 folhas, tem varas, tem flo-
 res, tem fruttos. Assim ha de
 ser o sermão ; ha de ter
 raizes fortes, & solidas,
 porque ha de ser fundado

no

49

DA SENAGESIMA.

50

no Evangelho: ha de ter hum tronco: porque ha de ter hum só assumpto, & tratar hũa só materia: Deste tronco haõ de nacer diuersos ramos, que sãõ diuersos discursos, mas nacidos da mesma materia, & continuados nella: Estes ramos naõ haõ de ser seccos, senãõ cubertos de folhas; porque os discursos haõ de ser vestidos, & ornados de palauras: Ha de ter esta aruore varas, que sãõ a reprehensãõ dos vicios: ha de ter flores, que sãõ as sentenças: & por remattem de tudo ha de ter fruttos, que he o fructo, & o fim a que se ha de ordenar o sermão. De maneyra q̃ ha de hauer fruttos, ha de hauer flores, ha de hauer varas, ha de hauer folhas, ha de hauer ramos, mas tudo nacido, & fundado em hum só tronco, que he hũa só materia. Se tudo sãõ troncos, naõ he sermão, he madeyra: Se tudo sãõ ramos,

naõ he sermão, sãõ marauilhas: Se tudo sãõ folhas, naõ he sermão, sãõ verbas: Se tudo sãõ varas, naõ he sermão, he feyxe: Se tudo sãõ flores, naõ he sermão, he ramalhete: Serem tudo fruttos, naõ pôde ser, porque naõ ha fruttos sem aruore. Assim que nesta aruore, a que podemos chamar Aruore da vida, ha de hauer o proueyto do fructo, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nacido, & formado de hũ só tronco, & esse naõ levantado no ar, senãõ fundado nas raizes do Evangelho: *Seminare semen.* Eys aqui como haõ de ser os sermoes: eys aqui como naõ sãõ. E assi naõ he muyto que senãõ faça fructo com elles.

Tudo o que tenho dito pudera demonstrar largamente, naõ só com os preceytos dos Aristoteles, dos Tullios, dos

D Quin-

780

790

800

810

C51

C52

51

SERMAM

52

Quintilianos, mas com a
prática obseruada do
príncipe dos Oradores
Euágelicos S. Ioão Chry-
sostomo, de S. Basilio
Migno, S. Bernardo, S.
Cypriano, & com as fa-
mosissimas orações de S.
Gregorio Nazianzeno,
mestre de ambas as Igre-
jas. E posto que nestes
mesmos Padres, como
em Santo Agostinho, S.
Gregorio, & muytos ou-
tros, se achão os Euan-
gelhos apostillados com
nomes de sermões, & ho-
mílias, hũa cousa he ex-
por, & outra prégár: hũa
ensinar, & outra persua-
dir: E desta vltima he que
eu fallo, com a qual tanto
fructo fizerão no mundo
Santo Antonio de Pa-
dua, & S. Vicente Ferrer.
Mas nem por isso enten-
do que seja ainda esta a
verdadeyra causa, que
busco.

§. VII.

Será por ventura a fal-

ta de ciencia, que ha em
muytos prégadores?
Muytos prégadores ha,
que viuem do que não
colhêrão, & semeão o que
não trabalharão. Depoés
da sentença de Adão, a
terra não costuma dar
fructo, senão a quem co-
me o seo pão com o suor
do seo rosto. Boa razão
parece tambem esta. O
prégador ha de prégár o
seo, & não o alheyo. Por
isso diz Christo que se-
meou o laurador do E-
uangelho o trigo seo: *Sem-
enauit suum*. Semeou o seo,
& não o alheyo, porque
o alheyo, & o furtado não
he bom para semear, ain-
da que o furto seja de ci-
encia. Comeo Eua o po-
mo da ciencia, & queyxa-
name eu antigamente de-
sta nossa Mãe, já que co-
meo o pomo, porque lhe
não guardou as pevides.
Não seria bem que che-
gasse a nós a aruore, já que
nos chegarão os encargos
della? Poes porque o não
fez assi Eua? Porque o
po:

820

830

840

53
 pommo era furtado, & o alheyo he bom para comer; mas não he bom para semear: he bom para comer, porque dizem que he saboroso: não he bom para semear, porque não nasce. Alguem terá experimentado que o alheyo he nasce em casa; mas esteja certo, que se nasce, não ha de deytar raizes: & o que não tem raizes, não pôde dar fructo. Eys aqui porque muytos prégadores não fazem fructo, porque prégão o alheyo, & não o seio: *Semen suum*. O prégar he entrar em batalha com os vicios; & armas alheyas, ainda q seião as
 Parro-de Achilles, a ninguem derão victoria. Quando as ar-Dauid sahio a campo cõ o Gigante, offereceolhe Saul as suas armas, mas elle não as quiz aceytar. Com armas alheyas ninguem pôde vencer, ainda que seja Dauid. As armas de Saul só seruem a Saul, & as de Dauid a Dauid:

DA SEXAGESIMA. 54
 & mays approueyta hum cajado, & húa funda propria, que a espada, & a lança alheya. Prégador q peleja com as armas alheyas, não hajais medo, que derrube gigante. 850
 Fez Christo aos Apostolos pescadores de homens, que foy ordena-los de prégadores: & que fazião os Apostolos? Diz o Texto, que estauão *Reficientes retia sua*: fazendo as redes suas: erão as redes dos Apostolos, & não erão alheyas: Notai: *Retia sua*: não diz q erão suas, porque as comprãrão, senão que erão suas, porque as fazião: não erão suas porque lhes custãrão o seio dinheyro, senão porque lhes custauão o seio trabalho. Desta maneyra erão as redes suas: & porque desta maneyra erão suas, por isso erão redes de pescadores, que havião de pescar homens. Com redes alheyas, ou feytas por mão alheya, podem se pescar
 D ij car

850

870

C55

C56

55

SERMAM

56

car peyxes; homens não se podem pescar. A razão disto he; porque nesta pesca de entendimentos, só quem sabe fazer a rede, sabe fazer o lanço. Como se faz húa rede? Do fio, & do nó se compoem a malha: quem não ensia, nem ata; como ha de fazer rede? E quem não sabe ensiar, nem sabe atar; como ha de pescar homens? A rede tem chumbada que vay ao fundo, & tem cortiça que nada em cima da agua. A pregação tem humas couças de mays pezo, & de mays fundo; & tem outras mays superficiaes, & mays leues: & gouernar o leue, & o pezado, só o sabe fazer quem faz a rede. Na bocca de quem não faz a pregação, até o chumbo he cortiça. As razões não haõ de ser enxertadas, hão de ser naci-
das. O prégar não he

recitar. As razões proprias nace do entendimento: as alheyas vão pegadas á memoria: & os homens não se conuencem pela memoria, senão pelo entendimento.

Veyo o Espirito Santo sobre os Apostolos: & quando as linguas de-
ciaõ do Ceo, cuydaua eu que se lhes havião de
por na bocca: mas el-
las forão se por na ca-
beça. Poes porque na
cabeça, & não na boc-
ca, que he o lugar da lin-
gua? Porque o que ha de
dizer o prégador, não
lhe ha de sair só da boc-
ca, halhe de sair pela
bocca, mas da cabeça.
O que sabe só da bocca,
para nos ouvidos: o que
nace do juizo penetra,
& conuence o entendi-
mento. Ainda tem mays
mysterio estas linguas do
Espirito Santo. Diz o
Texto, que não se pu-
ferão todas as linguas so-
bre todos os Apostolos,
senão

880

890

900

910

57

DA SEXAGESIMA.

58

At.
23.

senão cada hũa sobre cada hum : *Apparuerunt dispersitæ lingue tanquam ignis, seditque supra singulos eorum.* E porque cada hũa sobre cada hum, & não todas sobre todos? Porque não seruem todas as linguas a todos, senão a cada hum a sua. Hũa lingua só sobre Pedro, porque a lingua de Pedro não serue a André: outra lingua só sobre André, porque a lingua de André não serue a Felippe: outra lingua só sobre Felippe, porque a lingua de Felippe não serue a Bartholameo, & assi dos mays. E senão vede o no estylo de cada hum dos Apostolos, sobre que de- ceo o Espirito Santo. Só de cinco temos Escritturas; mas a differença com que escreuerão, como sabem os Doutos, he admiravel. As pennas todas erão tiradas das azas daquela Pomba Diuina; mas o estylo, tão

diuerso, tam particular, & tão proprio de cada hum, que bem mostra que era seo. Mattheos facil, Ioão mysterioso, Pedro graue, Iacobo forte, Thadeo sublime: & todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era hum trouão, cada clausula hum ra- 920
yo, & cada razão hum triumpho. Ajuntai a estes cinco, S. Lucas, & S. Marcos que tambem alli estauão, & achareys o numero daquelles sette trouoens, que ouuiu S. Ioão no Apocalypse: *Loquuti sunt septem tonitrua voces suas.* Erão 10.3. trouoens que fallauão, & dearticulauão as vozes, mas essas vozes eraõ suas: *Voces suas*: Ansa suas, & não alheyas, como notou Ansberto: *Non alienas, sed suas.* Em fim prégar o alheyo he prégar o alheyo, & 940
com o alheyo nunca se fez cousa boa.

Com tudo eu não me

D iij fit.

59

SERMAM

60

firmino de todo nesta razão; porque do grande Baptista sabemos q' pregou, o que tinha pregado Isaias, como notou S. Lucas, & não com outro nome senão de sermoes:

Luc. 3. 3. Prædicans baptismi penitentia in remissionem peccatorum, sicut scriptum est in libro sermonum Isaiæ Prophetæ. Deyxo o que tomou S. Ambrosio de S. Basilio, S. Prospero, & Beda de Santo Agostinho; Theofilacto, & Euthymio de S. Iozô Chrysostomo.

§. VIII.

Será finalmente acausado, que tão ha buscamos, a voz com que hoje fallão os pregadores? Antigamente pregauão bradando, hoje pregão conuercendo. Antigamente a primeyra parte do pregador era boa voz, & bom peyto. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos

sentidos; podem ás vezes mais os brados, que a razão. Boa era tambem esta; mas não a podemos prouar com o semeador, porque já dissemos que não era officio de bocca. Porém o que nos negou o Euangelho no semeador metafórico, nos deu no semeador verdadeiro, que he Christo. Tanto que Christo acabou a Parabola, diz o Euangelho que começou o Senhor a bradar: *Hec dicens clamabat.* Bradou o Senhor, & não arrazoou sobre a Parabola; porque era tal o auditorio; que fiou mays dos brados, que da razão.

Perguntarão ao Baptista, quem era? respondeo elle: *Ego vox clamantis Ioan. 1 in deserto.* Eu ton hũa voz, que anda bradando neste deserto. Desta maneira se definiu o Baptista. A definição do pregador, cnydaua eu, que era: Voz que arrazoa: & não; Voz que brada. Poes por-

950

Luc. 8.

960

970

C61

C62

61

DA SEXAGESIMA.

62

porque se definiu o Baptista pelo brádar, & não pelo arrazoar: não pela razão, senão pelos brádos? Porque ha muyta gente neste mundo com quem pôdem mays os brádos, que a razão; & taes erão aquelles a quem o Baptista prégaua. Vede o claramente em Christo. Depoes que Pilatos examinou as accusações, que contra elle se dauão, lauou as mãos, & disse:

Lat. Ego nullam causam inuenio in homine isto: Eu ne-

nhúa causa acho neste homem. Neste tempo todo o Pouo, & os Escribas brádauão de fora, q fosse crucificado: *At illi magis clamabant, crucifigatur.* De maneyra que Christo tinha por si a razão, & tinha contra si os brádos. E qual pôde mays? Puderão mays os brádos, que a razão. A razão não valeo para o liurar, os brádos bastarão para o por na Cruz. E como os brádos no mundo podem tanto,

bem he que bradem alguma vez os prégadores; bem he que gritem. Por isso Isaias chamou aos prégadores nuuens: *Qui sunt isti, qui ut nubes uolant?* A nuuem tem relampago, tem trouão, & tem rayo: relampago para os olhos, trouão para os ouvidos, rayo para o coração: com o relampago allumia, com o trouão assombra, có o rayo mata. Mas o rayo fere a húa, o relampago a muytos, o trouão a todos. Assim ha de ser a voz do prégador, húa trouão do Ceo, q assombre, & faça tremet o mundo.

Mas q diremos á Oração de Moyses? *Concresecat Deus ut pluuia doctrina mea: 32.2. fluat ut ros eloquium meum.* Deça minha doutrina como chuua do Ceo, & a minha voz, & as minhas palavras como orvalho, que se destilla brandamente, & sem ruido? Que diremos ao exemplo ordinario de Christo, tão celebra-

980

Isai. 60.8.

990

63
Isai. lebrado por Isaias: *Non*
42.2. *clamabit neque audietur*
vox eius foris? não cla-
mará; não bradará, mas
fallará com hũa voz tão
moderada, q se não possa
ouuir fóra. E não ha du-
vida que o praticar fami-
liarmête, & o fallar may-
são ouuido que aos ouui-
dos, não só concilia ma-
yor attenção, mas natu-
ralmente, & sem força se
insinua, entra, penetra, &
se mette na alma.

Em conclusão que a
causa de não fazerem ho-
je fructo os prégadores
com a palavra de Deos,
nem he a circumstancia da
Pessoa. *Qui seminat*: nem
a do Estylo, *Seminare*:
nem a da Materia, *Semen*:
nem a da Ciencia, *Suum*:
nem a da Voz, *Clamabat*.

Exod. Moyses tinha fraca voz:
4. 10. Amos tinha grosseyro e-
stylo: Salamão multipli-
caua, & variaua os assup-
tos: Balaão não tinha
exemplo de vida: o seo
animal não tinha ciencia,
& com tudo todos estes

64
fallando, persuadião, & *Eccle-*
conuencião. Poes se ne- *sias*
nhũa destas razoés que *1. &*
discorremos, nem todas *dein-*
ellas juntas são a causa *ceps*
principal, nem bastante, *Num.*
do pouco fructo, que ho- *22. &*
je faz a palavra de Deos;
qual diremos finalmente
que he a verdadeyra cau-
sa?

§. IX.

As palavras que tomei
por Thema o dizem: *Se-*
men est Verbum Dei. Sa-
beis (Christãos) a causa,
porque se faz hoje tão
pouco fructo com tantas
prégações? He porque
as palavras dos prégado-
res são palavras, mas não
são palavras de Deos. Fal-
lo do que ordinariamen-
te se ouue. A palavra de
Deos (como dizia) he tão
poderosa, & tão efficaç,
que não só na boa terra
faz fructo, mas até nas
pedras, & nos espinhos
nace. Mas se as palavras
dos prégadores não são
palavras

1020

1030

1040

65

DA SEXAGESIMA.

66

palavra de Deos; que
muyto que não tenham a
efficacia, & os effeitos de
palavra de Deos? *Ven-*
tum feminabunt, & tur-
binem colligent, diz o Es-
 pírito Santo, quem semêa
ventos, colhe tempestades.
Se os pregadores
semêam vento, se o que
se prega he vaidade,
se não se prega a pa-
lavra de Deos; como
não ha a Igreja de
Deos de correr tormen-
ta em vez de colher frut-
to?

Mas disse-meys. Pa-
dres, os pregadores de ho-
je não pregão do Euan-
gelho, não pregão das sa-
gradas Escriaturas? Pois
como não pregão a pala-
ura de Deos? Este he o
mal. Pregão palavras de
Deos; mas não pregão a
palavra de Deos. *Qui ha-*
bet sermonem meum, lo-
quatur sermonem meum
vere, disse Deos por Je-
remias. As palavras de
Deos pregadas no senti-
do, em que Deos as dis-

se, são palavra de Deos;
mas pregadas no sentido,
que nós queremos, não
são palavra de Deos; an-
tes pôde ser palavra do
Demonio. Tentou o De-
monio a Christo, a que
fizesse das pedras pão. 1050
 Respondeu o Senhor:
Non in solo pane vivit ho-
mo, sed in omni verbo, &
quod procedit de ore Dei.
 Esta sentença era tirada
do capitulo oytavo do
Deuteronomio. Vendo o
Demonio, que o Senhor
se defendia da tentação
com a Escriatura, leu o 1060
 ao Templo, & allegan-
do o lugar do Psalmo
nouenta, diz-lhe desta ma-
neyra. *Mitte te deor- ps 90.*
sum; scriptum est enim, v. 11.
quia Angelis suis Deus
mandavit de te, ut cu-
stodiant te in omnibus vi-
js tuis. Deyta te dahi a-
 baxo, porque promet- 1070
 tido está nas sagradas Es-
 crituras, que os Anjos
te tomarão nos braços,
para q te não faças mal.
 Delorte que Christo de-
 E sen-

67

SERMAM

68

fendeose do Diabo com a Escriptura, & o Diabo tentou a Christo com a Escriptura. Todas as Escripturas são palavra de Deos; pois se Christo toma a Escriptura para se defender do Diabo; como toma o Diabo a Escriptura para tétar a Christo? A razão he; porque Christo tomava as palavras da Escriptura em seu verdadeyro sentido, & o Diabo tomava as palavras da Escriptura em sentido alheyo, & torcido: E as mesmas palavras, que tomadas em verdadeyro sentido são palavras de Deos, tomadas em sentido alheyo, são armas do Diabo. As mesmas palavras, que tomadas no sentido em que Deos as disse, são defesa; tomadas no sentido em que Deos as não disse, são tentação. Eys aqui a tentação, com que então quiz o Diabo derrubar a Christo, & com que hoje lhe faz a mesma guerra do

pinnaculo do templo. O pinnaculo do templo he o pulpito; porque he o lugar mays alto delle. O Diabo tentou a Christo no deserto, tentou o no monte, tentou o no templo: no deserto tentou o com a gula, no monte tentou o com a ambição, no templo tentou o com as Escripturas mal interpretadas; & essa he a tentação de q mays padece hoje a Igreja, & que em muytas partes té derrubado della, senão a Christo, a sua fé.

Dizeime Pregadores (aquelles com quem eu fallo indignos verdadeyramente de tão sagrado nome) dizeime: elles assumptos inuteis, que tantas vezes leuantaes, ellas emprezas ao vosso parecer agudas, que proseguis, achastelas alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apostolos, & Evangelistas do Testamento Nouo, ou no Author de ambos os Testamentos, Christi

1080

1090

1100

Dei Christo? He certo que
romy- não, porque desde a pri-
mus in meyra palavra do Gene-
Prole- sis até a ultima do Apo-
go Ga- calypse, não ha tal cousa
leato. em todas as Escriaturas.
Sola Poes se nas Escriaturas
scripta não ha o que dizeis; & o
rarum que prégaes; como cuy-
ari e daes que prégaes a palavra
quasi de Deos? Mays. Nesses
in pas- lugares, nesses Textos
sim om que allegais para proua
ner ve- do que dizeis, he esse o
dicam, sentido, em que Deos os
ecum disse? He esse o sentido
auris em que os entendem os
pepuli Padres da Igreja? He es-
forma- se o sentido da mesma
ne co- Gramatica das palavras?
posito Não por certo: porque
mulse- muytas vezes as tomais
rint, pelo que tozô, & não pe-
hoc le- lo que significão, & tal
ge Dei vez nem pelo que tozô.
putant: Poes se não he esse o senti-
me fci- do das palavras de Deos;
re deg- seguos, que não são pa-
natur, lavras de Deos. E se não
quid são palavras de Deos, que
Prophe nos queyamos de que
re não fação fructo as pré-
quid A gações? Basta que ha-
possi
jen e-
rint;
sed ad
semu

uemos de trazer as pala-
 uras de Deos a que digão
 o que nós queremos, &
 não hauemos de querer
 dizer, o que ellas dizem.
 E então vor cabecear o
 auditorio a estas cousas,
 quando deuiamos de dar
 com a cabeça pelas pare-
 des de as ouuir! Verda-
 deyramente não sey de q
 mays me espante, se dos
 nossos conceytos, se dos
 vossos applausos? Oh q
 bem levantou o préga-
 dor! Assim he: mas que le-
 vantou? Hum falso testi-
 munho ao Texto, outro
 falso testemunho ao San-
 to, outro ao entendimen-
 to, & ao sentido de am-
 bos. Então q se côuerta o
 mundo cõ falsos testimu-
 nhos da palavra de Deos?
 se a algué parecer dema-
 ziada a censura, ouçame.

Estaua Christo accu-
 sado diante de Pilatos, &
 diz o Euangelista S Mat-
 theos, que por fim vierão
 duas testemunhas falsas:
Novissimè venerunt duo
falsi testes. Estas testimu-
 nhas

E ij nhas

C71

C72

71
 nhãs referirão, que ouvi-
 rão dizer a Christo; que
 se os Iudeos destruissem
 o templo, elle o tornaria
 a reedificar em tres dias.
 Se lermos o Euangelista
 S. Ioão, acharemos, que
 Christo verdadeyramen-
 te tinha ditto as palauras
 referidas. Poes se Christo
 tinha ditto, que haueria de
 reedificar o templo den-
 tro em tres dias; & isto
 mesmo he o que referi-
 rão as testemunhas; co-
 mo lhes chama o Euan-
 gelista testemunhas fal-
 tas: *Duo falsi testes?* O
 mesmo S. Ioão deo a ra-
 zão. *Loquebatur de tēplo*
corporis sui. Quando Chri-
 sto disse, que em tres dias
 reedificaria o templo, fal-
 lara o Senhor do templo
 mystico de seu corpo, o
 qual os Iudeos destrui-
 rão pela morte, & o Se-
 nhor o reedificou pela re-
 surreyção; & como Chri-
 sto fallaua do templo my-
 stico, & as testemunhas
 o referirão ao tēplo ma-
 terial de Ierusalem, ain-

Ioan.
2. 21.

72
 da que as palauras erão
 verdadeyras, as testimu-
 nhãs erão falsas. Erão fal-
 sas, porque Christo as
 dissera em hum sentido,
 & elles as referirão em
 outro; & referir as pala-
 uras de Deos em differen-
 te sentido do que forão
 dittas, he levantar falso
 testemunho a Deos, he
 levantar falso testimu-
 nho ás Escriitturas. Ah
 Senhor, quantos falsos
 testemunhos vos leuan-
 tãõ! Quantas vezes ouço
 dizer, que dizeis o que
 nunca discestes! Quantas
 vezes ouço dizer, que
 são palauras vossas, o que
 são imaginações minhas;
 que me não quero exclu-
 ir deste numero! Que
 muyto logo que as nossas
 imaginações, & as nos-
 sas vaidades, & as nos-
 sas fabulas não tenham
 a efficacia de palaura de
 Deos!

Miseraueis de nós, &
 miseraueis dos nossos
 tempos! pois nelles se
 veyo a cumprir a profe-
 cia

1150

1160

1170

73
 2.Tim. 43. cia de S. Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt: V*irá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não sofrerão a doutrina sam: *Sed ad sua desideria coaceruabunt sibi magistros prurientes auribus:* mas para seo appetite terão grande numero de pré-gadores feytos a montão, & sem escolha, os quaes não fação mays que adu-larlhes as orelhas: *A veritate quidem auditum auertent, ad fabulas autem conuertentur:* Fecharão os ouvidos á verdade, & abriloshão ás fabulas. Fabula tem duas significações: quer dizer fingimento, & quer dizer comedia; & tudo são muytas prégações deste tempo. São fingimento, porque são sutilezas, & pensamêtos aereos sem fundamento de verdade: são comedia, porque os ouintes vem á prégação, como á comedia; & ha pré-gadores, q

DA SEXAGESIMA.

74
 vem ao pulpito, como comediantes. Hũa das felicidades que se contaua entre as do tempo presente, era acabaremse as comedias em Portugal; mas não foy alli. Não se acabarão, mudaraõse: passaraõse do theatro ao pulpito. Não cuydeis q encareço em chamar comedias a muytas prégações das que hoje se vñão. Tomara ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, & verieys senão achaneys nellas muytos desenganos da vida, & vaidade do mundo, muytos pontos de doutrina moral, muyto mays verdadeyros, & muyto mays solidos, do que hoje se ouem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem mayores documentos para a vida nos versos de hum poeta profano, & gentio, que nas prégações de hum orador christão, & muytas vezes, sobre christão, religioso!

E iij Pouco

75

SERMAM

76

Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedia; porque muytos sermoes ha, que não são comedia, são farsa. Sobre tal vez ao pulpito hum pregador dos que professão ser mortos ao mundo, vestido, ou amortalhado em hum habito de penitencia (que todos, mais ou menos asperos, são de penitencia; & todos, desde o dia que os professamos, mortallas) a vista he de horror, o nome de reuerencia, a materia de compunção, a dignidade de oraculo, o lugar, & a expectação de silencio: & quando este se rompeo, que he o que se ouue? Se neste auditorio estiuessê hum estrangeyro, que nos não conhecesse, & visse entrar este homem a falar em publico naquelles trajos, & em tal lugar, cuydaria que hũa trombeta do Ceo, que cada palavra sua hũa de ser hum rayo para os coraçoes, que ha-

niade pregar com o zelo, & com o feruor de hum Elias, que com a voz, cõ o gesto, & com as açoens hũa de fazer em pó, & em cinza os vicios. Isto hũa de cuydar o estrangeyro. E nos, que he o q vemos? Vemos fahir da bocca daquelle homem, alli naquelles trajos, hũa voz muyto affectada, & muyto polida, & logo comegar com muyto desgarrado; a que? a mortuar defuecos: a acreditar empenhos: a requintar finezas: a lisongear precipicios: a brilhar auroras: a derreter crystacs: a defmayar jasmims, a toucar primaveraes; & outras mil indignidades destas. Não he isto farsa a mais digna de riso, senão fora tanto para chorar? Na comedia o rey veste como rey, & falla como rey: o lacayo veste como lacayo, & falla como lacayo: o rustico veste como rustico, & falla como rustico: mas hũ pregador, vestir como religio-

1210

1220

1230

1240

ligoso, & fallar, como :
 não o quero dizer por re-
 uerencia do lugar. Já que
 o pulpito he theatro, & o
 sermão comedia, se quer,
 não faremos bem a figu-
 ra? Não dirão as palauras
 como vestido, & com o
 officio? Assim prégaua S.
 Paulo, assim prégauão a-
 quelles Patriarcas que
 se vestirão, & nos vestirão
 destes habitos? Não lou-
 uamos, & não admira-
 mos o seo prégar: não
 nos prezamos de seos fi-
 lhos? Pois porque os
 não imitamos? porque
 não prégamos como elles
 prégauão? Neste mesmo
 pulpito pregou S. Fran-
 cisco Xavier, neste mes-
 mo pulpito pregou S.
 Francisco de Borja, &
 eu, que tenho o mesmo
 habito, porque não pré-
 garcy a sua doutrina, já
 que me falta o seo espíri-
 to.

§. X.

Dirmeheys o que a mi

me dizem, & o que já te-
 nho experimentado, que
 se prégamos assim, zom-
 bão de nós os ouuintes, &
 não gostão de ouvir. Oh
 boa razão para hum ser-
 uo de Iesu Christo! zom-
 bem, & não gostem em-
 bora, & façamos nós nos-
 so officio. A doutrina de
 que elles zombão, a dou-
 trina q' elles desestimão,
 essa he a que lhes deue-
 mos prégar, & por isso
 mesmo: porq' he a mays
 proueytosa, & a que mays
 hão mister. O trigo que
 cahio no caminho come-
 rão-o as aues. Estas aues,
 como explicou o mesmo
 Christo, são os Demo-
 nios, que tirão a palavra
 de Deos dos coraçoes
 dos homens: *Venit Dia-
 bolus, & tollit verbum de
 corde ipsorum*. Pois por-
 que não comeo o Diabo
 o trigo, que cahio entre
 os espinhos? ou o trigo,
 que cahio nas pedras, se-
 não o trigo que cahio no
 caminho? Porque o tri-
 go que cahio no cami-
 nho:

1250

1260

170

C79

C80

79
 nho: *Conculcatum est ab hominibus*: Pizão os homens: & a doutrina, que os homens pizão, a doutrina que os homens desprezão, essa he a de que o Diabo se teme. Desfou-
 tros conceytos; desfou-
 tros pensamentos, desfou-
 tras sutilezas que os ho-
 mens estimão, & prezão,
 dessas não se teme; nem
 se acautela o Diabo;
 porque sabe que não são
 essas as pregações que
 lhe hão de tirar as almas
 das vnhas. Mas da
 quella doutrina, que ca-
 he, *Secus viam*: da quella
 doutrina, que parece cõ-
 muna: *Secus viam*: da
 quella doutrina, que pa-
 rece triual: *Secus viam*:
 da quella doutrina, que
 parece trilhada: *Secus vi-*
am: da quella doutrina,
 que nos poem em cami-
 nho, & em via da nossa
 saluação (que he a que
 os homens pizão, & a
 que os homens despre-
 zão) essa he a de que o
 Demonio se receya, & te-

80
 acautela: essa he a que
 procura comer, & tirar
 do mundo. E por isso mes-
 mo essa he, a que deuião
 prégar os pregadores, &
 a que deuião buscar os
 ouuintes. Mas se elles não
 o fizerem alli, & zomba-
 rem de nós, zombemos
 nos tanto de suas zomba-
 rias, como dos seus ap-
 plausos. *Per infamiam, &*
bonam famam, diz S. Pau-
 lo. O pregador ha de fa-
 ber prégar com fama, &
 sem fama. Mays diz o A-
 postolo. Ha de prégar cõ
 fama, & com infamia.
 Prégar o pregador para
 ser affamado; isso he mún-
 do: mas infamado, &
 prégar o que conuem;
 ainda que seja cõ dif-
 credito de sua fama? isso
 he ser pregador de Iesu
 Christo.
 Poes o gostarem, ou
 não gostarem os ouuin-
 tes! Oh que aduertencia
 tão digna! Que medico
 ha, que repare no gos-
 so do enfermo, quando tra-
 ta de lhe dar saúde? fa-
 rem,

1280

2. Co-
rint.
14. 27

1290

1300

81
rem, & não gostem: sal-
uem-se, & amarguelhes;
que para isso somos me-
dicos das almas. Quaes
vos parece que são as pe-
dras, sobre que cahio
pente do trigo do Evan-
gelho? Explicado Chri-
sto a Parábola diz, que as
pedras são aquelles, que
ouuem a pregação com
gosto: *Hi sunt, qui cum*
gaudio suscipiunt verbum.
Pões será bem que os ou-
uintes gostem, & que no
cabo fique pedras? Não
gostem, & abrandem-se:
não gostem, & quebrem-
se: não gostem, & fruti-
fiquem. Este he o modo
com que frutificou o tri-
go, que cahio na boa ter-
ra: *Et fructum afferunt*
in patientia, cõclue Chri-
sto. De maneyra que o
frutificar não se ajunta
com o gostar, senão com
o padecer: frutifique-
mos nós, & tenhaõ elles
paciencia. A pregação q̃
frutifica, a pregação que
aproueyta, não he aquel-
la que dá gosto ao ouuin-
te,

82
te, he aquella que lhe dá
pena. Quando o ouuinte
acada palaura do prega-
dor treme, quando cada
palaura do pregador he
hum torcedor para o co-
ração do ouuinte, quan-
do o ouuinte vay do ser-
maõ para casa confuso, &
attonito, sem saber parte
de si, entãõ he a pregação
qual conuem, entãõ se pó-
de esperar que faça frut-
to: *Et fructum afferunt*
in patientia. 1310

Em fim para que os
pregadores saybaõ, como
haõ de pregar? & os ou-
uintes, a quem haõ de
ouuir? acabo com hum
exemplo do nosso Rey-
no, & quasi dos nossos
tempos. Pregauão em
Coimbra dous famosos 1330
pregadores, ambos bem
conhecidos por seus es-
crittos: não os nomeyo,
porque os hey de desfi-
gualar. Altercou-se entre
alguns Doutores da Vni-
uersidade, qual dos dous
fosse mayor pregador?
& como não ha juizo sem
F in.

C83

C84

83
 inclinação; huns diziaõ, este: outros, aquelle. Mas hum lente, que entre os mayns tinha mayor authoridade, concluhio desta maneyra. Entre dous subjectos taõ grandes não me atreuo a interpor juizo: só direy hũa differença, que sempre experimento. Quando ouço hum; sayo do sermão muyto contente do pregador: quando ouço outro; sayo muyto descontente de mi. Com isto tenho acabado. Algum dia vos engañastes tanto comigo, que sahieys do sermão muyto contentes do pregador: agora quizera eu desengañaros tanto; que sahieys muyto descontentes de vós. Semeadores do Euangelho cys aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens sayão contentes de nós, senão que sayão muyto descontentes de si: não que lhes pareçaõ bem os nossos conceyos; mas

SERMÃO

84
 que lhes pareçaõ mal os seus costumes; as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambiçoens, & em fim todos os seus peccados. Com tanto que se descontentem de si, descontentem se embora de nós. *Si hominibus place-* Gal. 1. 10.
rem, Christi seruus non es-
sem, dizia o mayor de todos os pregadores, S. Paulo. Se eu contentara aos homens, não seria seruo de Deos. Oh contentemos a Deos, & acabemos de não fazer caso dos homens! Aduirtamos, que nesta mesma Igreja ha tribunas mayns altas, que as que vemos: 1360
Speſtaculum facti ſumus i. Co.
Deo, Angelis, & homini- 1. 13.
bus. Acima das tribunas dos Reys, estaõ as tribunas dos Anjos, estaõ a tribuna, & o tribunal de Deos, que nos ouue, & nos ha de julgar. Que cõta ha de dar a Deos hum pregador no dia do iuzo? O ouuinte dirá: não mo disserão, mas o pregador? 1370

85

DA SEXAGESIMA.

86

Isai.
6.5.

gador? *Veni mihi, qui tace-
ui.* Ay de mi, q̃ não disse
o que conuinha! Não se-
ja mays assi por amor de
Deos, & de nós. Estamos
às portas da Quaresma,
que he o tempo em que
principalmente se semēa
a palaura de Deos na
Igreja, & em que ella se
arma contra os vicios.
Préguemos, & armemo-
nos todos contra os pec-
cados, contra as soberbas,
contra os odios, contra

as ambiçoens, contra as
enuejas, contra as cobi-
ças, contra as sensualida-
des. Veja o Ceo, que ain-
da tem na terra quem se
poem da sua parte. Sayba
o Inferno, que ainda ha
na terra quem lhe faça
guerra com a palaura de
Deos: & sayba a mesma
terra, que ainda está em
estado de reuerdecer, &
dar muyto fructo: *Et fe-
cit fructum centuplum.*

1380



Fij

SER.

ANEXO B – Sermão da Rainha Santa Isabel (1682).

C1

C2



C3

C4

2

Sermão da

nizou em vida o pregação de suas obras; a este pregação se seguirão as vozes de seus vassallos: a estas vozes a adoração, os altares, os applausos do Mundo, Rainha, & Santa. Este será o argumento, & estes os dous pôlos do meu discurso.

2 No texto do Evangelho, que propuz, temos a parábola de hum negociante, em quem concorrerão todas aquellas tres qualidades, ou boas partes, que poucas vezes se concedeão: cabedal, diligencia, & ventura. Cabedal: *Omnia quæ habuit*: diligencia: *Querenti bonas margaritas*: ventura: *Inventa una pretiosa*. Rico, diligente, venturoso. E que negociante he este? He todo aquelle, que com os bens da terra sabe negociar o Reyno do Ceo: *Simile est Regnum Cælorum homini negotiatori*.

3 Este Mundo, Senhores, composto de tanta variedade de Estados, officios, & exercicios publicos, & particulares, politicos, & economicos, sagrados, & profanos: nenhuma outra cousa he senão hũa praça, ou feyra universal, instituida, & tranqueada por

Deos a todos os homens para negociarmos nella o Reyno do Ceo. Assim o ensinou Christo na parábola daquelle Rey, que repartio diferentes talentos, ou cabedaes a seus criados, para que negociassem com elles até sua vinda: *Negotia- mini dum venio*. Para as negociações da terra a muytos falta o cabedal: outros tem cabedal, & faltalhe a diligencia: outros têm cabedal, & diligencia; mas faltalhe a ventura. Na negociação do Ceo não he assim. A todos dá Deos o cabedal, a todos offerece a ventura, & a todos pede a diligencia. O cabedal são os talentos da natureza, a ventura são os auxilios da graça, a diligencia he a cooperação das obras. Quando o Rey disse: *Negotia mini dum venio*: os criados, a quem entregou a sua fazenda, para que negociassem com ella, eraõ tres: todos tres tiveram cabedal, dous tiveram diligencia; hum não teve ventura. E porque não teve ventura este ultimo? Porque não teve diligencia: enterrou o talento. Bem o conhecia o Rey, pois fiou delle o menos. E que succedeo aos outros dous?

20

Luc.
19.13

30

40

50

C5

C6

Rainha Santa Isabel.

3

dous? O que tinha cinco talentos, negociou, & grangeou outros cinco. O que tinha dous talentos, negociou, & grangeou outros dous. Ambos tiverão igual ventura, porque fizeraõ igual diligencia: mas o que entrou com mayor cabedal, sahio tambem com mayor ganancia.

4 Ninguem entrou na praça d'este mundo com mayor cabedal, que a nossa Rainha Santa: huma coroa, & outra coroa: a de Aragoão, & a de Portugal. O mercante do Evangelho tratava em perolas. Santa Isabel em coroas. Grande cabedal! De hũa grande Rainha de Lacedemonia disse Plinio no livro de Summa felicitate este Elogio: *Una fami-*

lib. de natum in omni ævo Lacedæ-
summ. monia reperitur, quæ Regi fi-
lia, Regi uxor, Regi mater
fuit. Isabel não só foy filha de Rey, mulher de Rey, & mãy de Rey: mas que filha? que mulher? que mãy? Filha de hum Rey, em quem estavaõ unidos os Braçoens de todos os Reys da Europa, Pedro Segundo de Aragoão: mulher de hum Rey, que foy arbitro dos Reys em todos os plei-

tos, que tiverão em seu tempo as Coroas de Hespanha, Dionysio de Portugal. Mãy de hum Rey, Afonso Quarto, de quem descendem todos os Monarchas, & Príncipes da Christandade, não vivende hoje nenhum, que o melhor sangue, que tem nas veas, não seja de Isabel. Grande fortuna de mulher, grande cabedal. Mas parece que não havia de ser mulher, porque o negociar he officio de homẽ: *Homini negotiatori.* O reparo he do Evangelho, a soluçã

60

70

5 *Mulierem fortem quis* *Prov.*
inveniet? Quem achará no *31.10*
mundo hũa mulher forte, hu- *11.15*
ma mulher varonil, huma mu- *18.*
lher como homem? Tudo isto quer dizer o texto: *Fortem, virilem, vir agnẽm.* Quando eu li as bravezas desta proposta, & pergunta de Salamaõ, estava esperando, ou por huma Judith com a espada na mão direita, & a cabeça de Olofernes na esquerda: ou por huma Jael com o cravo, & com o martello atravessando as fontes a Sisara: por huma Debora prantada na testa de hum exercito, capitaneando

80

A ij ef.

Sermão da

esquadroens, & vencendo batalhas. Mas não he isto o que responde Salamao: diz que a mulher forte, a mulher varonil, a mulher mais que mulher, era huma mulher negociante: *Agrum emit: syndonem vendidit: & vidit, quia bona est negotiatio ejus.* E como negociava esta mulher? Como o homem do Evangelho: com cabedal, com diligencia, com ventura: com cabedal: *Dedit prædam domesticis suis:* com diligencia: *Non exstinguetur in nocte lucerna ejus:* com ventura, & ventura sobre todas: *Multæ filie congregaverunt divitias, tu supergressa es universas.* Já temos hũa mulher negociante, como homem. Sõ nos faltava para S. Isabel, que nos dissesse Salamao o nascimento, a patria, & o estado desta notavel mulher. Tambem isso disse. Disse, que era Rainha, & Hespanhola, & Aragoneza. Rainha: *Purpura, & byssus indumentum ejus:* porque naquelle tempo só ás pessoas Reaes era licito vestir purpura. Hespanhola: *Procul, & de ultimis finibus pretium ejus:* porque na antiga cosinografia, & na frasi da

Escriptura o fim da terra he Hespanha. Finalmente Aragoneza, & tal Aragoneza, que he mais: *Et spolijs non indigebit:* porque os Aragonezes entre todas as naçoens de Hespanha forão os primeyros que ennobrecerão, & enriquecerão com despojos a sua Coroa, conquistando novas terras, novos mares, & novas gentes. E Santa Isabel em particular foi nascida, & criada nos braços delRey Dom Jayme de Aragão, por sobrenome o Conquistador: o qual & seu filho ElRey Dom Pedro pay de Isabel, forão os que conquistarão, em Hespanha o Reyno da Valença, em Italia o Reyno de Sicilia, no Mediterraneo as Ilhas de Evisa, & Malhorca. E não pararão aqui os despojos. A estes se seguirão successivamente primeyro, os Reynos de Corsica, & Sardenha, depois o florentissimo, & bellicosissimo Reyno de Napolles, & ultimamente que? A mesma Jerusalem, onde Salamao escrevia, & onde estava vendo a mulher forte, de quem fallava, entre despojos nascida, entre despojos criada, & de

90

100

110

120

Rainha Santa Isabel.

de tam gloriosos despojos herdeyra: *Et spolijs non indigebit.*

6 Isto supposto, & supposto que tu não sey dizer senão o que me diz o Evangelho; o thema será o Sermão, & o assumpto delle, a melhor negociante do Reyno do Ceo: *Simile est Regnum Caelorum homini negotiatori.* Negociou Isabel de hum Reyno para outro Reyno, & de hũa Coroa para outra Coroa: não do Reyno, & Coroa de Aragoã para o Reyno, & Coroa de Portugal, senão do Reyno, & Coroa da terra para o Reyno, & Coroa do Ceo: que vem a ser em menos palayras: Rainha, & Santa. Esses dous nomes lómente havemos de complicar hũ com o outro: & veremos a nossa Rainha tam industria negociante no manejo dessas duas coroas, que com a coroa de Rainha negociou ser mayor Santa, & com a coroa de Santa negociou ser mayor Rainha. Mayor Rainha, porque Santa; & mayor Santa, porque Rainha. A Rainha de todos os Santos nos alcançará a graça. *Ave Maria.*

§. II.

Simile est Regnum Caelorum homini negotiatori. Rainha, & Santa: & porque Santa, mayor Rainha. Esta he a primeira parte do nosso discurso, & este foy o primeyro lanço da melhor negociante do Reyno do Ceo.

7 O mayor cabedal, que pôde dar o Mundo, he huma coroa. Mas ainda que as coroas são as que dão as Leys, não são mercadoria de ley. Ao menos eu não havia de assegurar esta mercadoria, de fogo, mar, & cofario; porque as mesmas Coroas muitas vezes, ellas são o reubo, ellas o incendio, ellas o naufragio. Para conquistar Reynos da terra, o melhor cabedal he huma Coroa: mas para negociar o Reyno do Ceo, he genero que quasi não tem valor. Ponde huma coroa na cabeça de Cyro, conquistará os Reynos de Balthasar; ponde hũa coroa na cabeça de Alexandre, conquistará os Reynos de Dario: ponde huma coroa, não na cabeça, senão no pensamento de Cesar, & opprimirá a liberdade da patria,

A ñj tria,

C11

C12

6 *Sermão da*
 tria, & da mais florente Re-
 publica, para o mais soberbo,
 & violento Imperio. Mas pa-
 ra negociar o Reyno do Ceo,
 nem a Balthasar, nem a Da-
 rio, nem a Alexandre, nem a
 Cesar, nem ao mesmo Cyro,
 a quem Deos chamava o seu
 Rey, & o seu ungião. *Christo*
 45. *meo Cyro*, valerao nada as co-
 roas,
 8. Ora eu andey buscan-
 do no nosso Evangelho algũa
 coroa, & ainda que Christo
 nunca multiplicou tantas se-
 melhanças, & tantos modos
 de adquirir o Reyno do Ceo
 em diversos Estados, & offi-
 cios; o de Rey não se acha;
 alli. Achareis hum lavrador,
 hum mercante, hum pesca-
 dor, hum Letrado; mas Rey
 não. E porque? Não são per-
 sonagões os Reys, que pudel-
 sem entrar tambem em huma
 parábola, & authorisar muyto
 a Seena com a pompa, &
 Magestade da purpura? Cla-
 ro está que si. E assim o fez
 Christo muytas vezes. Mas
 vede o que dizem as parábo-
 las des Reys: *Reys, qui fecit*
nuptias filio suo: Intravit Rex,
ut videret discumbentes: qui
Rex iustus committere bellum
adversus aliam Regem: abiit *Luc.*
in regionem longinquam acci- *14.31*
pere sibi Regnum. Reys que *Luc.*
 fazem bodas, que fazem ban- *19.12*
 quetes, que fazem guerras, q̃
 mandão exercitos, que con-
 quistão Reynos da terra, isso
 achareis no Evangelho; mas
 Reys, que se empreguem em
 adquirir o Reyno do Ceo, pa-
 rece que não he occupaçam
 de personagens tão grandes. *170*
 Ao menos Christo disse, que
 o Reyno do Ceo era dos pe-
 quenos: *Sinite parvulos ad me* *Marc.*
venire, talium est enim Regnum *10.14*
Cælorum. Taes são o lavrador
 no campo, o mercador na
 praça, o pescador no mar, o
 Letrado na banca, & sobre o
 livro. Mas nas Cortes, nos *180*
 palacios, nos thronos, & de-
 baixo dos doccis, q̃ achareis?
 Bodas, banquetes, festas, co-
 nédias: & por cobiça, ou
 ambição; exercitos, guerras,
 conquistas. Exaqui porque
 as coroas não são boa merca-
 doria, ao menos muyto arris-
 cada para negociar o Reyno
 do Ceo. Reys, & bellicosos, *190*
 Reys, & politicos, Reys, &
 deliciosos, quantos quizerdes:
 mas Reys, & Santos, muyto
 poucos. Vede-o nas Letras
 di-

C13

C14

Rainha Santa Isabel.

divinas, onde só se pôde ver com certeza. De tantos Reys quantos houve no Povo de Deos, só tres achareis Santos: David, Ezechias, Jozias. Ouve naquella tempo grande quantidade de Santos, grande successão de Reys, mas Reys, & Santos, santidade, & coroa? tres.

9 E se he cousa tão difficullosa ser Rey, & São, muito mais difficuloso he ser Rainha, & Santa. No mesmo exemplo o temos. De todos os Reys de Israel, & Judá, tres Santos: de todas as Rainhas, nenhuma. Ainda nam está ponderando. O numero das Rainhas naquella tempo era muyto mayor sem comparação que o dos Reys, porque era permittida, & usada a poligamia: & assim como hoje he grandeza, & Magestade terẽ os Reys muitos criados, & muitos ministros, assim entãõ era parte da mesma Magestade, & da mesma grandeza terem muitas Rainhas. Das Rainhas que teve David, além de outras muitas, sabemos o nome a sete: Jeroboam teve dezoito, & só Salamaõ setecentas: *Fueruntque ei uxores*

quasi Regina septingenta. E 3. Reg. 11. 3. sendo tão innumeravel o numero de Rainhas; Santa nenhuma. Finalmente desde o principio do mundo até Christo, em que passaram quando menos quatro mil annos, em todos os Reynos, & todas as naçoens não achareis Rainha Santa mais que unicamente Esther.

10 E qual he a razão disto? Porque he mais difficuloso ser Rainha Santa, q Rey Santo? Porque ainda que no Rey, & na Rainha he igual a fortuna, na mulher he mayor a vaidade. Os fumos da Coroa não sobem para o Céo, deçem para a cabeça. Ponde a mesma coroa na cabeça de David, & na cabeça de Michol: na de Michol tantas fumaçadas, na de David nenhum fumo. E se me differdes que David era humilde, & Santo, tomemos outras parellhas. O mais veõ Rey que houve no Mundo foy El Rey Assuero; mas a Rainha Vasthi muito mais fumosa q Assuero. O mais soberbo Rey que houve em Israel, foy El Rey Acab; mas a Rainha Jezabel muito mais fumosa que Acab.

Lem.

Lembrayvos de Athalia, que
 foy a segunda Medea, ou a
 segunda Symiramis do Povo
 Hebreo. Era mãy, & avô (q
 he mais) & por muyto vaã, &
 muyto fumosa não duvidou
 tirar a vida a todos os filhos
 de seu filho ElRey Ochofias.
 De nenhum homem se lê se-
 melhante resolução. E bus-
 cando a causa os Padres, &
 Expositores, não achão outra,
 nem dão outra, senão o ser
 mulher: *Quia femina erat*:
 diz com todos Abulenfe. Mu-
 lher Athalia, mulher Gefabel,
 mulher Valthi, mulher Mi-
 chol, mulher Bersabê, mulher
 finalmente Eva. E em todas
 estas sempre pode mais a vai-
 dade, que a virtude.

§. III.

II Perdoayme Rainha San-
 ta este discurfo; mas não mo
 perdociis; porque todo elle
 foy ordenado a avaliar o pre-
 ço, a encarecer a singularida-
 de, & a sublimar a grandeza
 de vossas glorias. Menos San-
 ta fora Ifabel, se a sua fantida-
 de não assentara sobre mu-
 lher, & coroa. Destes dous
 metaes, hum tão fragil, outro
 tam precioso, deste vidro,
 & deste ouro se formou, se
 fabricou a peanha que levan-
 tou a Estatua de Ifabel até
 as Estrellas. Mas antes que
 mais nos empenhemos na
 ponderação desta verdade,
 acudamos às vozes do Evan-
 gelho, que parece estão bra-
 dando contra ella. O modo
 de negociar o Reyno do Ceo,
 & a forma, ou contrato desta
 negociação, diz Christo, que
 ha de ser dando, deyxando, &
 renunciando o negociante tu-
 do quanto tiver: *Dedit om-
 nia sua, & emit eam*. Se Ifabel
 renunciara a Coroa, & deyx-
 xara de ser Rainha, então
 differamos justamente, q com
 a coroa da terra comprou, &
 negociou a coroa do Ceo;
 mas ella viveo Rainha, &
 morreo Rainha, & não renun-
 ciou a Coroa. Eu bem sey, q
 renunciar hũa Coroa, assi co-
 mo he a mayor toula do Mũ-
 do, assim he tambem a mais
 difficultosa; mas não por isso
 impossivel. Exemplo temos
 no nosso seculo, posto que o
 não vissem os passados. Ro-
 ma o vio, & Roma o vê. Huma
 das mayores Coroas da Eu-
 ropa, renunciada com tanto
 valor,

Rainha Santa Isabel.

9

valor, & deixada com tanta gloria só por seguir a fé do Evangelho, & legurar debaxo das chaues de Pedro aquelle Reyno, que só ellas podem abrir. Pois porque não deixou Isabel este tudo, que verdadeiramente he o tudo do mundo: *Omnia que habuit*? Porque não renunciou, & dimittio de si a coroa, para se cõ-formar com o Evangelho?

12 Primeiramente digo, que si deixou Isabel a coroa; mas deixou-a sem a deixar, dimittioa sem a dimittir, & renuncioua sem a renunciar. Era Isabel Rainha, mas que Rainha? Huma Rainha, que debaxo da purpura trazia perpetuamente o cilício: huma Rainha que assentada à mesa Real, jejuava quasi todo o anno a pão, & agoa: huma Rainha, que quando se reprezentauão as comedias, os saraos, os festins, ella estava arrebatada no Ceo, orado, & cõttemplando: huma Rainha, que por dentro da sua coroa lhe estavaõ atravesando a cabeça, & o coração os elpinhos da Coroa de Christo: huma Rainha que adorada, & seruida dos Grandes de seu Reyno, ella

seruia de juelhõs aos pobres, & lhes lauua os pès com suas mãos, & lhe curaua, & beija-ua as chagas. Desta maneira vsaua Isabel da Coroa, ajuntando, & vnindo na Pessoa da Rainha dous extremos tão distantes, & dous exercicios tão contrarios; & isto digo q̃ foy deixar a coroa sem a deixar. Tenho para proua hum texto de S. Paulo muito vulgar, & sabido, mas de tão difficulosa intelligencia, que tẽ-dole empregado variamente nelle todos os Expositores lagrados, ainda se lhe deseja mais propria, & adequada exposiçam.

13 *Quicum in forma Dei esset, exinaniuit semetipsum, formam serui accipiens.* Quer dizer: Sendo o Verbo Eterno por essencia, & igualdade ao Padre, Deos, quando tomou, & vnio a sy a natureza humana, despiõle, & despojõle de tudo quanto era, & quanto tinha. Ainda o diz com mayor energia o Apostolo: *Exinaniuit semetipsum*: assi como hum vaso quando se enborea, & se esgota, lança de si quanto tem, & fica vazio, assi o fez, & ficou Deos

B

fa-

270

280

philip.
2.7.

290

C19

C20

10
fazendose homem. Lá estaes
vendo a difficuldade, não só
os Theologos, mas todos.
Deos, fazendose homem não
perdeu nada do que tinha, né
deixou nada do que era. Era
Deos, & ficou Deos: era infi-
nito, & ficou infinito: Era
eterno, & immenso, & ficou
Eterno, & immenso: era im-
passivel, & immortal, & ficou
immortal, & impassivel. Pois
se Deos não deixou, nem re-
nunciou, nem dimittio de sy
nada do que era, nem do que
tinha, como diz S. Paulo que
se despojou, & se esgotou a sy
mesmo, & de sy mesmo: *Exinaniuit semetipsum* ? Assim o
disse profundamente o Apo-
stolo, & tambem diz o como
isto podia ser, & como foy:
*Formam serui accipiens, cum
in forma Dei esset.* He verda-
de que Deos fazendose ho-
mem, não perdeu nada do que
era, nem deixou nada do que
tinha; porém tomou, & unio
ao que era tudo o contrario
do que era: tomou, & unio
ao que tinha tudo o contra-
rio do que tinha; & tomar, &
unir na mesma Pessoa extre-
mos tão contrarios, & tão di-
stantes, foy despojarle de tu-

Sermão da

do o que era sem se depoar.
Era Deos, & fezse homem:
era Eterno, & nasceu em tem-
po: era immenso, & determi-
nou-se a lugar: era impassivel,
& padecia: era immortal, &
morreu: era supremo Senhor,
& fezse seruo: & servir o Se-
nhor, morrer o immortal, pa-
decer o impassivel, limitar-se
o immenso, & humanar-se o
Divino, não só foi tomar o q
não era, senão deixar o q era.
Não deixar, deixando, q isso
não podia ser; mas deixar re-
tendo, deixar conseruando,
deixar sem deixar: *Exinaniuit semetipsum formam serui
accipiens, cum in forma Dei
esset.* Isto he o que fez o Ver-
bo: & isto he o que fez Isabel,
conformandose altissimamé-
te com o Evangelho ao modo
do mesmo Autor do Euange-
lho. Rainha com Magesta-
de, & coroa: mas que coroa,
que Magestade, que Rainha?
Coroa si, mas coroa sem a
deixar deixada; porque dei-
xou toda a pompa, & esplendor
do mundo, com que se en-
grandecem as coroas. Mage-
stade si; mas Magestade sem
a renunciar renunciada: por-
que renunciou toda a ostenta-
ção,

300

310

320

330

Rainha Santa Isabel.

11

tação, toda a altiveza, & toda a idolatria, com que se adoraõ as Magestades. Rainha si; mas Rainha não Rainha: porque tirada a soberania do titulo, nenhuma outra coisa se via em Isabel das que se admiraõ nas Rainhas, sendo por isso mesmo a mais admiravel de todas.

14 Desta maneira deixou a nossa Rainha a coroa, & o tudo que pedia o Evangelho: *Omnia quæ habuit*. Mas assim como a deixou sem a deixar, porque a não deixou deixando? Porque não abdicou a Magestade, porque não deixou de ser Rainha, ou não aceitando a coroa, quando se lhe offereceo, ou renunciando depois de aceita? Respondendo, que esta foy a mayor industria de sua negociação: conservar o cabedal de Rainha para grangear ser mayor Santa. O mayor bem, ou o unico bem, que tem as supremas dignidades do mudo, he serem hum de grao, sobre o qual se levãta mais a virtude: he serem hum cunho Real, cõ que sobe a mayor valor a santidade. Santo foy David, & Santo Abraham, & primeiro

Abraham que David. Comtudo S. Mattheos referindo a genealogia de Christo, antepoem David a Abraham: *Filius David, filij Abraham*. Pois se Abraham tambem era Santo, & Santo da primeira classe como David, & precedia na antiguidade, porque se lhe antepoem David? Dá a razão Santo Thomas angelicamente. Porque ainda q Abraham era Santo, & tão Santo como David, David era Santo, & Rey juntamente, o que não concorria em Abraham. A santidade de Abraham, posto que grande, era santidade sem coroa: a santidade de David, era santidade coroada; & santidade assentada sobre coroa, ainda em grao igual, he mayor santidade.

15 E porque? Porque na Magestade, na grandeza, no poder, na adoração, & em todas as outras circunstancias, q acompanhaõ as coroas, concorrem todos os contrarios, q pôde ter a virtude, & a santidade: & a virtude conservada entre os seus contrarios, he dobrada virtude. Ouvi humas das mais notaveis sentenças de Santo Agostinho: *Audiat Aug.*

B ij em

C23

C24

12

Sermão da

omnis aetas, quod nunquam audiuit. Oução todas as idades, o q
nũca ouuiraõ, diz Agostinho.
E que haõ de ouuir? Falla do
parto virginal, & diz assi: *Virgo partu suo creuit, virginitatem, dum pareret, duplicauit.*
Nestas vltimas palauras reparo.
Diz Santo Agostinho, que
Maria Santissima concebẽdo,
parindo, & ficando Virgem,
naõ só cõseruou, mas dobrou
a virgindade: *Virginitatem, dum pareret, duplicauit.* Se
fallãra de qualquer outra vir-
tude, naõ tinha difficuldade
esta doutrina. Mas da vir-
gindade, parece que naõ põ-
de ser, porque a virgindade
consiste em indiuisuel. He
hũa inteireza perfeita, incor-
rupta, intemerata, que naõ
põde crecer, nem minguar,
nem admite mais, ou menos.
Pois se esta virtude soberana,
& angelica naõ admite dimi-
nuição, nem augmento, se
quando he, sempre he igual,
& sempre a mesma, como diz
S. Agostinho, que creceo, que
se augmentou, & que se do-
brou, & foy dobrada no pir-
to da Virgem? Porque foy
virtude, que se conseruou in-
teira entre os leos contrarios.

A conceição, o parto, o ter fi- 370
lho, o ser Mãy, saõ os contra-
rios da virgindade: & con-
seruar-se Maria Virgem sendo
juntamente Mãy, foy ser do-
bradamente Virgẽ: *Virginitatem, dum pareret, duplicauit.*
Taes foraõ as virtudes de Isã-
bel. O mayor contrario, & o
mayor inimigo da virtude he
huma grande fortuna, & quã- 380
to mayor fortuna, rãto mayor
inimigo. A humildade, o
desprezo do mundo, a mode-
ração, a abstinencia, a pobre-
za voluntaria na outra gente,
saõ simples virtudes; mas
estas mesmas com hũa coroa
na cabeça, com hum cetro na
mão, debaxo de hum docel, 390
& assentadas em hum trono,
saõ dobradas virtudes, porque
saõ virtudes jũtas com os leos
contrarios. A humildade jun-
ta com a Magestade, he do-
brada humildade: a modera-
ção junta com o supremo po-
der, he dobrada moderação:
o desprezo do mundo junto
com o mesmo mũdo aos pès,
he dobrado desprezo do mũ- 400
do: a pobreza com a riqueza,
a abstinencia com a abundan-
cia, a mortificação com o re-
galo, a modestia com a lizon-
ja.

Rainha Santa Isabel.

13

ja, he dobrada pobreza, he dobrada abstinencia, he dobrada mortificação, he dobrada modestia; porque he cada hũa dellas não hũa rosa entre as espinhas, mas hũa carga ver de entre as chamas. E porque a nossa negociante do Ceo sabia que debaxo do risco está a ganancia, por isso teue por mayor conueniencia não deixar, senão juntar a coroa cō a virtude; não deixar, senão juntar a Magestade com a Santidade, para que sendo Rainha, & juntamente Sãta, fosse tambem mayor Santa, porque Rainha.

16 E se quereis ver tudo isto com os olhos em hũa admiravel figura, pondeos comigo, ou com S. Ioaõ no Ceo. No capitulo doze do Apocalypse, diz S. Ioaõ, que appareceo no Ceo hũ grande prodigio: *signum magnum apparuit in Caelo*: & declarando logo qual fosse este prodigio, & sua grandeza, diz que era hũa mulher, que tinha os pès no primeiro Ceo, que he o Ceo da Lua: *Luna sub pedibus ejus*: o corpo no quarto Ceo, que he o Ceo do Sol: *Amicta Sole*: & a cabeça no

oitauo Ceo, que he o Ceo das Estrellas: *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim*. Grande mulher, grande prodigio, & grande retrato de Isabel! Mulher, que viuêdo na terra, já seus merecimeños a tinhaõ canonizado, & collocado no Ceo: *Signum magnum apparuit in Caelo*: mulher tão desprezadora das grandezas do mundo, que todas as cousas subluñares as pizou, & meteo debaxo dos pès: *Luna sub pedibus ejus*: mulher tão allumiada, & illustrada das luzes da graça, que aos olhos de Deos, & dos homens resplandecia como hum Sol: *Amicta Sole*: mulher tão adornada de todas as perfeicoens, & dotes sobrenaturaes, que todo o corio das virtudes, como outras tantas Estrellas, lhe teciaõ, & emaltavaõ a coroa: *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim*. Atéqui Isabel Santa! E sendo esta prodigiosa mulher tão grande, poderá ser mayor? Estando tão alta, poderá subir mais? Estando no Ceo, poderá ser mais celeste? Si: & como? Se ao celeste se ajuntar o Real, & às suposiçoens de Santa, as circumstâncias

410

420

430

Apoc.
12. 1.

14 cias de Rainha. Assim foy, & assi o vio o mesmo Profeta.
 17 *Et date sunt mulieri alae duae Aquila magna, ut volaret:* & a esta mulher, diz S. João, foralhe dadas duas azas da Aguia grande, para q voasse com ellas. A Aguia he a Rainha das Aues: & mulher com azas de Aguia, he mulher cõ prerogatiuas Reaes, he mulher com circunstâncias de Rainha. Mas notay q não só diz, que se deraõ à mulher duas azas de Aguia, senão duas azas de Aguia grande: *Date sunt mulieri duae alae Aquila magna.* Agora pergunto: qual he neste mundo a Aguia grande, & quaes são as duas azas desta Aguia? A Aguia grande não ha duvida que he Hespanha, a mais dilatada Monarchia de todo o vniuerso: Aguia Real coroada de tantas coroas. As duas azas desta Aguia também não ha duvida que são o Reyno de Aragoão de hũa parte, o Reyno de Portugal da outra, Não he diuisão, ou distincção minha, senão de todos os Cosmographos, os quaes diuidem a Hespanha em tres partes, ou tres Hespanhas: His-

Sermão da

pania Betica; Hispania Tarraconensis Hispania Lusitana. O corpo, & a cabeça desta grande Aguia he a Hespanha Betica, que comprehende as duas Castellas. Huma das azas he a Hespanha Tarraconense, isto he, Aragoão, que de Tarragona se disse Aragona: a outra aza he a Hespanha Lusitana, isto he Portugal, que de Luso se disse Lusitania. Ao ponto agora. Tendo o Ceo engrandecido tanto a Isabel, tendoa sublimado a hũ lugar tão alto de perfeição, tendo depositado nella tudo o precioso, & lustroso de seus thesouros, & graças, que fez Deos? *Date sunt mulieri duae alae Aquila magna:* ajuntou, & acrecetoou a esta prodigiosa mulher as duas azas Reaes da grande Aguia de Hespanha, por nascimẽto a de Aragoão, & por calamento a de Portugal. E para que? *ut volaret:* para que leuantada sobre estas duas azas a santidade de Isabel, o grande della crecesse à mayor grandeza, o alto subisse à mayor altura, o luminoso à mayor luz, o celeste à mais celeste, & a mesma santidade a mais Santa. Santa

Isa-

Apoc.
 12. 14.

440

450

460

470

Rainha Santa Isabel.

15

Isabel, porque Sãta, & mayor Santa, porque Rainha. Santa, porque Santa: por isso collocada no Ceo: *Signum magnū apparuit in Celo*: & mayor Santa, porque Rainha: por isso depois de collocada no Ceo a crecêta com azas de Aguiã, & com circumstancias Reaes: *Datæ sunt mulieri due alæ Aquilæ magnæ*.

18. E senão, voemos nos também com as mesmas azas, & subamos do Ceo estrellado, onde a viu S. João, ao Ceo Empirio, onde a viu David: *Psal. 44. 10. Assitit Regina à dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate*. Vi, diz David, huma Rainha collocada à dextra de Deos, a qual estava vestida cõ duas galas diferentes: por dentro, com huma roupa bordada de ouro: *In vestitu deaurato*: por fora, com outra roupa de cor varia: *circumamicta varietate*. Eis aqui como está a nossa Rainha Santa no Ceo, vestida, & adornada com duas galas, hũa por baxo, & por dentro, que he o vestido de Rainha que vestio primeiro, & por isso bordado de ouro: *In vestitu deaurato*: outra por cima, & por fora, q̃

he o habito de S. Clara, que vestio depois, & por isso de cor varia (pardo, & branco) *circumamicta varietate*. E qual destas duas galas a faz mais magestosa, & mais gloriosa no Ceo: a de dentro, ou a de fora, a de brocado, ou a de burel, a de Rainha, ou a de Religiosa? Digo que ambas, mas porque hũa assentou sobre a outra. Porque o habito de Religiosa assentou sobre o de Rainha, porque o burel assentou sobre o brocado, porque o vestido de fora assentou sobre o de dentro: dahi he que lhe vem toda a graça, & toda a fermosura. O mesmo David o disse: *Omnis gloria ejus ab intus in fimbrijs aureis circumamicta varietate*: a graça, & a fermosura do vestido de fora, toda lhe vem do vestido de dentro. O habito de S. Francisco, & de S. Clara, he hũa das mais vistosas, & mais bizarras galas, que se trajaõ no Ceo. Mas esta mesma gala em Isabel assentada sobre vestiduras Reaes, he muito mais vistosa, muito mais bizarra, & muito mais fermosa; porque toda a graça, & fermosura lhe vem das guar-

480

490

Psal. 44. 14.

500

16

Sermão da

guarniçoens, & bordaduras de ouro, que por baxo da orla estaõ reluzindo: *Omnis gloria ejus ab intus, in fimbrijs aureis.*

19 E se perguntarmos mais curiolamente a David qual era o lauor dessas guarniçoens, & dessa bordadura da orla; tambem o disse milagrosamente: *In fimbrijs aureis*: le o Hebreo: *In scutulatis*. A guarnição, & bordadura, que apparecia na orla do vestido Real por baxo do burel, de que a Rainha estaua reueſtida, era hum lauor, & recamo de ouro, formado, & enlaçado de escudos: *In scutulatis*. E que escudos ſam eſtes? São aquelles dous escudos, que vedes pintados ao lado de Ifabel: o escudo das armas de Aragoão, & o escudo das armas de Portugal. De maneira, que a bordadura da orla, que faz ſair, & ſobrefair a gala, com que Ifabel ſe offetea glorioſa à dextra de Deos, he compoſta admiravelmente, & tecida deſtes dous escudos, trauados, & alternados hum com o outro, as barras entre as quinas, & as quinas entre as barras: *In scutulatis*. E ne-

ſtes escudos Reaes, cubertos, & ſobreueſtidos de burel aſpero, & groſſeiro, diz David, que conſiſte todo o realce da gala, & toda a fermozura, & gloria da filha do Rey: *Omnis gloria ejus filie Regis ab intus*: porque ſe Ifabel he glorioſa, & exaltada no Ceo por Santa; muito mais exaltada he por Santa ſobre Rainha: *Aſſiſit Regina à dextris tuis in veſtitu deaurato circumdata varietate.*

§. IV.

20 Temos viſto a Ifabel mayor Santa, porque Rainha; ſegua ſe, que a vejamos agora mayor Rainha, porque Santa. Eſte foy o ſegundo lanço da melhor negociãte do Reyno do Ceo: & niſſo meſmo parecida ao negociante do Euangelho. A fortuna nunca iguala os deſejos dos homens; mas ſe houueſſe huma fortuna tam grande, que não ſó igualaſſe, mas venceſſe, & excedeſſe os deſejos; eſta ſeria a mayor fortuna, que ſe pôde imaginar. Tal foy a fortuna do negociante do Euangelho. Elle deſejaua, & procuraua perolas boas;

Rainha Santa Isabel

17

boas: *Querenti banas margaritas*: E quando ló desejava perolas boas, & de preço, & estimação ordinaria, foy tal a sua fortuna, que achou huma perola tão preciosa, que excedia o valor de quão buscava, & de quanto tinha. *Inventa una pretiosa margarita, dedit omnia sua, & comparavit eam.* Ainda foy mayor fortuna a de Isabel. Isabel não buscava coroas, antes as coroas a buscavaõ a ella: & porque buscada das coroas, ella buscou a santidade, por isso essa mesma santidade lhe acrefêctou a coroa, & a fez muito mayor Rainha. A dignidade de Rainha he tão alta, & tão soberana, que parece não admitte mayoria. Mas Isabel pelos privilegios de Sãta, foy Rainha mayor que Rainha, porque foy Rainha cõ mayor poder, Rainha com mayor jurisdicção, Rainha cõ mayor imperio.

21 Hũa das accuzaçoens, que se deraõ contra Christo, & a que venceo a causa, foy dizerem, que se fazia Rey, & que tomava a jurisdicção de Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris; omnia enim*

qui se Regem facit, contradicit Cæsari. Todos os Padres, & Expositores sagrados impugnãõ esta calumnia, & a provaõ com cinco mil testemunhas contestes. Estes forãõ aquelles cinco mil homens, que depois de Christo lhes matar a fome no milagroso banquete do Deserto, o reconhecerãõ pelo verdadeiro Messias, & o quizerãõ acclamar por Rey, quando o Senhor, para mostrar que não era Rey dos que fazem, ou põdem fazer os homens, os deixou, & se retirou para o monte. Grande prova de Christo se não fazer Rey, como era accuzado. Mas São Leão Papa, com mais alto pêfamento, presentale entre os mesmos accuzadores diante de Pilatos, & argumenta assim por parte delles: *Ne in totum videatur manus Judæorum obiectio, discute diligenter Præses.* Examine Pilatos diligentemente a causa, & achará, q̃ não he totalmente falsa a accuzação. Em dizerem os Judeos que Christo se fez Rey, fallaõ verdade: em dizerem que se fez Rey como Cesar, aqui he que mentiraõ. Ha-

550

560

D. Leão

570

C

viaõ

viação de dizer, que se fez Rey mayor que Cesar, & mayor que todos os Reys. E porque? Ouvi a razão do eloquentissimo Pontifice, que he divina: *Cæcis visum, surdis auditum, claudis gressum, mutis donavit eloquium: Febres abegit, dolores resoluit, mortuus suscitavit: magnum prorsus Regē ista demonstrant.* Este homem accusado de se fazer Rey, deu olhos a cegos, ouvidos a surdos, pès a mancos, falla a mudos: sarou febres, resolveo dores, resuscitou mortos, & em todas estas cousas, ainda que não provou que era Rey como Cesar, & como os outros Reys, q̃ não tem tal poder, mostrou porrêm, & demonstrou, que era mayor Rey que todos elles.

22 O mesmo digo de Isabel. Entrava Isabel nos hospitaes, que ella, & seus antecessores tinham edificado, cõcorriaõ a Isabel os enfermos de todas as enfermidades: E que succedia? Hia Isabel fazendo o sinal da Cruz sobre elles, os cegos viaõ, os mudos fallavão, os surdos ouviaõ, os mancos, & aleijados saltavão, os mortos, os que estavão pa-

ra morrer, resuscitavão: *Magnum prorsus Reginam ista demonstrant.* Dizey às outras Rainhas, & aos outros Reys, que fação isto com todo seu poder. Fazer mancos, fazer aleijados, fazer cegos, fazer estropeados, isso fazem os Reys, & isso podem. E senão ide a essas campanhas, a estes exercitos, & a essas Cortes: huns em moletas, outros arrastando, huns sem pernas, outros sem braços, huns sem olhos, outros, sem orelhas, outros pedindo esmola com os dedos, porque não tem lingua, outros sem casco na cabeça meyo attontados, outros sem queyxadas no rosto, horriveis, & disformes. Homens miseraveis, homens que não sois homens, senão parte de homens, quem vos poz nesse estado? Padre, o serviço del Rey. Fomos á guerra, & della escapámos desta maneira. Isto he o que podem fazer os Reys, & tanto mais, quanto mais poderosos. Não assim Isabel: Era Rainha, que restituia braços, & pès, & olhos, & ouvidos. Ver a Magestade, & pompa, com que se diz dos Reys, que são senhores

580

590

600

610

Rainha Santa Isabel.

19

Matt.
10.28

nhores da vida? Senhores da vida? Leão á margem destes titulos a glossa de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus.* São senhores da vida, para a tirar, para a dar não. Se sois delinquente, podem-vos matar por justiça: se sois innocente, podem vos matar por tyrannia: se tendes pouco juizo, & pouco coração, podem-vos matar com hum carranca, ou com hum voltar de olhos; mas dar vida, ou faude, não he da jurisdicção dos Reys. Assim o confessou hū Rey mais verdadeyro que

Psal. todos: *N. lte confidere in Prim- 145.3. cipibus, in quibus non est salus.* Isabel si, que era senhora da faude, & da vida: & por isso mayor Rainha que todas as Rainhas: *Magnam prorsus Reginam ista demonstrant.*

§. V.

23 Outra demonstração em mayores corpos. Chega S. Isabel a Santarem, para atravessar o Tejo: Estava prevenida hum galê Real para a pessoa, gondolas, & bargantins toldados para a Corte: mas em apparecendo Isabel na

praya, abre-se o Rio de repente, levantaõ-se deus muros de chrisal de lãa, & outra parte: os peyxes como ás janelas, em cardun es, & atornitos pasmando da maravilha: & Isabel caminhado sobre o seu bordão por aquella rua nova, juncada de limos verdes, mas sobre areas de ouro. Não he affectação minha, que já o disse o Espirito Santo em caso semelhante: *Campus ger- Sap. minans de profundo nimio.* *Psal.* 19.7. semos agora de Portugal a Palestina, & do Tejo ao Jordão. Pára o Rio Jordão á vista da Arca do Testamento (cabeça tambem coroada: *Faciesque supra coronam aureum per circuitum*) pinto o caso David, & exclama: *Quid est tibi mare quod fugisti, & tu Jordanis quia conversus es retrorsum?* Rio, que páras, mar, que foges, que he o que viste?

620

630

Psal.
113.5

Bizarra, & elegante proloppya de David, mas em pequeno theatro; mayor he o nosso. Que Rio, & que mar eraõ aquelles, com quem falava David: O mar era o Mar morto, chamado por outro nome, Vallis Salivarum, porq̃ era hum saliva do Oceano.

C ij. Cul.

20

Sermão da

Cuspido o Oceano, & fez aquella mar. O Rio era o Jordão, composto de dous regatos, hum o *Jor*, outro o *Dan*, que para terem cabedal com que ir morrer no mar morto, se ajuntarão, & fizeram companhia hum com outro. Esta era a grandeza do Rio, a que aquella pequeno lago engolia de hum bocado, como diz o Profeta: *Et fiduciam habet quod influat Jordanus in os ejus.*

Job 40
18.

24 Comparayme agora rio com rio, & mar com mar. Assim como a Arca do Testamento passou por aquella parte, onde as aguas do Jordão se misturão com as do mar morto, assi passou Isabel por aquella parte, onde as aguas do Tejo se confundem com as do Oceano. O Oceano he aquelle Pêgo vastissimo, & immenso, que elle só he todo o Elemento da agua: & estendendo infinitos braços, está recebendo como nas pontas dos dedos o tributo de todos os rios do Universo. Este foy o mar, que se retirou, & fez pé atrás á vista de Isabel: & o rio qual era? Aquelle soberbissimo Tejo, primeyro domador do mesmo Oceano, a

quem pagarão parias em perolas o Indo, & o Ganges, não coroados de juncos, & espadanhas, como o Padre Tibre, mas com grinaldas de rubis, & capellas de diamantes. Este soberbo mar, este soberbo rio, são os que fizeram praça a Isabel, & lhe descobrirão nova terra, para que a pizasse. David, respondendo á sua pergunta, disse: *A facie Domini mota est terra à facie Dei Jacob.* E aqui está o mayor excesso da maravilha. Lá o Jordão parado, cá o Tejo parado lá a Arca coroada, cá Isabel coroada: lá a Arca caminhado a pé enxuto: cá Isabel a pé enxuto: mas lá porque o rio vio a face de Deos, cá porque vio a face de Isabel: lá porque vio a face do Senhor de Israel, cá porque vio a face da Rainha de Portugal: *A facie Domini, à facie Dei Jacob.* Que Deos visto refree a corrente dos rios, isso he ser Deos: mas que á presença de Isabel lhe fação os rios a mesma reverencia: vede se he ser Rainha mais q Rainha? E senão perguntay ao mesmo Tejo, quantas vezes passaraõ por elle as outras Rainhas, quacs craõ as suas

650

660

Psal.
113 7

670

680

cor.

Rainha Santa Isabel.

21

cortezias. Passavaõ as The-
rezas, passavaõ as Dulces, pas-
savaõ as Mafaldas, passavaõ
as Urracas, as Leonoras, as
Luizas, as Catharinas, & o
Tejo que fazia? Corria como
dantes. Porém a Isabel (fal-
lemos em frasi de Roma) a
Isabel firmava-se o Tejo, às
outras não se firmava: porque
as outras eraõ Rainhas, Isabel
era Rainha, & Santa, & por
isso mayor Rainha.

§. VI.

25 Eu já quizerá acabar,
mas estãme chamando a nova
Primavera, que vemos, a que
repare naquellas rosas. Leva-
va Isabel na aba do vestido
grande copia de moedas de
ouro, & prata, para repartir
aos Pobres, & era Inverno.
Perguntoulhe ElRey, que le-
vava: & respondeo, que rosas.
Rosas neste tempo, como pô-
de ser? diz ElRey. Abrio a
Santa; & eraõ rosas. Ha Rai-
nha, ha Rey no Mundo, que
tenha taes poderes? Gastar
muito dinheiro, & grandes
thesouros em flores, em jar-
dins, & ainda em sombras, que
he menos, isto pôdem fazer,

& fazem os Reys: mas fazer
de hum dobraõ huma rosa,
converter huma sustancia em
outra, ainda que seja hum
graõ de ouro em hum graõ de
area; nem todos os Reys do
mundo juntos o podem fa-
zer, he outra jurisdicção mais
alta. Manda Deos a Moysés
sobre o Egypto, & o titulo,
que lhe deu, foy de Deos de
Faraó: *Constitui te Deum Pha-* *Exod.*
raonis. Parece demasiado ti- *7. 1.*
tulo, & não necessario. Fa-
raó era Rey de Egypto, seja
Moysés Rey de Faraó, & ba-
sta. Pois porque lhe não dà
Deos titulo de Rey, senão de
Deos? Porque era razaõ, que
o titulo se conformasse com
os poderes. Moysés havia de
converter a vara em serpente,
o Nilo em sangue, a agua em
rans, o pó em mosquitos: &
converter humas sustancias
em outras, he poder, & jurif-
dicção mais alta q̃ a dos Reys.
Chamase logo Moysés, não
Rey de Faraó, senão Deos.
Esta foy a discrição do De-
monio no formulario das suas
tentações. Quando disse a
Chrilto, que convertesse as
pedras em pão, accrescentou:
Si Filium Dei es: quando lhe *Matt.*
C iij offe. 4. 3.

690

700

710

22

Sermão da

offerece todos os Reynos do Mundo, não fallou em ser Filho de Deos. Pois se lhe chama Filho de Deos, quando lhe diz, que converta as pedras em pão, porque lhe não chama também Filho de Deos, quando lhe offerece os Reynos de todo o Mundo? Porque o dominio de hũ Reyno, & de muytos Reynos, & de todos os Reynos cabe na jurisdição de hũ homem Rey; mas converter hũa sustancia em outra, he poder mais que humano, he poder mais que Real, he poder divino. Taes foraõ neste caso os poderes daquella Rainha sobre todos os Reys, & Rainhas do Mundo. Mas ainda não está ponderado o furo da maravilha.

26 Não esteve a maravilha em converter as moedas em rosas, senão em que? Em dizer, são rosas, & serem rosas. Serem rosas, só porque Ifabel lhe chamou rosas, he maravilha só da boca de Deos.

Ro- Ponderação admiravel de São
man. 4 Paulo: *Qui vocat ea, quæ non
17. sunt, tanquam ea quæ sunt.*
Deos chama com tanta verdade as cousas, que não são, como aquellas, que são. E esta

he a mayor gloria do seu poder, & o mayor poder da sua palavra; porque basta q̃ elle mude os nomes ás cousas, para que ellas mudem a natureza, & o que era, deyxê de ser, & o que não era, seja. Mas quantas vezes fez Deos esta maravilha? Hũa só vez, & no mayor milagre dos seus milagres, & na mayor obra de sua Omnipotencia. Na instituição do Divinissimo Sacramento quiz Christo, que o pão se convertesse, & transustanciasse em seu Corpo, & q̃ fez para isso? Disse, que o pão, q̃ tinha nas mãos, era seu Corpo: *Hoc est Corpus meum:* & *Luc.* bastou, que chamasse seu Cor- 22. 19
po ao pão, para que o que era 740
pão, deixasse de ser pão, & o que não era seu Corpo, fosse seu Corpo. Na criação do Mundo não fez Deos semelhante maravilha: mandou, q̃ se fizessem as cousas, & fize- *Psal.*
raõ-se: *Ipse dixit, & facta sunt:* 32. 9
porêm no Divinissimo Sacramento, para o qual tinha reservado os mayores poderes do seu poder, fez que fosse seu Corpo o que era pão, só com lhe chamar seu Corpo: *Vocat ea, quæ non sunt, tanquæ*

720

730

740

790

ea

Rainha Santa Isabel.

23

ea quæ sunt. O mesmo fez Isabel. Não levantou as mãos, não orou, não pediu, não mandou: só disse, que eraõ rolas as moedas, & foraõ rolas. O chamar foy produzir, & o dizer que eraõ, foy fazer q̃ fossem, o que não eraõ: *Vocat ea, quæ non sunt, tanquam ea quæ sunt.* Em Christo foy poder ordinario, em Isabel poder delegado; mas infinitamente mayor que todos os poderes Reaes.

27 Os Reys tambem arremedaõ, ou querem arremedar a Deos na soberania deste poder. Cubrivos Marquez, assentaivos Duque. Sõ com o Rey vos chamar Marquez, sois Marquez só cõ vos chamar Duque, sois Duque: mas tudo isso que vem a ser? Hum nome: nõ demais sois o mesmo que dantes ereis. Põdem os Reys dar nomes, si, mas dar ser, ou tirar ser, ou mudar ser, não chega lá a sua jurisdição, por mais poderosos que sejaõ. Depois que Deos criou o Mundo, & o povoou, & fez a Adam Rey, & Senhor de todo elle, mandou que todos os animaes viessem á presença do mesmo Adão, para que

elle lhe puzesse os nomes:

Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea. E por.

Genes. 2. 19.

que não poz Deos os nomes aos animaes, & quiz que lhos puzesse Adão? Judiciosamente S. Basilio de Seleucia: *Par-*

Basil. Sel.

tiamur hujus ficticus solertiae gratiam: me cognoscant artificem naturæ lege, te Dominum intelligunt appellatione nominis. Quiz Deos que Adam puzesse os nomes aos animaes, para partir com elle o imperio, & mostrar a differença que havia de hum a outro. Eu Deos, & tu Rey do Universo: Eu Deos, porque dey o ser aos animaes: tu Rey, porque

770

lhe puzeste os nomes. De maneyra, que o mais a que pôde chegar hum Rey, ainda que seja Rey de todo o Mundo, he pôr nomes, & dar nomes: he fazer, que vos chaméis dali por diante o que elle vos chamou: *Omne quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus.* P. rêm fazer com esse nome, que o que não era, seja, & que esse mesmo chamar seja dar ser; he jurisdição incôparavelmente mais soberana: por natureza só de Deos, por delegação só de Isabel.

780

24

Isabel. Em quanto Rainha, podia dar nomes, mas nomes que não eraõ mais q̃ nomes: em quanto Santa, deo nomes que davaõ fer, & mudavaõ fer, & por isso mayor Rainha que todas as Rainhas.

28 Por fim dos poderes de Isabel, quero acabar com aquelle poder, que tudo acaba, & que pôde mais que os q̃ tudo podem, a morte. A morte pôde mais que todas as Rainhas, & todos os Reys; mas tambem este poder todo poderoso foy foygeito à nossa Rainha. A morte matou a Isabel, mas Isabel pode mais, porque matou a morte. E como a matou? Não podendo a morte desfazer o corpo, em que vivia aquella Alma, o qual ha trezentos annos se conserva incorrupto. Ameaçava Christo pelo Profeta Oseas a morte, & dizialhe assim: *Ero mors tua, ò mors*: Deixate estar morte, que eu te matarey, eu lerey a tua morte. Esta era a profecia: mas o successo parece que foy o contrario, porq̃ a morte matou a Christo. Pois se Christo morreo, & a morte o matou, como diz o mesmo Christo, que havia

Sermão da

de fer morte da morte? Assim foy em dous sentidos. Foy morte da morte em nós, porq̃ matou a morte da Alma, que he o peccado: & foy morte da morte em sy, porque matou a morte do corpo, não podendo a morte corromper, nem desfazer o corpo morto de Christo. *Quoniam non da-* 790
bis sanctum tuum videre corruptionem. Quando a morte mata, & fica viva depois de matar o homem, desfazlhe o corpo: porẽm quando a morte morre matando, quando a morte mata, & fica morta, não pôde desfazer o corpo do mesmo, a quem matou; & assi não pode desfazer o de Christo, mais poderoso que ella. *Tam potentem adversarium nostrum, dum occideres,* 810
occidisti: disse S. Hieronymo com elegancia de palavras, q̃ não cabe nas nossas. E isto que se vio no Corpo de Christo em tres dias, he o mesmo que está vendo o mundo no corpo de Isabel ha trezentos annos. Mas donde lhe veyo a Isabel a soberania deste privilegio? Não da coroa, senão da santidade: não por Rainha, mas por Santa: *Non da-*
bis 820

Osee

13.14

Psal.
15.14

Hieronym.

bi sanctum tuum videre corruptionem.

§. VII.

29 Esta Imagem, Senhores, de Isabel morta, mas com dotes de immortalidade, he a que eu hoje deſejo leuemos todos retratados na alma. E para que fique nella mais altamente impressa; ponhamos à vista deſte retrato o retrato de outra Isabel tambem de Portugal, tambem coroada, & tambem morta. Quando S. Frâncisco de Borja abriu a arca, em que hia a depositar o corpo da noſſa Imperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos Quinto, vendo a corrupção daquelle cadaver, & daquelle roſto, que poucos antes era hum milagre da natureza, ficou tão penetrado, & tão atonito daquelle vista, q̃ ella baſtou para o fazer Santo. Se hum ſó deſtes retratos obroutaes effeitos em hum juizo racional, & Chriſtão, que farão ambos os retratos juntos, & hum defronte do outro? Acolá Isabel, aqui Isabel: acolá hũa coroa, aqui outra coroa: acolá hum corpo morto,

Rainha Santa Isabel.

25

& todo corrupção, aqui outro corpo morto, mas incorruptiuel, & como immortal. Oh que mudança! Oh q̃ differença! Oh que deſengano! Aſſi ſe morre, Senhores, & aſſi ſe pôde morrer.

830

30 Com razão eſcreueo Roma ſobre aquella imagem, & retrato de Isabel: *Et nunc Reges intelligite, erudimini qui iudicatis terram.* Atêgora parece que tinhaõ algũa deſculpa os Monarchas da terra, em não entêder a differença, que ha do aparente ao verdadeiro, do Real, ou Imperial ao Santo, de hũa coroa a outra coroa, & de reynar a reynar. Porém agora, & nunc: à vista de hum prodigio, & testemunho do Ceo tão manifesto, & tão conſtante, à vista do reſpeito que guardou a morte, ou do poder q̃ não teve ſobre os deſpojos mortaes, & já mortos, de Isabel: & muito mais ſe a eſta vista ajuntarmos o paralelo tão notavel de huma, & outra Magestade, ambas do meſmo nome, ambas do meſmo ſangue, & ambas da meſma dignidade ſoberana, & ſuprema; que Rey hauerá, que não

Pſal.
2. 19.

840

850

D acabe

C51

C52

26

Sermão da

acabe de entender, o que tão mal se entende; que Principe que não queira aprender, o q̃ tão pouco se estuda? *Intelligite, & erudimini.* Não digo (pois nem Deos o manda) q̃ as cabeças, ou testas coroadas fação o que fez Carlos conuencido de hua só parte deste exemplo, nem que renunciê, & se despojem, como elle se despojou, das coroas: o que só digo, & diz Deos a todos os Reys, he que aprendaõ a não as perder, & se perder, mas a negociar com ellas: & que com o exemplo canonizado de Isabel Rainha, & Santa, entendaõ, que tambem podem ser Santos, sem deixar de ser Reys, & que entãõ se- rão mayores Reys, quando

forem Santos. Não consiste a negociaçãõ do reynar em acrecetar o circulo às coroas da terra, que mayores, ou menores, todas acabaõ; mas em grangear, & assegurar, & amplificar com ellas a que ha de durar para sempre. Assi negociou com as suas duas coroas a nossa negociante do Reyno do Ceo, agora mayor, mais poderosa, & mais verdadeira Rainha: Assi està reynando, & reynará para sempre: assi goza, & gozará sem fim os lucros incomparaueis da sua prudente, & venturosa negociaçãõ: na terra, em quanto durar o mundo, sobre os Altares, & no Ceo, por toda a Eternidade em sublime trono de Gloria,

860

870

880



SRE-